

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Dissertação

**FORMAÇÃO E TRABALHO DO(A) PROFESSOR(A) DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
FORMAÇÃO SOCIAL CAPITALISTA**

LOVANE MARIA LEMOS

LOVANE MARIA LEMOS

**FORMAÇÃO E TRABALHO DO(A) PROFESSOR(A) DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
FORMAÇÃO SOCIAL CAPITALISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciências (área do conhecimento: Educação Física).

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Camargo Veronez

Pelotas/RS, 2011

Dados de catalogação Internacional na fonte:

Bibliotecaria Responsável Patricia de Borba Pereira
CRB10/1487

L557f Lemos, Lovane Maria

Formação e trabalho do (a) trabalhador (a) de educação física na formação social capitalista / Lovane Maria Lemos; Luiz Fernando Camargo Veronez orientador. – Pelotas : ESEF : UFPel, 2011. -

289 p.

Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Escola Superior de Educação Física. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2011

1.Formação Docente 2.Trabalho 3. Educação Física I. Título II Veronez, Luiz Fernando Camargo

CDD 370

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Fernando Camargo Veronez (presidente)

Prof.^a Dra. Valdelaine da Rosa Mendes

Prof.^a Dra. Luciana Nogueira Peil

Prof.^a Dra. Celi Nelza Zülke Taffarel

Dedicatória

*Aos meus filhos: **Leônidas e Leonardo**,
companheiros de todos os momentos...
Tenham sempre a consciência de indignar-se
diante de todo o tipo de injustiça e exploração
existentes neste mundo.*

*Juntos vamos lutar para a construção
de um projeto que supera o capitalismo.
Por isso, acredito que todos os sacrifícios valem à pena!*

*Mãe, responsável e comprometida com os filhos
e sua educação, e que aspira pela transformação desta sociedade.*

*Aos meus filhos, minha vida concreta!
Meus queridos e amados para sempre!*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente não posso deixar de agradecer a todos(as) os(as) trabalhadores(as) brasileiros(as) que mantêm todos os serviços públicos, inclusive esta Universidade Pública e tantas outras.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão da bolsa de estudo deste último ano para a realização da pesquisa e pela prorrogação da vigência da bolsa de parturientes (licença – maternidade), portaria nº 220, de 12 de novembro, publicada no Diário Oficial, por mais quatro (04) meses. Saliento como prova da vivência concreta a importância deste reconhecimento pela Capes e principalmente pela luta em termos de direitos para as pós-graduandas por parte da Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG).

Agradeço especialmente, meu Professor Orientador, Amigo, Companheiro e Marido – Luiz Fernando Camargo Veronez. Fica aqui registrado o nosso amor... Amor que torna meus dias muito mais aceitáveis, dentro das condições objetivas e subjetivas. Também obrigada pelo incentivo e apoio em todos os momentos da minha vida e dessa importante jornada e, inegavelmente, meu grande incentivador. Ainda, agradeço pela “compreensão” em determinados momentos. Principalmente por acreditar em si e também por acreditar em mim, que seria possível chegar a um possível “fim” deste trabalho! E, por fim, por me ensinar a lutar!

À Banca examinadora: Prof.^a Dra. Valdelaine da Rosa Mendes e Prof.^a Dra. Luciana Nogueira Peil, pelas importantes contribuições que foram no sentido de qualificar este trabalho.

A todos(as) os(as) colegas da turma de mestrado de 2009, que de uma ou de outra forma me fizeram acreditar cada vez mais na minha visão e concepção de mundo.

A todos(as) os(as) professores(as) e funcionários(as) da ESEF/UFPel da Pós-

Graduação pelo auxílio sempre que necessário.

A Banca de Defesa: Prof.^a Dra. Celi Nelza Zülke Taffarel, Prof.^a Dra. Luciana Nogueira Peil e Prof.^a Dra. Valdelaine da Rosa Mendes que aceitaram o convite de participar de mais este processo para qualificação do trabalho.

A todos(as) os(as) egressos(as) que se dispuseram em participar da pesquisa, tanto da ESF/UFPel quanto da UNIJUÍ. Certamente sem vocês a pesquisa não se concretizaria e não teria elementos concretos da realidade! Muito obrigado!

Enfatizo que a concretização deste trabalho não se deu apenas por minha vontade, mas, também pela contribuição histórica de muitas pessoas que possibilitaram a sua realização, igualmente pela participação direta ou indiretamente, a todos meus agradecimentos sinceros.

Letra de música: GUERREIRO MENINO
In: cd, Raimundo Fagner ao vivo
(UM HOMEM TAMBÉM CHORA) (Gonzaguinha) (69557240) Ed. BMG

*Um homem também chora
Menina morena
Também deseja colo
Palavras amenas
Precisa de carinho
Precisa de ternura
Precisa de um abraço
Da própria candura*

*Guerreiros são pessoas
São fortes, são frágeis
Guerreiros são meninos
No fundo do peito
Precisam de um descanso
Precisam de um remanso
Precisam de um sonho
Que os tornem refeitos*

*É triste ver este homem
Guerreiro menino
Com a barra de seu tempo
Por sobre seus ombros
Eu vejo que ele berra
Eu vejo que ele sangra
A dor que traz no peito
Pois ama e ama*

*Um homem se humilha
Se castram seus sonhos
Seu sonho é sua vida
E a vida é o trabalho
E sem o seu trabalho
Um homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata*

*Não dá pra ser feliz...
Não dá pra ser feliz...*

Resumo

Lemos, Lovane Maria. **FORMAÇÃO E TRABALHO DO(A) PROFESSOR(A) DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA FORMAÇÃO SOCIAL CAPITALISTA 2011**. 289p. Dissertação (Mestrado) com título de Mestre em Ciências (área do conhecimento: Educação Física), do Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

Esta pesquisa trata das atuais mudanças no mercado e no mundo do trabalho em específico da área de Educação Física. Observa-se que a elaboração de propostas de mudanças no currículo dos cursos de formação do professor/profissional de Educação Física é resultado de debates que ocorrem nesta área de conhecimento e de intervenção. Tais debates têm sido mediados pela reflexão sobre novas demandas impostas pela sociedade, especialmente, aquelas que surgem no âmbito das relações privadas, ou, dito de outra forma, pelo mercado/mundo do trabalho no modo de produção social capitalista. No sentido de buscar dados atuais sobre as questões que envolvem esta problemática, propõe-se, com esta investigação, analisar em que medida as mudanças no mercado e no mundo do trabalho influenciaram os processos de formação e de intervenção profissional dos(as) egressos(as) do Curso de Educação Física da Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPel) e da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Nesse sentido, a questão fundamental que o trabalho pretende responder é: quais as relações se estabelecem entre os processos de formação – ensino, pesquisa e extensão – dos(as) egressos(as) do curso de Educação Física das universidades em questão, sua intervenção profissional e as mudanças no mercado e no mundo do trabalho? A metodologia adotada segue os pressupostos da pesquisa qualitativa, tipo estudo de caso coletivo (STAKE, 2000). Utilizou-se a abordagem do Materialismo Histórico e Dialético por este ser o mais coerente com as concepções de mundo da autora. Para desenvolver a pesquisa realizou-se revisão bibliográfica, pesquisa em documentos legais e institucionais. Entrevistou-se cinquenta e seis (56) egressos(as) para colher dados sobre as representações referentes ao assunto, através de entrevista tipo semi-estruturada. A análise realizada utiliza procedimentos da “Análise de Conteúdo”, proposta por Bardin (1977). Concluiu-se que as mudanças no mercado/mundo do trabalho determinaram a reestruturação curricular dos cursos de formação da área de Educação Física e influenciaram a intervenção profissional de seus(as) egressos(as) na direção da precarização das relações de trabalho, perda de direitos trabalhistas, baixa remuneração, intensificação da jornada de trabalho, entre outros, e submissão às demandas do mesmo. Salienta-se a necessidade da classe trabalhadora de todas as áreas, articularem-se politicamente e junto ao sindicato da sua categoria, com atividades coletivas para lutar por condições dignas de trabalho, por novas relações sociais, com vistas a uma sociedade sem classes. Pois só assim haverá superação das desigualdades sociais. Esta posição demonstra que há inúmeras resistências contra todo o tipo de exploração acerca dos(as) trabalhadores(as) e contra o vigente modo de formação social capitalista.

Palavras-chave: Formação Docente. Trabalho. Educação Física.

Abstract

Lemos, Maria Lovane. TRAINING AND WORK OF PHYSICAL EDUCATION TEACHER IN SOCIAL CAPITALIST FORMATION 2011. 289p. Thesis (MA) with a Master of Science (knowledge area: Physical Education), the Graduate Program in Physical Education. Federal University of Pelotas, Pelotas / RS.

This research deals with the current changes in the market and the world of work in specific area of Physical Education. It is observed that the preparation of proposals for changes in the curriculum of teacher education / physical education professional is the result of discussions that occur in this area of knowledge and intervention. Such debates have been mediated by reflection on new demands imposed by society, especially those that arise in the context of private relationships, or, in other words, the market / world of work in the capitalist mode of social production. In order to get current data on the issues surrounding this problem, it is proposed, with this research, analyze to what extent changes in the market and influenced the world of work processes and training of professional intervention (s) graduates (the), Course of Physical Education, School of Physical Education (ESEF / UFPel) and the Northwest Regional University of Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). In this sense, the fundamental question that the work intends to answer is: which relations are established between the formation processes - teaching, research and extension - of (the) graduates (the) course of Physical Education of the universities concerned, their intervention professional and market changes and the world of work? The methodology follows the assumptions of qualitative research, collective case study (Stake, 2000). We used the approach of historical and dialectical materialism, because it's the most consistent with the views of the author's world. To Develop the research was carried out literature review, research on institutional and legal documents. The sample consisted of fifty-six (56) graduates (as) to collect data on representations concerning the subject, through semi-structured interview. The analysis uses the procedures "Content Analysis", proposed by Bardin (1977). It was concluded that changes in market / world of work led to the restructuring of curricula for training of Physical Education and influenced their professional intervention (s) graduated (s) toward the casualization of labor relations, loss of labor rights, low pay, increased working hours, among others, and submission to the demands of it. Stresses the need of the working class in all areas, is articulate and politically with the union in its class, with collective activities to fight for decent working conditions for new social relations, toward a classless society. For only then will overcome social inequalities. This position demonstrates that there are plenty of resistance against all forms of exploitation about (the) employee (s) against the existing capitalist mode of social production.

Keywords: Teacher Education. Work. Physical Education.

LISTA DE SIGLAS

ABNT: Associação Brasileira de Normas Técnicas

ADUFPel: Associação dos Docentes da Universidade Federal de Pelotas

AI: Ato Institucional

ANDES-SN: Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

ANFOPE: Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação

ANPEd: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

ANPG: Associação Nacional de Pós-Graduandos

BM: Banco Mundial

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBCE: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

CC: Cargo de Confiança

CEE: Comissão de Especialistas em Educação

CEPE: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

CES: Câmara de Ensino Superior

CFE: Conselho Federal de Educação

CIC: Congresso de Iniciação Científica

CIEE: Centro de Integração Empresa Escola

CLT: Consolidação das Leis do Trabalho

CMDL/IJUÍ: Coordenadoria Municipal de Esporte e Lazer de IJUÍ

CNE/CES: Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior

CNE: Conselho Nacional de Educação

COESP: Comissão de Especialistas

COESP-EF: Comissão de Especialistas de Ensino em Educação Física

COMBRACE: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte

CONFED: Conselho Federal de Educação Física

CPERS/Sindicato: Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul - Sindicato dos Trabalhadores em Educação

CREFs: Conselhos Regionais de Educação Física

DePe/UNIJUÍ: Departamento de Pedagogia da UNIJUÍ

DOU: Diário Oficial da União

DRT: Delegacia Regional do Trabalho

EaD: Educação à Distância

EF: Educação Física

ESEF/UFPel: Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas

ExNEEF: Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física

FASEF: Faculdade Salesiana de Educação Física/Santa Rosa

FMI: Fundo Monetário Internacional

FURG: Fundação Universidade Federal do Rio Grande

GTT: Grupo de Trabalho Temático

HEP: Hospital Espírita de Pelotas

ICPG: Instituto Catarinense de Pós-Graduação

IEDB: Instituto Educacional Dom Bosco/Santa Rosa

IES: Instituições de Ensino Superior

LDBEN ou LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LEPEL: Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física & Esporte e Lazer

ME: Ministério do Esporte

MEC: Ministério da Educação

MEEF: Movimento Estudantil de Educação Física

MNCR: Movimento Nacional Contra a Regulamentação do Profissional de Educação Física

ONGs: Organizações não Governamentais

PPP: Projeto Político Pedagógico

PPC/ESEF/UFPel: Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas

PET: Programa de Educação Tutorial

PT: Partido dos Trabalhadores

RBCE: Revista Brasileira de Ciências do Esporte

REUNI: Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SESI: Serviço Social da Indústria

SESC: Serviço Social do Comércio

SESu: Secretaria de Educação Superior

SINPRO/RS: Sindicato dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul

SM: Salário Mínimo

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

UFPel: Universidade Federal de Pelotas

UNIJUÍ: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

PIBIC/UNIJUÍ: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UNIJUÍ

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 A FORMAÇÃO DO GRADUADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O MERCADO E PARA O MUNDO DO TRABALHO	26
1.1 Educação e Formação em Face às Mudanças no Mundo do Trabalho: a “nova” configuração do ensino superior.....	30
1.2 Diretrizes Curriculares da Educação Física: reformismo, flexibilização no processo de formação e subordinação ao mercado.....	36
1.2.1 Contradições nas Diretrizes Curriculares dos Cursos de Formação em Educação Física e os movimentos de resistência à submissão ao mercado.....	52
2 OS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEF/UFPeI E UNIJuÍ: UMA ANÁLISE DOS DOCUMENTOS SOBRE O QUE FOI PROPOSTO PELAS UNIVERSIDADES	55
2.1 Contexto histórico e identificação da ESEF/UFPeI	57
2.1.2 A Trajetória curricular da ESEF/UFPeI	60
2.2 Identificando o Curso de Educação Física da UNIJuÍ	71
2.2.1 Trajetória curricular da UNIJuÍ.....	73
3 EDUCAÇÃO FÍSICA: A REALIDADE DA FORMAÇÃO E DA INTERVENÇÃO E INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DA ESEF/UFPeI E DA UNIJuÍ NO MERCADO DE TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO SOCIAL CAPITALISTA.....	81
3.1 Identificando os(as) egressos(as) participantes da pesquisa	82
3.2. Dados sobre formação profissional e formação continuada.....	86
3.2.1 Dados referentes à formação recebida no curso de graduação em educação física para o exercício da profissão, sugestões para o currículo e visão dos(as) egressos(as) sobre a dicotomia do curso e educação física.....	116
3.2.2 Dados referentes à participação em programas de formação continuada	152
3.3 Dados sobre a Intervenção/atuação Profissional.....	186

3.4 Dados sobre as relações/condições de trabalho.....	194
3.4.1 Condições/relações do trabalho do(a) professor(a) de Educação Física da área escolar e não escolar.....	196
3.4.2 Nível de satisfação dos(as) egressos(as) dos cursos de Educação Física, o que diz a realidade concreta?.....	205
3.4.3 Mercado de trabalho para o(a) professor(a) de Educação Física nos dias atuais? Ainda existe este espaço?.....	216
3.4.4 O que dizem os(as) egressos(as) sobre o Sistema CONFEF- CREFs?	236
3.5 Atividades fora do tempo de trabalho- Atividades de lazer.....	253
3.6. Atuações em movimentos sociais.....	255
CONCLUSÃO.....	258
REFERÊNCIAS.....	266
APÊNDICE.....	272
APÊNDICE – A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	273
APÊNDICE – B – Roteiro de entrevista com os(as) egressos(as)	275
APÊNDICE – C – Carta de Aprovação do Projeto de Pesquisa do Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPel	280-81
ANEXOS.....	282
ANEXO – A – Proposta das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Licenciatura Ampliada – Graduação em Educação Física.....	283

INTRODUÇÃO

Para elaborar um trabalho como este, que agora se entrega ao público, como salienta Oliveira e Dias (1995) “existe um sem número de esforços que ficam invisíveis como se fosse apenas um dever de quem os executa”. Ainda para os Autores “pode ser que seja uma obrigação o trabalho bem feito” e, particularmente, espero estar à altura, “mas é muito mais: é dedicação e respeito aos leitores, aos autores e a um público que, no mais das vezes, sequer pensará sobre isso”, (OLIVEIRA E DIAS, 1995, p.08).

O presente trabalho de Dissertação de mestrado, da Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPel) e da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) tem como temática central de estudo a formação do(a) trabalhador(a) em Educação Física no modo de produção social capitalista. Consideramos as mediações entre a totalidade social, a formação profissional do trabalhador em Educação Física e a inserção no mercado e no mundo do trabalho na sociedade capitalista (determinantes e determinadas, reciprocamente). Interessamos discutir criticamente e analisar em que medida as mudanças no mercado/mundo do trabalho influenciaram os processos de formação e de intervenção profissional dos(as) egressos(as) do Curso de Educação Física da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ sob o ponto de vista da sua materialização na realidade concreta.

No Brasil, debates e estudos sobre currículo acadêmico, formação profissional e inserção de egressos(as) dos cursos de Educação Física no mercado e no mundo do trabalho são relativamente atuais. Questões sobre esses assuntos começaram a aparecer no interior da comunidade acadêmica mais intensamente em fins dos anos 1970, especificamente, em torno da discussão sobre as possibilidades de intervenção profissional do professor de Educação Física.

O espaço e o tempo das relações sociais – o contexto histórico – em que ocorre essa discussão foram marcados por intensas mudanças no mercado e no mundo do trabalho decorrentes da reestruturação produtiva, cuja consequência maior foi a precarização das condições de trabalho, de salário e da vida de todos os trabalhadores. A reestruturação produtiva tem sido apontada como um dos fatores que influenciaram as mudanças nos currículos dos cursos de graduação no Brasil, a

partir dos anos 1980 e, especialmente, dos cursos de licenciatura, em direção à flexibilidade e ao aligeiramento da formação e, conseqüentemente, da desqualificação (CATANI, 2001 e DIAS-DA-SILVA, 2005).

Neste estudo, interessa-nos analisar em que medida as mudanças no mercado e no mundo do trabalho influenciaram os processos de formação e de intervenção profissional dos(as) egressos(as) do Curso de Educação Física da Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPel) e da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Assim, o problema de pesquisa estrutura-se em torno da seguinte pergunta: quais as relações que se estabelecem entre os processos de formação – ensino, pesquisa e extensão – dos(as) egressos(as) do Curso de Educação Física das universidades em questão, sua intervenção profissional e as mudanças no mercado e no mundo do trabalho?

Esta Dissertação orienta-se pelas seguintes questões principais (sem prejuízo de outras, também elaboradas como decorrência da análise desenvolvida): (1) na área de formação e de intervenção profissional dos(as) egressos(as) dos cursos de Educação Física foram observados processos de ampliação da precarização de trabalho e de salário, tal como em outras esferas de intervenção profissional? (2) quais são as conseqüências concretas destas mudanças na esfera da formação e de atuação profissional dos(as) egressos(as) dos cursos de Educação Física? (3) quais são os elementos mediadores desse processo?

Assim, o objetivo geral deste estudo é o de analisar em que medida as mudanças no mercado/mundo do trabalho influenciaram e impactaram os processos de formação e de intervenção profissional dos(as) egressos(as) do Curso de Educação Física das universidades em questão.

Os objetivos específicos, por sua vez são: (1) analisar as relações que se estabelecem entre mudanças curriculares, formação profissional e inserção no mercado e no mundo do trabalho no modo de produção social capitalista; (2) descrever e analisar o contexto da formação inicial e continuada dos(as) egressos(as) dos Cursos de Educação Física da ESEF-UFPel e da UNIJUÍ; (3) descrever e analisar o contexto da intervenção profissional dos(as) egressos(as) dos Cursos de Educação Física da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ; (4) verificar a existência (ou não) de situações e de elementos mediadores do processo de precarização de

trabalho e de salários na esfera de intervenção dos(as) egressos(as) dos Cursos de Educação Física da ESEF/UFPeI e da UNIJUÍ e, (5) analisar a existência e as consequências das mudanças no mundo do trabalho na esfera de atuação profissional dos(as) egressos(as) dos Cursos de Educação Física da ESEF/UFPeI e da UNIJUÍ.

Nossa hipótese de trabalho considera que, tal como ocorre em diversos setores do mercado/mundo do trabalho no modo de produção social capitalista, a flexibilização dos processos de formação e a precarização das relações de trabalho e de salário, observadas no âmbito da intervenção profissional de diversas categorias de trabalhadores, manifestam-se também no âmbito da intervenção profissional dos(as) Graduados(as) e dos(as) Licenciados(as) em Educação Física.

O entusiasmo em estudar a formação profissional e a inserção dos(as) egressos(as) dos Cursos de Educação Física encontra argumentos na própria trajetória acadêmica da autora e em ansiedades pessoais, relativas à inserção no mercado e no mundo do trabalho depois da conclusão da formação inicial nos cursos de bacharelado e licenciatura em Educação Física. Somam-se a isso a possibilidade de inserção no Grupo de Pesquisa *Paidotribas* como Bolsista de Iniciação Científica, que realizava estudos que tematizavam a “Educação Física e Cultura Escolar: Entre Práticas Inovadoras e o Abandono do Trabalho Docente”.¹

Além disso, constatamos a inexistência de estudos que enfoquem a formação profissional e a inserção/atuação dos(as) egressos(as) dos Cursos de Educação Física em questão, no mercado e no mundo do trabalho no modo de produção social capitalista. Estudos dessa natureza podem vir a contribuir na orientação dos profissionais da área em seu processo de formação e com a instauração de processos de avaliação institucional. E, por parte da classe

¹ Tal pesquisa, levada a efeito por pesquisadores do Departamento de Pedagogia da UNIJUÍ, em parceria com professores de outras instituições nacionais e estrangeiras, objetivou estudar como a cultura escolar das instituições origina, afeta e estimula experiências bem sucedidas, como também o processo de abandono do trabalho docente dos professores de Educação Física (EF) de escolas públicas em espaços geográficos distantes e contextos político-sociais diferentes. Na UNIJUÍ, a pesquisa (2006-2008) foi coordenada pelos professores Paulo Evaldo Fensterseifer e Fernando Jaime González. Os resultados da pesquisa foram publicados em eventos científicos tanto internos da UNIJUÍ quanto em eventos externos da universidade, em formato de pôster, comunicação oral e também em revistas da área de Educação Física.

trabalhadora, conscientização enquanto classe e incentivo para lutar pelos seus direitos.

Para cumprir com nossos objetivos, a partir da tipologia elaborada por Triviños (1992, p. 125), escolhemos um delineamento metodológico que atende aos pressupostos da *pesquisa qualitativa*, tipo estudo de caso, considerando esta forma de agir a mais adequada aos nossos objetivos. Richardson (1999, p. 90) afirma que “a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados”.

Este estudo foi desenvolvido tendo como abordagem o Materialismo Histórico e Dialético. Enfatizamos que o método dialético materialista (perspectiva metodológica) é o que mais se aproxima das nossas concepções/visões de mundo. Também porque compreendemos que este enfoque de pesquisa dá conta de alcançar os objetivos que colocamos a este estudo, pois, segundo Mynaio (1998), “(...) busca encontrar, na parte, a compreensão e a relação com o todo”.

Concordamos com o pensamento de Triviños (1999, p. 73) de que

O pesquisador que segue a linha teórica baseada no materialismo dialético deve ter [clara] presente em seu estudo uma concepção dialética da realidade natural e social e do pensamento, a materialidade dos fenômenos e que estes são possíveis de conhecer. Estes princípios básicos do marxismo devem ser contemplados com a idéia de que existe uma realidade objetiva fora da consciência e que esta consciência é um produto resultado da evolução do material, o que significa que para o marxismo a matéria é o princípio primeiro e a consciência é o aspecto secundário, o derivado (TRIVIÑOS, 1999, p. 73).

Temos clara as concepções de homem, de mundo, de educação e em específico da nossa área de Educação Física, pois, segundo Triviños (1999, p. 73),

Não é possível, porém, para o pesquisador, imbuído de uma concepção marxista da realidade, realizar uma investigação no campo social e especificamente na área educacional, se não tem idéia clara dos conceitos capitais do materialismo histórico: estrutura das formações socio-econômicas, modos de produção, força e relações, e produção, classes sociais, ideologia, que é a sociedade, base e superestrutura da sociedade, história da sociedade como sucessão das formações econômicas, consciência social e consciência individual, cultura como fenômeno social,

progresso social, concepção do homem, idéia da personalidade, da educação etc., (TRIVIÑOS, 1999, p. 73).

Assim, realizou-se uma pesquisa qualitativa, tipo estudo de caso coletivo (STAKE, 2000). Para o referido autor, “No estudo de caso coletivo o pesquisador estuda conjuntamente alguns casos para investigar um dado fenômeno, podendo ser visto como um estudo instrumental estendido a vários casos” (STAKE, 2000, p. 437, tradução nossa). Sobretudo, interessa-nos estudar as características do universo de formação e de intervenção profissional dos egressos dos Cursos de Educação Física da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ, visando ampliar nossos conhecimentos sobre o assunto a partir da descrição e análise sobre possíveis consequências das mudanças no mercado/mundo do trabalho nesse tipo de formação e de intervenção. As técnicas e os procedimentos de pesquisa que foram utilizados são entrevistas semi-estruturadas, pesquisa bibliográfica e documental.

A pesquisa bibliográfica e documental permitiu uma aproximação e um aprofundamento sobre o desenvolvimento histórico do problema investigado, revelando “suas condições de existência em um conjunto específico de relações sociais e econômicas” (RICHARDSON, 1999, p. 93). Este momento foi fundamental para a elaboração do roteiro de entrevista semiestruturada, pois, conforme Triviños (1999, p. 146), este tipo de entrevista deve partir

[...] de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem respostas do informante (TRIVIÑOS, 1999, p. 146).

A partir da pesquisa bibliográfica e documental elaboramos o roteiro de entrevista semiestruturada e aplicamos em dois (02) egressos que não pertenciam a nenhuma das instituições estudadas. Aplicamos um roteiro-piloto com a intenção de validar este instrumento, no sentido de responder nosso objetivo e questões de estudo. Após a análise destas entrevistas, introduzimos outras questões mais pontuais. A partir disso, passamos a considerar este o roteiro definitivo que procurou dar conta das seis (06) categorias que estão descritas no terceiro capítulo desta Dissertação. Este instrumento possibilitou destacar a formação profissional, a intervenção/atuação profissional e analisar o perfil dos(as) egressos(as)

entrevistados(as), entre outros aspectos também relevantes tanto do roteiro de entrevista quanto das questões levantadas pelos(as) próprios(as) egressos(as).

Para a realização das entrevistas, seguiu-se algumas recomendações feitas por Richardson (1999) e Triviños (1999) para garantir-lhe a “validade”. No que se refere à escolha de locais adequados de pesquisa (RICHARDSON, 1999, p. 95), foram selecionados espaços de intervenção/inserção profissional dos(as) professores(as) de Educação Física, conforme previsto no Projeto Pedagógico/Currículo das universidades em questão (tanto da área escolar quanto da área não escolar, quais sejam: hospitais, academias, clubes, Spas, empresas, escolas, universidades, entre outros).

Salientamos que o projeto de pesquisa foi enviado ao Comitê de Ética da ESEF/UFPel para aprovação no segundo semestre de 2009. O referido projeto de pesquisa foi aprovado gerando um número de protocolo: 100/2009, conforme a carta de aprovação de 18 de outubro de 2010². Quanto à UNIJUÍ, este projeto de pesquisa não passou pelo Comitê de Ética, pois no momento da realização da pesquisa o mesmo encontrava-se em (re)organização. Após, foram entrevistados(as) os(as) egressos(as) contatados(as) que se dispuseram tanto a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, quanto a gravar a entrevista para melhor captação dos dados.

A seleção dos informantes, ou seja, dos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ, se deu por dois motivos: o primeiro porque as instituições pertencem a diferentes redes, uma pública e outra privada, as quais estão sujeitas a seguirem as mesmas legislações; o segundo motivo foi da autora ter vivenciado a formação inicial nos cursos de bacharelado e licenciatura em Educação Física na UNIJUÍ. Portanto, por ter um conhecimento da realidade concreta da referida instituição. E, ainda, a escolha da ESEF/UFPel se dá pelo motivo de a autora estar cursando pós-graduação (mestrado) nesta instituição, fatos esses que “facilitaram” a busca de informações das referidas instituições e dos(as) egressos(as) entrevistados.

A duração média das entrevistas variou em torno de quarenta e cinco (45) minutos a duas (02) horas e trinta minutos (2h e 30 mim). Todas as entrevistas

² Este documento encontra-se na parte das pós-textuais como Apêndice C.

foram transcritas e analisadas. O tempo necessário para transcrição das entrevistas variou entre três (03) horas a quarenta e oito (48) horas. Tomamos como critérios de exclusão, os egressos que não se dispuseram a prestar entrevista e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Embora Richardson (1999) recomende a familiaridade do pesquisador com os pesquisados, ele reconhece a dificuldade de cumprimento desse quesito em diversas pesquisas. A escolha do grupo tem se caracterizado pela heterogeneidade dos informantes, em sua maior parte desconhecidos ou pouco conhecidos dos pesquisadores, fato que não permite que seja estabelecido tal nível de relação.

O autor acima citado não manifesta entusiasmo com o quesito representatividade, valorizando mais o estabelecimento de condições que permitam aos informantes manifestarem opiniões autênticas. No entanto, procurou-se preservar este critério seguindo as recomendações de Triviños (1999). Em verdade, neste trabalho, procurou-se atender às duas recomendações: a de representatividade e a de garantir um espaço seguro para que o informante pudesse expressar livre e espontaneamente suas ideias.

Assim sendo, o critério de representatividade foi operado selecionando-se informantes de acordo com o local de trabalho, valorizando a diversidade e as opiniões do(a) professor(a) de Educação Física em seus locais de intervenção/atuação profissional. O critério, portanto, não é a quantidade de informações, mas a qualidade delas: interessou-nos a obtenção de informações em diferentes espaços para possibilitar a averiguação da existência de impactos das mudanças no mundo do trabalho no campo de intervenção/atuação profissional dos(as) egressos(as) de Educação Física da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ.

Quanto ao local de realização de entrevistas, optou-se por deixar os(as) informantes escolherem aquele local em que mais se sentissem à vontade para prestar as informações. Para que pudessem tomar esta decisão, foram expostas a eles algumas questões preliminares, tais como os propósitos da entrevista e da pesquisa, o tempo médio de seu desenvolvimento, e alguns tipos de perguntas, sua gravação, entre outros, conforme recomenda Triviños (1992).

No que diz respeito à coleta de informações, decidiu-se elaborar um roteiro

de perguntas, que balizaram a entrevista com os(as) egressos(as) informantes, tendo-se como referência “orientações teóricas oferecidas pela análise histórica e estrutural” (RICHARDSON, 1999, p. 97). Na análise crítica desenvolvida nesta pesquisa, na mesma página, o autor informa “a validade depende da capacidade de penetrar as aparências superficiais do cotidiano para revelar até que ponto estão constituídas por ideologias ou discursos”. Assim, diz ainda o autor, “em lugar de começar o processo de coleta de informações com uma ‘cabeça em branco’, o pesquisador crítico possui uma variedade de orientações que são produto da crítica social” (RICHARDSON, 1999, p. 97).

Para analisar as informações utilizamos o método conhecido por ANÁLISE DE CONTEÚDO. Triviños (1992) observa que na obra de Bardin (1977), *L’analyse de contenu*, este método é estudado “em detalhes” e recomenda sua utilização porque “ele se presta ao estudo ‘das motivações, atitudes, valores, crenças, tendências’ e [...] para o desvendar das ideologias que podem existir nos dispositivos legais, princípios e diretrizes etc., que, à simples vista, não se apresentam com a devida clareza” (TRIVIÑOS, 1992, p. 159).

Para organizar a nossa análise, seguimos os três momentos propostos por Bardin (1977, p.95) em sua obra: Pré-análise, Exploração do material e Tratamento dos resultados/inferência/interpretação. Na Pré-análise, determinamos os documentos que constituíram o *corpus*³ analisado (as entrevistas e documentos); elaboramos a hipótese (no sentido de confirmar ou infirmar a partir da análise) e alguns indicadores que tiveram por função auxiliar a construção de categorias que permitiram a execução do tipo de análise escolhido para este trabalho, isto é, a análise temática⁴; preparamos, ainda, alguns dos materiais que foram submetidos à análise, isto é, transcrição integral das entrevistas e anotações sobre documentos que foram utilizados na pesquisa (legislação e documentos institucionais da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ).

³ De acordo com Bardin (1977, p.96), “o corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”.

⁴ Bardin (1977, p. 105), salienta que a análise temática “consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”.

Durante a exploração do material, procedemos à codificação⁵ e à categorização⁶, utilizando o critério semântico (significativo), construindo desta forma categorias temáticas adequadas ao tipo de análise que realizamos. No processo de codificação e de categorização, embora não rejeitamos a quantificação, não nos limitamos à forma frequencial, "a frequência de aparições de certos elementos da mensagem" (BARDIN, 1977, p. 114). O importante para nós foi a seleção de determinados temas considerados essenciais ao problema enfocado pelo nosso estudo.

O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação ou interpretação referencial, como mais sinteticamente denomina Triviños (1992, p. 161), estão apoiados "nos materiais de informação". É neste último momento que "a reflexão, a intuição, com embasamento nos materiais empíricos, estabelecem relações [...] chegando, se é possível [...] a propostas básicas de transformações nos limites das estruturas específicas e gerais" (TRIVIÑOS, 1992, p. 161-2).

Para percorrermos todo esse caminho, desde o ponto de partida da nossa investigação - das nossas angústias - constatamos que os debates e estudos sobre nosso objeto de estudo são relativamente atuais. E o contexto histórico em que ocorreram estas discussões foram estigmatizadas por intensas mudanças da reestruturação produtiva, tanto na formação profissional quanto na inserção/atuação profissional.

A resposta que o capital deu à sua crise, ou seja, a reestruturação produtiva ocasionou mudanças nos currículos dos cursos de graduação, especialmente dos cursos de licenciatura, em direção à flexibilidade e ao aligeiramento da formação e, conseqüentemente, da desqualificação. E no campo da inserção/atuação profissional as maiores conseqüências foram a precarização das condições de trabalho, de salário e da vida de todos os trabalhadores. Todavia, realizamos este apanhado histórico pautado em autores que se dedicam a estudar esta temática, na

⁵ De acordo com Holsti (apud BARDIN, op. Cit., p. 103-4), "a codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo".

⁶ Segundo Bardin (1977, p. 117), "a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia) com critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos.

parte introdutória e, a seguir, no primeiro capítulo, com a intenção de esclarecer o(a) leitor(a) acerca deste assunto.

Passaremos a sintetizar a organização do estudo esboçando uma pequena síntese de cada um dos capítulos que integram esta Dissertação. Para tanto, no primeiro capítulo, realizamos uma revisão bibliográfica acerca das questões referentes à formação profissional (currículo/PPP), mercado e mundo do trabalho e discutimos o conceito de trabalho na visão de alguns autores que estudam o Marxismo.

No item 1.1 que se refere à Educação e Formação em Face às Mudanças no Mundo do Trabalho: a “nova” configuração do ensino superior, tratamos alguns conceitos, entre eles, acumulação, hegemonia, mais valia absoluta, mais valia relativa e mercado de trabalho na visão de Marx. Ainda estabelecemos relação entre as mudanças no mundo e no mercado de trabalho com a educação e obviamente com a Educação Física.

No item 1.2 que se refere às Diretrizes Curriculares da Educação Física: reformismo, flexibilização no processo de formação e subordinação ao mercado. Nesta parte, em conjunto com o primeiro capítulo, buscamos na teoria as referências que nos deram suporte para fazermos as análises que pretendíamos. Descrevemos e analisamos os dados históricos das Leis que regeram/regem a Educação Física, às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs).

No item 1.2.1 enfocamos o que se refere às Contradições das DCNs, dos Cursos de Formação em Educação Física e os movimentos de resistência à submissão ao mercado. Descrevemos dois grupos de interesses com formas diferenciadas de concepções sobre o assunto: a concepção dos grupos de interesse que defendiam uma formação que atendesse as demandas “do” e “das” leis do mercado; e a concepção crítica de outros grupos de interesse que condena a perspectiva reprodutora das relações sociais de exploração, atuantes neste mesmo mercado, com vistas à superação da sociedade capitalista, classista, para uma sociedade onde haja a emancipação humana do capital.

No segundo capítulo, realizamos uma análise documental sobre o que foi proposto nos documentos (os Currículos ou nos Projetos Político Pedagógicos) dos

Cursos de Educação Física da ESEF/UFPeI e da UNIJUÍ. Foi possível constatar que as duas universidades, mesmo sendo uma pública e outra privada, ambas reproduzem a lógica do sistema capitalista. Portanto, a partir da descrição dos documentos das universidades estudadas, identificamos que a ideologia do sistema privado está alocado no público. A política que perdura nos dois sistemas é a do interesse do mercado, produtivista, competitivo, ideológico.

No terceiro capítulo, buscamos nos dados empíricos, ou seja, nos dados da realidade concreta da formação e da intervenção/atuação profissional dos(as) egressos(as) da ESEF/UFPeI e da UNIJUÍ que estão inseridos no mercado de trabalho no atual modo de produção social capitalista. Para isso, elaboramos um roteiro de entrevista, por intermédio do qual realizamos entrevistas semi-estruturadas, as quais permitiram realizar as análises que estão contidas no decorrer deste capítulo. Desta forma, foi possível dar conta de responder o problema de pesquisa; a hipótese de trabalho; os objetivos, tanto geral quanto os específicos; e, por fim, algumas questões que nortearam esta Dissertação.

Para concluir nosso estudo, realizamos uma sinopse, na qual procuramos demonstrar que as mudanças no mundo do trabalho determinaram as políticas de formação (DCNs) elaboradas para os cursos de Educação Física por conta do momento histórico em que vivemos, ou seja, o modo de produção capitalista. Confirmamos nossa hipótese de trabalho, que o mesmo sucedido no âmbito da intervenção profissional de diversas categorias de trabalhadores, em diversos setores do mercado e no mundo do trabalho, a flexibilização dos processos de formação e a precarização das relações de trabalho e de salário, inegavelmente, manifesta-se também no âmbito da área escolar e não-escolar da Educação Física.

Defendemos que a classe trabalhadora de todas as áreas e também especificamente da área da Educação Física se unifique para lutar a favor da superação da hegemonia da classe capitalista.

1 A FORMAÇÃO DO GRADUADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O MERCADO E PARA O MUNDO DO TRABALHO

O trabalho, como criador de valores-de-uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade, – é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza, e, portanto, de manter a vida humana. KARL MARX, O Capital.

Estudos que objetivam analisar as relações que se estabelecem entre propostas curriculares, formação (de determinado tipo de) profissional e inserção de egressos dos cursos de formação de professores no “mercado”⁷ e no “mundo do trabalho”⁸, ao contrário do que ocorre na área da Educação Física, possuem tradição histórica no âmbito da investigação científica pedagógica.

De acordo com Silva (2005, p. 12), este objeto de estudo aparece nos anos de 1920 nos Estados Unidos, decorrente da necessidade de massificar a escolarização no contexto do processo de industrialização e dos movimentos migratórios. Para o autor, a intenção dos administradores da educação norte-americanos, parcela acadêmica preocupada com o assunto naquele momento, era a de “racionalizar o processo de construção, desenvolvimento e testagem dos

⁷ A expressão mercado de trabalho foi entendida como espaço criado pelas formações sociais capitalistas onde se objetivam as relações econômicas de classe – capital e trabalho -, e de exploração de uma classe (capital) sobre a outra (trabalho). Tais relações ocorrem no âmbito das forças produtivas no processo de produção dos bens necessários à sobrevivência, que no modo de produção capitalista são denominadas mercadorias. Trata-se, na verdade, de uma expressão metafórica que representa, tal como as relações de compra e venda de mercadorias, as relações de compra e venda da força de trabalho nesse tipo de formação social. Sobre o assunto ver PRIEB (2005), ALVES (2000), ANTUNES (1999) e LESSA (2002).

⁸ A expressão mundo do trabalho é entendida como esfera da vida humana que resulta do processo sócio-histórico de desenvolvimento do conjunto das forças produtivas (capital, trabalho, tecnologia, etc.). Pode-se dizer que se trata de uma atualização da expressão “mundo da necessidade” cunhada

currículos” (SILVA, 2005, p. 12).

Tal como ocorre na “administração científica”, proposta pelo taylorismo⁹ para racionalizar o processo produtivo, “o currículo é visto como um processo de racionalização de resultados educacionais, cuidadosa e rigorosamente especificados e medidos” (SILVA, 2005, p. 12). Tudo se encerrava na busca de práticas eficientes e professores eficazes para garantir bons resultados.¹⁰ Trata-se, como diz Sacristán (2000, p. 37), de uma perspectiva a - teórica, a - histórica e essencialmente utilitarista, que trouxe dificuldades à compreensão do “fenômeno educativo institucionalizado”.

De certo, avançou-se muito na área dos estudos do currículo. Silva (2005) ao analisar este processo, identifica pelo menos três grandes categorias de teorias: teorias tradicionais, teorias críticas e teorias pós-críticas. A primeira enfatiza, entre outras, questões relacionadas ao ensino, aprendizagem, avaliação, metodologia. Para esta teoria o indivíduo é educado tecnicamente para o trabalho capitalista, mecanicamente parte do sistema de massas geradoras de produtos, etc.; a segunda, a ideologia, a reprodução cultural e social, classe social, relações de produção, nesta, o indivíduo pode ser transformador de uma realidade com uma visão crítica da sociedade, etc.; a terceira, a identidade, a alteridade, a diferença, a subjetividade, a representação. Nesta perspectiva a escola é transmissora de ideologias através das disciplinas. Estas ideologias são constituídas por crenças que fazem o indivíduo aceitar as coisas como são, se, um debate mais reflexivo sobre a atual sociedade, etc.

por Marx em sua obra *O Capital*, utilizada como complemento/contraposição ao “mundo da liberdade”. Sobre o assunto ver MARX (1980) e ANTUNES (1999).

⁹ É um modelo de administração desenvolvido pelo engenheiro Frederick Taylor. O Autor acreditava que através do estudo de uma ciência era a melhor opção de administrar uma empresa. Em sua principal publicação no ano de 1911, denominada “Princípios de Administração Científica”, Taylor acredita na ideia da eficiência e eficácia que é a agilidade e rapidez dos funcionários gerando lucro e ascensão industrial. A principal ideia do livro defendida por Taylor é a divisão de funções dos trabalhadores, ou seja, a racionalização do trabalho.

¹⁰ Bons resultados significavam, obviamente, não apenas o formando sair-se bem no curso de formação, mas, também, quando formado, a capacidade de competir de forma eficaz para se inserir e se manter no mercado. Por outras palavras, de conseguir um “bom” emprego com um “belo” salário, manter-se nele e, quem sabe, progredir em uma carreira até o momento de se aposentar. Além disso, bons resultados significavam a (com)formação de um empregado a determinadas condições de trabalho, controladas especialmente pela permanente ameaça do desemprego. Assim, a boa educação produtora de bons resultados era aquela que melhor promovia o ajuste do empregado a ordem social e econômica estabelecida. Na fala de Marx: “subsunção do trabalho ao capital” (MARX, VER CAP. Xiii, TOMO I, Maquinaria e grande indústria), nesta vertente entendemos também a subsunção da formação do trabalhador (educação) ao capital.

Em relação à “categorização”, por demais genérica¹¹, de Silva (2005), o referencial que escolhemos e utilizamos para o desenvolvimento desta dissertação aproxima-se mais da segunda abordagem explicitada pelo autor, tendo como fio condutor da análise desenvolvida as relações capital-trabalho (FRIGOTTO, 1995).

Considera-se, como Frigotto (1995), o trabalho como categoria ontológica e econômica fundamental. De acordo com o autor (1998, p. 31), “o trabalho não se reduz a ‘fator’, mas é, por excelência, a forma mediante a qual o homem produz suas condições de existência, a história, o mundo propriamente humano, ou seja, o próprio ser humano.” Assim sendo, o trabalho não é simplesmente uma atividade laborativa, mas “um processo que permeia todo o ser do homem e constitui a sua especificidade” (KOSIK, 1986, in FRIGOTTO, 1998, p. 29). A forma histórica que o trabalho assume no Capitalismo é a da mercadoria, transformando-se em força de trabalho assalariada, o que equivale dizer a forma explorada através da mais-valia¹². O trabalho é transformado, assim, “de criador da vida humana em alienador da vida do trabalhador” (FRIGOTTO, 1995, p. 32).

Poder-se-ia questionar aqui as relações do trabalho docente com aquele realizador de mais-valia cujo resultado é a expropriação do produto do trabalho do trabalhador. Para responder, é necessário recorrer a Marx (1975), especificamente, ao Capítulo VI Inédito de O Capital. Nesse, Marx distingue o trabalho produtivo do trabalho improdutivo, não se reportando a utilidade do trabalho, mas ao vínculo deste com a produção de mais-valia. Na sociedade capitalista, trabalho produtivo é aquele que realiza a mais-valia, isto é, produz lucro e assim valoriza o capital. O trabalho improdutivo, que caracteriza a natureza do trabalho docente, não é diretamente gerador de mais-valia. Sua relação com a produção da mais-valia é mediata conforme assegura Frigotto (2001). Ele garante a produção e a reprodução da força de trabalho.

O trabalho docente passa a ser produtivo quando o professor vende a sua força de trabalho para o capitalista dono de escola privada (ou

¹¹ A categorização elaborada por Silva (2005) não consegue incluir um conjunto amplo de concepções sobre currículo. Sobre o assunto, ver Sacristán (2000), especialmente, capítulo 1, As teorias sobre currículo: elaborações parciais para uma prática complexa (p. 34 – 54).

¹² A expressão mais-valia é igual a mais valor, ou seja, igual ao lucro. Para Marx mais-valia é base do lucro do sistema capitalista, ou seja, é a diferença entre o valor produzido pelo trabalho e o salário que o patrão não paga ao empregado.

universidade/faculdade privada), pois, dessa forma o trabalho do docente é gerador de lucro, portanto, produtor de mais-valia:

Um mestre escola que ensina outras pessoas não é um trabalhador produtivo. Porém, um mestre-escola que é contratado com outros para valorizar, mediante seu trabalho, o dinheiro do empresário que trafica com conhecimento é um trabalhador produtivo. Mesmo assim, a maior parte desses trabalhadores, do ponto de vista da forma, apenas se submete formalmente ao capital: pertencem as formas de transição. (MARX, 1975, p. 99)

É evidente que nessa situação, a educação é transformada em mercadoria – um valor de troca –, transformando o professor em força de trabalho (assalariada) e o seu trabalho em trabalho abstrato. O trabalho docente é assim, submetido à lógica da sociedade capitalista, qual seja, de valorizar o capital com o aumento da produtividade, por meio da extração de mais-valia. Na esfera educacional, o aumento da produtividade significa a intensificação do trabalho docente por meio do aumento de alunos em sala de aula, no aligeiramento da formação, na maior quantidade de aulas ministradas, entre outras. Em todos os níveis e redes de ensino, esta é uma tendência cada vez mais observada. Aliado à intensificação do trabalho, contribui para a precarização do trabalho docente a perda de direitos trabalhistas, baixos salários entre outros.

Na presente pesquisa, o conceito de educação também não pode ser reduzido a um simples fator e precisa ser entendido no âmbito das relações capital-trabalho. Precisa ser entendido, portanto, como “uma prática social, uma atividade humana e histórica que se define no conjunto das relações sociais, no embate dos grupos ou classes sociais, sendo ela mesma forma específica de relação social” (FRIGOTTO, 1995, p. 31).

Portanto, referenciaremos mais uma vez o pensamento de Frigotto (1995, p. 31-2), no qual apoiamos estudo, sobre a formação humana:

A qualificação humana diz respeito ao desenvolvimento das condições físicas, mentais, afetivas, estéticas e lúdicas do ser humano (condições omnilaterais) capazes de ampliar a capacidade de trabalho na produção dos valores de uso em geral como condição de satisfação das múltiplas necessidades do ser humano no seu devenir histórico. Está, pois, no plano dos direitos que não podem ser mercantilizados e, quando isso ocorre, agride-se elementarmente a própria condição humana (FRIGOTTO, 1995,

p. 31-2).

Essas noções sobre educação e trabalho são importantes neste estudo, pois se trata de analisar criticamente as relações de subordinação da formação – no caso, do futuro professor/trabalhador de Educação Física –, às leis do mercado.

1.1 Educação e Formação em Face às Mudanças no Mundo do Trabalho: a “nova” configuração do ensino superior

Sem trabalho eu não sou nada
 Não tenho dignidade
 Não sinto o meu valor
 Não tenho identidade
 Mas o que eu tenho
 É só um emprego
 E um salário miserável
 Eu tenho o meu ofício
 Que me cansa de verdade
 Tem gente que não tem nada
 E outros que tem mais do que precisam

(...)
 Musica de trabalho (Legião Urbana)

As mudanças que ocorreram nas últimas décadas e continuam ocorrendo no âmbito das relações sociais, que têm no trabalho a sua centralidade, originaram-se na crise de acumulação¹³ e de hegemonia¹⁴ que assolaram as economias capitalistas – num primeiro momento nos países centrais e, logo em seguida, nos países “emergentes” –, a partir dos primeiros anos da década de 1970. Esta crise exigiu das classes dominantes respostas em pelo menos dois planos da totalidade social, que se relacionam de forma indissociável: o plano econômico e o plano político-ideológico.

¹³ Damos como exemplo o que aconteceu há pouco tempo (ano de 2009), a crise que abalou o mundo inteiro. Exemplificando: houve uma super produção (de mercadorias) e não havia quem as comprassem. A produção foi feita, mas não tinha para quem vender porque não tinha quem as comprasse, entre as causas maiores está desemprego.

¹⁴ Crise política que atinge partidos políticos tradicionais e, em alguns casos, aqueles assentados no poder. Um exemplo típico e recente é a crise que atacou o Governador Arruda (2009). Ainda, a crise também tem como causa a diminuição da taxa de lucro. Para Gramsci hegemonia é um tipo de dominação ideológica (instrumento de dominação que age por meio de convencimento) de uma

No que diz respeito à resposta dada à crise de acumulação (plano econômico), o que se observou nesse período foi à intensificação do trabalho, ou seja, do aumento da exploração a partir da ampliação da extração da mais-valia absoluta¹⁵ e mais-valia relativa¹⁶, ataque e retirada/perda de direitos sociais dos trabalhadores com a conseqüente precarização das condições de trabalho, aumento crescente do número de desempregados, catalisado pela inserção de novas tecnologias no processo produtivo, especialmente, pela associação da microeletrônica à informática (cf. FRIGOTTO et. al., 1998).

Frigotto et. al. (1998, p. 13) salienta que “a nova base científico-técnica, assentada sobretudo na microeletrônica e incorporada ao processo produtivo, permite que as economias cresçam, aumentem a produtividade, diminuindo o número de postos de trabalho.” Assim, a produção de mercadorias¹⁷ necessárias à produção/reprodução social não necessita mais de trabalhadores em grande escala, deixando grande parcela desta classe social sem ter como manter as condições de sua sobrevivência no âmbito das relações capitalistas. Como diz Frigotto et. al. (1998, p. 13), “sob a vigência das relações de propriedade privada, isso significa aumento da miséria, da fome e da barbárie social”.

No que diz respeito à crise de hegemonia (plano político-ideológico),

classe social sobre outra. Como exemplo: o pensamento ideológico da burguesia sobre o proletariado e também de outras classes de trabalhadores.

¹⁵ Para Marx (1890, 1989, p. 585), a produção da mais valia absoluta “se realiza com o prolongamento da jornada de trabalho além do ponto em que o trabalhador produz apenas um equivalente ao valor de sua força de trabalho e com a apropriação pelo capital desse excedente. Ela constitui o fundamento do sistema capitalista”. Por exemplo: Numa fábrica, Dona Maria leva 2 horas para fabricar uma calça. Nesse período ela produz o suficiente para pagar todo o seu trabalho. Mas, ela permanece mais tempo na fábrica, produzindo mais de uma calça e recebendo o equivalente à confecção de apenas uma. Em uma jornada de 8 horas, por exemplo, são produzidas quatro calças. O custo de cada calça continua o mesmo, assim também como o salário da D. Maria. Com isso, conclui-se que ela trabalha 6 horas de graça, reduzindo o custo do produto e aumentando os lucros do patrão. Esse valor a mais (mais-valia) é apropriado pelo capitalista.

¹⁶ Segundo Marx (1890, 1989, p. 585, 1890, 1994, p. 359) mais valia relativa dá-se pela intensificação dos ritmos de trabalho, sem aumento de ganhos salariais. Um exemplo prático é do filme Tempos Modernos de Charles Chaplin, onde o operário fica apertando os parafusos com uma ferramenta. Em determinado momento, o chefe manda o operador da máquina colocar a potência da mesma na velocidade seis. No intervalo Chaplin sai repetindo mecanicamente o movimento de apertar parafusos. Outro exemplo agora na área da educação física é o que aconteceu há pouco tempo aqui no Estado do Rio Grande do Sul, no caso da enturmação. Uniram-se as turmas em sala de aula, ou seja, uma turma que tinha 30 alunos passou a ter 45 a 50 alunos. Ocasionalmente demissão de alguns professores e pior ainda, fazendo com que os professores (que aceitaram se submeter, por falta de opção) trabalhem com um número maior de alunos pelo mesmo salário. Tudo para o enxugamento dos gastos do Estado vista clara do que Marx define como a exploração capitalista.

observou-se a consolidação dos princípios neoliberais, “portanto, da ‘nova era do mercado’ como única via da sociabilidade humana” (FRIGOTTO et. al., 1998, p. 13).

No Brasil, assim como em outros países “emergentes”, o resultado da implantação de políticas neoliberais foi o desmantelamento do (pouco) que havia se construído em direção a um Estado de bem-estar social. Diferentes ações foram encaminhadas nesse sentido e que caracterizam a resposta dada a essa crise: a desresponsabilização do Estado com a questão social; a destruição do aparato social do Estado; a transferência das responsabilidades do Estado para as denominadas organizações da sociedade civil ou Organizações não-governamentais; as investidas do Estado contra os direitos dos trabalhadores e suas formas de organização; a dessindicalização dos trabalhadores; o aumento da proteção do Estado aos interesses do capital; as políticas “pobres”, assistencialistas, populistas e focalistas que consolidaram a situação de pobreza da população empobrecida; a cooptação dos movimentos sociais; a perseguição e criminalização dos movimentos sociais que teimaram em permanecer autônomos; a despolitização das massas populares; a banalização e a espetacularização da corrupção e da violência; a identificação do conceito de cidadania com o de consumo; a desqualificação das oposições; a fabricação artificial de consensos, a naturalização da realidade social; o aprofundamento das condições de desigualdade social e da injustiça, entre outros (FRIGOTTO, 1995, 1998; Alves, 2000; ANTUNES, 1999, HARVEY, 1992).

Embora seja questionável estabelecer uma relação linear entre as mudanças no mundo e no mercado do trabalho e aquelas ocorridas no âmbito da educação, é preciso deixar claro que a concepção epistemológica da realidade sobre a qual nos apoiamos ou, por outras palavras, nossa visão de mundo, considera as relações sociais concretas (FRIGOTTO, 1998).

Na atual fase de desenvolvimento do capitalismo, com hegemonia da ideologia neoliberal e no contexto da reestruturação produtiva, as formas de exploração do trabalho diversificam-se e tomam a direção de sua precarização, como já salientamos anteriormente. Ferraz (2008, p. 10) assim se refere ao

¹⁷ Isto é, dos bens necessários à sobrevivência. Para Marx (1890, 1994, p.41-2), “a mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, um coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for à natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia.”

fenômeno da precarização do trabalho:

A tão discutida “precarização do trabalho” situa-se no contexto de mudança no padrão de acumulação do capital, que engendra transformações importantes na organização da produção de mercadorias. O fenômeno demonstra, mais uma vez, a velha tendência do processo de produção capitalista quando, diante das contradições sistêmicas que impedem a manutenção das taxas de lucro, os agentes da burguesia procuram elaborar novas maneiras de intensificar a produtividade do trabalho vivo, potencializando um nível mais elevado de exploração da mais-valia do trabalhador. O objetivo é tornar mais completa uma tendência histórica identificada por Marx no processo de trabalho capitalista, que é a “subsunção do trabalho ao capital”.

Ferraz (2008, p. 12) salienta que o fenômeno da precarização, da mesma forma que ocorre com o operário que “gera diretamente a mais-valia, ou seja, aqueles que realizam o chamado trabalho produtivo”, ocorre também com o trabalhador não vinculado diretamente à geração da mais-valia “e que realizam o que, no âmbito da teoria econômica marxista, é denominado por trabalho improdutivo”, como é o caso dos professores, em especial, dos formados em cursos de educação física. Diz o autor (FERRAZ, 2008, p. 12-13):

Ocorre que a dinâmica da precarização, que passa pela intensificação do ritmo do trabalho em paralelo ao achatamento e perdas salariais (a lógica de produzir mais com menores custos se manifesta aí claramente), de captura da subjetividade do trabalhador e de retirada de direitos, alcança todo o conjunto do proletariado. As especificidades existem, haja vista que o processo de trabalho é diferente, mas o fundamento geral que estrutura a reprodução ampliada do capital e a situação de classe de segmentos aparentemente diversos como os trabalhadores que realizam o trabalho produtivo, os coloca em uma mesma condição: ambos precisam vender a sua força de trabalho para viver, ambos estão submetidos à mesma lógica de exploração do trabalho, tanto em termos objetivos, quanto em termos subjetivos (FERRAZ, 2008, p. 12-13).

Catani et. al. (2001), analisa as mudanças no mundo do trabalho a partir de outro aspecto que lhe é característico, qual seja, o da acumulação flexível. Citando Harvey (1992), o autor descreve este novo modelo de acumulação de capital apontando as diferenças em relação ao modelo rígido do fordismo: “ela se apóia [...] na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo” (HARVEY, 1992, apud CATANI et. al, 2001, p. 69). Este modelo é a resposta dada pelo capital à crise de acumulação provocada pela diminuição das taxas de lucro das empresas. É ele que propõe, para superar a crise,

processos de reestruturação nas empresas que materializam ações de demissões em massa, fusões, busca de novos mercados e instalações em espaços territoriais de mais fácil controle dos trabalhadores. As consequências desse novo modelo na vida dos trabalhadores são evidentes. De acordo com Catani et. al. (2001, p. 70)

[...] a acumulação flexível parece implicar níveis relativamente altos de desemprego 'estrutural' [...], rápida destruição e reconstrução de habilidades, ganhos modestos (quando há) de salários reais [...] e o retrocesso do poder sindical – uma das colunas políticas do regime fordista” (HARVEY, 1992, p. 141, apud: CATANI et. al., 2001, p. 70). O mercado de trabalho sofre uma radical transformação, valendo-se de regimes e de contratos de trabalhos mais flexíveis através, por exemplo, da adoção do trabalho em tempo parcial, temporário ou subcontratado.

Esses fatos acabaram por influenciar a mudança na política da educação superior no Brasil, sendo necessário “formar para explorar mais e melhor” (OFFE, 1994, apud CATANI, 2001, p. 70).

No atual contexto da reestruturação das empresas e das mudanças dos paradigmas capitalistas duas habilidades são fundamentais e exigidas do novo trabalhador: “polivalência e flexibilidades profissionais”. Assim, diz ainda Catani (2001, p. 71-2)

[...] isto estaria posto, com maior ou menor intensidade, para os trabalhadores de todos os ramos e para todas as instituições educativas e formativas, especialmente as escolas e as universidades. Além disso, o desenvolvimento dessa polivalência e flexibilidade profissional [...] incluiria a identificação de habilidades cognitivas e de competência sociais requeridas no exercício das diferentes profissões, bem como nos diferentes ramos de atividade. Inclui também o repensar dos perfis profissionais e dos programas de formação, qualificação e requalificação de diferentes instituições formadoras, tais como escolas, universidades, sindicatos, empresas e ONGs.

Para Frigotto (1998), todo esse processo configura-se como uma ressignificação da Teoria do Capital Humano, que influencia e determina a ação governamental no setor da educação. Frigotto (1998, p. 14) salienta que

[...] os processos educativos que ao mesmo tempo são constituídos e constituintes das relações sociais [...], passam por uma ressignificação no campo das concepções e das políticas. Espreitam-se ainda mais a

compreensão do educativo, do formativo e da qualificação desvinculando-os da dimensão ontológica do trabalho e da produção, reduzindo-os ao economicismo do emprego e, agora, da empregabilidade.

O autor (1998, p. 15) ainda diz que

[...] já não há políticas de emprego e renda dentro de um projeto de desenvolvimento social, mas indivíduos que devem adquirir competências ou habilidades no campo cognitivo, técnico, de gestão e atitudes para se tornarem competitivos e empregáveis. Os desempregados devem buscar 'requalificação' e 'reconversão profissional' para se tornarem empregáveis ou criarem auto-emprego no mercado informal ou na economia de sobrevivência [...].

Neste quadro, o papel da educação e da escola são redirecionados, objetivando aproximar formação e qualificação que passam a ser elementos fundamentais da disputa competitiva que se estabelece no mercado, “resultando, assim, em ações político-pedagógicas no âmbito dos currículos da educação formal e não-formal” (CATANI, 2001, p.72).

Obviamente, a Educação Física, não ficou imune às mudanças ocorridas nesta realidade. Ao analisarmos o processo de construção das diretrizes curriculares dos cursos de formação em Educação Física, observamos que, em que pese o debate, há opiniões divergentes dos grupos de interesses que participaram do processo (instituições de ensino superior, instituições científicas, ministérios, movimentos sociais, CONFEF, entre outros). Na resistência articulada por segmentos destes grupos de interesse à submissão do currículo e das diretrizes dos cursos de formação em educação física aos interesses do mercado, o que prevaleceu foi a “compreensão do educativo” em uma perspectiva economicista e subordinada ao mercado tal como salientada por Frigotto (1998).

1.2 Diretrizes Curriculares da Educação Física: reformismo, flexibilização no processo de formação e subordinação ao mercado

Os cursos de Educação Física, sob o impacto das mudanças do “mercado” de trabalho, formulam novas propostas curriculares que têm como resultado a criação de um trabalhador de novo tipo: além do licenciado, o ingressante teve como opção a formação em bacharelado e, atualmente, em Graduação em Educação Física. Na área da Educação Física, a partir de uma análise do contexto histórico do processo de formulação das diretrizes curriculares, pode-se observar com relativa facilidade as influências dessas mudanças no âmbito da formação e, por via de consequência, no âmbito da atividade do trabalhador.

Este trabalhador com formação para atuar no campo não formal da educação, deveria atender as demandas da sociedade por atividade física, ocupando assim espaços “emergentes” de intervenção/atuação (academias, clubes, escolinhas, hospitais, hotéis, entre outros). Surgem assim o “personal trainer”, os “novos” métodos ginásticos franquizados (Aeróbicas, Body’s, Spinyng, Pump, Jump, Pilates, entre outros), as novas relações de trabalho (terceirização, prestadores de serviço com empresas individuais, etc.): tudo adaptado as novas características do mercado. Para se chegar até o estágio atual, de subordinação ao mercado, um longo caminho foi percorrido em direção à fragmentação da intervenção profissional e da formação materializada na fragmentação do conhecimento considerado constituinte da área da educação física, flexibilização, desqualificação e aligeiramento da formação.

Os primeiros sinais emitidos pela área da Educação Física, que explicitaram a preocupação existente com o processo de formação, são constatados em fins dos anos 1970, e se dá em torno da discussão sobre a intervenção profissional do professor de Educação Física, por outras palavras, sobre o trabalho do professor. Para sermos mais exatos o início das discussões deu-se no interior de uma “comunidade de especialistas” reunida para tratar sobre o assunto em 1979 na cidade do Rio de Janeiro, prosseguindo em 1981 na cidade de Florianópolis, 1982

na cidade de Curitiba e, finalmente, em 1984 na cidade de São Paulo, no Encontro de Diretores de Escolas de Educação Física promovido pela Universidade de São Paulo.

Como produto desses encontros temos a elaboração de uma nova proposta de formação com a criação de cursos de bacharelado em educação física. Tal proposta foi encaminhada ao Conselho Federal de Educação. Em 1985, no âmbito deste conselho, é constituída a Comissão de Especialistas de Educação Física (Portaria-MEC-83) para tratar do assunto. Em 1986, em Brasília, reúne-se o grupo de trabalho (Portaria CFE 10/84) para consolidar e produzir uma síntese de todas as propostas e, finalmente, em 1987 é elaborada uma nova Resolução (03/87).¹⁸

A deflagração de todo esse processo ocorreu no momento em que uma parcela da comunidade acadêmica da educação física, influenciada pelas demandas do mercado, iniciou a discussão sobre as limitações que a legislação, normatizadora dos cursos de Licenciatura Plena em Educação Física¹⁹, impunha à formação do professor de educação física, tendo em vista a expansão das possibilidades de sua atuação profissional²⁰. Acreditava-se que o “mercado” oferecia oportunidades de trabalho que não eram preenchidas por falta de formação adequada.

Por outras palavras, o que estava em pauta era a suposta ampliação do mercado de trabalho²¹ para o trabalhador formado nos cursos de educação física e a incapacidade de o “currículo mínimo”, que se refere apenas à Licenciatura, oferecer a formação adequada de atuação para essa nova realidade²². Assim,

¹⁸ Sobre os dados históricos relativos ao processo que resultou na elaboração da Resolução nº. 03/87, ver CFE, Parecer nº. 215/87 de 11 de março de 1987.

¹⁹ Trata-se do Parecer nº. 894/69 e da Resolução nº. 69/69 que determinava o Currículo Mínimo obrigatório - entendido basicamente como um rol de disciplinas a ser cursadas -, a carga horária e o tempo de duração para os cursos de licenciatura. A estrutura curricular distribuía-se em três núcleos de formação, a saber: 1) básica, de cunho biológico; 2) profissional, de cunho técnico; 3) pedagógica, conforme Parecer 672/69. O título concedido ao formado era o de Professor de Educação Física que, cursando mais duas disciplinas que abordavam modalidades esportivas, recebia ainda o título de Técnico Desportivo. Sobre o assunto ver CFE, Parecer nº. 894/69, Parecer 672/69 e Resolução nº. 69/69.

²⁰ Certamente que outros assuntos importantes e geradores de polêmicas também estavam em pauta como, por exemplo, a discussão sobre a própria identidade da educação física como área de conhecimento ou área de intervenção. Sobre o assunto, ver Felício (2007).

²¹ Costa (1996, apud. TAFFAREL, 1997, p. 44) fazendo apologia às possibilidades de trabalho do formado em educação física escreve: “o professor de educação física tem hoje, diante de si, um promissor mercado de trabalho definindo-se em sentido e ritmo inverso ao emprego descendente”.

²² Sobre o assunto ver, por exemplo, Kunz, e. et. al., 1998, pp. 37 – 47.

[...] a criação do bacharelado foi, fundamentalmente, uma resposta aos argumentos de que a formação do licenciado não vinha atendendo ao desenvolvimento das qualificações e das competências necessárias à intervenção do profissional nos diversos campos de trabalho não-escolar (KUNZ et. al., 1998, p. 38).

Decorrente desses debates formula-se o Parecer n.º 215/87 que trata da “reestruturação dos cursos de graduação em Educação Física, sua nova caracterização, mínimo de duração e conteúdo” e a Resolução n.º 03/87, sendo que esta fixou “os mínimos de conteúdo e duração a ser observados nos cursos de graduação em Educação Física – Bacharelado e/ou Licenciatura Plena”.

A partir dessa esta Resolução delegam-se às Instituições de Ensino superior (IES) a responsabilidade de oferecer o conjunto de disciplinas necessárias à formação na área da educação física, devendo ser consideradas as características de cada região e tendo como referência dois núcleos de disciplinas. O primeiro, denominado núcleo de disciplinas de formação geral, que considerava dois aspectos – humanístico e técnico – em quatro áreas de conhecimento: filosófico, do ser humano, da sociedade (aspecto humanístico) e técnico (aspecto técnico). O segundo, denominado núcleo de disciplinas de aprofundamento de conhecimentos, deveria oferecer oportunidades aos alunos de realizarem pesquisas, estudos técnicos e/ou práticos. O aprofundamento podia ser realizado em mais de um campo de interesse do aluno

Embora tenha eliminado o rol de disciplinas obrigatórias previstos no Parecer n.º. 69/69 e Resolução n.º. 894/69, o Parecer n.º. 215/87 e a Resolução n.º. 03/87 mantiveram determinações sobre a carga horária mínima dos cursos (2880 horas/aula) a ser cumprida num período compreendido entre 4 e 7 anos.

Além disso, acompanhado desse Parecer e Resolução havia um anexo que sugeria 42 disciplinas a serem escolhidas e oferecidas aos graduandos, fato que acabou por determinar a construção das grades curriculares da maior parte dos cursos de formação em Educação Física. Isso também demonstrou a indisposição e, talvez incapacidade, de grande parte da comunidade da Educação Física para refletir sobre questões importantes, postura esta infelizmente hegemônica nessa área do conhecimento e que teve como consequência uma série de distorções na

implantação da referida Resolução²³. Contudo, também demonstrava que a parcela da comunidade acadêmica que tinha influência no processo de reestruturação curricular estava atenta às mudanças da totalidade social e optara por subordinar a formação às demandas do mercado.

A elaboração do Parecer nº. 215/87 e Resolução nº. 03/87 já estava afinada com os novos ventos inspirados pelos pulmões do mercado do trabalho. A concepção curricular na qual se assentavam esses instrumentos legais é aberta e já admitia a flexibilidade na formação do futuro trabalhador dessa área antecipando, como salientou o relator das atuais diretrizes curriculares, Éfren Maranhão, a flexibilidade na organização curricular dos cursos de graduação proposta na LDBEN (Lei 9394/96)²⁴. Entretanto, parece que a comunidade acadêmica ainda não estava preparada para absorver, em toda a sua dimensão, os pressupostos existentes nesses documentos legais, pois se limitou, na maior parte dos casos, a implantar as disciplinas estabelecidas na referida resolução²⁵.

Não demorou muito para que a Resolução nº. 03/87 começasse a ser criticada. Na verdade toda a legislação relativa à educação, com a promulgação da nova Carta Constitucional em 5 de outubro de 1988, foi criticada e reformulada. Em 1997, O Conselho Nacional de Educação (CNE), nova denominação dada ao antigo CFE pela também nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, Lei n.º 9.394 de dezembro de 1996)²⁶, avaliou que

[...] os currículos dos cursos superiores, formulados na vigência da legislação revogada pela Lei 9.394, de dezembro de 1996, em geral caracterizam-se por excessiva rigidez que advém, em grande parte, da fixação detalhada de mínimos curriculares e resultam na progressiva diminuição da margem de liberdade que foi concedida às instituições para organizarem suas atividades de ensino (Parecer nº. 776/97).

²³ De acordo com Tojal (2004), uma dessas distorções dizia respeito ao não entendimento dos conceitos de Bacharel e Licenciado, fato que acabou por promover o mesmo tipo de formação para ambos nos cursos de formação.

²⁴ Sobre o assunto, ver Parecer CNE/CES nº. 058/2004.

²⁵ Limitamo-nos aqui a apenas indicar o problema causado pelas diferenças de significados dados aos documentos entre aqueles que o elaboram e aqueles que o implantam.

²⁶ Vale ressaltar aqui que a LDBEN, em seu Art. 53, delega às universidades, devido à autonomia universitária, “fixar os currículos dos seus cursos e programas, observando as diretrizes gerais pertinentes”.

Para encaminhar o processo de elaboração das diretrizes curriculares da educação física é criada uma nova comissão, desta vez denominada *Comissão de Especialistas de Ensino em Educação Física* (COESP-EF) no âmbito do CNE que, segundo a própria, “procurou aprimorar a Resolução nº. 03/87, bem como corrigir algumas distorções constatadas ao longo desses doze anos de vigência” (KUNZ et. al., 1998, p. 37).

Vale dizer que tal comissão foi composta por especialistas de IES que conjuntamente oferecem cursos de graduação e de pós-graduação *strictu-senso* com finalidade de assessorar a SESu na elaboração de novas diretrizes curriculares para os cursos de formação de professores (cf. Portaria nº. 972/97).

Embora se tenha tentado ampliar a base de participação convocando-se, por meio de editais publicados no Diário Oficial da União²⁷, as IES para colaborarem com sugestões às Novas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Educação Física, apenas 28 instituições atenderam ao chamado²⁸. Aqui caberia mais uma vez a crítica sobre o fato que comprovava, mais uma vez, o tipo de comprometimento que embala muitas IES no que se refere à formação de seus alunos²⁹.

A sistematização realizada pela COESP-EF³⁰ resultou em um documento denominado *Novas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Educação Física: Justificativas – Proposições – Argumentações*, datado em 23 de abril de 1999, encaminhado às IES para análise e discussão³¹.

Em síntese, esse documento propunha superar as contradições existentes na Resolução nº. 03/87 referente à conceituação/concepção de bacharelado e

²⁷ Dois editais tiveram que ser publicados devido à baixa participação das IES (Cf. KUNZ, et. al., 1998).

²⁸ Cf. Ofício encaminhado pela COESP-EF para o Departamento de Políticas de Ensino Superior (SESu), em 22 de setembro de 1998. Na verdade o documento indica 24 instituições, pois, cinco delas estão agrupadas em “Instituições de Ensino superior de Santa Catarina”. Entre as instituições nominadas neste documento está a UNIJUÍ.

²⁹ Essa “crítica” ainda precisaria ser criticada, pois ainda passa longe dela uma análise mais profunda sobre o significado da mudança na política de formação de professores no nosso país que começou a ser proposta e levada a efeito a partir de fins dos anos 1990.

³⁰ Esta comissão foi composta pelos professores Elenor Kunz (UFSC), Emerson Silami Garcia (UFMG), Helder Guerra de Resende (UGF), Iran Junqueira de Castro (UNB) e Wagner Wey Moreira (UNIMEP).

³¹ Cf. Memorando Circular nº. 02/99 do diretor da ESEF/UFPEL para os professores da mesma ESEF, contendo anexado o referido documento encaminhado pela COESP-EF.

licenciado, eliminar estas formas de graduação substituindo-as por outra com “uma sólida formação geral e uma sólida formação em nível de aprofundamento em um campo definido de aplicação profissional” (KUNZ, et. al., 1998, p. 41).

Na proposta estavam previstos dois núcleos de conhecimentos: 1) conhecimento identificador da área, composto pelo núcleo de formação básica (conhecimento sobre o homem e sociedade, sobre o corpo humano e seu desenvolvimento e científico-tecnológico) e pelo núcleo de formação específica (conhecimento sobre cultura do movimento humano, didático-pedagógicos e técnicos-funcionais aplicados) e; 2) conhecimento identificador do tipo de aprofundamento. De acordo com esse documento, seria no nível de aprofundamento que o aluno definiria seu campo de atuação profissional: docência na educação básica/licenciatura, condicionamento/treinamento físico, atividades físico-esportivas de lazer, gestão/administração de empreendimentos físico-desportivos, esporte, aptidão física/saúde/qualidade de vida ou ainda outro campo de atuação “emergente” (KUNZ, et. al., 1998, p. 42).

Este documento, como foi salientado pelos seus próprios sistematizadores, não se propôs a fazer uma mudança profunda na Resolução n.º 03/87. Diz o documento (KUNZ et. al. 1999, p.7:

Propõe-se aqui uma mudança de nome das partes que deverão compor o currículo, quando comparado a Resolução nº. 03/87. Em vez de formação geral (humanística e técnica) está sendo proposto Conhecimento Identificador da Área (CIA); e em vez de Aprofundamento de Conhecimentos está sendo proposto Conhecimento Identificador do Tipo de Aprofundamento (CITA). Não se tem, portanto, a mudança de concepção anterior, mas a tentativa de buscar uma denominação mais esclarecedora (KUNZ et. al. 1999, p.7)

O título a ser conferido ao formado seria o de *Graduado em Educação Física* com um determinado tipo de aprofundamento. É importante salientar que nesse documento é possível observar, de forma explícita, a subordinação que a intervenção profissional do trabalhador da área de educação física deveria estar submetida às leis do mercado:

Não cabe um documento dessa natureza estabelecer e delimitar, pontualmente, os campos de atuação profissional, em função do tipo de aprofundamento cursado pelo graduado. Cabe ao **mercado de trabalho** e aos próprios conselhos profissionais regular esta questão. (KUNZ, et. al. 1999, p.7, **grifos nossos**).

Também se observa a maior fragmentação do conhecimento que deveria constituir a formação dos egressos dos cursos. Sob a desprezível justificativa de “apenas mudar o nome das partes que deverão compor o currículo”, se propõem toda uma nova estruturação dos conhecimentos divididos agora em uma maior quantidade de categorias.

Maior clareza impossível. Ficou evidente a opção, a visão de mundo, as concepções, enfim, o lado do qual se colocava a COESP-EF. As propostas elaboradas não foram neutras, desinteressadas, plurais, articuladas em função do que seria o melhor para a sociedade (bem-comum) como caberia ao agente público, papel que a COESP-EF cumpria naquele momento. Pelo contrário, foi parcial, posicionada, ideológica, radical em defesa do mercado, dos interesses de grupos que defendem o mercado como o elemento mediador das relações sociais.

Caiu à máscara de quem defendia a perspectiva “dialógica”, “comunicativa” e a abordagem fenomenológica das relações humanas como forma de superar a perspectiva dialética³². Dialogaram e se comunicaram apenas com quem lhes interessavam e não deram voz nem vez para quem lhes ofereciam oposição e/ou tinham outras perspectivas de formação para o trabalhador da área de educação física.

O fenômeno observado foi o interesse e as necessidades demandadas pelo mercado e setor privado da educação. Pior, o diálogo e comunicação proposto é o estabelecido de acordo com as regras do mercado, da lei de oferta e procura do capital contra o trabalho, em síntese, diria Frigotto (1998), da barbárie em detrimento da civilização. O documento com propostas de novas diretrizes curriculares foi encaminhado a SESu, que repassou à Comissão de Especialistas em Educação (CEE/CNE), que, por seu turno, repassou para a CES do CNE.

³² A abordagem fenomenológica da Educação Física, inspirada em Merleau Ponty, Heidegger e Husserl; e a dialógica, emancipatória e comunicativa, inspirada em J. Habermas tinham seus representantes nesta comissão nos nomes de Wagner Wey Moreira e Elenor Kunz respectivamente.

Quando a versão definitiva das propostas de diretrizes curriculares ficou pronta, entrou em vigor uma nova política para os cursos de graduação para formação de professores da educação básica. Um conjunto novo de regras foi estabelecido pelo CNE para a elaboração das novas diretrizes curriculares. Destacamos: o Parecer CNE/CP nº. 21/2001 que “estipula a duração e carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena”; o Parecer CNE/CES nº. 583/2001 que dá “orientação pra as diretrizes curriculares dos cursos de graduação”; o Parecer CP/CNE nº. 009/2001 sobre as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena”; A Resolução CNE/CP nº. 1/2002 que “institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena”; Resolução CP/CNE nº. 2/2002 que “institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.”

Todo esse conjunto legal trouxe uma nova concepção de formação do professor e do profissional da área de educação física. O Parecer CP/CNE nº. 009/2001, por exemplo, definia que os cursos de licenciatura deveriam ter currículos próprios que não se confundissem com os de bacharelado ou “com a antiga formação de professores que ficou caracterizada como modelo 3+1”. Por seu lado, o Parecer CP/CNE nº. 583/2001 estipulava que as atividades obrigatórias não podem exceder 50% da carga horária total dos cursos. Abriu-se, assim, a possibilidade definitiva para que os cursos oferecessem disciplinas de acordo com as mudanças do mercado ou, como se observa nesses documentos, de acordo com os novos campos de formação emergentes na sociedade.

A partir disso, o CNE reinicia o processo de elaboração das diretrizes curriculares do curso de graduação em educação física, promovendo audiências públicas e convocando IES que ofereciam formação nos níveis de bacharelado e licenciatura em educação física.

Nesse momento, o CONFEF e o sistema CREF-CONFEF passam a ser os interlocutores privilegiados do CNE, pois participam ativamente dessas audiências.

Esses agentes, com o consentimento e apoio do CNE, organizam fóruns regionais, aproveitando-se de sua estrutura institucional, para discutir e propor subsídios para a formulação das novas diretrizes nacionais para os cursos de graduação em educação física. Dos fóruns realizados, apenas o do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul não elaboraram propostas. O primeiro adotou a proposta elaborada pela COESP-EF e o segundo manteve-se fiel a Resolução nº. 03/87.

O CBCE também organiza um fórum para discutir a formação profissional na educação física brasileira. No documento que elabora, o CBCE propõe que a organização curricular dos cursos de educação física tenha uma perspectiva multidisciplinar, pois reconhece

[...] ser imperiosa a incorporação da compreensão do caráter multidisciplinar que caracteriza a formação e intervenção profissional/acadêmica na Educação Física, como também da identificação da necessidade da presença de conhecimentos originários tanto do campo das Ciências Biológicas/Saúde como no das Ciências Humanas/Sociais, das Ciências Físicas, da Filosofia e das Artes na corporificação da totalidade do processo formativo do profissional (CBCE, 2001, p. 1).

A concepção de currículo apresentada pelos representantes do CBCE é avançada e destoante dos grupos conservadores que também participavam do processo. O CBCE partia de uma concepção de currículo que o considerava como “um fenômeno histórico, resultado das relações sociais, políticas e pedagógicas que se expressam na organização dos saberes vinculados à formação do ser humano” (CBCE, 2001, p. 1). Porém, de forma contraditória, assumia o discurso sobre a flexibilização dos currículos, do caráter competitivo e em expansão do mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que advogava “a necessidade de uma concepção crítico-superadora da realidade humana, social, política e econômica do país” (CBCE, 2001, p. 1).

O CBCE (2001, p.2) também absorvia naquele momento o discurso falacioso assentado no conceito de competências, propondo que o currículo se organizasse em “competências gerais” e “competências específicas”, embora salientasse que “a visão de *competência* não pode ser compreendida e nem reduzida às dimensões do *fazer*, do *saber fazer* ou do *saber intervir*”. E complementava:

[...] o pressuposto dessas diretrizes identifica-se com uma concepção de currículo compreendido como processo de formação da competência humana histórica. Sendo assim, competência é, sobretudo, a condição de refazer permanentemente nossa relação com a sociedade e natureza, usando como instrumento o conhecimento inovador e emancipatório. (CBCE, 2001, p. 2).

O que o CBCE por meio de seus representantes tentou fazer foi dar uma nova roupagem a uma categoria fundamental da dialética materialista, qual seja, a de práxis social, assumindo uma postura “ecclética” e não enfrentando as contradições existentes no interior de sua comunidade. O discurso assentado na categoria competência é voltado unicamente para a adaptação ao mercado de trabalho. Esta é a categoria que “embalou” a proposta institucional do governo federal para realizar as alterações nas diretrizes curriculares dos cursos de graduação, excessivamente demarcado pelo discurso neoliberal, conforme temos demonstrado no desenvolvimento deste trabalho.

A Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física (ExNEEF) também participou do processo, trazendo contribuições e críticas pontuais ao trabalho que vinha sendo realizado. Todo este trabalho resultou na elaboração do Parecer CES/CNE nº. 138/2002, aprovado em três de abril de 2002, que instituía “as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Educação Física.” Nas suas últimas três laudas este parecer apresentava uma minuta de resolução com os mesmos objetivos.

O Parecer nº. 138/2002 absorveu diversas propostas dos diferentes grupos de interesses que participaram do processo. Na análise de mérito, observa-se a vinculação do perfil profissional às competências, habilidades e conteúdos e sua associação às demandas de qualidade, eficiência e resolutividade (Parecer CES/CNE nº. 138/2002). Tais expressões constituíam-se como as principais referências dos discursos daqueles que faziam a apologia do mercado como elemento mediador das relações humanas. Competências e eficiência são os novos quesitos fundamentais para enfrentar um mercado de trabalho que se mostra cada vez mais competitivo e exigente. Neste documento a atuação do licenciado é vista da seguinte forma: “o Graduado de Educação Física com Licenciatura em Educação

Física deverá estar capacitado a atuar na Educação Básica e na Educação Profissional” (Parecer nº. 138/2002 CNE/CES, p. 3).

Quanto ao profissional (bacharel), o documento se referia da seguinte maneira:

O campo de atuação do profissional de Educação Física é pleno nos serviços à sociedade na área da Educação Física, nas suas diversas formas de manifestações no âmbito da cultura e do movimento Humano intencional, através das atividades físicas, esportivas e similares, sejam elas formais ou não-formais tais como ginástica, esporte, jogos, danças, lutas, artes marciais, exercícios físicos, musculação, entre tantas outras. (Parecer nº. 138/2002 CNE/CES, p. 3).

Quanto à organização curricular, o Parecer nº. 138/2002 CNE/CES absorveu a nomenclatura proposta pelo CBCE, dividindo-as em competências gerais (atenção à saúde, atenção à educação, tomada de decisões, comunicação, liderança, planejamento, supervisão e gerenciamento e educação continuada) e competências e habilidades específicas (sólida formação nas áreas de conhecimento que formam a identidade do curso, estar capacitado para intervir em todas as dimensões de seu campo, atuar em atividades físicas/motricidade humana/movimento humano, entre outros).

Os conteúdos curriculares foram divididos (fragmentados) em oito (08) tipos de conhecimentos, a saber: *conhecimentos biodinâmicos da atividade física/movimento humano* (morfológicos, fisiológicos e biomecânicos); *conhecimentos comportamentais da atividade física/movimento humano* (mecanismos e processos de desenvolvimento motriz, aquisição de habilidades e de fatores psicológicos); *conhecimentos sócio-antropológicos da atividade física/movimento humano* (filosófico, antropológico, sociológico e histórico que enfocam aspectos éticos, estéticos, culturais e epistemológicos); conhecimentos científicos-tecnológicos (técnicas de estudo e de pesquisa); *conhecimentos pedagógicos* (princípios gerais e específicos de gestão e organização das diversas possibilidades de intervenções do profissional no campo de trabalho e de formação); *conhecimentos técnicos-funcionais aplicados* (teóricos e metodológicos aplicados ao desempenho humano identificado com as diferentes manifestações da atividade

física/movimento humano/motricidade humana); *conhecimentos sobre a cultura das atividades físicas/movimento humano* (diferentes manifestações da cultura das atividades físicas nas suas formas de jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas, lazer, recreação e outros); *conhecimentos sobre equipamentos e materiais* (diferentes equipamentos e materiais e suas possibilidades de utilização na ação pedagógica e técnico científica com as manifestações de atividade física/movimento humano). Esse parecer fazia referência ainda a estágios, atividades complementares e de conclusão de curso (TCC).

Embora o Parecer nº. 138/2002 CNE/CES tenha sido aprovado, a decorrente resolução jamais o foi. Tendo querido absorver propostas de todos os setores e grupos de interesse que haviam participado do processo, acabou por não representar nenhum deles e, por isso, não representou a construção de um consenso na área e, tampouco, nos movimentos a ela vinculados. O único agente que o aprovava e o defendia era o CONFEF, pois dizia que o mesmo tinha sido legitimado por aqueles que eram responsáveis pela formação dos graduados, ou seja, os dirigentes das IES. Sua reação a não aprovação pode ser observada em sua revista, em um artigo elaborado por um de seus dirigentes. Escreve Tojal (2004, p.2):

Ação política de componente de Órgão Público federal, por razão meramente política, conjunta com a gestão de ex-integrantes da comissão de especialistas da SESu/MEC – COESP-EF, que entendiam que a proposta de Diretrizes Curriculares para a Educação Física, por eles elaborada e encaminhada para a análise do relator, não havia sido considerada, e assim gestionaram visando descaracterizar as recomendações feitas pelo Parecer CNE/CES nº. 0138/02, construídas por aqueles que detêm realmente a responsabilidade pelo desenvolvimento da preparação, no caso, os dirigentes das IES formadoras (TOJAL, 2004, P.2).

É interessante resgatar a verdade dos fatos, pois no histórico desenvolvido do Parecer nº. 058/2004 CNE/CES, que institui finalmente as DCNs está descrito que foi o CONFEF que solicitou a não homologação do Parecer nº. 0138/2002 CNE/CES (Parecer nº. 058/2004). O fato que corresponde à realidade foi o seguinte: por meio de uma solicitação de integrantes do Ministério do Esporte (ME), que assumiram sua estrutura a partir da posse do governo pelo Presidente Lula, o CNE não aprovou a resolução que materializaria as novas diretrizes curriculares dos cursos de educação física. Este fato que só viria a ocorrer 13 meses depois, após o

estabelecimento de um novo processo de discussão sobre o assunto na comunidade acadêmica.

Atendendo solicitação do CNE, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2003, o ME constituiu um grupo de trabalho com integrantes de seu quadro técnico³³, do CBCE e de IES, encarregado de propor um documento alternativo ao parecer nº. 138/2002. O documento elaborado por este grupo serviu como referência para a elaboração da proposta de diretrizes curriculares de outra Comissão de Especialistas em Educação Física (Portaria nº. 1985 – DOU de 21/07/2003), constituída pelo MEC. Esta comissão deveria “analisar e propor reformulações a respeito das premissas conceituais, do rol prescritivo das competências e habilidades e da estrutura curricular dos campos de conhecimento” e encaminhar uma nova proposta de diretrizes curriculares que respondesse às críticas elaboradas ao Parecer CNE/CES nº. 138/2002. Esta nova comissão contou com representantes do CBCE, CONFEF, INEP e SESu³⁴.

Esta comissão resgata a categoria “conhecimento” em detrimento de “competências” e propõe que o currículo para o Curso de Graduação em Educação Física será constituído por Conhecimentos de Formação Ampliada (constituído pelas dimensões da relação ser humano-sociedade, biológica do corpo humano, produção do conhecimento), Conhecimentos Identificadores da Educação Física (constituída pelas dimensões culturais do movimento humano, técnico-instrumental e pedagógica) e Conhecimentos do Campo de Intervenção da Educação Física” (compreendidos como conjunto de fundamentos específicos voltados para a elaboração, implantação, implementação e avaliação de ações acadêmico-profissionais em núcleos temáticos de aprofundamento).

A proposta dessa comissão incluía ainda que o Curso de Graduação em

³³ O quadro técnico do ME era composto por: Luiz Fernando Camargo Veronez, Roberto Lião Júnior, Lino Castelani Filho, Douglas Morato, Helder Guerra Resende (UGF), Iran Junqueira de Castro (UnB).

³⁴ Esta comissão foi composta pelos seguintes professores: Helder Guerra de Resende, da Universidade Gama Filho; Maria de Fátima da Silva Duarte, da Universidade Federal de Santa Catarina; Iran Junqueira de Castro, da Universidade de Brasília; Zenólia Christina Campos Figueiredo, da Universidade Federal do Espírito Santo e João Batista Andreotti Gomes Tojal, da Universidade Estadual de Campinas, para, sob a presidência do primeiro, com o objetivo de analisar e propor reformulações a respeito das premissas conceituais, do rol prescritivo de competências e habilidades, e da estrutura curricular dos campos de conhecimento constantes do Parecer CNE/CES nº. 0138/2002.

Educação Física deveria ser integralizado “respeitando o mínimo de duração e carga horária de 4 anos e de 2.800 horas, respectivamente” (Proposta Alternativa ao Parecer nº. 138/2002 CNE/CES, 2003, p.2). Esta proposta definia também os percentuais de carga-horária para cada um daqueles conhecimentos: 30% para Conhecimento de Formação Ampliada, 40% para Conhecimentos Identificadores da Educação Física e 30% para Conhecimentos do Campo de Intervenção da Educação Física. Para o estágio curricular a obrigação era de 400 horas, sendo que 60% desta carga deveriam ser cumpridas em diferentes campos de intervenção da Educação Física ao longo do curso e 40% no campo de intervenção vinculado ao núcleo temático de aprofundamento. No que se refere à Formação de Professores da Educação Básica, a proposta limita-se a dizer que ela deverá obedecer à legislação específica emanada do CNE (Proposta Alternativa ao Parecer nº. 138/2002 CNE/CES, 2003, p.2).

O conjunto de normas as quais esta comissão deveria obedecer, em que pese sua constituição com representantes que expressavam a diversidade dos grupos de interesses existente na área, impediu que ela elaborasse um trabalho que superasse as contradições existentes na formação do profissional e do licenciado em educação física. A comissão foi obrigada a manter a fragmentação da área em dois cursos – licenciatura e bacharelado –, a flexibilização dos conteúdos, a limitação de disciplinas obrigatórias, o aligeiramento do curso com mínimo de 2800 horas, entre outros. Em síntese, os parâmetros estipulados engessaram o trabalho da comissão, impedindo que se avançasse para uma formação além da subordinação ao mercado.

Após a realização de diversas reuniões em diferentes Estados brasileiros, entre os meses de agosto e novembro de 2003, quando a proposta foi apresentada para que a comunidade acadêmica pudesse debatê-la, finalmente o CNE convoca uma audiência pública para selar o suposto consenso estabelecido em torno das novas DCNs. Nesta audiência representantes do Laboratório de estudos de Políticas em Educação Física, Esporte e Lazer (LEPEL), vinculado à Universidade Federal da Bahia e de representantes da ExNEEF, manifestaram-se contrários ao trabalho realizado pela comissão.

O próprio documento apresentado demonstrava que não foi possível

estabelecer consenso em alguns pontos. Entre estes estava a carga horária mínima do curso: o CONFEF fazia a defesa de no mínimo 4000 horas, seguindo a Resolução das diretrizes curriculares dos cursos da área da saúde; o CBCE fazia a defesa das 2800 horas, seguindo o trabalho da comissão do ME. Como resultado dessa falta de consenso, as diretrizes aprovadas não definiram a carga horária mínima do curso, sendo este assunto jogado para definição em uma futura resolução específica do CNE.

Em seu conjunto, o documento resultante de todo este processo – Parecer nº. 058/2004 CES/CNE –, não difere em essência do trabalho realizado pela comissão instituída para tal finalidade. A estrutura curricular é a mesma, apenas retirando a expressão “conhecimento” e mantendo “formação ampliada” e “formação específica”, com as mesmas dimensões. No entanto, a categoria “competência” foi mantida no corpo do parecer e da resolução, sendo definida no Art. 6º., onde se lê: “as competências de natureza político-social, ético-moral, técnico-profissional e científica deverão constituir a concepção nuclear do projeto pedagógico de formação do graduado em Educação Física.”

Portanto, o referido parecer segue a risca as referências estipuladas pelos marcos legais para a elaboração de diretrizes curriculares e não representa nenhum avanço mais significativo em direção a um processo de formação que seja capaz de satisfazer as múltiplas necessidades por educação física, esporte e lazer oriundas de todos os segmentos da sociedade, em especial, da classe trabalhadora.

Atualmente, o outro passo dado em direção à consolidação da flexibilização, fragmentação, aligeiramento da formação nos cursos de graduação é representado pelo projeto de (contra) reforma do ensino superior (REUNI)³⁵. Agreguem-se a isso as condições de precarização de trabalho dos professores de ensino superior que, para atender as metas desse projeto, submetem - se a ampliação e intensificação de suas jornadas de trabalho, além de comprometerem-se com artificiais e altos índices de aprovação, suportarem aumento do número de alunos em suas salas de aula, comprometendo o processo de ensino-aprendizagem, subordinação da formação as “leis” do mercado, flexibilização e aligeiramento da formação, precarização da formação, produtivismo acadêmico, entre outros.

³⁵ Este assunto será abordado e aprofundado em estudos posteriores.

O estabelecimento do propalado consenso que se firmou em torno do Parecer nº. 058/2004 CES/CNE representa um novo estágio das relações entre governo e movimentos organizados da sociedade civil, na área da Educação Física. A postura reativa, resistente, crítica encontrada em alguns destes movimentos antes da ascensão do governo Lula, desapareceu com a ocupação deste no cargo de Presidente da República. Muitos daqueles que estavam à frente destes movimentos foram incorporados a estrutura institucional do Estado. É certo que no caso de alguns esta incorporação foi mediada pela crença de que o governo Lula representava a possibilidade de se estabelecer novas relações na sociedade, que incorporasse demandas extraídas da esfera de interesses das classes trabalhadoras. Os primeiros anos desse governo demonstrariam que isso seria impossível.

No caso específico das DCNS dos cursos de graduação e de formação de professores observa-se que o processo que se estabeleceu durante o governo Lula foi pautado por normas estabelecidas no governo anterior. Não houve movimento para substituí-las por outras, de forma que fosse possível elaborar novas diretrizes pautadas por perspectivas mais avançadas e não atreladas aos interesses do mercado. Portanto, como diz Catanni (2001, p. 70):

As Diretrizes Curriculares, a despeito de indicar, por um lado, processos de autonomização na composição curricular, podem, por outro, ser compreendidas como mecanismos de ajuste e aligeiramento da formação. Parece haver também, por parte de outros setores, o entendimento de que é preciso flexibilizar os currículos dos cursos de graduação devido à necessidade de viabilizar a vida dos alunos, especialmente daqueles que trabalham, uma vez que é bastante elevado o número dos que deixam as instituições sem concluir os cursos. Assim, o currículo é responsabilizado, em grande parte, pelo alto percentual de evasão das IES brasileiras. O MEC, por sua vez, vê a rigidez curricular como sendo a principal causa dos elevados índices de evasão e baixos percentuais de diplomados (CATANI, 2001, p.70).

O CBCE, que sintetizava os movimentos críticos no âmbito da Educação Física, assumiu uma perspectiva colaborativa com o atual governo, eximindo-se de lhe fazer crítica e optando por combater posições pontuais com as quais possuía divergências com outros agentes sociais que participavam do processo, em especial, o CONFEF. O CBCE, conforme está disposto no histórico do Parecer 058/2004, contentou-se em “aprimorar” o que já estava dado às DCNs dos cursos de

graduação em educação física.

O único agente social participante do processo e que optou por não aderir à comissão que encaminharia a versão definitiva do Parecer nº. 058/2004 foi a EXNEEF. Aliás, resolveu não aderir à comissão e denunciar o falso consenso que havia se estabelecido em torno dela

1.2.1 Contradições nas Diretrizes Curriculares dos Cursos de Formação em Educação Física e os movimentos de resistência à submissão ao mercado

O interesse pelo tema sobre a formação profissional do trabalhador-profissional da área da Educação Física ampliou-se e dominou boa parte da discussão da área de educação física nas décadas de 1980, 1990 e 2000, mantendo-se nos dias atuais como assunto importante no interior da comunidade acadêmica. Isso contribuiu para incrementar a produção científica sobre a temática, fato evidenciado pelo aumento do número de estudos analíticos publicados em periódicos, livros e anais de trabalhos apresentados em eventos³⁶.

No âmbito dessa discussão podem ser destacadas duas formas ou concepções diferenciadas de abordar e entender o assunto, antagônicas entre si e que representavam dois grupos de interesses presentes na comunidade acadêmica, nas instituições e nos movimentos sociais que se articulam no âmbito a educação física. Tais concepções demonstram algumas das contradições presentes no processo: à concepção dos grupos de interesse que defendiam uma formação que atendesse as demandas “do” e “das” leis do mercado (mercado este que nesse período iniciava e consolidava processo de mudança em função da reestruturação produtiva no Brasil), se opõe a concepção crítica de outros grupos de interesse, que condena a perspectiva reprodutora das relações sociais de exploração atuantes

³⁶ Neste contexto, se destacam o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), periódico científico do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e a Revista Movimento, periódico científico publicado pela Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

neste mesmo mercado. Estes grupos (entre eles representantes do CBCE, do Movimento Nacional dos Estudantes de Educação Física, entre outros), procuravam apontar alternativas à formação propostas pelas diversas comissões de especialistas que foram criadas no decorrer do processo para encaminhar a reestruturação dos cursos de educação física a partir da elaboração de novas diretrizes curriculares para esta área.

Na verdade, para esses últimos, a “nova” realidade do mercado de trabalho que se apresentou para o profissional de Educação Física, a partir de fins da década de 1970 não se tratou exatamente (ou apenas) de uma “ampliação”³⁷, mas também e fundamentalmente de mudanças significativas que atingiram o mundo do trabalho como um todo. Tais mudanças foram decorrentes do processo de reestruturação produtiva, isto é, da resposta dada pelo capital à crise de acumulação que assolou as formações sociais capitalistas a partir dos anos 1970, com princípios ditados pelo neoliberalismo³⁸.

Características dessas mudanças foram estudadas por diversos autores destacando-se o aumento do desemprego, perda de direitos trabalhistas e, conseqüentemente, aprofundamento da precarização nas relações de trabalho (FRIGOTTO, 1999; ANTUNES, 1999). Especificamente, no que se refere ao profissional de Educação Física, notar-se-á que o exercício da profissão no “novo” mercado estará configurado por relações trabalhistas informais (sem carteira assinada e, portanto, sem direitos trabalhistas tais como 13º salário, férias, descanso remunerado, FGTS, entre outros), excesso de horas de trabalho, pagamento por hora trabalhada, diversidade de locais de trabalho, baixa remuneração, terceirização, etc. Vale dizer que tais relações efetivaram-se tanto no espaço escolar (público e privado), quanto no espaço não escolar de atuação do profissional de Educação Física.³⁹

³⁷ Taffarel (1997, p. 44) apontou que “aparentemente, e só aparentemente, os campos de trabalho para o profissional de educação física e esporte se expandem, enquanto amplos setores são excluídos do acesso às riquezas socialmente produzidas.”

³⁸ De um ponto de vista bastante genérico, neoliberalismo é uma teoria econômica que defende a não intervenção do Estado na economia. Este setor, para os defensores desta teoria, deve ser controlado pelas leis do mercado. Sobre o assunto, ver Passet (2002).

³⁹ Adiante, no capítulo III, demonstraremos esta realidade a partir dos dados pesquisados (LEMOS, VERONEZ, 2011).

Porém, as propostas daquele segundo grupo não lograram hegemonia no processo de reestruturação curricular dos cursos de formação do trabalhador da área da educação física estabelecido por longo tempo.

A ascensão de Lula ao Governo Federal provocou uma mudança nas relações entre governo e movimentos que vinham fazendo a crítica ao processo de elaboração das DCNs no âmbito da educação física. Porém, ao invés destes movimentos permanecerem com sua postura crítica, foram cooptados, integrados e enquadrados aos interesses particulares que já detinham hegemonia no processo. Exceção a isso, mantendo a postura de resistência, encontra-se a ExNEEF e alguns grupos de estudos vinculados a (poucas) IES.

No âmbito das reformas curriculares, no interior das IES, parece-nos que o mesmo vem ocorrendo, isto é, uma aceitação acrítica do que está posto, com poucos elementos de ressignificação sobre as normas estabelecidas oficialmente.

2 OS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEF/UFPe E UNIJUÍ: UMA ANÁLISE DOS DOCUMENTOS SOBRE O QUE FOI PROPOSTO PELAS UNIVERSIDADES

A educação não tem como objeto real armar o cidadão para uma guerra, a da competição com os demais. Sua finalidade, cada vez menos buscada e menos atingida, é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo. A educação feita mercadoria reproduz e amplia as desigualdades, sem extirpar as mazelas da ignorância. Educação apenas para a produção setorial, educação apenas profissional, educação apenas consumista, cria, afinal, gente deseducada para a vida. (MILTON SANTOS. O espaço do cidadão. 5. ed. São Paulo: Nobel, 1998. p 126).

Neste capítulo descrevem-se e analisam-se documentos que expressam a materialidade dos currículos⁴⁰ dos cursos de Educação Física da ESEF/UFPe e da UNIJUÍ desde suas criações até o ano de 2006⁴¹.

No primeiro momento, descrevemos o contexto da criação da ESEF/UFPe, os documentos que registram o surgimento do curso de Educação Física nesta universidade e de seu currículo. Em seguida, analisamos o Currículo Pleno do Curso de Educação Física - Licenciatura Plena em Educação Física e Licenciatura Plena em Educação Física e Técnica Desportiva -, que entrou em vigor no ano de 1971.

Em pesquisa realizada, encontramos alguns documentos nos quais detectamos que a partir de 1988 ocorreram algumas mudanças no Currículo Pleno do Curso de Educação Física da ESEF/UFPe. Neste momento, ESEF/UFPe se adéqua à Resolução nº. 03/87 – às novas Diretrizes Curriculares

⁴⁰ As expressões Currículo, Currículo Pleno, Projeto Político Pedagógico e Proposta Pedagógica são aqui considerados similares. Nós as utilizamos de acordo com a nomenclatura presente nos documentos analisados.

⁴¹ Propomo-nos a analisar os currículos das duas universidades até o ano de 2006, pois possivelmente são os ingressantes (até este ano) que têm possibilidades de estarem inseridos no mercado de trabalho como egressos(as) do curso de Educação Física, no período em que esta pesquisa foi realizada.

(DCNs), mas opta por não criar o curso de Bacharelado. A conclusão do Curso de Graduação em Educação Física da ESEF/UFPeI resultava no diploma em Licenciatura Plena em Educação Física e Técnico Desportivo.

No início da década de 1990 houve novas modificações em torno do currículo da ESEF/UFPeI, “decorrente do processo de discussão ocorrido em seu âmbito”. Documento não oficial do Colegiado do Curso de Graduação, datado com o ano de 1993, descreve a nova grade curricular. Possivelmente esta (a grade curricular) entre em vigência, mas não encontramos registros deste documento como comprovação. Esta somente é publicada em documento oficial no ano de 1996, denominado Catálogo da Graduação (1996). Neste documento observa-se que o curso passou a ser chamado de Licenciatura Plena em Educação Física, tendo sido excluída a expressão “Técnico em Desportivo”.

Uma nova mudança no currículo do curso da ESEF/UFPeI ocorreu entre os anos de 2005 e 2006. O Curso de Licenciatura em Educação Física foi reformulado com base na Resolução do CNE/CP nº. 1 e CNE/CP nº. 2, de 2002. Também foi criado o Curso de Graduação em Educação Física (Bacharelado) parametrizado pela Resolução CNE/CES nº. 7, de 31 de março de 2004. Até o momento em que este estudo estava sendo realizado, algumas modificações foram concretizadas como decorrência de “atualizações” da referida Resolução.

Ainda, neste capítulo, apresentamos a UNIJUÍ, seguindo o mesmo “roteiro” elaborado para analisar os documentos da ESEF/UFPeI. Começamos contextualizando, localizando e demonstrando as áreas de formação do curso (área escolar e não escolar). Em seguida apresentamos a proposta do Projeto Original do Curso de Educação Física da UNIJUÍ que foi implementado no início dos anos 1990. Consta neste documento que ele foi construído nos marcos da Resolução nº. 03/87 do CFE.

No decorrer desta análise buscamos realizar um breve resgate da história original deste curso, ou seja, de como iniciou o Curso de Educação Física da UNIJUÍ nesse período. Em seguida, abordamos a Proposta do Currículo do Curso de Educação Física da UNIJUÍ dos anos 2000, que teve como objetivo de reformulação a necessidade de adequar o currículo às transformações ocorridas nos anos de 1990. Neste Currículo o aluno tinha a opção de cursar os dois

campos de aprofundamento, ou seja, a Licenciatura e o Bacharelado, em regime regular e/ou regime especial (regime de férias).

Por fim, expomos o novo Projeto Político-Pedagógico do Curso de Bacharelado do ano de 2006 da UNIJUÍ, que oferece formação na área do conhecimento em atividade física e promoção da saúde. O objetivo desta proposta foi a de atualizar o currículo para atender às demandas da sociedade, ou seja, da ampliação ou das novas demandas do mercado de trabalho. Não houve mudanças no Projeto Político-Pedagógico do Curso de Licenciatura no ano de 2006 da UNIJUÍ.

2.1 Contexto histórico e identificação da ESEF/UFPel

A Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, – ESEF/UFPel, foi criada em 09 de junho de 1971, conforme Portaria nº. 121/71, da mesma data, do Magnífico Reitor, sendo reconhecida pelo Decreto nº. 79.873, de 27 de junho de 1977⁴². Este período é singular na história do nosso país e, em especial, na educação e na Educação Física.

A sociedade brasileira vivia sob o jugo do governo ditatorial originado no golpe militar em 1964, que colocava um ponto final no governo de João Goulart, quando este tentava implantar um conjunto de reformas de base (reforma agrária, política, educacional, entre outras). Durante o governo militar, diversos Atos Institucionais (AI) regulamentaram e controlaram o comportamento político das pessoas. Aquelas que resistiam eram duramente reprimidas e, em alguns casos, exiladas, torturadas e assassinadas. Muitos tiveram seus direitos políticos cassados, foram demitidos de seus cargos, entre outras ações do governo ditatorial.

Nas universidades, a Educação Física passa a ser obrigatória para todos os cursos⁴³, com o nome de prática desportiva, distorcendo seu papel

⁴² Ao realizarmos uma pesquisa sobre os documentos que comprovem a existência da ESEF/UFPel, ou seja, tentativa de uma busca histórica, não encontramos a referida Portaria nem o referido Decreto. Estes são citados no documento ESEF/ORIENTAÇÃO AOS ALUNOS, do ano de 1981.

⁴³ O decreto-lei nº. 705 de 25 de junho de 1969, que alterou o Art. 22 da lei nº. 4024/61, tornou obrigatória a prática da Educação Física a todos os níveis e ramos de ensino. A seguir, a Educação Física foi regulamentada em todos os níveis de ensino pelo Decreto nº. 69.450 de primeiro de novembro de 1971. O Art. 2º deste decreto estipulava que “A Educação Física, desportiva e recreativa integrará, como atividade escolar regular, o currículo dos cursos de todos os graus de qualquer sistema de ensino”. Quanto aos objetivos da Educação Física no ensino superior, presentes

pedagógico, sendo utilizada para ocupar o tempo livre dos estudantes de forma a limitar, controlar, disciplinar, enquadrar o comportamento destes. Pode-se verificar pelo grande número de decretos emitidos pelo governo federal, que, é neste período que são criadas muitas escolas de Educação Física e são autorizados os funcionamentos dos cursos de licenciatura nesta área (de Educação Física). Até mesmo o tipo de formação a ser dada nestes cursos são estabelecidos por meio de resoluções editadas pelo governo militar, com o objetivo maior de impor e controlar o papel ideológico que deveria desempenhar a Educação Física.

É nesse contexto que é criada a ESEF-UFPel em 1971. Em uma versão oficial⁴⁴,

As discussões sobre a implantação da Escola Superior de Educação Física de Pelotas iniciam-se em 1969, através do Conselho Municipal de Desportos, tendo como uma das principais justificativas à implantação da Lei Federal que estendeu a obrigatoriedade da prática da Educação Física a todos os níveis de ensino. Com a aprovação desta lei, intensificou-se em Pelotas o problema de falta de professores dessa disciplina visto que, naquele período, a maioria dos professores possuía registro a título precário. Em 04/10/1969, uma reportagem no Jornal Diário Popular, intitulada “*Educação Física para 12.000 alunos, apenas 24 professores*”, assinada por Mário Rosa, salienta que nos estabelecimentos de nível médio da cidade de 24 professores, 11 possuíam registro a título precário; 13 possuíam registro definitivo, mas apenas 5 fizeram curso superior e deste apenas 4 fizeram o curso de Educação Física Infantil. Noutra reportagem datada de 24/08/1969, no mesmo jornal citado, intitulada “*Conselho Municipal de Desportos pediu criação de escola de Educação Física na UFPEL*” o autor concluiu a reportagem citando alguns problemas que a falta de uma Escola de Educação Física estava ocasionando para a cidade.

Desde sua criação em 1971 até o ano de 1999, a ESEF/UFPel não possuía prédio próprio. As aulas eram ministradas em prédios alugados, emprestados e em prédios de outros cursos da UFPel. A própria sede da escola mudou de endereço diversas vezes⁴⁵. O Curso de Licenciatura em Educação Física teve nesse período aulas em cerca de vinte (20) diferentes locais. A partir de 1999, com a compra pela universidade do prédio do Centro de Atividades do Serviço Social da Indústria (SESI) de Pelotas-RS, a ESEF/UFPel concentrou a

no Art. 3º, inciso III: “No nível superior, em prosseguimento a iniciada nos graus precedentes, por práticas, com predominância, de natureza desportiva, preferentemente as que conduzam à manutenção e aprimoramento da aptidão física, à conservação da saúde, à integração do estudante no campus universitário à consolidação do sentimento comunitário e de nacionalidade”.

⁴⁴ Ver, por exemplo, OLIZ et. al., 2009.

⁴⁵ Inicialmente na Rua General Osório, após na Praça Vinte de Setembro e, atualmente no antigo Centro de Atividades do Sesi, no Bairro COHAB, na Rua Luis de Camões. Recentemente, a administração da UFPel comprou um “novo” prédio para a ESEF, qual seja o antigo prédio da Associação Atlética do Banco do Brasil de Pelotas, localizada no centro da cidade.

maior parte das aulas em um único local, embora tenha mantido aluguéis para as aulas das disciplinas de natação, remo, tênis, ginástica artística e ginástica rítmica, além de locais para a realização de projetos de extensão, pois o “novo” prédio não comportava as necessidades de espaço físico das mesmas.

Atualmente, a ESEF/UFPel está estruturada administrativamente por: “Direção e Vice-Direção da Unidade, Conselho Departamental, Departamento de Desportos, Departamento de Ginástica e Saúde⁴⁶, Colegiado de Curso de Graduação e Colegiado de Curso de Pós-Graduação”. (Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física, 2009, p.04).

No nível da graduação, a ESEF/UFPel atua nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. Na área de ensino, oferece cursos de Licenciatura e Graduação em Educação Física (Bacharelado). A pesquisa é desenvolvida por professores e alunos, quase sempre vinculada a laboratórios e grupos de pesquisas. Os alunos do curso de graduação ainda contam com o Programa de Educação Tutorial (PET) Da mesma forma, vinculados aos laboratórios ou às iniciativas individuais de alguns professores, diversos projetos de extensão são executados, atendendo populações de crianças, jovens, adultos, idosos e Portadores de Necessidades Especiais (Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física, 2009. p. 65).

No nível da pós-graduação, a ESEF/UFPel oferece cursos de Especialização (*latu sensu*) em diversas áreas desde o início da década de 1980. O curso de Mestrado em Educação Física (*strictu sensu*) é ofertado desde o ano de 2006, com 4 linhas de pesquisa: Atividade Física, Nutrição e Saúde; Educação Física, Escola e Saúde; Memória, Corpo, Esporte e Formação Profissional; Aprendizagem, Desenvolvimento, Currículo e Formação.

Atualmente, mais precisamente no segundo semestre de 2010, após passar por processo de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e por indicação desta, o curso de mestrado passou a contar com duas áreas de concentração – linhas de pesquisa: quais sejam: a primeira área: Atividade Física, Saúde e Desempenho, as Linhas de pesquisa desta área são: Atividade Física e Saúde e Atividade Física e Desempenho; a segunda área: Educação Física, Ciências Sociais e Humanas, e as Linhas de pesquisa desta área

⁴⁶ Estrutura herdada do período ditatorial e não alterada até o momento. Ver: Decretos-Lei n.º 53, de 1966, e n.º 252, de 1967, que implementam a reforma universitária da ditadura militar.

são: Memória, Cultura e Sociedade, Aprendizagem Motora e desenvolvimento e Escola, Formação e Trabalho⁴⁷.

Além disso, anualmente, ocorrem a Semana Acadêmica da ESEF/UFPeI e o Simpósio Nacional de Educação Física, sendo um dos mais antigos e contínuos do país.

2.1.2 A Trajetória curricular da ESEF/UFPeI

A ESEF/UFPeI fez 40 anos em 2011. O primeiro documento elaborado, o qual explicita que a ESEF/UFPeI era composta pelo: Departamento de Ginástica e Saúde, pelo Departamento de Desportos, pela Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação e a Coordenação da Prática Desportiva. (ESEF/ORIENTAÇÃO AOS ALUNOS, 1981, p. 01).

O Currículo Pleno do Curso de Educação Física teve como base a Resolução n.º 69/69 do Conselho Nacional de Educação (CNE) – Currículo Mínimo – que estipulava os “mínimos de conteúdos obrigatórios e a duração do curso de Educação Física”⁴⁸. O curso de Graduação em Educação Física oferecia duas possibilidades de formação e resultava no “diploma em Licenciatura Plena em Educação Física e Licenciatura Plena em Educação Física e Técnica Desportiva”. (ESEF/ORIENTAÇÃO AOS ALUNOS, 1981, p. 02). O objetivo do currículo era voltado para a “formação de profissionais habilitados a lecionar no 1º, 2º e 3º graus de ensino e técnica desportiva e as atividades consequentes e afins” (ESEF/ORIENTAÇÃO AOS ALUNOS, 1981, p. 02).

O Currículo Pleno do Curso de Educação Física da ESEF/UFPeI estabelecia que o aluno deveria “perfazer o total de 113 créditos com carga horária de 2130 horas, integralizando-os no mínimo em 3 anos, e no máximo de 5 anos” para obtenção do título de Licenciatura Plena em Educação Física. Este documento especificava 4 conjuntos de matérias que constituía o currículo mínimo do Curso de Educação Física: o primeiro era constituído pelas matérias

⁴⁷ Mais informações disponíveis no site: <http://esef.ufpel.edu.br/ppgef/>, acessado dia 09 de junho de 2011, às 11h e 27 mim.

⁴⁸ O Currículo Mínimo de Educação Física dá-se pelo Parecer nº 894/69, aprovado em 2 de dezembro -1969. O referido documento foi encontrado na biblioteca da Faculdade de educação que documenta os Currículos Mínimos de vários cursos, inclusive da Educação Física. **Documenta 109** de dezembro de 1969.

básicas, em um total de 6 disciplinas; o segundo foi composto pelas matérias profissionais, em um total de 6 disciplinas; o terceiro constituído pelas matérias pedagógicas, que compunha 5 disciplinas; e o quarto era formado pelas matérias complementares, que eram divididas entre obrigatórias (2) e optativas (6) (ESEF/ORIENTAÇÃO AOS ALUNOS, 1981, p. 02).

Para que o aluno obtivesse a formação em Técnica Desportiva o mesmo deveria acrescentar em seu currículo, mais duas disciplinas da lista de desportos oferecidas pela Escola, totalizando 121 créditos. Ou seja, o aluno deveria perfazer apenas 8 créditos a mais e assim obtinha mais “uma formação”.

No documento ORIENTAÇÃO AOS ALUNOS (1981, p. 10-28) encontramos 4 anexos, sendo que: o anexo I refere-se aos anos de 1981/1983, o Currículo de Disciplinas por Departamento e Unidades, citando os nomes das disciplinas, os departamentos que as ofereciam e os locais que os alunos deveriam cursar as disciplinas; o anexo II citado para os mesmos anos, encontramos o Currículo dividido em 6 semestres, carga horária, número de créditos e pré-requisitos; no anexo III estão dispostas as ementas das disciplinas que compõem o Curso de Graduação formado por aproximadamente 54 disciplinas; o anexo 4 se refere aos cursos de extensão, citando a 1ª Clínica de Atletismo, a Ginástica Escolar Especial, o Simpósio, as siglas referentes à C.I.U e a Recreação.

A pesquisa realizada nos documentos a que tivemos acesso permite verificarmos que a partir de 1988 começaram a ocorrer algumas mudanças no Currículo Pleno do Curso de Educação Física da ESEF/UFPel. Tais mudanças são relativas à grade curricular, pois houve entre outras:

- (1) aumento no número de anos para se concluir a formação (de 3 para 4 anos);
- (2) criação de novas disciplinas;
- (3) trocas de nomes de algumas disciplinas e de seus conteúdos programáticos;
- (4) aumento da carga horária e créditos para algumas disciplinas e diminuição destes itens para outras;

(5) alteração no caráter de obrigatoriedade e não-obrigatoriedade de algumas disciplinas; e,

(6) mudança na denominação do Curso que de Licenciatura Plena em Educação Física e Licenciatura Plena em Educação Física e Técnica Desportiva passou a ser denominado Licenciatura Plena em Educação Física e Técnico em Desporto.

Esta nova denominação foi explicitada em diversos documentos dos planos de cursos das disciplinas, porém, não em todos. Tal fato, supostamente, configura certa “confusão” da parte do Colegiado de Curso de Educação Física naquele momento. Compreendemos que esta “confusão” pode ser creditada à interpretação que foi feita sobre as novas DCNs, trazidas pela Resolução nº. 03/87. Esta Resolução extingue a expressão “Técnico Desportivo” e define a estrutura curricular dos futuros cursos de Bacharelado em Educação Física.

Neste período, portanto, a ESEF/UFPel se adéqua às novas DCNs optando por não criar o curso de Bacharelado em Educação Física. A discussão levada adiante pelos professores, parametrizada pela Resolução nº. 03/87 dá-se em torno do novo currículo que passaria a determinar a formação dos ingressos no curso de Licenciatura Plena em Educação Física, com a obrigatoriedade de formação em Técnico em Desporto, diferentemente do que ocorria no currículo anterior. Neste momento, parcela da comunidade da Educação Física, especialmente aquela vinculada ao ensino privado, trazia para a pauta de discussão, as demandas do mercado, para além da escola, como justificativa à formação do bacharelado.

Nos primeiros anos da década de 1990, com o aprofundamento do processo de democratização e dos tensionamentos em todas as esferas sociais, a Universidade Federal de Pelotas, durante a gestão do Dr. Amílcar Gigante, tendo à frente da Pró-reitoria de Graduação a professora Maria Isabel Cunha, implementa a estatuinte universitária. Como resultado deste processo são propostas mudanças nos cursos de graduação da universidade, em especial, nos cursos de licenciatura. A palavra de ordem era a de “enxugar” os currículos, pois foi avaliado que os mesmos eram assentados no “aulismo”, na teoria desvinculada da prática, na desconexão da realidade da escola, entre outros.

Além disso, havia a intenção de tornar a pesquisa como elemento mediador das práticas pedagógicas⁴⁹.

A ESEF/UFPel toma parte deste processo desencadeando a discussão sobre o seu currículo. Nesse momento, diversos eventos são organizados e reuniões são realizadas sobre o assunto. No documento elaborado pelo prof. Florismar Oliveira Thomaz (1993) denominado Proposta de Currículo para o Curso de Licenciatura, consta:

Esta proposta pretende viabilizar um ensino contextualizado, onde predomine a reflexão sobre o que se faz na universidade e no Curso de Licenciatura em Educação Física, para compreender os fenômenos que acontecem na estrutura da escola e da sociedade. [...] Esta proposta apresenta uma sugestão para a organização das disciplinas, com a finalidade de promover uma prática pedagógica que ultrapasse a sala de aula, o isolamento do professor na sua disciplina e os conteúdos fragmentados e compartimentalizados.

Porém, avançou-se pouco naquele sentido. A correlação de forças e o acúmulo de conhecimento sobre currículo são fatores que não permitiram a construção coletiva de uma proposta mais progressista. No fim do processo ficaram explicitados os limites ao avanço, sendo apresentada uma proposta rebaixada em seus conteúdos, em um segundo documento encaminhado para discussão pelo mesmo professor:

Ao apresentar uma nova proposta de currículo para o curso de licenciatura, os organizadores se embasaram em dados que demonstraram os problemas de funcionamento das disciplinas, como a superposição e fragmentação dos conteúdos, necessidade de adequação das ementas das disciplinas, como a manifestação dos alunos por disciplinas eletivas que atendam os seus interesses profissionais.

Para além destes documentos não oficiais, preservados por um professor da ESEF-UFPel, restou apenas a grade do currículo implantado em 1993, pelo Colegiado de Curso da Graduação, que explicitava o número total de horas-aula do curso de licenciatura (2940 horas), o número de créditos a serem obtidos para concluir o curso (148), a duração mínima (4 anos) e máxima (7 anos) para a conclusão do curso, a grade de disciplinas, distribuídas por semestre com seus

⁴⁹ Ver sobre o assunto o Projeto A Produção do Conhecimento: novo paradigma para o ensino de graduação, 1989.

respectivos códigos, carga horária, créditos e pré-requisitos. A denominação do curso excluía a expressão “Técnico em Desporto” passando a ser Curso de Licenciatura Plena em Educação Física.

Em 1996, a UFPel publica o documento denominado Catálogo dos Cursos de Graduação da UFPel. Esta publicação teve como objetivo “trazer informações referentes aos 31 cursos de graduação que a UFPel desenvolve” (p.07). Tais informações dizem respeito apenas à “atualização das grades curriculares e ementas das disciplinas” (p.11). Verificamos que houve a exclusão do Título de Técnico Desportivo que constava no Currículo anterior. A duração do novo Curso era de oito semestres no período diurno. Neste, de forma muito reduzida, encontra-se a situação do curso, a forma de ingresso e o número de vagas, a duração do curso, o período, a titulação, a organização curricular, os objetivos, a grade curricular e as ementas das disciplinas. Explicita ainda que o “Currículo Pleno” ⁵⁰ possui 2940 horas/aula e 148 créditos. Observa-se que o “grande avanço” em termos curriculares foi exatamente o enxugamento do currículo que, em relação ao anterior, reduziu de 3480 horas e 177 créditos para as já explicitadas.

Quanto à Organização Curricular⁵¹, o Curso de Licenciatura em Educação Física possuía uma parte destinada à formação geral com disciplinas de cunho humanístico (conhecimento filosófico, humano e da sociedade) e a outra destinada à formação específica, onde eram desenvolvidas disciplinas de cunho técnico (CATÁLOGO DE GRADUAÇÃO, 1996, p. 29).

Nesta organização Curricular constava a existência de pré-requisitos, caso o aluno desejasse desenvolver projetos de ensino, pesquisa e extensão, com atividades variadas, dependendo do seu interesse. O aluno no final do Curso realizava um Estágio Supervisionado na disciplina de Prática de Ensino que durava um semestre, em escolas da rede pública.

Segundo o Catálogo de Graduação (1996, p. 29) o Curso de Licenciatura em Educação Física tinha como objetivos:

- Possibilitar a aquisição integrada de conhecimento e de competência técnica que permitam uma atuação nos campos da Educação Formal (Pré-escola, 1º, 2º, e 3º graus) e Não formal;

⁵⁰ O próprio documento faz esta denominação (p.33).

⁵¹ Essa denominação consta no próprio documento (p.29).

- Desenvolver atitudes éticas, reflexivas, críticas, inovadoras e democráticas;
- Promover o aprofundamento nos campos de conhecimento de interesse e de aptidão do aluno, estimulando-o à pesquisa e estudos à nível de pós-graduação; e,
- Propiciar a auto-realização do estudante como pessoa e como educador.

Ao analisarmos os objetivos expostos acima, observamos um currículo totalmente fragmentado. A fragmentação do curso de Educação Física entre a educação formal (área escolar) e não formal (área não escolar), ainda a fragmentação do conhecimento e competência técnica. Neste momento ainda não se apresentava o Sistema CREF-CONFEF⁵², que dois anos mais tarde vêm “ênfatizar” esta dicotomia e “regulamentar” a profissão não escolar, mas com tentativas de gerenciar a área escolar, que não lhes cabe. Como já salientamos e também veremos nas falas dos(as) egressos(as) no decorrer do terceiro capítulo, mais especificamente, desta Dissertação.

Novas mudanças ocorreram nos anos de 2005 e 2006 no referido Projeto Político Pedagógico da ESEF/UFPel, em um contexto de forte influência das políticas governamentais neoliberais. Esta tendência é evidente também nos textos das DCNs que procurou (re)acomodar estas às necessidades do mercado. Nestes moldes, o Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEF/UFPel, foi reformulado e parametrizado pela Resolução CNE/CP 2, do Conselho Nacional de Educação (2002)⁵³.

Ainda nestas instâncias, das políticas governamentais neoliberais, também foi criado o Curso de Bacharelado em Educação Física da ESEF/UFPel. Além disso, o referido curso é regido pela Lei 9696/98⁵⁴, por conta de em muitos momentos a referida Lei estar redigida no Projeto Político Pedagógico do Curso de Bacharelado da ESEF/UFPel (2005), como veremos mais adiante.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Licenciatura da ESEF/UFPel (2005-2006, p. 2), fazendo coro à retórica da regulamentação, a Educação Física “requer um profissional legalmente habilitado e competente”. Portanto, segundo o referido projeto, têm-se a necessidade de que:

⁵² Vamos tratar deste assunto mais pontualmente no capítulo III desta Dissertação e em estudos posteriores.

⁵³ O referido Parecer institui a duração da carga horária dos cursos de Licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da educação básica em nível superior.

⁵⁴ Esta Lei dispõe sobre a Regulamentação Profissional em Educação Física e cria os respectivos Conselhos Regionais de Educação Física.

[...] a Educação Física enquanto elemento da cultura que requer um profissional legalmente habilitado para a sua implementação (segundo a Lei nº. 9394, 1996 e Lei nº. 9696, 1998), bem como um currículo preocupado para com a formação de profissional competente, comprometido, crítico e participativo, que busque ajudar nas mudanças necessárias.

Entende-se a evidência da fragmentação do conhecimento e a submissão deste PPP do Curso de Licenciatura da ESEF/UFPeI (2005-2006), à ideologia e ingerência do Sistema CREF-CONFEEF. Delatamos a ilegalidade deste referido Sistema⁵⁵, pois a área escolar não é habilitada pelo mesmo, e sim pela LDBEN, Lei nº. 9394/96. Além de ser ideológico e manipulador, o referido PPP baseado no CREF-CONFEEF é mascarador da realidade social concreta.

A reformulação do PPP expõe claramente que o(a) egresso(a) formado(a) nesta área deve atuar somente na “Educação Física Escolar” (PPP do Curso de Licenciatura da ESEF/UFPeI, 2005-2006, p. 4). Além da fragmentação do conhecimento, limita o espaço de atuação e, novamente, distorce o papel do professor de Educação Física, submetendo-o(a) as leis do “mutante” mercado que convergem com as “leis” do Sistema CREF-CONFEEF. Corroborando com esta colocação, está Taffarel (2001, p. 44) apontando que o Sistema CREF-CONFEEF é um exemplo de “falso consenso” no campo da Educação Física e esportes, por sua função e seu alinhamento ideológico serem concomitantes com as classes dominantes. Portanto, seguindo esta posição verificamos que para este PPP os objetivos e pressupostos são:

[...] aponta-se para um profissional que conheça o desenvolvimento de seu aluno, sendo capaz de desenvolver atividades para indivíduos normais e portadoras de necessidades especiais, através do esporte, da dança, da ginástica e da recreação à nível escolar. Assim, o curso de **Graduação-licenciatura** da ESEF-UFPeI objetiva a capacitação do profissional para atuar na **Ed. Física Escolar**. (Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura da ESEF/UFPeI, 2005-2006, p. 4). **(grifos nossos).**

O PPP do Curso de Licenciatura da ESEF/UFPeI (2005-2006, p. 03), diz ter como intuito “valorizar os processos de ensino e aprendizagem, como atos multidirecionais e interativos, priorizando a cidadania e o respeito às

individualidades” e ainda de “reforçar a interligação entre pesquisa, ensino e extensão”. Este último item não vêm a ser “comprovado na prática”, corroborado nem provado nas falas dos(as) egressos(as) entrevistados(as) como veremos no terceiro capítulo desta dissertação. Novamente verificamos grande diferença entre a teoria e a prática, ou seja, o que está exposto no documento não se reproduz na realidade da prática social – na formação dos(as) egressos(as).

O PPP do Curso de Licenciatura da ESEF/UFPel (2005-2006, p. 04), fundamenta-se em três eixos principais: o primeiro volta-se para a concepção de homem, o segundo para a concepção de aprendizagem e terceiro para uma concepção de sociedade. O primeiro eixo canalizado para uma concepção de homem, “vai considerar todos os seus atributos e potencialidades, como a sua história e o seu desenvolvimento”; o segundo vai caracterizar esta proposta é a concepção de ensino-aprendizagem, “a aquisição e produção do conhecimento se darão em diversas instâncias, que irão além da sala de aula”; o terceiro é proposto “um estudo mais vinculado à sociedade em que se vive, acreditando que, na medida em que se conhece o contexto ou meio ambiente, se pode conhecer melhor o homem por ele gerado. Na análise do sujeito social, pretende-se oportunizar ao profissional uma visão político-pedagógica da realidade”.

A grade curricular do curso de Educação Física de Licenciatura da ESEF/UFPel (2005-2006, p. 06) está dividida em oito semestres; apresenta o rol de disciplinas a serem cursadas e a carga horária semanal e semestral. Este documento expõe que há pré-requisitos apenas para todos os estágios (estágio até a 4ª série, estágio da 5ª série a 8ª série e estágio para o ensino médio), ainda, afirma que um estágio não é pré-requisito para a realização do outro.

Ressaltamos que a elaboração do PPP do Curso de Licenciatura da ESEF/UFPel (2005-2006) foi realizada praticamente, pelo Coordenador do Colegiado do Curso da ESEF/UFPel. A participação dos(as) professores(as) reduziu-se apenas na elaboração dos Planos de Cursos das diferentes disciplinas que ministravam.

Percebemos por conta da concepção epistemológica imposta no referido PPP, que mais uma vez impera a hegemonia dos “detentores” que estão no poder

⁵⁵ Mais precisamente no capítulo III retomaremos este assunto e aprofundaremos em estudos posteriores.

no momento. O restante da comunidade tanto interna da ESEF/UFPeI – alunos, professores, funcionários entre outros, quanto externa não tiveram “voz” nem “vez” na participação deste processo. Concepção esta que vai de encontro ao que se refere na construção de um PPP, como ressaltamos no terceiro capítulo desta Dissertação.

Não foi instaurada, dentro do colegiado, qualquer discussão sobre o assunto. Quando isso ocorreu, por iniciativa de crítica de algum(a) professor(a) ou diretório acadêmico, não repercutiu no “processo” estabelecido pelo colegiado. O resultado disso é o que acabamos de descrever e o qual veremos também na parte do PPP do Bacharelado e nas falas dos(as) egressos(as) que foram entrevistados: um currículo com conhecimento fragmentado, referenciado no discurso do Sistema CONFEF e com posição unilateral de cada professor(a) com a “preocupação” de que sua(s) disciplina(s) compusessem o currículo.

Como já salientamos anteriormente, ocorreram mudanças nos anos de 2005 e 2006 no Projeto Político Pedagógico (PPP) da ESEF/UFPeI, além da Licenciatura em Educação Física; optou-se pela criação do Curso de Bacharelado em Educação Física. Encontramos as justificativas para a criação do referido curso, porque a Licenciatura não dava mais conta das “necessidades” do universo da Educação Física, ou seja, das necessidades que o mercado exigia.

A criação do curso de Graduação em Educação Física (Bacharelado) originou-se das mudanças necessárias no antigo currículo do curso de licenciatura [...] Assim o antigo curso de Licenciatura da ESEF/UFPeI não mais daria conta das necessidades do universo da Educação Física nem se adequaria ao atual arcabouço legal. (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEF/UFPeI, 2009, p. 11).

Ao analisarmos o PPP de 2009 encontramos outros motivos para criação do Projeto Político Pedagógico do Curso de Bacharelado da ESEF/UFPeI (2005-2006), os argumentos se referem principalmente “às mudanças ocorridas na área bem como as discussões travadas em diferentes instâncias e fóruns da Educação Física” (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEF/UFPeI, 2009, p. 01). Tais mudanças ocorreram na década de 1990, em torno das questões da formação profissional, “fortalecendo os espaços de reflexão e discussão de diversos assuntos profissionais e acadêmicos” com significativo aprofundamento sobre o tema, segundo o próprio documento.

Compreendemos que as “mudanças ocorridas” no mercado de trabalho, por conta da reestruturação do capital, influenciaram todos os processos formativos, inclusive esta mudança curricular, que procurou reacomodá-la às necessidades do mercado. Pois vemos que em tal proposta, apoiada em Nascimento (2002) vai ao encontro da defesa da precarização do trabalho:

[...] a dinamicidade e a complexidade do mercado de trabalho na área revelam a necessidade de este profissional assumir um novo papel na sociedade, deixando de lado a posição cômoda e estável de assalariado da administração pública ou de um organismo privado (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO DA ESEF/UFPEL, 2005-2006, p. 02).

Nesta mesma linha de pensamento, da precarização do trabalho, ainda apoiados na flexibilidade curricular no qual a formação do(a) egresso(a) está direcionada à versatilidade e adaptação:

[...] existe a necessidade de que se tenha uma formação mais versátil com capacidade para trabalhar em outros âmbitos, além da docência da Educação Física no ensino formal, assim como para adaptar-se às múltiplas situações de trabalho que ainda não são conhecidas (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO DA ESEF/UFPEL, 2005-2006, p. 02).

A seguir, este documento faz menção sobre a Lei nº. 9.696/98, e afirma que o exercício das atividades de Educação Física é “prerrogativa dos Profissionais regularmente registrados nos Conselhos Regionais de Educação Física”. Portanto, o referido PPP salienta que, com esta regulamentação, os graduados em Educação Física, para poderem atuar no mercado de trabalho devem estar devidamente registrados no Sistema CREF-CONFEEF.

O Curso Bacharelado em Educação Física da ESEF/UFPEl (2005-2006), teve como principais metas:

- (formar) um profissional que esteja atento às necessidades surgidas a partir das emergentes demandas socioculturais de um mundo caracterizado por constantes transformações;
- A formação de um profissional capaz de intervir em diferentes campos, onde estejam presentes as várias manifestações e expressões da cultura de movimento humano através da educação e reeducação dos indivíduos para a adoção de um estilo de vida ativo e saudável;
- A formação e o treinamento de indivíduos;
- A promoção de diferentes (projetos) na perspectiva do lazer, bem como outros espaços profissionais que venham a ser sinalizados. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO DA ESEF/UFPEL, 2005-2006, p. 4).

Nesta afirmativa, verificamos mais uma vez que a formação do profissional deve seguir as mudanças que surgem no mercado de trabalho no vigente modo de produção social capitalista. Os currículos mais flexíveis seguem voláteis às nuances deste mercado de trabalho, que quando exige determinada formação, reformulam-se os currículos para dar conta desta demanda. Na verdade a formação vem a responder os interesses dominantes.

Quanto à proposta de formação este Projeto Político Pedagógico, aponta que a mesma está alicerçada na ideia do modelo de universidade que busca na pesquisa, no ensino e na extensão sua legitimidade. Portanto, as atividades de pesquisa e extensão deverão estar presentes como mediadoras durante a formação:

A pesquisa como possibilidade de acesso ao conjunto de conhecimentos produzidos, seus modos de produção, bem como instância de reflexão crítica da realidade, e a extensão considerada como possibilidade de interlocução e troca com as comunidades nas perspectivas de intervenção e da investigação da realidade (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO DA ESEF/UFPEL, 2005-2006, p. 4).

Sobre a questão da pesquisa, ensino e extensão darem legitimidade à proposta de formação, neste Projeto Político Pedagógico do curso de bacharelado, as falas dos(as) egressos(as) entrevistados(as) apresentam uma realidade diversa do que este documento se propõe. Verificamos assim, que o referido documento não corresponde novamente à realidade, como veremos no terceiro capítulo desta dissertação.

A grade curricular do PPP do Curso de Bacharelado da ESEF/UFPeI (2005-2006) está dividida em 8 semestres; apresenta o rol de disciplinas a serem cursadas em cada semestre e sua carga horária e a carga horária final de todas as disciplinas que são oferecidas. Inclusive, este documento expõe que há pré-requisitos apenas para os estágios, mas um estágio não é pré-requisito para a realização do outro.

Assim, conforme já demonstramos, a forma como foi conduzida a elaboração do PPP do Curso de Licenciatura da ESEF/UFPeI (2005-2006), do mesmo modo aconteceu com a elaboração do PPP do Curso Bacharelado em Educação Física da ESEF/UFPeI. Entretanto, fica ainda mais evidente a submissão do referido curso aos ditames do Sistema CONFEF-CREF, cujas

conseqüências já conhecemos; fragmentação do conhecimento, dicotomia da área de Educação Física, precarização no trabalho dos(as) egressos(as) de acordo com o que já vimos no primeiro capítulo no referencial bibliográfico e como também veremos no decorrer do terceiro capítulo, no qual os(as) egressos(as) se manifestaram sobre o assunto. Entendemos que as mudanças que ocorreram nas propostas das DCNs dos cursos de Educação Física, ocasionaram mudanças também nos PPPs da ESEF/UFPel e que todas estão ligadas no âmago da reestruturação produtiva – aos mandos das nuances do mercado no atual modo de produção social capitalista.

2.2 Identificando o Curso de Educação Física da UNIJUÍ

O Curso de Educação Física da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ teve sua implantação no Campus Ijuí/RS em 04 de março de 1991, conforme Portaria nº. 1477 de 07 de dezembro de 1995⁵⁶. No campus Santa Rosa, seu funcionamento data de 1º de março de 1979, na época Instituto Educacional Dom Bosco (IEDB)⁵⁷. Portanto o curso de Educação Física da UNIJUÍ/Ijuí fez 20 anos em 2011⁵⁸.

No nível da graduação, o Curso de Educação Física da UNIJUÍ, oferece os Cursos de Licenciatura e Bacharelado. Os Cursos desenvolvem-se nos Campus Ijuí e Santa Rosa. As disciplinas do Núcleo Comum⁵⁹ poderão ser realizadas, também, nos Campus de: Três Passos, Panambi, e nos Núcleos Universitários de Santo Augusto e Tenente Portela. (GUIA DO ESTUDANTE UNIJUÍ 2008).

⁵⁶ Os dados que contam a história da UNIJUÍ, foram buscados em vários lugares incansavelmente: na Secretaria do Curso de Educação Física, na biblioteca do curso de Educação Física, na biblioteca do Campus da UNIJUÍ e no Museu Mário Quintana da UNIJUÍ e não foram encontrados. Encontramos esta referência apenas no site da UNIJUÍ, disponível em: http://www.unijui.edu.br/component/option,com_wrapper/Itemid,641/lang,iso-8859-1/ acessado dia 24 de agosto de 2009, às 17hs e 53 mim.

⁵⁷ Mais adiante neste capítulo, trataremos sobre um pouco da história da UNIJUÍ com o Instituto Educacional Dom Bosco. Por conta do pouco material disponível sobre este assunto, encontramos apenas um Parecer de forma fragmentada, mas que “resgata” um pouco da história, qual seja: Parecer n.º 06/91 aprovado em 17/01/91.

⁵⁸ Atualmente, localiza-se na Rua do Comércio, nº. 3000, Bairro Universitário, na cidade de Ijuí/RS.

⁵⁹ São as disciplinas ou os componentes curriculares que equivalem na grade curricular tanto para o bacharelado quanto para a licenciatura.

A UNIJUÍ tem um “diferencial” oferecendo o Curso de Educação Física (Licenciatura) na modalidade de EaD – Educação à Distância -, desde o início do ano de 2009. Em pesquisa no site⁶⁰ da UNIJUÍ encontramos a seguinte observação sobre o curso de EaD, já associada a flexibilização: “UNIJUÍ atende as necessidades de um público que precisa de qualificação profissional associada à flexibilidade de horários e locais de estudo”.

Ainda em pesquisa no site da UNIJUÍ encontramos justificativas para a existência do Curso de Educação Física na modalidade EaD: “na proposta de Educação à Distância da UNIJUÍ, embora distante fisicamente, o aluno estará interagindo com seus professores e colegas constantemente”. Acreditamos que isso se concretize por meio virtual, já que as aulas são na sua grande maioria não presencial.

Ainda no referido site, é tratada a questão dos professores que “acompanham e orientam os alunos, tanto no sentido de motivá-los a realizar suas tarefas quanto no sentido de ajudá-los em suas dúvidas” [...] “A formação acadêmica no atual contexto competitivo da globalização requer que os profissionais estejam qualificados”. Verificamos que também nesta modalidade de ensino, tanto a formação dos(as) egressos(as) quanto o trabalho do professor, já está submetida à flexibilização, o aligeiramento da formação, à precarização do trabalho e também como consequência, a desqualificação profissional. No qual os(as) egressos(as) são “formados” para adaptar-se ao mercado de trabalho, são “engessados” subjetivamente no que diz respeito ao individualismo, ainda por conta da “globalização” uma “formação” centrada na competição, onde o “mais apto” consegue inserir-se profissionalmente.

Segundo o GUIA DO ESTUDANDE DA UNIJUÍ 2008, os alunos da modalidade do EaD contam com 12 Postos de Atendimento, nos quais recebem informações, realizam pré-matrículas, inscrições para o Vestibular e podem utilizar o laboratório de informática.

Alertamos que os cursos de EaD, sob nosso ponto de vista, se transformaram em interesse comercial e mais uma forma de o mercado regular a

⁶⁰ Disponível em: < www.unijui.edu.br/edf > acessado dia 12 de novembro de 2009, as 18hs e 20 mim.

formação. E, com o “advento” das novas tecnologias – a internet, o EaD se especializou em modos de banalizar a educação superior. Por isso, há grande investida de muitas universidades particulares a esta modalidade de ensino: mais mensalidades a serem pagas para a universidade, os professores são horistas, pouco investimento em infraestrutura e material, entre outros aspectos. E o “governo” também já se deu conta do “barateamento” da educação e está implantando em diversas universidades públicas mais esta forma de ensino, que muitas vezes “vêm” com pouco conteúdo, planejamento, propiciando cursos inadequados e muitas vezes de má qualidade. Não somos contra a internet e a as novas tecnologias, entretanto, tem-se que refletir sobre os impactos da formação desses profissionais dos cursos do EaD⁶¹.

Quanto ao nível da Pós-Graduação, o Curso de Educação Física da UNIJUÍ não oferece tal formação.

2.2.1 Trajetória curricular da UNIJUÍ

O primeiro projeto do Curso de Educação Física da UNIJUÍ foi construído nos marcos da Resolução nº. 03/87 do Conselho Federal de Educação (CFE). Este projeto foi elaborado nos últimos anos da década de 1980 e implementado nos primeiros anos da década de 1990 (UNIJUÍ, 2000). Vivia-se neste momento um clima de efervescência na área da Educação Física. Alguns autores falavam e escreviam sobre uma suposta crise de identidade que se manifestava no interior dessa área de conhecimento. Outros denunciavam o vínculo dessa área com o regime militar, apontando o caráter conservador e autoritário nela existente. Observa-se também que, comungando com as críticas realizadas, buscaram

⁶¹ Por escassez de tempo, pretendemos tratar com mais profundidade desse assunto em estudos posteriores.

desenvolver propostas alternativas, sintetizando e publicando em periódicos e livros⁶².

Neste contexto, a UNIJUÍ propõe os cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física. Embora não se tenha tido acesso ao documento original da UNIJUÍ, o documento *Projeto Curso de Educação Física* (UNIJUÍ, 2000) explicita que a proposta inicial seguiu os mínimos de conteúdos e de duração determinados na Resolução nº. 03/87 do CFE. Entretanto, por meio do Parecer nº. 06/91 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE/ UNIJUÍ), aprovado em 17 de janeiro de 1991, é possível reconstruir parte da história da proposta inicial do Curso de Educação Física dessa universidade.

No ano de 1990 foram realizados estudos que envolveram o Núcleo de Educação Física da UNIJUÍ, a Pró-Reitoria de Ensino e os professores da FASEF (Faculdade Salesiana de Educação Física) de Santa Rosa visando integrar os currículos de dois projetos de curso – UNIJUÍ e IEDB –, que apresentavam diferenças conceituais e de organização. De acordo com esse documento, na exposição do Relatório, lê-se que, embora a proposta inicial do Curso de Educação Física da UNIJUÍ tenha sido reestruturada, não houve alterações na sua proposta político-pedagógica. Basicamente, as alterações propostas deram-se no sentido de “aproximar o campo teórico-prático de ambos os cursos com a [...] realidade regional” (Parecer nº. 06/91, CEPE/UNIJUÍ). Foram identificadas diferenças no currículo – na verdade, na grade curricular –, e na semestralização dos respectivos cursos. Assim, as alterações no projeto original do Curso de Educação Física da UNIJUÍ se referem:

- à adequação de linguagem e termos no decorrer do projeto, já indicada quando da sua aprovação no CEPE;
- alteração na semestralização;
- alteração na carga horária do curso de 218 para 208 créditos, com aumento de créditos em algumas disciplinas e a redução em outras, bem como substituição de disciplinas que o colegiado entendeu de maior importância para formação profissional;
- alterações de conteúdos em algumas ementas;
- alteração no número de vagas de 50 para 60;
- turno de funcionamento: do diurno para o vespertino e noturno – o que facilitará ao aluno o desenvolvimento das pesquisas, das observações nas Escolas, nos Clubes, nas Entidades Assistenciais e nos bairros, bem como contribuirá para a realização dos estudos domiciliares;

⁶² Apenas alguns exemplos: o Coletivo de Autores, a proposta Crítico-emancipatória, o Construtivismo, entre outros.

- alteração de alguns professores no corpo docente. (PARECER nº. 06/91, CEPE/UNIJUÍ).

Nesse sentido, o Parecer propriamente dito foi favorável às alterações no Projeto do Curso de Educação Física indicando, além das propostas acima expostas, a impossibilidade da unificação imediata dos dois currículos, apontando a necessidade de gradativa unificação. Os currículos passaram a vigorar para as turmas que ingressaram a partir de 1992. É interessante observar que a proposta curricular (grade curricular) ainda sofreu algumas modificações instituídas pelo Parecer CEPE nº. 30/91, de 18 de novembro de 1991. Tratou-se de modificações pontuais, como redistribuição de disciplinas nos semestres⁶³.

A Resolução nº. 03/87 do CFE⁶⁴ foi duramente criticada por diversos membros da comunidade acadêmica da área de Educação Física e, por consequência, os currículos dos Cursos de Educação Física, elaborados sob sua égide. Entre as mais contundentes encontram-se aquelas formuladas por Celi Taffarel. Em seu estudo de doutoramento, Taffarel (1993) constatou que a partir de tal resolução o conhecimento na área de Educação Física foi segregado pela ênfase na transmissão de um conhecimento fragmentado, que tem por base a divisão do trabalho e se manifesta na divisão teoria/prática nas aulas, na divisão entre pesquisa e ensino, na divisão e fragmentação de conteúdos e na divisão da formação profissional em Licenciatura e Bacharelado.

Embora no processo de elaboração do Curso de Educação Física da UNIJUÍ tenha havido a preocupação de proporcionar uma formação profissional diferenciada, “com forte sustentação teórica nas áreas das Ciências Humanas e Sociais [...]” - fato que permitiria uma percepção mais crítica “do esporte e da sua inserção no contexto social” - não existem estudos que comprovem que este “objetivo” foi alcançado. Possivelmente, contradições entre o realizado e o pretendido tenham motivado a proposta de reformulação curricular do Curso de Educação Física da UNIJUÍ, elaborada no início do ano 2000.

A proposta de reforma curricular do Curso de Educação Física, apresentada no início dos anos 2000, teve como referência a necessidade de “adequar” o

⁶³ Por exemplo, de acordo com o Parecer nº. 30/91, no segundo semestre foi acrescentada a disciplina de Estudos dos Problemas Brasileiros. Na proposta inicial esta disciplina estava prevista para ser oferecida no terceiro semestre.

⁶⁴ A Resolução nº. 03/87 estipulou que a formação dos profissionais de Educação Física seria feita em curso de graduação que iria conferir os títulos de Bacharel e de Licenciado. Além disso, fracionou

currículo às transformações ocorridas nos anos 1990. Parece-nos que as “mudanças” no mercado tiveram certa influência em tal proposta, uma vez que no Projeto elaborado pela UNIJUÍ está claramente explicitado que:

[...] a proposta do curso da UNIJUÍ já oferecia o Bacharelado, embora com uma certa timidez, já que não se tinha uma tradição no marco das instituições formadoras em Educação Física em relação a esse aprofundamento [...] assim como as possibilidades de mercado que, até então, se apresentavam incertas. **Hoje a possibilidade de mercado mudou substancialmente, se afirmando essa dimensão do bacharelado como uma certa redescoberta da Educação Física nestes espaços.** As referidas reformulações no projeto, ora apresentado, expressam essa transformação com uma certa tranquilidade, pois elencam-se dois campos distintos de aprofundamento na formação, Licenciatura e Bacharelado, mudanças essas embasadas, acima de tudo, em elementos conceituais que o cenário da Educação Física Brasileira tem hoje ensejado e desenvolvido. (UNIJUÍ, 2000, p. 5. **Grifos nossos**).

Assim, diferentemente do que ocorreu em outros cursos, a proposta apresentada permitiu a dupla formação, a partir do desenvolvimento de um projeto curricular com um núcleo comum aos dois campos de aprofundamento e uma organização curricular que oportunizou ao acadêmico cursar de forma simultânea a ambos (UNIJUÍ, 2000).

Observou-se nessa proposta a influência da corrente pedagógica denominada “crítico-emancipatória”, trazendo à tona temáticas relacionadas ao corpo sob um ponto de vista ético e estético, questões corpo-movimento-saúde – qualidade de vida, a centralidade da ascensão da cultura corporal esportiva e as políticas públicas de lazer, temas e questões estas que “serviram como ponto de sustentação às alterações do referido projeto” (UNIJUÍ, 2000, p. 6).

Para além do “mercado”, observa-se na proposta curricular do Curso de Educação Física da UNIJUÍ um tipo de formação acadêmica que facultaria “à Educação Física a delicada tarefa de introduzir os sujeitos na cultura corporal de movimento, desafiando assim o cidadão ‘a usufruir do jogo, do esporte, da dança e das ginásticas em benefício da qualidade de vida’ (BETTI, 1998, p.09)”.

A operacionalização da proposta apóia-se em dois principais aspectos: (1) regime integrado, que permite ao acadêmico cursar simultaneamente o curso de Bacharelado e o curso de Licenciatura em regime regular (período normal do semestre) e/ou em regime especial (período de férias); (2) aspectos metodológico-acadêmicos, que considera a pesquisa como elemento norteador do processo de

formação do futuro profissional, a participação efetiva dos alunos em diferentes âmbitos de intervenção profissional por meio da Extensão Universitária, além de estágios necessários ao cumprimento da determinação da LDBEN que instituiu às trezentas horas (300hs) de práticas de ensino. A organização curricular da proposta do curso de Educação Física da UNIJUÍ atende as determinações impostas pela Resolução nº. 03/87 do CFE (UNIJUÍ, 2000, p. 10-12).

Embora nesta pesquisa não nos seja possível analisar os impactos na formação profissional da nova proposta curricular do Curso de Bacharelado da UNIJUÍ, vale a pena apresentar de forma pontual aspectos do Projeto Político Pedagógico, pois revela a necessidade sentida pela universidade de atualizar o currículo a partir das demandas da “sociedade” (mercado). De acordo com o documento:

[...] o mercado de trabalho na área do Bacharelado em Educação Física tem-se ampliado com demanda de vários setores da sociedade, que objetivam a promoção da saúde, o lazer e a prática desportiva. Esse mercado exige um profissional (egresso) com uma formação generalista, diversificada e qualificada no universo da cultura corporal de movimento e com uma demanda muito específica também para desenvolver intervenções em programas de atividade física e saúde e treinamento esportivo (hotéis, hospitais, clubes, academias, clínicas, centro de lazer e esporte, empresas, associações comunitárias). (VICE-REITORIA ACADÊMICA, 2006).

O referido documento aponta para alguns aspectos inovadores na formação do Bacharel, dos quais destacamos a composição de equipe para supervisionar estágios, o aumento das horas de estágio, as práticas pedagógicas incorporadas desde o início do curso e os projetos de extensão objetivando a formação específica na promoção da saúde. Ele também aponta conexões com a Pós-Graduação e com a Pesquisa e com a Extensão, numa tentativa de articular a indissociabilidade entre essas funções da universidade.

Além de explicitar a grade curricular (com as disciplinas distribuídas por semestres e correspondentes créditos e cargas horárias), a proposta define ainda o campo de atuação profissional e o perfil profissional almejado. No primeiro caso, define clubes, academias, associações, escolinhas, hospitais, hotéis, clínicas, creches, academias, spas, asilos, entre outros. No segundo caso, define a atuação do Bacharel em espaços não escolares, a necessidade de o profissional conhecer e utilizar recursos tecnológicos relacionados à promoção da saúde, à capacidade de o

Bacharel desenvolver e gestar projetos, entre outros. A proposta em voga pode ser concluída pelo futuro Bacharel em onze (11) semestres.

Notou-se que a nova proposta de PPP para o curso de Bacharelado em Educação Física da UNIJUÍ não menciona, tal como a proposta curricular construída em 2000, o fato de o aluno formar-se nos dois campos de atuação (Licenciatura e Bacharelado). Teve-se, assim, a impressão de uma “radicalização” na diferenciação entre os dois campos, que talvez possa ser confirmada pelos próximos passos a ser dados na implantação da proposta.

Diante dos desdobramentos realizados no decorrer deste capítulo, no qual estudamos duas instituições formadoras, as quais preparam trabalhadores(as) para o mercado e mundo do trabalho, encontramos (algumas) diferenças e similitudes em seus currículos. Uma diferença importante é o fato de estudarmos uma escola pública⁶⁵ (ESEF/UFPel) e a outra uma universidade privada⁶⁶ que se diz comunitária, pública não estatal (UNIJUÍ).

A ESEF/UFPel é uma instituição pública, criada e mantida pelo poder público. A referida escola foi criada em 1971 com 21 anos de antecedência da UNIJUÍ que teve seu início nos primeiros anos de 1990. O momento histórico em que a ESEF/UFPel teve sua criação foi nos auspícios do governo ditatorial (devido ao golpe militar) que implantou um conjunto de reformas de base, sendo a educacional um exemplo, entre outras. Assim, segundo OLIZ et. al. (2009), uma das principais justificativas para sua implementação (da ESEF/UFPel) foi acatar a Lei

⁶⁵ Segundo dados do MEC 2009, uma Escola Superior é, em seu sentido **lato**, qualquer estabelecimento onde seja ministrado ensino superior. Pode referir-se a um tipo específico de escola de ensino superior. A escola pública pode ser mantida pelo poder público nas três esferas, federal, estadual ou municipal. O ensino é gratuito tanto na graduação quanto na pós-graduação. Este assunto será tratado com mais profundidade futuramente.

⁶⁶ Para o MEC 2009, as universidades privadas ou particulares não são operadas por governos, embora muitas recebem subsídios públicos, especialmente em forma de isenção fiscal ou financiamento. Podem ser: comunitária e/ou filantrópica: também chamadas de beneficentes, são mantidas por entidades sem fins lucrativos. Comunitária (o caso da UNIJUÍ) é aquela em que há em seu corpo diretivo pessoas a fim de defender os interesses da comunidade em que atua. Ainda, as universidades são instituições cujas atividades-fim são o ensino, a pesquisa e a extensão, em todas as áreas do conhecimento humano. Este assunto será aprofundado em estudos posteriores. Já, Veronez (2005, p. 66-70) em seu estudo de doutoramento, aborda a esfera pública e privada, constatando que: segundo alguns estudiosos nos dias de hoje há “uma percepção difusa, para não dizer confusa, sobre os limites que demarcam os espaços circunscritos pelo “público” e pelo “privado” [...]. Ainda, em seu estudo, aponta a crítica no pensamento de alguns estudiosos sobre “teorias que limitam ao Estado e ao mercado o papel de organização da vida social”. Em tal concepção o “‘público’ não se reduz ao estatal e nem ao ‘privado’ se reduz ao mercado”. Há uma terceira esfera de relações sociais que não se identifica nem com os interesses da vida privada, nem com o Estado. Esta visão está dividida em dois setores: um denominado “público não-estatal” (o caso da UNIJUÍ), “voltado para a ‘afirmação’ do interesse público, constituído por entidades que prestam serviços de natureza pública (ONGs, e entidades filantrópicas, entre outras)” e outro setor o “corporativo (sindicatos, por exemplo), voltado para a defesa de interesses” Veronez (2005, p. 66-70).

Federal que estendeu a obrigatoriedade da prática da Educação Física em todos os níveis de ensino (o Decreto-Lei nº. 705 de 25 de junho de 69 alterou o artigo 22º da Lei nº. 4024/61).

Enquanto a ESEF/UFPel foi criada nos marcos da Resolução 69/69 a qual estipulava o Currículo Mínimo, a UNIJUÍ teve como base na Resolução nº 03/87 do CEF que conferia os títulos de Bacharel e de Licenciado. O momento histórico da criação da UNIJUÍ não foi muito diferente da ESEF/UFPel (apesar de 21 anos mais tarde), segundo pesquisadores da área da Educação Física; (nesse momento) ainda havia uma suposta crise da área de Educação Física e um vínculo desta com o caráter autoritário e conservador predominante do regime militar.

Outra distinção entre as universidades estudadas é de que a UNIJUÍ já inicia o curso de Educação Física com um “grande diferencial”, permitindo a dupla formação, oportunizando ao acadêmico cursar de forma simultânea o Curso de Licenciatura e o de Bacharel, oferecendo os cursos em regime regular (período normal do semestre) e o regime especial (período de férias). Outro “diferencial” (atualmente) da UNIJUÍ é que a mesma oferece a formação em Licenciatura em Educação Física na modalidade de EaD – Educação à Distância. Modalidade esta que mais se observa a precarização e desqualificação profissional.

O primeiro Projeto Pedagógico da ESEF/UFPel, ou seja, o currículo de 1981 oferecia dupla formação na área da Licenciatura: o egresso obtinha o título em Licenciatura Plena em Educação Física e, para que obtivesse o título em Técnico Desportivo era necessário cursar duas disciplinas de esportes coletivos (dos quatro esportes coletivos que eram ofertados) a mais na sua grade curricular. No decorrer dos anos, as modificações que houve foram relativas apenas à grade curricular: troca de nomes das disciplinas, carga horária, valor de créditos, criação de novas disciplinas e modificação da denominação do Curso para Licenciatura Plena em Educação Física e Técnico em desporto.

Nos anos de 2005/2006 a ESEF/UFPel reformula novamente seu currículo atendendo às demandas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Só a partir deste momento é que a universidade passa a oferecer o Curso de Bacharelado em Educação Física. Portanto, apesar da ESEF ter mais anos de existência do que a UNIJUÍ, a primeira iria oferecer a opção de dupla formação para seus alunos, quatorze (14) anos mais tarde que a segunda.

A justificativa para a criação do Curso de Bacharelado da ESEF/UFPeI foi devido às mudanças sofridas pela área, culminantes com discussões ocorridas na década de 1990 nos diferentes fóruns de Educação Física. Percebe-se que esta Proposta (Bacharelado) fica submetida à Lei nº. 9696/98 que dispõe sobre a regulamentação do Profissional de Educação Física, a qual impõe que os profissionais devem estar regularmente registrados nos Conselhos Regionais de Educação Física (CREFs).

Os principais objetivos desta proposta são similares com as da UNIJUÍ que tem o intuito de formar um profissional que esteja atento às necessidades que surgem num mundo caracterizado por constantes transformações. Verifica-se claramente que o graduado em Educação Física deve ser um multiprofissional, ou seja, um trabalhador polivalente, multifuncional, flexível que precisa estar atento às mudanças que o acirrado sistema capitalista impõe (ANTUNES 2005 p. 52, NOZAKI 2001, p.05).

Diante das análises dos documentos, ou seja, dos currículos – tanto da ESEF/UFPeI quanto da UNIJUÍ, verificamos duas similitudes entre ambas. A primeira dá-se pela visão de Educação Física de forma fragmentada, quando da separação dos Cursos de Educação Física em Licenciatura e Bacharelado, pois, como já exposto por Taffarel (1993) em seu estudo de doutoramento (nessa época sobre a separação do Licenciado e do Bacharel) o conhecimento na área da Educação Física foi segregado pela ênfase na transmissão de um conhecimento fragmentado e com base na divisão entre teoria e prática nas aulas. A segunda similitude é compreendida quando ambas reformulam seus Currículos para adequarem-se às “mudanças ocorridas” no mercado de trabalho, acatando as DCNs que são mantidas por grupos de interesses que defendem que a formação do graduado tem que atender as demandas “do” e “das” leis do volúvel mercado de trabalho, como já visto no capítulo anterior e como veremos no decorrer desta Dissertação, mais especificamente no terceiro capítulo.

3 EDUCAÇÃO FÍSICA: A REALIDADE DA FORMAÇÃO E DA INTERVENÇÃO E INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS(AS) EGRESSOS(AS) DA ESEF/UFPel E DA UNIJUÍ NO MERCADO DE TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO SOCIAL CAPITALISTA

Música: Trabalhador composição: [Seu Jorge](#)

Está na luta, no corre-corre, no dia-a-dia
Marmita é fria, mas se precisa ir trabalhar
Essa rotina em toda firma começa às sete da manhã
Patrão reclama e manda embora quem atrasar

Trabalhador...
Trabalhador brasileiro
Dentista, frentista, polícia, bombeiro
Trabalhador brasileiro
Tem gari por aí que é formado engenheiro
Trabalhador brasileiro
Trabalhador...

E sem dinheiro vai dar um jeito
Vai pro serviço
É compromisso, vai ter problema se ele faltar
Salário é pouco não dá pra nada
Desempregado também não dá
E desse jeito a vida segue sem melhorar

Trabalhador...
Trabalhador brasileiro
Garçom, garçoneiro, jurista, pedreiro
Trabalhador brasileiro
Trabalha igual burro e não ganha dinheiro
Trabalhador brasileiro
Trabalhador...

Para realizar a análise sobre a formação profissional e a inserção dos(as) egressos(as) dos cursos de Educação Física da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ no mercado de trabalho no modo produção social capitalista⁶⁷, além dos estudos desenvolvidos nos capítulos anteriores, propôs-se realizar uma entrevista. O roteiro da entrevista, tipo semiestruturada, foi elaborado com o objetivo de se coletar dados que permitissem a análise do perfil do(a) egresso(a), destacando sua formação e as suas condições de intervenção profissional no mercado de trabalho na formação social capitalista. Nesse sentido classificaram-se os dados em seis categorias, a saber: (1) dados de identificação, (2) dados sobre formação profissional e formação continuada, (3) área de intervenção/atuação profissional, (4) relações/condições de trabalho, (5) atividades realizadas fora do tempo de trabalho, atividades de lazer e (6) atuação em movimentos sociais. As análises desenvolvidas neste capítulo dizem respeito, portanto, a estas categorias.

3.1 Identificando os(as) egressos(as) participantes da pesquisa

Nesta categoria, apresentamos dados que identificam os(as) egressos(as) informantes dos Municípios de Pelotas/RS e de Ijuí/RS, que participaram da pesquisa. Tais dados são relativos à idade, gênero, situação civil, etnia e número de filhos.

O total de egressos(as) participantes da pesquisa foram cinqüenta e seis (56) entrevistados(as) dos Cursos de Educação Física da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ. Estes(as) estão divididos(as) em: vinte e cinco (25) egressos(as) do Curso de Educação Física da ESEF/UFPel, sendo todos(as) os(as) egressos(as) deste grupo têm sua intervenção profissional no mercado de trabalho do Município de Pelotas/RS; o grupo foi constituído por quatorze (14) egressas do sexo feminino e onze (11) do sexo masculino. Da mesma forma, os(as) trinta e um (31) egressos(as) entrevistados(as) do Curso de Educação Física da UNIJUÍ têm sua intervenção profissional no mercado de trabalho do Município de Ijuí/RS. O grupo foi constituído

⁶⁷ Procuramos entrevistar os(as) professores(as) de Educação Física que se dispuseram participar desta pesquisa, localizados(as) em diferentes espaços de trabalho como delimitado nos PPPs e Currículos das universidades, - em espaços escolares e não escolares, cujo instrumento de trabalho é a cultura corporal. Interessava-nos a obtenção de informações em diferentes espaços para possibilitar a averiguação da existência de impactos das mudanças no mercado de trabalho no campo de intervenção profissional do professor de educação física. Assunto já abordado na parte da metodologia.

por dezessete (17) do sexo feminino e quatorze (14) do sexo masculino. O total de egressas entrevistadas (da ESEF/UFPel juntamente com as egressas da UNIJUÍ) foi de trinta e uma (31) egressas (mulheres). Quanto aos egressos (homens) tanto da ESEF/UFPel quanto os egressos da UNIJUÍ totalizaram vinte e cinco (25) egressos.

A idade das entrevistadas da ESEF/UFPel é muito variada, ficando entre vinte e três (23) e quarenta e nove (49) anos. Cinco (5) são casadas; sete (7) são solteiras; duas (2) possuem companheiros. Oito (8) informaram que não possuem filhos; seis (6) informaram que possuem filhos, sendo que três (3) delas têm apenas um (1) filho, as outras três (3) possuem apenas dois (2) filhos cada uma. Todas as entrevistadas se denominaram de etnia branca. Quanto às entrevistadas da UNIJUÍ, a idade também é muito diversificada, ficando entre vinte e sete (27) e quarenta e quatro (44) anos. Seis (6) são casadas; oito (8) são solteiras; duas (2) são separadas; uma (1) possui companheiro. Doze (12) informaram que não possuem filhos; cinco (5) informaram que possuem filhos. Entre as dezessete (17) entrevistadas, apenas duas (02) se identificaram como etnia negra ou parda, sendo que as demais (15) se denominaram brancas.

A idade dos entrevistados da ESEF/UFPel é bastante diversificada, ficando entre vinte e quatro (24) e cinquenta e três (53) anos. Sete (7) entrevistados informaram que são casados, três (3) informaram que são solteiros e um (1) informou que possui companheira. Quatro (4) egressos informaram que não possuem filhos; Sete (7) informaram que possuem filhos, sendo que cinco (5) tem apenas um (1) filho e dois (2) egressos possuem dois (2) filhos. Todos os entrevistados se denominaram de etnia branca. Quanto aos egressos da UNIJUÍ a idade dos entrevistados do sexo masculino varia entre vinte e quatro (24) e quarenta e cinco (45) anos. Oito (8) entrevistados informaram que são casados, cinco (5) informaram que são solteiros e um (1) informou que é divorciado. Oito (8) egressos informaram que possuem filhos sendo que quatro (04) egressos possuem dois (02) filhos, os demais (04) possuem apenas um filho. Catorze (14) informaram sobre sua etnia considerando-se brancos.

De forma intencional, nesta pesquisa ativemo-nos a entrevistar egressos(as) que atuam no mercado de trabalho dos referidos municípios. Também atentamos para entrevistá-los em diferentes momentos de suas vidas e tempo de exercício da

profissão. Grande parte dos(as) egressos(as) já constituiu família e a situação civil referida é a de casados(as) e com filhos(as).

Interessante notar que, de forma não intencional, a quase totalidade dos entrevistados (as) são de etnia branca. Encontraram-se apenas duas representantes de outra etnia (uma parda e uma negra), entre as egressas da UNIJUÍ, inseridas no mercado de trabalho, ou seja, nos locais pesquisados, para serem entrevistadas.

É sabido que a situação dos negro-pardos é significativamente mais difícil do que a dos não negros quando a questão é sua inserção no mercado de trabalho. Em maior número, estão desempregados, ganham menor valor nos salários para realizar as mesmas tarefas dos não negros e, também, são menos vistos em postos mais altos⁶⁸.

Por outro lado, o acesso à universidade é um tanto mais dificultado, devido às condições sociais e econômicas, aos negros e demais etnias não brancas. Sobre este fato, nos vale ressaltar que a Política das Cotas Raciais é uma das formas do sistema capitalista utilizar mais uma das suas ideologias reacionárias, a do “fazer de conta” que realmente o(a) negro(a) está inserido(a) no espaço universitário. Segundo o Coordenador Nacional do Movimento Negro Socialista e dirigente da Esquerda Marxista do Partido dos Trabalhadores (PT), José Carlos Miranda (2010)⁶⁹, as cotas são “verdadeiras armadilhas, principalmente ideológicas, que a burguesia cria com o objetivo de manter a sua dominação de classe e evitar a revolta dos oprimidos. O capitalismo no período de desenvolvimento das forças produtivas criou uma das mais reacionárias ideologias: o racismo” que na verdade reforça a desigualdade social.

Ainda sobre a contrariedade em relação às políticas de cotas, houve várias manifestações⁷⁰ convocados pelo Movimento Negro Socialista. As lideranças do movimento parlamentar, sindicatos, estudantes de várias etnias, negros,

⁶⁸ Sobre o assunto, ver SBPC. Revista Com Ciência. O Brasil Negro. População negra no mercado de trabalho. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/negros/05.shtml>>. Acesso em: 20/04/2011.

⁶⁹ Dado disponível em: http://www.marxismo.org.br/index.php?pg=artigos_detalhar&artigo=507. Referente à Audiência Pública no Supremo Tribunal Federal sobre cotas raciais em cinco de março de 2010. Acesso em: 20/04/2011.

⁷⁰ Para ver mais sobre o assunto acessar: <http://blogestefane.blogspot.com/>. Mais de 100 militantes antirracistas negros, sindicalistas, lideranças do movimento popular e parlamentares, realizaram protesto histórico nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo. Acesso em: 25/04/2011.

antirracistas e parlamentares fizeram parte da manifestação. Corroboramos com Miranda (2010) que esta política não tem nada a ver com as reivindicações dos(as) trabalhadores(as), muito menos com reivindicações democráticas, elas na verdade se destinam imortalizar a competição inerente do sistema capitalista e “transforma o proletário em cidadão da corporação cotista sem ligação com sua classe ou origem social”. Portanto, “seu objetivo é destruir os movimentos negros que buscam o caminho do socialismo sem poder ajudar toda a classe operária”⁷¹, criando mais obstáculos para que a classe trabalhadora não seja mais ultra-explorada. Salientamos a importância da conscientização e de organização do proletariado como classe, (inclusive os cidadãos da etnia negra), ou seja, da tomada de consciência deste sistema classista, e unidos em direção ao o “combate” na tentativa de superação dessa formação social e construção de um projeto histórico que seja superador deste descomedido sistema capitalista.

Objetivamente, não encontramos em nenhum momento nos Projetos Pedagógicos/Currículos tanto da ESEF/UFPel quanto da UNIJUÍ, questões que tratam das diferenças, tais como gênero e etnia etc. Entrementes, para realizarmos as entrevistas com os(as) egressos(as) em seus espaços de intervenção/inserção profissional do(a) professor(a) de Educação Física, nos embasamos nos Projetos Político Pedagógicos/Currículos de cada uma das universidades destarte, como melhor explicitado na parte Introdutória desta dissertação.

Para dar seguimento ao trabalho, outros dados identificadores dos informantes constituem as diversas categorias e subcategorias de análise que dar-se a seguir.

⁷¹ Apesar de não ser foco principal deste estudo, mas por estudarmos o Materialismo Histórico

3.2 Dados sobre formação profissional e formação continuada

Nesta categoria apresentamos os dados relativos à formação profissional dos(as) participantes da pesquisa, isto é, os anos de término dos cursos de graduação, a titulação e currículo correspondente e ainda o tempo necessário para graduar-se em educação física; a formação em outros cursos de graduação; a realização de pós-graduação (especialização, mestrado e/ou doutorado); participação de Cursos de extensão e eventos científicos dentro da área da Educação Física; participação em projetos de pesquisa e de extensão. Também se arguiu os egressos se em seu tempo de formação a universidade ofereceu a oportunidade de participar em projetos de pesquisa e/ou extensão; se houve produção científica, entre outras questões relevantes para este estudo.

Quanto aos anos de término dos cursos de graduação, a titulação e currículo correspondente das egressas entrevistadas da ESEF/UFPel, encontramos quatro (4) delas que se formaram nos anos de 1981 e 1982, 1988 e 1989, as quais obtiveram a titulação em Licenciatura Plena em Educação Física e Licenciatura Plena em Educação Física e Técnica Desportiva. A Legislação correspondente era a Resolução 69/69 do (CNE) - o Currículo Mínimo.

Já as demais, Dez (10) egressas entrevistadas da ESEF/UFPel que se formaram após os anos de 1989, todas, obtiveram a formação em Licenciatura Plena. Sendo uma (1) formada em 2005; sete (7) formadas em 2006; uma (1) formada em 1993; uma (1) formada em 1991. A Legislação correspondente era a Resolução MEC/CFE n.º 03/87 que estipulou que a formação dos profissionais de Educação Física seria feita em curso de graduação que iria conferir os títulos de Bacharel e de Licenciado.

O tempo necessário para completar o curso entre as egressas entrevistadas ESEF/UFPel variou entre três (3) e cinco (5) anos⁷². Os motivos relatados que justificam as informações obtidas das egressas de modo geral é o excesso de trabalho fora da área da educação física, estágios para conclusão de outro curso

Dialético, pretendemos abordar e aprofundar este tema em estudos posteriores.

(magistério) e reprovação em disciplinas práticas por não atingir o índice exigido pela disciplina. Três (03) egressas entrevistadas da ESEF/UFPel levaram um (1) ano a mais para se graduarem, ao invés de três (3) anos, passaram para quatro (4) anos para concluir sua formação.

Apresentamos como exemplo a egressa entrevistada (P01) que trabalhava fora da área da educação física para poder sobreviver ao mesmo tempo em que realizava o curso de graduação, este motivo segundo a egressa foi o que ocasionou a sua formação dar-se após o período padrão.

Porque eu trabalhava... quando eu entrei na faculdade eu era bancária. Eu entrei na ultima turma que foi três anos. E aí como eu trabalhava, [...] no ultimo ano, tive que me demitir, aí sim em 87 aí eu só estudei, fazia disciplinas, créditos. (P01)

Outro exemplo dentro do contexto de graduar-se após o período padrão, a entrevistada (P06) afirma que levou um (1) ano a mais para se graduar porque reprovou em uma disciplina (1978/1981). A fala desta entrevistada aponta elementos que nos permitem inferir sobre a constituição fragmentada que era o Currículo Pleno do Curso de Educação Física da ESEF/UFPel. Observa-se, pela fala da egressa, que o mais importante era a “prática” e a *performance* desta “prática”, possivelmente descolada da teoria. A egressa salienta a dicotomia entre saber e fazer presente em processos de avaliação naquele momento utilizados pelos professores. Salientamos a hegemonia do conteúdo esporte, a partir da análise da grade curricular do momento de formação desta egressa. O currículo descrevia inúmeras disciplinas esportivas chegando, por vezes, a um total de cinco (5) semestres (caso, por exemplo, do Atletismo). Mesmo já sendo excessivamente esportivizado, ainda era necessário fazer no mínimo mais duas disciplinas no âmbito dos esportes coletivos, para adquirir o título de “técnico desportivo”.

[...] eram três anos e eu reprovei numa disciplina de atletismo [...] porque eu não corrida... (risos). Era verdade mesmo, né? Era por índices. Na verdade a gente era avaliado na disciplina não pelo que a gente aprendia, mas pelo que

⁷² O aluno padrão deveria completar o curso em três anos, de acordo com a Resolução 69/69 e em quatro anos, de acordo com a Resolução nº. 03/87.

a gente conseguia desempenhar naquela época! Então tinha que correr bem 100 metros, tinha que correr prova de fundo, tinha que saltar bem, então as notas eram em cima dos índices que a gente alcançava. Eu nunca fui uma atleta, né? Eu não conseguia nunca alcançar os índices de alguma forma. (P06)

A egressa entrevistada da ESEF/UFPel (P05) que levou maior tempo para conclusão do curso de graduação – cinco (5) anos -, ingressou quando já haviam ocorrido mudanças no currículo e, entre estas, o acréscimo de um (01) ano, sendo necessário, portanto, quatro anos no mínimo para concluir o curso de Licenciatura Plena em Educação Física e Técnica Desportiva. O atraso da conclusão do curso foi por estar realizando estágios do curso de magistério e por ter que trabalhar para se sustentar ao mesmo tempo em que se graduava em educação física.

[...] eu tinha que fazer o estágio pro magistério e aí eu não pude fazer todas as obrigatórias do ano e aí atrasou um ano. E também no início do terceiro ano da faculdade eu comecei a trabalhar e aí foi o que atrasou, né? Mas, mais foi em função do estágio do magistério. (P05)

Das três (3) egressas entrevistadas da ESEF/UFPel que ingressaram no currículo de três anos, mas apenas uma delas (P18) concluiu o curso dentro do período padrão, apesar das greves que ocorreram nesse período, realizadas tanto pelos alunos quanto pelos professores para reivindicar seus direitos, no sentido de melhor qualidade de ensino, melhores condições de salários e infraestrutura, entre outros assuntos.

[...] [naquele tempo o] currículo era feito em três anos... naquela época não chegou...naquela época se fazia greve de alunos, hoje em dia que eles podem fazer não fazem, porque teriam mais liberdade né... Mas não afetou o calendário. (P18)

Entre as entrevistadas da UNIJUÍ, cinco delas (5) completaram o curso em 1995; duas (2) em 1997; uma (1) em 1998; três (3) em 1999; uma (1) em 2001, 2002 e 2003 respectivamente; duas (2) em 2004. Todas as egressas da UNIJUÍ obtiveram sua formação em Graduação em Educação Física - Licenciatura Plena (conferia o Título de Bacharel e Licenciado). A Legislação correspondente à formação das entrevistadas da UNIJUÍ era a Resolução MEC/CFE n.º 03/87.

O tempo necessário para completar o curso entre as egressas entrevistadas da UNIJUÍ variou entre quatro (4) e dez (10) anos, o fator financeiro foi o maior motivo informado pelas egressas, pois o mesmo condicionava a quantidade de disciplinas a ser cursadas, outro motivo também foi relacionada ao trancamento do curso para de mudança de cidade.

Eu parei e retornei depois, porque que fui embora para o Rio de Janeiro. (E01)

...

Eu levei seis anos pra me formar, porque eu fazia poucas disciplinas por semestre por conta do financeiro. (E04)

...

Levei um semestre a mais, motivo das condições financeiras pra pagar o semestre. (E11)

...

Levei sete anos, fui fazendo três ou quatro disciplinas e assim foi indo. O financeiro... (E14)

Três (3) dos entrevistados da ESEF/UFPel completaram o curso em 2005; três (3) em 2006; cinco (5) nos anos 2000, 1992, 1999, 1986 e 1982 respectivamente. Dois (2) dos entrevistados obtiveram a formação em Licenciatura Plena e Técnico em Desporto; estes egressos formaram-se nos anos de 1982 e 1986. Os demais egressos (9) formaram-se nos Cursos de Licenciatura Plena. A Legislação correspondente à formação dos egressos da ESEF/UFPel era a Resolução MEC/CFE n.º 03/87.

O tempo necessário para completar o curso entre os egressos entrevistados da ESEF/UFPel variou entre três (3) e sete (7) anos, sendo que sete (7) egressos se formaram dentro do tempo padrão do curso. Dois (2) entrevistados P24 e P03 informaram que mesmo cursando todas as disciplinas do semestre, não conseguiram se formar no tempo padrão por motivo das greves, segundo eles:

Teve greve naquele... eu fiz exatamente dentro do módulo que eles ofereciam, né? Teve duas greves acabou que atrasou um pouquinho, né? (P24)

...

[...] teve um período de greve... por isso se estendeu mais. (P03)

Já os outros (2) dois egressos entrevistados da ESEF/UFPel,- P02 e P11 -,

não se formaram no tempo padrão por motivo do trabalho, com uma diferença que um deles (P02) saiu da cidade de Pelotas para buscar outras oportunidades de trabalho.

[...] não realizei no tempo padrão porque eu parei dois anos, tive que ir viajar procurar emprego em outras cidades, aí parei. Parei em 94 e voltei em 96. (P02)

...
Porque eu já trabalhava, eu era funcionário no Colégio [...] Eu fiz quatro anos e o curso era em três. (P11)

Entre os entrevistados da UNIJUÍ, um (1) completou o curso em 1998, 1999 e 2001 respectivamente; três (3) em 2002; dois (2) nos anos 2003, 2004, 2005 e 2006, respectivamente. Todos os entrevistados formaram-se nos cursos de Licenciatura Plena com atuação tanto na área escolar quanto na área não escolar. O tempo necessário para completar o curso entre os entrevistados do sexo masculino variou entre quatro (4) e dez (10) anos. Dois (2) egressos informaram que não realizaram o curso no tempo padrão, um (1) informou como justificativa passar por fase de transição curricular e o fator financeiro foi o motivo informado pelo outro egresso.

Deu uns cinco anos e meio, houve mudança do currículo e também peguei umas três disciplinas só. (E25)

...
Eu fazia poucas cadeiras pelo motivo financeiro. (E31)

Observa-se que os dados relativos à formação profissional dos(as) participantes da pesquisa, vinculados ao ano de término dos cursos de graduação, ao currículo correspondente e o tempo necessário para o(a) egresso(a) graduar-se em educação física, são por vezes distintos. Alguns(mas) egressos(as) da ESEF/UFPel se formaram em Licenciatura Plena em Educação Física e Licenciatura Plena em Educação Física e Técnica Desportiva, porém outros egressos se formaram em Licenciatura Plena e Técnico em Desporto, momento este em que a formação em o Técnico em Desporto passou a ser obrigatória como já discutido no segundo capítulo desta dissertação. Outros(as) egressos(as) da ESEF/UFPel se formaram em Licenciatura Plena, assim como todos os(as) egressos(as) da UNIJUÍ.

Analisando o tempo necessário para completar o Curso de Graduação em Educação Física, verificamos que os(as) entrevistados(as) da UNIJUÍ em comparação com os(as) da ESEF/UFPel levaram o dobro tempo para concluir sua formação. Entre os maiores motivos está o fator financeiro. Portanto, o principal motivo que se destaca para o atraso no processo de formação é o financeiro.

Entretanto, também houve caso de quatro (4) egressos da ESEF/UFPel que não concluíram o curso de educação física em seu tempo padrão. Vejamos que, apesar dos alunos estarem em uma universidade pública, há a necessidade no contexto do sistema capitalista, de trabalhar para dar conta de gastos com sua própria sobrevivência (alimentação, roupas, calçados, transporte, livros entre outros). A universidade, embora pública a partir dos anos de 1980, progressivamente foi (re)tirando direitos de todas as formas, transporte, alimentação passando atualmente a cobrar pelos serviços de alimentação, transporte e moradia a universidade atualmente não atende a demandada existente.

Além disso, entre os motivos explicitados pelos egressos, estão às greves que foram tanto por partes dos alunos quanto por parte dos professores. Entretanto, os motivos para sua realização eram praticamente sempre os mesmos. As lutas principais eram contra a ditadura militar, por melhores salários, pelo aumento do número de professores, por uma universidade pública, laica, gratuita e de melhor qualidade de ensino, pesquisa e extensão e, também contra o próprio sistema capitalista.

Ainda, o atraso para outro egresso, se dá também por conta de mudança de cidade à procura de novas oportunidades de emprego. Entenda-se que o egresso saiu da cidade de Pelotas/RS à procura de novos espaços de trabalho por conta da saturação do mercado e trabalho. Para outros, o atraso na conclusão do curso se dá pelo excesso de trabalho, que acaba impedindo que o aluno realize todos os créditos oferecidos para obter sua formação no período padrão.

Observe-se as contradições do “sistema”. Em que pese às medidas tomadas para o aligeiramento da formação de modo a colocar o trabalhador mais rapidamente a disposição do mercado, ampliando assim o “exercito de reserva”, o próprio funcionamento do sistema cria situações que o colocam em xeque. O mercado de trabalho saturado impõe atrasos à formação daquele que precisa

trabalhar para seu sustento e de sua família, para sobrevivência e sua permanência na universidade. Por outro lado, observa-se também que a formação (formal) não é quesito obrigatório para a inserção do trabalhador no mercado. O fato de muitos ingressantes e graduandos já estarem trabalhando, fora ou dentro da área da educação física ajuda a exemplificar a situação.

A maior parte dos(as) entrevistados(as) da UNIJUÍ passou por fases de transição curricular, sejam aqueles que se formaram até o ano de 2000, pois, no ano de 1992, logo no início da implantação do Curso de Educação Física na UNIJUÍ, ocorreram mudanças curriculares que visavam basicamente adequar à carga horária de algumas disciplinas; sejam aqueles que se formaram a partir do ano 2000, ano em que se faz uma mudança mais significativa no currículo, sendo possível ao graduando cursar um núcleo comum e dois campos de aprofundamento – bacharelado e licenciatura –, simultaneamente, possibilitando a formação como Licenciado e como Bacharel em Educação Física. Pois como vemos no Projeto de Curso de Educação Física da UNIJUÍ (2000, p. 06):

[...] o Curso de Educação Física estimula a dupla formação, a partir do desenvolvimento de um projeto curricular com um núcleo comum aos dois campos de formação, e uma organização curricular que permita ao acadêmico cursar de forma simultânea ambos.

Tais mudanças criaram também a possibilidade de os(as) estudantes cursarem as disciplinas em dois diferentes regimes (Regime Integrado): o Regime Regular e o Regime Especial, sendo que o primeiro ocorre no período regular do semestre e o segundo no período de recesso e de férias nos meses de junho- julho e janeiro-fevereiro.

Apenas aqueles(as) que ingressaram e se formaram no curso entre os anos de 1992 e 2000 e 2001 e 2006 ficaram de fora desse processo de reestruturação curricular. Uma nova mudança foi proposta a partir de 2006. Vale lembrar, como expusemos no segundo capítulo, que a mudança curricular realizada no ano 2000 tinha como um de seus motes adequar o currículo às transformações ocorridas na área de educação física na década dos anos 1990, tendo como referência o

mercado de trabalho mais consolidado para o egresso deste curso.

Averiguamos que a maior parte dos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel passou por fases de transição curricular, especialmente aqueles(as) que se formaram até o ano de 1988/1989 no chamado Currículo Pleno do Curso de Educação Física da ESEF/UFPel. Alertamos para o fato de que tanto a UNIJUÍ quanto a ESEF/UFPel (re)formulou o seu Currículo/Projeto Político Pedagógico diversas vezes. Porém, atentamos para o fato de que cada universidade realizou suas reformulações em períodos diferentes, sendo uma pública e a outra particular. Este assunto já foi demonstrado anteriormente no segundo capítulo, desta dissertação.

Sobretudo, o que nos instiga quanto aos(as) egressos(as) passarem por diversas fases de transição curricular em ambas as universidades é o fato que as transições curriculares se dão pelos motivos, quais sejam: a formulação ou reformulação nos currículos/PPP provocados pelas Diretrizes Curriculares do momento, que seguem e adéquam-se às mudanças que surgem no mercado de trabalho. Portanto, os currículos/PPP seguem voláteis as nuances do mercado. Equivale salientar e reforçar a tese de que neste contexto das relações capital - trabalho, quando o mercado exige determinada formação, reformulam-se os currículos para dar conta desta demanda.

Os(as) egressos(as) entrevistados(as) da UNIJUÍ que se formaram após as mudanças curriculares ocorridas no ano 2000, realizaram o curso no regime regular, embora a maioria tenha também cursado disciplinas em regime especial (20). Os que se formaram na vigência do currículo original afirmaram não ter a opção do regime especial (11).

O regime especial é utilizado pelos(as) egressos(as) da UNIJUÍ por diferentes motivos: como forma de atualizar a grade de disciplinas deixadas para trás, por motivo de reprovações ou impedimentos, como por exemplo, interrupção do curso por algum tempo, trabalho, falta de recursos em determinado período e para adiantar disciplinas visando encurtar o período total de formação. Entretanto, observa-se que poucos egressos conseguiram terminar o curso em tempo menor ou no tempo “normal”, previsto pelo projeto pedagógico. O fator financeiro foi o mais citado como motivo de não realização das disciplinas no período regular do curso.

[...] fiquei quase 10 anos na faculdade porque eu comecei e parei né? Eu jogava futebol no meio da faculdade e acabava tendo que sair pra vários lugares, então eu não consegui a faculdade, tive varias paradas no meio dela. (E18)

....

E outros motivos, também à distância. [...] quando eu fui pra outros lugares, que ficava longe de Ijuí, eu não podia vir pra faculdade. E também financeiramente, quando eu consegui andar mais na faculdade foi quando eu consegui jogar bola no São Luiz, que daí eu tive bolsa. Ou trabalhando na escola aqui, também que eu consegui bolsa. Ai eu consegui terminar as cadeiras. Porque financeiramente eu não podia fazer o que eu desejaria de fazer de disciplinas. (E18)

...

[...] eu levei mais tempo, no semestre tinha sete disciplinas eu fazia três disciplinas. Principalmente a questão financeira, eu não tinha condições de fazer mais disciplinas. (E15)

Entre os(as) egressos(as) da UNIJUÍ que cursaram disciplinas nos dois tipos de regime, tanto no regular quanto no especial, poucos(as) relataram não notar diferenças entre eles, embora quando estimulados(as) para explicarem sua opinião o fator tempo foi o mais explicitado. O pouco tempo foi relacionado quando era exigido realizar os trabalhos (pesquisa) pelas disciplinas que se davam de um dia para o outro.

É no tempo pode ser. A gente sentiu dificuldade, principalmente, quando a gente fazia trabalhos, né? Teria que fazer muito. Se é uma aula que a gente fazia de um dia pro outro a gente teria que pesquisa à noite, né? Fazia uma disciplina e teria pouco tempo prá pesquisa. (E7)

Aqueles(as) egressos(as) que relataram observar diferenças entre um e outro regime, a maioria reconheceu existir aspectos negativos em relação ao regime especial. Entre os aspectos negativos encontramos relatos que questionaram a rapidez, a precariedade do processo ensino-aprendizagem e a dificuldade de se conseguir aprofundar os conteúdos neste regime.

[...] eu gostava mais das aulas do regime regular porque sempre achei que o regime de férias dado com muita rapidez. Eu tinha uma certa dificuldade de acompanhar os colegas, porque na maioria das vezes eles eram professores. Então eu achava que se eu fazia o regular era mais aprofundado. Eu achava o especial assim muito supérfluo. Supérfluo não sei se é a palavra certa, mas acho que era um curso que deixava mais “à

vontade”. Acho que o regular exigia mais dos alunos. Embora eu fazia muitas cadeiras no especial, eu sentia que eu conseguia aprender bem mais no regular, nas aulas presenciais. (E01)

...
Ah, é muito matado!(E06)

Aliado ao problema da rapidez no desenvolvimento do conteúdo aparece à dificuldade de sistematizar os conhecimentos. Assim, parece que regime especial representa a possibilidade de aligeiramento da formação trazendo, em alguns casos, consequências negativas para a qualidade de ensino.

Acredito que sim, principalmente a questão de sistematização, tempo de estudos que complica um pouquinho no regime especial, que é muito acelerado o processo. (E05)

...
[...] em relação às aulas, o que muda bastante é a carga, né? No regular tu tem um preparo, tu tem uma preparação, tu tem como te organizar melhor, eu acredito. No regime especial era meio assim, tinha que dar conta num período curto de tempo, fazer trabalho, organizar as atividades. (E23)

Outra diferença relatada entre os regimes pelos(as) egressos(as) trata-se dos vínculos estabelecidos entre alunos e professores, considerados mais efetivos no “regular” (integral) e importante para o aprendizado.

Sim, no especial não sei se de certa forma a gente teria um aproveitamento maior ou não [...] durante o regular consegui manter um vínculo maior com o com o professor, com os colegas, consegue construir e muito mais conhecimento do que é essencial são encontros esporádicos com os colegas e os professores. (E22)

Transparece, em alguns discursos, apesar da crítica feita ao aligeiramento da formação e da menor qualidade do trabalho pedagógico seja em torno da contribuição para a precarização do trabalho docente nas disciplinas cursadas no regime especial. Verificamos uma visão ingênua e simplista aliada a uma perspectiva próxima do senso-comum⁷³ no que diz respeito às relações entre a formação profissional e o mercado de trabalho. A formação é entendida de um ponto

⁷³ O senso comum descreve as crenças e proposições que aparecem como normal, sem depender de uma investigação detalhada para alcançar verdades mais profundas como as científicas. Portanto, é a primeira suposta compreensão do mundo.

de vista pragmático, utilitário, ou seja, para enfrentar o mercado, para se adaptar ao mercado, para poder competir com os outros e superá-los na disputa pelo mercado.

[...] das quatro disciplinas, a diferença em termos de aplicação das disciplinas, não era tão puxado, muito trabalhos em grupos, como diz rendimento pouco, muitos alunos iam nas costas de outros, né? [...] Outra coisa que eles reclamavam demais do regime especial, então isso eu acho uma coisa que... é complicada até pra formação, não só nossa mas até dos nossos próprios colegas, né? Que vão tá competindo com nós no mercado e não vão tá preparado na verdade, né? (E03)

...
Senti que no regime especial, ah, digamos que a cobrança é menor por parte do professor, apesar tanto por questão dos alunos também do regime é uma cobrança menor devido ao tempo para a confecção de trabalhos, enfim, o tempo de estudo é menor tem 15 dias de uma disciplina. Só, então, tu não pode passá a semana toda estudando, ou tempo de folga tu não tem e acaba a cobrança sendo menor. Tu não consegue te dedicá tanto ao [...] curso. (E21)

...
[...] a impressão assim que dava era que as aulas não eram levadas muito a sério. Há grande diferença, né? Por mais que as aulas eram semanais, não eram uma vez por semana, eram todos os dias, né? Mas eu achei mais fraco. (E27)

Porém, em quantidade menor, também foi relatado aspectos positivos em relação ao regime especial. Possíveis problemas são remetidos a aspectos individuais, isto é, depende da pessoa que realiza a disciplina e não a problemas intrínsecos ao regime especial.

O ritmo da aula e, claro, depende a forma que tu, a disciplina é trabalhada, mas tem disciplinas que foram feitas e eu senti que o aproveitamento foi melhor no especial. (E31)

...
Principalmente dos alunos, não a questão dos professores. Ah, os alunos do especial são mais unidos, bem mais unidos do que o do regular. As aulas se tornavam mais criativas, mais assim, tava mais entusiasmado as aulas. (E22)

Como demonstramos no segundo capítulo, apenas a UNIJUÍ oferece a opção para os(as) egressos(as) realizarem o curso de educação física em dois regimes. O regime regular é onde acontecem às aulas do semestre normalmente, o regime especial efetua-se no período de férias, entre os regimes regulares. Compreendemos esta “opção” como mais uma forma da universidade privada adquirir mais alunos para o curso, e arrecadar maior capital financeiro, assim como

uma fábrica qualquer procede para obter a mais valia.

Apesar de na visão de alguns(mas) egressos(as) o regime especial ter aspectos positivos, a justificativa é exposta na forma do individualismo, que depende da pessoa que realiza a disciplina, contudo, não foram abordados os problemas intrínsecos ao regime especial. Entretanto na visão de outros(as) egressos(as) houve o reconhecimento de existir aspectos negativos em relação ao regime especial, entre eles: por conta da à rapidez no desenvolvimento dos conteúdos ocasiona a (pouca) apreensão, ou seja, a dificuldade de sistematizar os conhecimentos; ainda precariedade do processo ensino-aprendizagem e a dificuldade de se conseguir aprofundar os conteúdos neste regime por conta das aulas serem todos os dias, nos turnos manhã, tarde e algumas noites também, durante uma (01) duas (02) ou três (03) semanas ininterruptas.

Ainda, o regime especial representa a possibilidade de aligeiramento da formação trazendo, em alguns casos, conseqüências negativas para a qualidade de ensino. É evidente a menor qualidade do trabalho pedagógico e a precarização do trabalho docente. Assim, nesta análise para alguns(mas) egressos(as) a formação é entendida de um ponto de vista pragmático, utilitário, ou seja, para enfrentar o mercado, para se adaptar ao mercado, para poder competir com os outros e superá-los na disputa pelo mercado.

Quando questionadas sobre formação em outra área do conhecimento, 12 entrevistadas da ESEF/UFPel informaram que não se graduaram e nem tentaram formação em outra área. Já, a entrevistada (P12) estava graduando-se em Licenciatura em Dança no momento em que a pesquisa estava sendo realizada. A justificativa da entrevistada para estar cursando outro curso superior é a seguinte:

Por que... tá, eu me formei em educação física e trabalho com educação física, mas puxo pra área da dança, entende? Porque gosto, né? Uma paixão (risos). [...] Trabalho dança na educação física. (P12)

Outra entrevistada (P20) ainda não está graduando-se em outra área, mas está com intenção de buscar outra graduação. Pois:

Fiz Enem este ano [2010], pra ver se passei pra tentar ver se abre outras portas. (P20)

Sobre formação em outra área do conhecimento, das egressas questionadas da UNIJUÍ, apenas duas (2) informaram que possuíam cursos de formação, em nível de graduação, em outras áreas (Pedagogia e Administração).

Ao analisarmos as egressas entrevistadas sobre a possibilidade de formação em outra área do conhecimento, apesar de a maioria não ter buscado essa formação, duas egressas da UNIJUÍ tiveram esta preocupação. Já entre as egressas da ESEF/UFPel, uma entrevistada está buscando formação em outra área do conhecimento e a outra egressa preocupa-se em buscar outra formação como novas possibilidades de emprego, visto que a egressa trabalha meio turno no espaço não escolar.

As consequências disso (da atuação no espaço não escolar) já sabemos, precarização do trabalho no que se refere especialmente falta de direitos trabalhistas, baixa remuneração, serviço terceirizado com isso a insegurança de no outro dia ou outro mês não ter como vender sua força de trabalho para sobreviver, entre outros já discutidos no decorrer desta Dissertação.

Cinco (5) egressos da ESEF/UFPel possuíam cursos de formação, em nível de graduação, em outras áreas (Jornalismo, Tecnólogo de Computação, Fisioterapia, Farmácia Bioquímica e Administração).

O entrevistado P11 iniciou o curso de Jornalismo durante a graduação do curso de educação física. Não concluiu este curso por “por estar cursando em uma universidade particular, e [que resultou em] não poder pagar mais”.

O entrevistado P15 já possuía curso de graduação de Tecnólogo de Computação antes de realizar o curso de educação física. “Me formei em computação em 1987 e iniciei educação física em 1988”.

O entrevistado P22 após o término do curso de educação física, iniciou o curso de Fisioterapia. A justificativa para esta nova graduação é “pela pouca valorização [do curso de educação física]” e por esta área ser “mais próxima da educação física”.

Já o entrevistado P24 possuía curso de graduação em Farmácia Bioquímica antes de realizar o curso de educação física: “me formei em 1982 e iniciei educação física em 1983”. O mesmo informou que exerceu as duas profissões por vinte anos.

Exerci a profissão paralela com a educação física durante 20 anos. Chegava trabalhar sábado, domingo... conforme a necessidade, vai trabalhando, já que eu não tinha que cumprir o horário... nesse outro local. Eu ia e fazia uma prestação de serviços, aí a coisa foi mudando e eu tive que cumprir uma carga horária, e aí tive que desistir. Fiquei só na educação física. (P24)

Por fim, o entrevistado P25 após o término do curso de educação física, iniciou o curso de Administração em uma faculdade privada. Segundo o entrevistado, não concluiu o curso “em função do trabalho” [de educação física], ou seja, por ter pouco tempo para dedicar à outra esta formação.

Quando questionados os egressos da UNIJUÍ sobre formação em outra área do conhecimento, todos informaram que não buscaram esta alternativa, não justificando o porquê desta opção. Podemos supor que seja pelo motivo de estarem distantes de universidades públicas, por falta de tempo, por conta do custo da universidade privada ser muito alto. E ainda possivelmente pela grande maioria dos(as) egressos(as) que estão na área escolar não terem incentivo por parte dos órgãos públicos para esta formação.

Ao analisarmos os egressos entrevistados sobre a possibilidade de formação em outra área do conhecimento percebemos que houve mais preocupação com este quesito com os egressos da ESEF/UFPel do que os egressos da UNIJUÍ. Os argumentos para esta busca pelos os egressos da ESEF/UFPel se dão em torno da desvalorização do curso de educação física tanto no espaço escolar quanto no espaço não escolar.

Já outro egresso entrevistado da ESEF/UFPel informou que atuou paralelamente nas duas áreas para sobreviver neste acirrado sistema capitalista. Vejamos que este último egresso atuava na área da educação física no espaço formal de ensino e também no espaço não formal e ainda exercia função em outra área do conhecimento (Farmácia Bioquímica). Constatamos que este egresso vendeu sua força de trabalho de várias formas para poder sobreviver com dignidade,

chegando a trabalhar mais de três (03) turnos (60hs) ainda mais, trabalhando aos sábados e domingos como prestador de serviço sem nenhum direito trabalhista.

Quando questionados os(as) egressos(as) sobre a possibilidade de retroceder no tempo e cursar novamente o curso de Educação Física, dezenove (19) egressos(as) da ESEF/UFPel responderam afirmativamente a questão. As justificativas foram de gostar da área tanto da licenciatura quanto do bacharelado, sentir-se valorizado com a profissão e por identificar-se com esportes.

Porque eu me sinto muito realizada na profissão como profissional, não me imagino fazendo outro curso e trabalhando em uma outra área. (P08)

...

Porque eu amo minha profissão! É o que eu sempre quis desde que me conheço por gente (P07)

...

Cursei educação física por gosto. Na verdade o que me levou a cursar educação física foi à questão do gosto mesmo. Como eu jogava basquete desde os 13 anos, parecia muito natural que eu procurasse o curso de educação física. O gosto pelo esporte. Tive a sorte depois dentro do curso que não bastava gostar de esporte, precisava gostar de ensinar. Tive a sorte de gostar desse ponto de vista. Que muita gente... todo mundo faz educação física pelo gosto. Me atrevo a dizer isso ne'. Só que alguns descobrem dentro do curso ou nunca chegam a descobrir que o curso mesmo com a formação atual de bacharelado e licenciatura separados sempre será para ensinar. Então tive a sorte de a proposta me interessar. Tem gente que não! Faz educação física, continua gostando de esporte especificamente e não gosta de ensinar. E eu tive a sorte de gostar. E o que me levou foi o gosto pelo esporte. (P18)

...

Porque tem muito a ver com meu perfil. Desde nova me identificava muito com esporte. [...] (P20)

Porém, por mais que alguns(mas) egressos(as) informaram que fariam o curso de Educação Física novamente, também manifestaram insatisfação, pois em determinados períodos chegaram a pensar em buscar outras possibilidades de trabalhos (outros cursos) por conta da pouca remuneração e pelas condições precárias de trabalho.

Porque já teve um momento ..., hoje eu diria que sim, mas já me ocorreu neste tempo de formada se eu tivesse feito outra coisa. Em outras possibilidades de trabalho. Mas a educação física é o... ainda é o que eu....é o meu primeiro.... primeiro ... opção. (P05)

...

Olha eu já pensei em outros cursos já! [...] tem algumas coisas enquanto ao trabalho, remuneração que eu não gosto, mas eu gosto da profissão. (P19)

...
 [...] porque eu acho que é uma coisa que eu sempre quis desde o início. E apesar das dificuldades que a gente encontra na área do educador físico, me satisfaz e me deixa feliz... a formação. (P04)

Três (03) egressos(as) informaram que não cursariam novamente o curso de educação física se pudesse retroceder no tempo, apesar de alguns manifestarem gosto pela profissão. O desânimo por parte destes(as) egressos(as) se dá pela pouca valorização da parte financeira.

Não faria educação física novamente porque eu acho que é uma profissão meio desvalorizada ... não sei... é complicado... por exemplo onde eu trabalho agora... férias tu não tem... Tem férias no recesso porque tu não ta dando aula... (riso irônico), ai o pessoal não vai pagar... Adoro o que faço, mas é isso! (P16)

...
 Não faria pela pouca valorização. (P22)

...
 Não faria novamente. (P16)

Os outros três (03) egressos que não souberam informar se fariam novamente o curso de educação física utilizaram as mesmas justificativas relatadas pelos egressos que não fariam novamente o curso de educação física. Ainda as reclamações também são de que os profissionais de educação física são pouco remunerados e valorizados e pela área escolar dar muito trabalho e gerar muito stress.

Se eu tivesse aquela idade... hoje pra fazer, eu acho que... entraria novamente na educação física. Mas com a experiência que eu tenho hoje... tenho dúvidas. Acho que não. Não sei. (P01)

...
 Eu não sei dizer... a área escolar é muito trabalhoso e estressante. (P02)

...
 Sinceramente eu fico em dúvida. Não sei dizer se sim ou não... fico em dúvida. Porque eu vejo na parte financeira um grande empecilho pra nossa área, coisas que eu não pensava antes, mas agora eu penso e levo muito mais pra esse lado. Claro que eu gosto muito da minha profissão, mas a parte financeira é um grande problema. (P25)

Apenas uma (01) egressa informou que não faria novamente o curso de educação física por que não gostar da área.

[...] porque eu tinha... eu queria fazer é Odonto, mas não consegui passar no vestibular. Mas acabei por fazer EDF que era minha segunda opção. Não era minha primeira opção. Eu fiz educação física porque eu jogava basquete. Mas a gente acha que pode fazer educação física porque faz esporte. Mas é um erro que a gente só se dá conta depois que passa né. Pensa que basta jogar um esporte para fazer educação física. Este foi o erro. (P06)

No entanto, mesmo os(as) egressos(as) que afirmaram fazer novamente o curso de educação física apontaram outros cursos que gostariam de fazer. A grande maioria dos(as) egressos(as) faria outra graduação com cursos mais próximos da área da educação física, ou cursos mais afins com a educação física, ou, dentro da área da saúde ou da área da educação, entre eles: Fisioterapia, Enfermagem, Medicina, Nutrição, Dança, Pedagogia e Odontologia. Mas a maior justificativa se dá pelo fator financeiro.

É difícil, de repente uma Medicina, sei que é difícil, mas tentaria. Vejo muito mais pra esse lado que te falei né? a parte financeira pesa muito pra gente. Pelo financeiro (P25)

...

Tentaria Fisioterapia por ser mais próximo da educação física e por ser mais valorizado (P22)

Poucos(as) informaram outros cursos que gostariam de realizar em outras áreas não tão afins da educação física como Arquitetura, Engenharia, a, Filosofia, Matemática, Informática e Direito. A justificativa além do financeiro também foi pelo curso que seria optado já ter uma tradição na família, e por gostar dessa outra opção.

Porque é uma veia muito forte dentro da família meu avô foi advogado, deputado federal, foi advogado e professor da faculdade de direito durante muito tempo. Meu pai também foi professor da faculdade de direito até dois anos atrás. Até 80 anos. E era uma coisa muito forte. E desde meus 14 anos eu trabalhava com meu pai, trabalhava no escritório dele até terminar a faculdade de educação física né?, trabalhei com ele... claro que não... no horário integral, fazia serviço de office boy, ajudava ele dentro das minhas condições. E dentro do que ele precisava. Eu ficava olhando ele corrigir as provas em casa, então uma coisa que sempre me chamou bastante atenção. (P24)

...

Além de educação física... antes de entrar em educação física eu pensei em fazer Matemática. Nos testes vocacionais. Engenharia. Por gostar de

cálculos. Ou Fisioterapia. Uma por tá ligado a profissão de Educação Física. (P14)

...

Por gostar também. Faria algo relacionado nesta área de construção, algo de Engenharia, algo desse tipo assim. (P03)

...

Filosofia. Primeiro lugar pelo gosto. Eu sempre fui uma pessoa assim de ter um pensamento crítico, sempre li coisas assim mais aprofundadas até pra minha faixa etária até com cunho religioso, que eu sou espírita né, então lia livros com essa profundidade de quem somos, de onde viemos, pra onde vamos. Quando eu fiz o meu mestrado o meu orientador é filósofo e aí comecei a trabalhar com aqueles autores e aí gostei né. No meu doutorado já não era filósofo, mas eu trabalhei também com um viés da filosofia. Porque essa coisa do crítico né, bem isso, quem somos de onde viemos pra onde vamos, isso me atrai muito, acho bastante interessante. Então eu sempre digo, é uma questão de gosto. Aí tem uma funcionalidade mas eu sempre penso que é pelo gosto. (P18)

Em que pese às críticas realizadas pelos(as) egressos(as) da UNIJUÍ ao processo de formação, quando perguntados(as) se tivessem a opção de retroceder no tempo, optariam pelo curso de Educação Física novamente, a grande maioria dos(as) entrevistados(as) respondeu que sim. As maiores justificativas ficam em torno de que identificação com a área, pelo gosto do esporte, e pela nova possibilidade de melhor aproveitar o curso de educação física no sentido de adquirir e aprofundar mais os conhecimentos.

Porque eu gosto, me identifico na especificidade da área [...] estou dentro daquela que mais me agradou, pelo menos naquela que acho que sou mais feliz. (E05)

...

Escolheria novamente porque eu fiz uma escolha certa, uma disciplina que eu gostava enquanto aluna, né?. Gostava de esporte e continuo gostando. Fiz a escolha certa. (E13)

...

Sim, faria novamente por que... porque sempre tive uma ligação muito forte com o esporte, tenho duas irmãs uma formada em educação física a outra em pedagogia e quando eu era menino sempre fui ligada a prática desportiva, não só no futebol que foi onde eu trabalhei no período longo... um período de tempo que foi o meu trabalho, então eu fui sempre... adepto da prática desportiva, e não me vejo assim hoje, tirando o lado financeiro, de procurar outro curso ou... até mesmo porque hoje por mais que eu tenho uma certa idade, eu trabalho 30 anos de idade, se eu tivesse mesmo outro trabalho eu iria aproveitar a trabalhar a Educação física e mais outra coisa né?! (E18)

...

Báh... tanta coisa que eu faria diferente né?... seria o melhor aluno! Aproveitado muito mais né? Me dedicaria mais para as disciplinas, estudaria mais, para conhecer mais. (E28)

Os(as) poucos(as) que responderam que “não” optariam pelo curso de

Educação Física novamente caso pudessem retroceder no tempo, alegaram motivos relacionados com o mercado de trabalho na região em que moram e também a pouca gratificação financeira da área da educação física.

Porque assim vai faz quatro anos que eu me formei e tá cada vez mais difícil o mercado de trabalho. Claro nessa região aqui tá. Se tu for subir Santa Catarina aí, tu encontra melhores né, pode até melhorar, mas a gente tem que ver outras coisas, questões de família. Mas aqui tá bem difícil. Outra coisa assim que eu falo, que eu comento bastante com os meus colegas, é a questão como tem a universidade, isso se torna mais fácil para os estagiários porque o pessoal quer pagar menos, né? Aí é difícil lugares onde tu encontra professores de educação física formados que tem carteira assinada. É difícil o lugar. Que a maioria quer estagiários. É, não escolheria. (E11)

...
Não faria, de certo modo não... Porque eu comecei na UNIJUÍ fazendo administração no primeiro semestre e... e passei a fazer educação [...] tava procurando algo que fosse gratificante financeiramente, mas hoje já começo mais a pensar, já começo ir um pouco mais devagar... aí já analiso os prós e os contra. [...] (E31)

Quando questionados(as) os(as) egressos(as) da UNIJUÍ sobre a possibilidade e a vontade de realizarem curso graduação em outra área do conhecimento a grande maioria informou que sim. Os cursos mais citados foram cursos mais próximos da área da educação física, dentro da área da saúde ou da área da educação, entre eles: Fisioterapia, Nutrição, Psicopedagogia, Política da Semiótica, Pedagogia. Entretanto, alguns(as) informaram outros cursos que gostariam de fazer em outras áreas não tão afins da Educação Física no caso, entre eles, Engenharia e Jornalismo. A justificativa para esta opção complementa o financeiro e também gostar dessa outra área. Mas a maior justificativa dos(as) egressos(as) se dá pelo fator financeiro. Para alguns(mas) egressos(as) a formação em outra área do conhecimento serviria para “complementar” a formação em educação física, não seria como opção de trocar de área de atuação. Para outros(as) egressos(as) na possibilidade de se graduar em outra área estaria a preocupação com o quesito financeiro, ou seja, maior remuneração.

Algo ligado também,... Fisioterapia ou Nutrição, alguma coisa que complementar, não seria nenhuma opção que trocava por educação física, mas complementar principalmente pra mim, quer queira quer não estaria ligado à parte né,? de educação física. (E18)

...

Penderia pro lado da Política da Semiótica, talvez também na área da Psicopedagogia. (E28)

...

Ou Fisioterapia ou alguma Engenharia, mas aí mais voltada para questão financeira. (E31)

...

Atualmente se pudesse eu faria um curso vinculado à Educação, a Pedagogia destinada à supervisão escolar, orientação educacional ou coordenação pedagógica, isso né? traria mais ganhos, financeiramente. (E15)

...

Eu faria alguma coisa na área da comunicação... Jornalismo... ganharia mais que na Educação Física. (E05)

Ao analisarmos os(as) egressos(as) entrevistados(as) sobre a possibilidade de retroceder no tempo e cursar novamente o curso de educação física. Averiguamos que grande parte tanto os(as) egressos(as) da ESEF/UFPel quanto os(as) egressos(as) da UNIJUÍ fariam o curso de educação física novamente. As justificativas foram adjacentes: de gostar e se identificar com área de educação física, seja para atuação tanto na licenciatura quanto no bacharelado; por identificar-se com os esportes; e ainda de sentir-se valorizado com a profissão.

Entrementes, houve manifestação por partes de poucos(as) egressos(as) de que não optariam pelo curso de educação física novamente caso pudessem retroceder no tempo. Os motivos se dão pela pouca valorização da parte financeira da área da educação física; pelas condições precárias de trabalho advindas principalmente da área escolar; e também de grande importância para este estudo à justificativa dos(as) egressos(as), relacionado ao pouco espaço de trabalho, ou seja, a saturação do mercado de trabalho em ambas as cidades estudadas. Este assunto já foi tratado no decorrer desta dissertação e será aprofundado na “voz” dos egressos mais adiante. Estes fatores se dão pelo motivo do capitalismo através do neoliberalismo se manter hegemônico, conseqüentemente (e “naturalmente”) de constituir o sustento do projeto capitalista que é o “exército de reserva” de trabalhadores, a espera de vender a sua única fonte de sustento que é a sua força de trabalho.

A cerca da possibilidade e vontade de realizar curso graduação em outra área do conhecimento a grande maioria dos(as) egressos(as) tanto da ESEF/UFPel quanto os(as) egressos(as) da UNIJUÍ afirmaram positivamente. Os cursos mais citados foram os que tinham mais proximidade com a área da educação física, e os

cursos advindos da área da saúde e também da área da educação, entre eles: Fisioterapia, Nutrição e Pedagogia. Mas a maior justificativa se dá pelo fator financeiro e pelo gosto da outra área do conhecimento. Ao analisarmos mais profundamente esta questão de cursar outra formação superior apontada pela grande maioria dos(as) egressos(as) está impregnada “subjetivamente” o pensamento individualista e competitivo, onde o(a) egresso(a) luta contra o(a) próprio(a) egresso(a) para obter o “melhor” currículo e ser mais qualificado(a) para o mercado de trabalho. Queremos expor que há uma luta entre os(as) próprios(as) trabalhadores(as), seja, trabalhador(a) contra trabalhador(a) pelo espaço no mercado de trabalho. Esta é uma ideologia do sistema capitalista que se constitui pela naturalização do ideário neoliberal, onde os trabalhadores neste momento se querem questionam esta realidade.

Alertamos de que todos(as) os(as) egressos(as) deveriam se questionar (quanto ao individualismo, competitivismo, produtivismo, etc.) e também questionar o atual sistema capitalista, para, a partir disso, terem noção da sua classe e estabelecer comunicação, ou seja, articulação entre as classes trabalhadoras e partir para a luta contra o sistema vigente/capital, que vêm ocasionando inúmeras e diversas perdas, tanto objetivas quanto subjetivas, e ainda atacando os direitos dos trabalhadores conquistados historicamente.

Ainda acerca do tema da formação profissional foram questionados os(as) egressos(as) entrevistados(as) sobre sua visão em seu tempo de formação do Curso de Educação Física da ESEF/UFPel em termos de infraestrutura, recursos materiais, aulas, professores e disciplinas. Todos(as) os(as) egressos(as) relataram imensa insatisfação e indignação quanto à infraestrutura da ESEF/UFPel pelo motivo das aulas serem ministradas em espaços locados, emprestados ou por serem oferecidas em outros cursos da UFPel. Muitos(as) egressos(as) que se formaram nos anos de 1981, 1982, 1988, 1989, 1991, 1992, 1993, até o ano de 1999, relataram que as aulas eram oferecidas em vários lugares diferentes causando transtorno. Muitas vezes o(a) aluno(a) não conseguia sair de uma aula e chegar a tempo de assistir a outra aula, pois o deslocamento era demorado. Muitas vezes os alunos deslocavam-se a pé, de ônibus ou de bicicleta.

Ah, era muito ruim... eram vários lugares que a gente tinha aula. Os espaços que se tinha pra ter aula, era em vários lugares tudo alugado. (P01)

...

ah era horrível né! Tinha... aula lá na bolha como a gente dizia... lá no centro as instalações eram péssimas. (P05)

...

Era péssima né? Nós não tínhamos local onde fazer a prática né? A gente tinha uma prática no quartel, outra prática no brilhante, no diamantino... a prática, era uma em cada local diferente né. Então a gente tava correndo de um lado pro outro o dia inteiro para cursar. (P06)

...

Quando eu comecei a ESEF não tinha sede própria. A ESEF era... até hoje se aluga muita coisa... mas ela era realmente alugada. Era um pinga em cada locais diferentes, nós não tínhamos ginásio, não tínhamos piscina e continuamos não tendo piscina, não tínhamos pista de atletismo e continuamos a não ter pista de atletismo... só que naquela época se fazia atletismo na pista do Quartel do 9º BI, que não era nosso, era mais um lugar pra se deslocar, mas em compensação era pista de atletismo mesmo né? Hoje em dia os alunos não precisam se deslocar pra fazer "atletismo" entre aspas, mas em compensação não tem a noção do que é a pista de atletismo mesmo. [...] A ESEF deveria ter a sua pista de atletismo, a sua piscina, para a formação dos alunos e pra servir a comunidade. Então, claro que a ESEF melhorou, alguns anos depois ela veio pra sede aqui do antigo SESI aquela coisa complicada, mas veio, já ficou com duas quadras... lado a lado... depois de muitos anos temos tabela hidráulica. Tudo isso melhorou. [...] O fato é que a ESEF melhorou a sua infraestrutura física, mas não está nem perto do ideal. Nem perto do ideal. [...] (P18)

...

Nós tínhamos aula em três lugares diferentes, era ali na Consultai, a bolha, era uma estrutura muito complicada, a gente às vezes durante o dia saía do quartel pra vir na agremiação, no brilhante, era uma estrutura muito precária. (P23)

...

A gente alugava vários... locais, deslocamento mesmo... Hoje tem tudo lá no mesmo lugar. Por isso acredito que melhorou bastante. (P02)

...

A ESEF era num prédio alugada ali na praça 20 de setembro, alugada na Consultai... e era bem complicado no sentido de que era um prédio pequeno e a gente tinha muitas aulas em prédios separados. Então a gente passava o dia se deslocando... atletismo era num lugar, natação era no outro... ginástica era noutro, fisiologia noutro, anatomia entendeu. Então no mínimo até o 3º ano era muito complicado, tinha que fazer muito deslocamento. A gente perdia muito tempo em deslocamento. (P11)

...

Eles não tinham esse local novo... mas era lá... na bolha... a maioria que a gente fazia as práticas eram todas alugadas. Então, estrutura local não tinha... por ex. hoje é alugado a Speaker natação, né. Lá tinha um local razoável pra natação, só que alugado né. As práticas de vôlei e futebol variaram uma barbaridade. Futebol no brilhante,... cheguei a fazer lá no diocesano, não me lembro se era vôlei ou basquete, na quadra o do Speaker ... era coberto, tinha local, mas não próprio. Se considerar estrutura própria era muito falha né. Deslocamento era por conta dos alunos... tudo por conta própria. (P15)

...

A infraestrutura era muito ruim né, porque eu peguei todo o tempo lá da Praça 20 de setembro, e eu cheguei a pegar semestre com oito locais diferentes de aula. Tendo às vezes 15 min de sair de um local e ir pra outro. Não era de um local pra atravessar à calçada. Eram locais que às vezes eram quilômetros pra sair daqui da zona norte da cidade e ter que tá lá na ESEF. Claro que os professores até eram condescendentes,

aceitavam aquele teu atraso, nem todo mundo tinha carro, nem todos conseguiam carona, nem todos tinham condições de se deslocar... até de ônibus que acabava que encarecia, muitos iam a pé e muitos de bicicleta. [...] Então eu acho que facilita muito o aluno pra ele ficar centralizado no mesmo local. Pra não perder seu tempo ou mesmo criando vínculo com aquele seu local de dia a dia e fora os outros, as outras turmas. Acaba que muitas vezes tu não encontrava, uma turma não se cruzava com a outra porque quando uma tava a outra não tava. Então muitas vezes tu não tinha aquela relação do dia a dia com os colegas. Seja da tua turma que muitas vezes eram dividias em dois grupos por causa da parte prática ou até com a turma dos outros semestres. (P24)

As reclamações por parte dos(as) egressos(as) que se formaram a partir do momento em que a Universidade adquire o prédio do antigo SESI apenas amenizaram, porém muitos(as) egressos(as) alegaram que este local atual não dispõe de espaço físico suficiente para comportar todas as disciplinas e atividades que o Curso de Educação Física oferece. Embora parte das disciplinas seja ministrada neste único local – na Sede –, outras disciplinas são oferecidas em locais alugados, causando muitos transtornos aos alunos.

Infraestrutura regular poderia ser melhor, é pouco espaço. (P07)

...

Eu acho que é um curso em termos de infraestrutura médio, A infraestrutura da ESEF na época por ex: tinha que alugar muito dos locais onde tu fazia aula. Então eram poucas aulas lá. E a maioria das aulas eram em outros locais. Em termos de infraestrutura a ESEF ficou devendo muito. (P08)

...

Precária... [...] agora em relação à infraestrutura de “alguns” esportes, isso aí eu não tenho o que falar. (P03)

...

Horrrível. Eu peguei a ESEF onde era lá embaixo na Consultai, então não tinha ginásio. A minha formação foi bem complicada. Eu peguei só o final da vinda como transferência onde é hoje... só o finzinho desse processo. (P04)

....

Olha estrutura quando eu entrei era relativamente boa. Agora uma instituição que era... era uma faculdade que oferecia o mínimo possível pra fazer as práticas né.? (P13)

A visão dos(as) egressos(as) em seu tempo de formação da ESEF/UFPel quanto aos recursos materiais foram bastante divergentes. Para alguns(mas) egressos(as), os materiais que eram oferecidos pelos espaços alugados eram bons e suficientes, para outros os materiais eram razoáveis, já para outros os materiais eram ruins e limitados para algumas práticas e para outras não. Alguns(mas) egressos(as) levantaram a questão de que naquele tempo os materiais eram ruins

também porque a universidade não dispunha de computadores, a biblioteca era pequena e com poucos livros. Além disso, para outros(as) egressos(as) alguns materiais eram ultrapassados, no caso os aparelhos de musculação.

Eu não tive aulas de musculação por ex. não tive prática de equipamentos, nada... se eu não fizesse cursos extras eu na faculdade eu sairia assim, por exemplo, cru. Nunca teria mexido numa máquina de musculação, numa esteira... (P03)

...

Por exemplo: a aula de musculação a aparelhagem era... de 50 anos atrás... tinha lá uma aparelhagem... era bem deficitária... (P15)

...

[...] a ESEF não tinha... salas assim... pra computadores bons, mas em relação à biblioteca eu achava pior, meio fraca assim. (P16)

A visão dos(as) egressos(as) em seu tempo de formação da ESEF/UFPel quanto aos professores(as) e as aulas também foi divergente. Para nove (09) egressos(as) alguns(mas) professores(as) estavam ultrapassados com suas concepções e aulas tecnicistas; e também afirmaram que alguns(mas) professores(as) eram péssimos também porque “matavam” aulas, ou seja, não compareciam para dar às aulas. Entretanto em contrapartida, também foi ressaltado pelos(as) mesmos(as) egressos(as) que alguns(mas) professores(as) eram ótimos, pois estavam dispostos(as) a ensinar e a trocar experiências com os(as) alunos(as).

Naquela época da minha formação, na ESEF tinha uma visão bem clara, muito clara, nós passamos a década de 80 pelo processo de redemocratização, então a gente já tinha aquela identificação com um grupo de professores que tinham uma disputa, uma luta pelo espaço político, pedagógico, por querer uma educação física diferente... e tínhamos um grupo extremamente tradicional, tecnicista, voltada ao rendimento... e claramente a gente conseguia identificar com os professores. [...] a gente tinha um grupo muito forte politicamente na ESEF, coisa que depois a gente ficou sabendo que terminou. Então eu acho que por este posicionamento nós íamos muito pro embate. Tínhamos um embate muito grande, nós éramos muito questionadores nas aulas. E... isso incomodava muito... muitos professores, inclusive um deles o professor de handebol da época, ele reprovou três colegas, porque os colegas o tempo inteiro na aula desafiavam. Faziam aula, mas desafiavam aquela forma de trabalhar, o que aquilo interferia pra escola, e as técnicas que ele usava... e tinha um grupo de professores que perseguiam alguns alunos assim que... politicamente se posicionavam né. (P23)

...

Achava alguns professores muito ultrapassados. Eles eram ultrapassados, mas assim que tinham uma visão muito... é como se eles tivessem parados no tempo, mas eu acho que eles não... não acompanhavam coisas novas, entende. Não estavam por dentro e nem corriam atrás. Como se o que eles

soubessem aquilo era o correto. Como se nada mais houve, ou ia surgir ou existindo na época. (P01)

...

Tinha professores que se programavam mais... davam suas aulas que relativamente trocavam experiências boas com os alunos. Tinha alguns professores que só cuspiam o que tinham que passar ali e não faziam nada de mais. (P13)

...

[...] Não tinha professores às vezes faltavam [...] claro tem uns bons e uns maus professores né. Então eu tive bastante professores bons, acho que eu tive bastante pessoas bem boas assim... bem graduadas, mas também peguei alguns professores ruins. (P04)

...

As aulas eram aulas [...] que a gente tinha que ter bom desempenho físico. Eu tinha dificuldade também em vôlei. Então eu tinha que estudar muito a teoria, as disciplinas para alcançar a média, porque fiquei com uma média baixa na prática, teria que compensar em estudar muito. (P06)

...

As turmas eram divididas as práticas, não as teóricas, as práticas. As ditas teóricas, isto é aquelas de sentar e copiar mais e mais era misto, mas a aula prática no sentido do movimento era separado. Não tinha aula junto. Era assim, a gente tinha que usar uniforme [...] As práticas eram separadas. Tu não fazia aula prática no sentido de suar com o outro sexo. [...] eram as mulheres com mulheres e homens com homens. Mulher não fazia aula com homem e vice-versa. (P18)

...

As aulas eram bem tradicionais assim. Bem tradicionais algumas aulas a gente trabalhava com pesquisa, trabalhos em escolas, pesquisas em outras áreas também com pessoas que faziam uma atividade mais cultural. Mas as aulas em si eram o retro que a gente naquela época tinha o retro... projetor, textos pra ler, alguma coisa... bem tradicional assim, aula prática, cobrança da técnica do desempenho sempre nas aulas, algumas aulas muito mal dadas, assim a gente pegou um processo que alguns professores estavam fora pra estudo ou se aposentando [...]. (P23)

...

Naquela época, eram tecnicistas né, era a técnica pela técnica, enquanto a gente não conseguia fazer um arremesso perfeito, a gente não podia parar, a aula também era dada muito em cima disso né?. Era bem tecnicista. (P06)

...

Não contribuía muito... eu achava muito ultrapassado a visão assim dos professores já pra época. E tinha muito a divisão do que era... assim do tecnicista e do não tecnicista. [...] aí a educação física era dividida... entre alunos e professores, cada um puxava pra um lado. (P01)

Por fim, a visão dos(as) egressos(as) em seu tempo de formação da ESEF/UFPel em relação às disciplinas no sentido do tratamento coletivo e interdisciplinar do conhecimento, seja a interdisciplinaridade⁷⁴, dos(as) vinte e cinco (25) egressos(as) entrevistados(as), quinze (15) informaram que havia relação entre as disciplinas apenas naquelas que tinham pré-requisitos. Portanto, para a maior

⁷⁴ A interdisciplinaridade na qual defendemos neste trabalho difere de apenas apreensões e representações da realidade, corroboramos com Taffarel, 1993, para a qual a interdisciplinaridade é entendida na perspectiva da unidade metodológica, que significa uma forma de apreensão da realidade, em todas as suas relações e interconexões, a partir da qual se constrói o conhecimento

parte dos(as) egressos(as), as disciplinas possuíam nenhuma ou pouca relação umas com as outras, não havia relações e interconexões da realidade concreta com as disciplinas.

A gente tinha disciplinas isoladas, alguma coisa eram pré-requisitos essas tinham alguma coisa associadas, mas as outras eram bem isoladas. (P04)

...

Olha algumas sim, outras não... outras davam a sua disciplina assim meio que bem... fragmentadas.

...

Não radicalizo, mas muito falhas, daqui a pouco pegava uma disciplina que tinha 1, 2 e 3 num mesmo professor tinha uma boa sequência, mas de uma forma geral, era muito falho o currículo. (P15)

...

Por exemplo os esportes, quando o um, dois, e três tinha uma sequência, mas nem todas. (P12)

Nove (09) egressos(as) informaram que tiveram em sua formação disciplinas fragmentadas, ou seja, as disciplinas eram isoladas, não havendo um trabalho de interdisciplinaridade no sentido já explicado acima.

As disciplinas não tinham relação umas com as outras. Não! Eram isoladas, nada relacionada. (P06)

...

Eu acho que não tinha relações. Eu acho que eram fragmentadas. (P19)

...

Muito mais fragmentada na minha opinião.(P25)

...

Não havia relação entre as disciplinas. (P21)

Porém, duas (02) egressas informaram que apesar de muitas das disciplinas não possuírem vínculo umas com as outras, algumas ofereciam a possibilidade de trabalhar “interdisciplinarmente” com a realidade concreta no caso específico da área escolar – da escola, ou seja, algumas (poucas) disciplinas tinham como pano de fundo indissociar a teoria e a prática.

Não lembro de nenhuma disciplina que fazia relação com outra, a única coisa que acontecia, algumas disciplinas rompiam os muros da faculdade, olha nós vamos fazer uma interferência na escola.... nós vamos fazer uma

interferência em prática, por dentro da disciplina sim... com a comunidade algumas disciplinas tinham isso. Mas entre elas não. (P23)

...

Eu vejo mais a interdisciplinaridade com a prática, assim da escola, não interdisciplinaridade entre as disciplinas. Isso eu não via muito. Mais com a prática. (P08)

Em contrapartida, apenas um egresso informou que em sua visão as disciplinas eram trabalhadas de forma evolutiva, caracterizando relação umas com as outras.

Eu acho que era sempre feito assim de uma forma evolutiva, sempre evoluía, então era sempre... era sempre dado uma parte básica e aquilo sempre evoluía via muito na parte escolar né?... no desporto era sempre dada a iniciação no desporto, como desenvolver aquilo, pras crianças ou escolinha e assim por diante, então era sempre dado uma evolução assim. (P03)

Depreendemos que essa forma evolutiva a qual o egresso (P03) se refere passa muito longe de ser um trabalho interdisciplinar, onde se apreende a realidade em todas as suas relações e interconexões, seja, a partir (historicamente) da totalidade.

Ainda, acerca da formação profissional, os(as) egressos(as) entrevistados(as) da UNÍJUÍ foram questionados a respeito da sua visão em tempo de formação em relação da infraestrutura, recursos materiais, aulas, professores e disciplinas. Os egressos se atentaram a responder mais pontualmente as questões referentes à infraestrutura e recursos materiais, que ainda hoje é um enorme problema da universidade.

Todos(as) os(as) egressos(as) da UNIJUÍ relataram imensa insatisfação e indignação quanto à infraestrutura e recursos materiais principalmente no que se refere área do bacharelado. As reclamações são referentes às condições precárias de infraestrutura e falta de material, na visão de alguns(mas) egressos(as) o curso estava iniciando, por este motivo (entre outros) não tinha piscina, pista de atletismo oficial e os aparelhos de musculação estavam ultrapassados.

Era bem precária a infraestrutura para a área do bacharelado. Nesse sentido era bem precária. Acredito porque era um curso que tava iniciando né? Aí faltava muita coisa. (E01)

...

[...] No meu tempo, no começo o curso era precário. Não tinha nada assim, quanto o que a universidade possuía era uma quadra, na sede que a gente ocupava uma quadra externa somente... (E02)

...

Quanto à estrutura digamos assim olhando... que a infraestrutura poderia ter um pouco mais de qualidade né? Para ser uma universidade particular. (E22)

...

Ah pouco contato com a musculação, poucos aparelhos e velhos, o que foi uma coisa que eu tive que aprender fora do curso ou praticando ou conversando com as colegas sobre as disciplinas específicas, quais os fluxos de uma academia, ginástica localizada eu também amo muito. Enfim na área do fitness o contato foi pequeno. (E03)

...

A parte da Educação Física, a parte prática, na parte da infraestrutura acabou, acredito, que prejudicando um pouco. [...] A infraestrutura que é mais complica um pouco. A estrutura é um pouco fraca comparando a outras instituições privadas né? Nós temos apenas um ginásio, temos uma academia bastante bem pequena, temos um campo de futebol sete, na verdade a pista não é oficial [...] comparando a outras instituições que tem muito mais material que a UNIJUÍ. (E16)

...

Quanto à estrutura e material, horrível. E se eu te disser hoje alguma coisa do bacharelado, eu não tive. O pessoal da minha época ficou mais fora do que dentro, até porque a política do curso sempre foi uma política pedagógica. A gente nunca teve, então, na questão da parte de anatomia, fisiologia, sempre foi aquele lado que nunca voltava pro bacharelado. Parte da academia também, a maioria do pessoal que é da minha geração, da minha época buscou tudo fora. Quem aprendeu, não aprendeu aqui dentro, isso dá pra dizer de carteirinha. Se alguém falou que aprendeu aqui dentro, ninguém, né? É uma meia verdade. Pode até ser que aprendeu alguma coisa, mas pra tu sair pronto pro bacharelado não dava, o nosso currículo isso não possibilitava. (E24)

Entretanto, de todos(as) os(as) egressos(as) entrevistados(as) duas(2) egressas (E13 e E14) que se formaram na(s)s primeira(s) turma(s) de educação física da UNIJUÍ, informaram que em seu tempo de formação a universidade não tinha praticamente nada de infraestrutura a não ser as salas de aulas, segundo estas egressas as aulas práticas eram em locais alugados e alguns até distantes da Sede do curso de educação física, gerando transtorno para o aluno chegar até estes locais.

Com certeza infraestrutura, naquela época faltava infraestrutura que a gente não tinha. Cada dia era num local, num dia... ah handebol era no ginásio municipal, ah futsal era na quadra da Efa ali, na quadra. Voleibol era no SESI então era... E também com certeza que tem professores que não tão qualificados pra algumas matérias, pra alguns conteúdos, que alguns ficaram bem, bem fracos que depois a gente teve que ir atrás depois, fez falta agora quando a gente começou trabalhar que faltou. E eu

acho que mais partes práticas que agora tá tendo pelo que eu vejo né?. tão tendo mais coisas na nossa época tinha pouca participação em eventos que agora parece ter mais né,?. Acho que falta, acho que tem que ter mais ou bastante pratica na nossa, na nossa faculdade né?, porque eu acho que aí que tu vai ver o que acontece na nossa realidade. Que não é aquela coisa bonita com tanta bola... né?, dá uma aula de voleibol com uma bola pra cada um, né? isso não acontece na realidade nunca, pelo menos nas minhas escola isso não acontece. (E13)

...

A minha turma foi uma das primeiras [...]. A gente não tinha ginásio, nada a gente ia fazer tudo assim ó... atletismo era no Quartel, ginástica era na Sógi ou ali na... ah, no ginásio do SESI, então foi... era bem no começo então era bem... precário, eu achei que foi assim... báh... eu acho que foi assim...(E14)

Entretanto, houve manifestação por parte de duas egressas que apesar da pouca (infra)estrutura que a UNIJUÍ oferecia, foi possível ter uma formação suficiente, apesar de alguns espaços serem alugados, os(as) egressos(as) tiveram a oportunidade de vivenciar as atividades. Outra egressa que respondeu “positivamente” a esta questão foi de que em sua formação foi usado muito da criatividade, adjetivos este será necessário quando os(as) egressos(as) “caírem” no mercado de trabalho. Fica visível a dissimulação das egressas entrevistadas numa tentativa tanto de mascarar (no sentido de comprometer a formação dos(as) egressos(as)) quanto esconder sob falsas aparências a realidade da (infra)estrutura em geral UNIJUÍ.

Na época ela era uma estrutura muito simples, mas que mostrava também uma outra curiosidade, que é possível fazer com poucas coisas se somos criativos, se sabemos onde queremos chegar, se temos objetivos, né? Que não precisamos ter tudo também dentro do status da universidade. Lá fora nos espaços particular, na academia, qualquer espaço nós também vamos estar buscando alternativas, né? Então o que tinha não era vasto, mas suficiente. (E30)

...

[...] Prá área do bacharelado? (academia, piscina) a gente ia prá fora prá outros espaços eram firmados convênios a gente ia direto prá aula nos outros espaços. Mas acho que apesar de toda essa dificuldade da gente se desloca prá outros espaços, acho que sempre teve oportunidade e que sempre foi oferecida a oportunidade de espaços físico prá ter aula. (E02)

Todos(as) os(as) egressos(as) entrevistados tanto da ESEF/UFPel quanto os da UNIJUÍ, relataram imenso descontentamento e indignação quanto à infraestrutura das suas respectivas universidades. Tanto na ESEF/UFPel quanto na UNIJUÍ aulas eram ministradas vários espaços locados, emprestados ou eram oferecidas em outros departamentos, causando imensuráveis transtornos aos

alunos. Com o decorrer do tempo a ESEF/UFPel adquire “novas instalações” tendo como Sede atual o prédio do antigo SESI. A partir deste momento as reclamações apenas amenizaram, pois este local atual não dispõe de espaço físico suficiente para comportar todas as disciplinas tanto teóricas quanto práticas e também para as atividades que o Curso de Educação Física oferece. Neste local são ministradas apenas parte das disciplinas do curso, outras disciplinas ainda são oferecidas em locais alugados como natação, hidroginástica, tênis, ginástica rítmica e olímpica entre outras.

Com o passar dos anos a UNIJUÍ aumenta sua infraestrutura e a concentração das aulas teóricas e algumas (poucas) práticas se dá em apenas um prédio - na Sede, mas ainda muito restrita e poucos recursos materiais. A infraestrutura física da UNIJUÍ até o momento da pesquisa era apenas uma (1) quadra de esportes aberta e um (1) ginásio (com várias quadras de esportes, mas com demarcações (medições) não oficiais); uma (1) pequena sala de musculação com aparelhos muito ultrapassados, uma (1) pequena pista de atletismo não oficial em outro espaço totalmente afastado do local Sede, uma (1) “sala de espelhos” para aulas de dança, teatro ou outras manifestações e um (1) mini – auditório.

A pesar de que na visão de alguns(mas) egressos(as) da UNIJUÍ a pouca infraestrutura se dava porque o curso de educação física estava iniciando e por isso não dispunha de todo o aparato, constatamos que após vinte e um (21) anos do início do curso ainda faltam muitos espaços à disposição para as aulas, materiais, e professores especializados que um curso de nível superior (privado) deveria obrigatoriamente oferecer.

Cabe-nos salientar que constatamos nas falas de alguns(mas) egressos(as) tanto da ESEF/UFPel quanto os da UNIJUÍ, que se formaram até o ano de 2006, que os problemas citados acima continuam os mesmos. Então acreditamos que haja certa displicência por parte da comunidade acadêmica que gerencia as universidades, pois até o momento desta pesquisa empírica não foi solucionado as faltas já suplicadas de: piscina coberta, pista de atletismo oficial, aparelhos de musculação atualizados, quadra de tênis oficial, entre outros.

3.2.1 Dados referentes à formação recebida no curso de graduação em educação física para o exercício da profissão, sugestões para o currículo e visão dos(as) egressos(as) sobre a dicotomia do curso e educação física

Nesta categoria apresentamos os dados relativos à formação profissional dos(as) participantes da pesquisa, relacionados à formação recebida no curso de graduação em educação física no que se refere ao exercício da profissão se tratando da suficiência ou não com as justificativas. Os(as) egressos(as) sugeriram algumas propostas para que o currículo de Educação Física possuísse maior vínculo com a realidade de trabalho dos(as) mesmas. E por fim a percepção dos(as) egressos(as) sobre a dicotomia do Curso de Educação Física.

No que se refere à formação profissional, foram questionados(as) os(as) egressos(as) da ESEF/UFPeL sobre a suficiência (ou não) da formação recebida no curso de graduação em Educação Física referente ao exercício da profissão. Dezenove (19) egressos(as) informaram que a formação recebida foi suficiente. Um dado importante e que nos chama a atenção foi que apenas as entrevistadas, seis (06) informaram que a formação recebida durante o curso de graduação de educação física foi insuficiente para o exercício da profissão.

A justificativa para a suficiência da formação recebida no curso de graduação em educação física, na opinião de alguns(mas) egressos(as) foi a de terem tido a experiência da teoria aliada à prática de trabalho e outros(as) acreditam que a formação foi suficiente por se sentirem preparados(as) para ensinar seus alunos, e a encarar e lidar com as adversidades que são encontradas tanto na área escolar quanto não escolar.

Olha até foi suficiente, quando iniciei na academia né, mas, é a experiência mesmo a prática que... Tem que ter as duas coisas, se não tiver uns quatro anos de prática... tu sair da ESEF e querer dar aula, não... tem como começar! Ai depois de uns quatro anos tu... assim em tudo, se for dar aula em escola, ou em academia.... primeiro ano, segundo ano tu não pode... (P02)

...

Eu acho que pro que eu procurava, claro, eu acho que não sai de lá totalmente pronto, mas assim pra iniciar um projeto de trabalho, pra direcionar na área que eu quis eu sai vamos dizer esclarecido. Claro que a

própria pratica ajuda... como eu trabalhei muito durante a graduação, então isso me facilitou pra eu buscar isso dentro da própria universidade. Eu vejo uma grande diferença de colegas de profissão que só estudaram que saíram direto pro trabalho... e a minha que eu estudei e trabalhei e saí dentro do trabalho. Acho que isso é um ponto importante de estágios... remunerados ou não remunerados pra conclusão do curso, pra gente... do conhecimento, tu trazer da prática pra teoria, que a gente traz muito da teoria. Por isso quem sai da teoria e vai pra prática é uma realidade totalmente diferente. (P04)

...

Porque a gente aprendeu em todos os sentidos o que é ensinar, praticar, o que é lidar com algumas dificuldades, ao longo da carreira embora seja curto ainda né, deixa a gente preparado pra encarar isso aí. Essas adversidades que a gente encontra com relação à escola, a academia, com todas essas... Esse público diferente que a gente atua. (P13)

Outros dois (02) egressos informaram que a formação recebida no curso de graduação em educação física da ESEF/UFPel foi suficiente para o exercício da profissão porque no decorrer do curso, adquiriram livros, realizaram leituras vinculadas aos seus trabalhos, portanto a formação foi suficiente muito mais pelos seus esforços de buscar informações específicas as suas práticas do que pelas disciplinas contemplarem a formação.

Foi suficiente porque eu acho que o aluno é que tem que procurar outros meios de se aperfeiçoar. A graduação tá ali basta ao aluno querer algo a mais pra exercer... Eu busquei leituras a fins do meu trabalho, só por isso! (P22)

...

Vou dizer assim ó... na minha parte... o que eu acho... desde que eu entrei na ESEF eu sempre fui do meio esportivo. Fui. [...] bem na época que eu entrei na educação física me convidaram para dar aula de tênis. Então foi uma coisa né... já era do meio. Então, entrando na ESEF eu já tinha idéia na área que eu ia atuar e tal. Então sempre me identifiquei bastante nessa área. Eu estudava mais... sempre fazia os cursos, durante a ESEF a gente fazia os cursos, este cursos que eu te falei de fim de semana... sempre na área... livro eu sempre comprei. Uma época sempre tava na biblioteca... Então eu sempre me aprofundi na área que eu ia estudar... atuar. Como eu já atuava no meio e sempre foquei pro meio. Sempre me virei. Porque assim eu vou te dizer o que eu vejo pelo pessoal que vem dar aula aqui da musculação, às vezes parece que eles não passaram pela ESEF (quer dizer uma faculdade). Não sei se eu respondo tua pergunta. (risos). Agora se eu não fizesse isso eu acharia bastante falha a ESEF. (P15)

Concorrência, competência, polivalência e atualização são justificativas que estão atreladas ao discurso do mercado de trabalho as quais foram citadas por alguns egressos sobre a suficiência da formação recebida no curso de graduação em educação física no que se refere ao exercício da profissão. Quer seja que a

formação recebida foi suficiente para o exercício da profissão, mas que o egresso tem que estar sempre atento e disposto e se submeter às leis do mercado de trabalho, que está sempre em mutação.

Foi suficiente pra iniciar. [...] mas eu acho que quem se acomoda ou acha que aquilo ali foi suficiente pra seu dia - a - dia ou trabalhar, eu acho que esse aí acaba que o mercado engole ele. Porque ele fica defasado e o mercado acaba engolindo ele porque tu tem que ta sempre melhorando, tem que ta sempre procurando alguma coisa diferente, se atualizando, tem que ser polivalente. Eu tive um colega que trabalhou comigo durante 15 anos e ele me dizia sempre isso aí: eu não sei por que tu gasta sempre tanto dinheiro, que tu ta sempre procurando coisa pra fazer porque educação física é tão igual. Eu... eu dizia sempre pra ele: não, o teu dia a dia que é sempre tão igual! Acabou que hoje ele abandonou o curso de educação física e foi fazer fisioterapia e trabalha com fisioterapia. Ta muito bem empregado por sinal, mas resolveu procurar outra coisa. E, hoje ele me diz quanto tempo eu tive essa visão errônea da educação física, que ela tava parada. Então hoje ele reconhece na própria profissão dele, que se ele não se atualizar se ele não procurar, se ele não fizer cursos vai ficar defasado, tem que ser competente! (P24)

...
Foi suficiente, me deu uma base boa, deu, mas seu acho que a atualização é fundamental, se não a concorrência te pega, hoje em dia em qualquer área! É claro que ela me deu um suporte excelente, deu um suporte bom assim, mas depois da graduação a atualização, outros cursos é fundamental pra qualquer personal. (P25)

Em que pese à insuficiência da formação recebida durante o curso de graduação de educação física da ESEF/UFPel para o exercício da profissão, seis (06) egressas relataram a insuficiência tanto da área escolar, quanto da área não escolar. As reclamações são referentes a pouca experiência prática, no sentido de relação com o espaço de trabalho, ou seja, falta de vínculo com a realidade de trabalho.

As afirmações são enfáticas quanto à insuficiência da formação voltada para área escolar no que se refere à educação infantil, mais propriamente às séries iniciais.

Exclusivamente pelo que eu vi dentro do curso [...] insuficiente! [...] Tá muita pouca experiência prática, muito! A mínima, mínima. E a prática quando se tinha era praticar o exercício pra tu aprender o exercício, movimento técnico. E não a prática de estar trabalhando, ministrando, desenvolvendo a tua aula com outros alunos. Isso não tinha! Era voltado pra licenciatura né. Pra trabalhar nas escolas. E as disciplinas que eram voltadas pra prática eram voltadas pro desporto. Existiam umas disciplinas que eram ginástica 1, 2, e três e aquelas disciplinas eram ... Até se via

alguma coisa pra se trabalhar com 4ª ou 5ª série, mas não éramos preparadas pra trabalhar com educação infantil. Então quer dizer educação infantil, nenhum pouco, quer dizer series iniciais, 1ª, 2ª, 3ª, e 4ª praticamente nada. Muito pouco. [...] Eu me utilizei muito da minha experiência. Ai eu vou dizer assim... com a minha experiência que eu aprendi lá... deu pra dar conta do recado no sentido de buscar alternativas pra cair no mundo real do trabalho (P01)

...

Olha é até triste a gente dizer isso, foi completamente insuficiente, a gente já percebia isso dentro do curso e fazia um embate sobre isso, à gente falava porque que nós temos que trabalhar com 300 bolas dentro de um ginásio se a nossa realidade não vai ser essa, nós não trabalhávamos, nós não tínhamos a política de ter professor de educação física nas séries iniciais. Só assim uma ou duas disciplinas que falavam sobre isso, e depois que eu me formei o primeiro concurso que eu fiz foi pra trabalhar com séries iniciais, eu chorava todos os dias que chegava em casa e dizia eu não vou mais... eu não vou mais..., até eu entender que eu precisava estudar, que eu precisava descobrir as questões do movimento, do lúdico da criança porque é uma formação que eu não tive e que eu não sabia! Ai eu chegava na escola e queria botar as crianças em fila, queria usar os conezinhas pro circuitinho era essa a formação que a gente teve, totalmente tecnicista né!. Então a realidade como eu não queria esta prática pra mim, eu tive um embate muito grande, assim de 5ª a 8ª eu não senti tanta dificuldade... eu já tinha uma vontade de fazer diferente e eu conseguia fazer diferente com meus alunos, a questão da competição, a forma de organização das coisas, mas nas séries iniciais especificamente eu tive muita dificuldade! ... eu me senti assim... durante um ano assim...! eu fui enganada! Durante o tempo da faculdade, por mais que a gente ainda tivesse uma visão um pouco crítica das coisas, mas aprendi mesmo dentro da escola, a escola é a melhor escola, é a prática dentro da escola, a gente aprende muito. E claro a gente não pode se afastar dos estudos né. (P23)

...

Olha foi insuficiente... eu tive que buscar muita coisa fora. Muitas coisas em cursos, em práticas, até mesmo quando eu comecei a trabalhar no estado fui atrás de livros... e coisa. (P19)

...

No que eu trabalho eu acho que foi insuficiente. Porque eu trabalho e gosto mais da área de postural, e lá não tem nada visado pra isso. (P09)

Não obstante, também houve reclamações da insuficiência da formação do curso de graduação de educação física da ESEF/UFPel referente ao exercício da profissão, no espaço não formal de trabalho, ou seja, na área não escolar, que naquele momento histórico não se tinha como tradição ser abordado. Algumas egressas relataram que foi necessário buscar formação em cursos específicos fora da graduação para poder exercer a profissão, por falta de conhecimentos, os quais deveriam ser oportunizados pela universidade.

Pra minha atuação profissional insuficiente... porque eu trabalhava em academia. Trabalhava com natação, hidroginástica, ginástica e o curso... deixou a desejar, assim tive que ir buscar. Os meus conhecimentos de hidroginástica eu consegui todos fora. O currículo era bem voltado pra educação física escolar né,? [...] Tá agora com a minha profissão eu já

trabalhava em academia, faltou, não tinha. Não, não tinha bacharel, era só licenciatura. (P05)

...

Foi completamente insuficiente. Porque pra mim que trabalho de personal treinner foi ruim porque não tem uma cadeira de musculação. Não existia este disciplina pelo menos no meu período. Que era generalista que eles chamavam, não existia... não tinha chamada musculação... eu lembro que eu fiz cinesiologia e aí... em seguida que dividiram os cursos em Licenciatura e Bacharelado, bacharelado ia oferecer a disciplina de... não lembro que eu tinha vontade de fazer... e eles me disseram que era a mesma que cinesio... era o mesmo conteúdo de cinésio então dividiram por nome eu queria fazer como eletiva, porque eu queria fazer pra aproveitamento né. Eu queria ir atrás dessas disciplinas porque assim ó... porque o que a gente vê na faculdade... a gente tem uma disciplina chamada ginástica né 1, 2, 3, e quatro e lá na ginástica três tu uma aula de circuito, uma aula de musculação, uma aula de ginástica localizada e é o que tem de experiência na musculação. E a musculação nossa... precisaria de ter umas três cadeiras só voltada pra musculação. Pra parte de cardio, pra patologias que é importantíssimo porque é o que mais gente busca e eu mais eu quero. Uma pessoa que tem uma patologia, uma pré-disposição genética é a que mais vai aderir à academia. (P17)

Ainda acerca da formação foi solicitado para os(as) egressos(as) da UNIJUÍ a realização de uma avaliação sobre a suficiência (ou não) dos conhecimentos adquiridos durante o curso de graduação em Educação Física, para a intervenção profissional nas áreas de bacharelado e de licenciatura. A maior parte dos(as) egressos(as) considerou que o curso oferecia formação suficiente para atuar no mercado de trabalho. As justificativas foram no sentido de que a universidade deu o auxílio necessário para os(as) egressos(as) tendo “consciência” de discutir com os alunos “todas as coisas que realmente o mercado de trabalho requisitava naquele momento”, e ainda dos(as) alunos(as) durante o processo da graduação procurar com empenho um contato com a prática tanto na área escolar quanto na área não escolar para incorporar muito mais o conhecimento, para possivelmente ter um local de inserção.

Sim, porque foram discutidas todas as coisas que realmente [...] o mercado de trabalho requisitava naquele momento. Claro que quando a gente se depara com a realidade como exercício da docência vem muitas perguntas, mas, isso é pelo próprio contexto de que a gente está se inserindo naquele tempo, naquele processo. Mas a formação foi suficiente com certeza. (E20)

...

No semestre que eu me formei e no ano seguinte eu diria que não. E hoje quando eu cheguei no meu estágio/local de trabalho eu percebi que foi suficiente, prá me dá um amparo necessário só que a gente não tem como parar no tempo, tem que refazer leituras, o livro que tu leu lá na graduação tu vai ler de novo. Ele já tem outra formação outra vivência, tu consegue vê coisas novas que tu não tinha percebido. [...] livros que li em 91 em 99 releio de novo, e descubro coisas que não havia... saberia. A gente chega muito cru e até ter uma formação prá falar sobre isso, tem que se adequar

ao tempo, por isso que aqueles que podem durante a graduação já ter um contato com a prática, seja ela escolar, fitness, de academia, com aquilo que se deseja, consegue ah incorporar muito mais o conhecimento prá se inseri. (E03)

Contudo, ao justificarem suas respostas, ao contrário do que se observou em relação à área da licenciatura, os(as) egressos(as) entrevistados(as) da UNIJUÍ apontaram muitas limitações do curso na área do bacharelado.

Na área de educação, na licenciatura [...] ela foi completamente suficiente. Na área do bacharelado ela deixou a desejar. (E19)

...

Pra área do bacharelado e do treinamento a gente vai ter dificuldade, mas pra escola que é a área que eu atuo hoje muito bom. (E17)

...

Eu acho que ele deixa a deseja um pouco o bacharelado. Eu acho que ele poderia ter mais disciplinas, ser mais aprofundado. Eu acho que ele ainda é insuficiente ou regular como você colocou antes. Eu diria que não é insuficiente é regular na questão do bacharelado. Busca a mais que é isso que a gente tem que fazer, se a gente busca a mais eu acho que qualifica se a gente tá só nas disciplinas não seria suficiente. (E10)

...

O bacharelado eu acho que foi a área mais problemática da minha formação, porque hoje eu trabalho também como personal e eu saí assim bastante, como é que eu vou te dizer, necessitando de muito mais pra me sentir segura, pra poder trabalhar com grupos especiais, por exemplo, né? É dentro da academia, então, eu digo que a minha formação, assim, que de mais deficiente, que ficou foi a parte do bacharelado. (E08)

...

No bacharelado não... não, se não fosse os cursos feitos fora eu não teria nenhum conhecimento dessa área. (E09)

...

Pra área do bacharelado tive que ir buscar cursos! Não foi suficiente! [...] É que falta assim oferecer mais oportunidades, quantos estão estagiando? [...] Hidroginástica nunca tinha ouvido falar, a não ser por optativa, eu não fiz até escolhi outra disciplina que foi fisiologia do exercício, porque a fisiologia do exercício que eu tive foi... muito pouco! E anatomia também então eu tive que ir buscar fora. (E11)

As limitações apontadas pelos(as) egressos(as) sobre a formação na área do bacharelado, na maior parte dos casos, relacionavam-se com a sua intervenção profissional, isto é, sentiram necessidades de conteúdos ou de aprofundamento nestes para desempenhar sua função profissional, seu trabalho.

Porque eu tive uma disciplina só que trabalhava um pouco sobre treinamento esportivo, nada vinculado especificamente à área de academia né? Então [...] a maioria dos cursos que eu tenho hoje são da área do

bacharelado, né?, Prá me fundamentar mais, dentro dessa área que eu gosto muito de trabalhar que é com personal. (E14)

...

[...] tive que ir buscar cursos. Não foi suficiente! É que falta [...] falta oferecer mais oportunidades, porque quantos estão estagiando lá dentro? [...] Hidroginástica nunca tinha ouvido falar, a não ser por optativa. Eu não fiz, até escolhi outra disciplina que foi fisiologia do exercício, porque a fisiologia do exercício que eu tive foi muito pouco! E anatomia também. Então eu tive que ir buscar fora! (E16)

...

Ah! Pouco contato com a musculação, que foi uma coisa que eu tive que aprender fora do curso ou praticando ou conversando com as colegas sobre as disciplinas específicas, quais os fluxos de uma academia, ginástica localizada eu também amo muito. Enfim, na área do fitness o contato foi pequeno. (E09)

...

Hoje eu não tenho conhecimento de como tá o curso, as disciplinas, mas, do meu currículo eu acho que poderia ter sido melhor. Algumas mais optativas, mais nessa área, né? [...] Acho que pra mim seria mais valido se tivesse mais do bacharelado. (E04)

...

O bacharelado ele ficou com muitas lacunas, né? A gente teve que buscar algumas situações fora e também trazer para dentro do curso a ideia das optativas. Como fazer, como a gente estava ajudando, todos ajudam a construir um curso, nós ajudamos muito, né? Como turma nova, eram as nossas perguntas, as nossas dúvidas somadas as dos professores que o currículo ia se ajeitando, que as coisas iam procedendo. Então o primeiro momento a gente diria assim, que eram poucas as disciplinas voltadas prá isso e quando elas existiam havia a dificuldade de vinculá elas ao processo de realidade, de adaptar. (E02)

...

Não tem, não tinha muito pouca à visão de bacharelado na minha época. Não tinha. Se tu pedisse uma disciplina optativa na área do bacharelado, você não teria nenhuma. Todas as aulas de bacharelado que eu tive foi optativa, eram as optativas na época não tinha nada. (E11)

...

A nível de bacharelado foi pouco né? Porque eu acho que ele tava mais voltado à licenciatura todo o meu curso, enfim, algumas disciplinas assim que pode dizer a essa aqui é mais prática, por exemplo, teve disciplinas na verdade que tu fez por fazer, né? Tu terminou e tu disse, tá o que eu aprendi daqui? (E13)

...

[...] tive oportunidade de receber um convite de trabalhar num Spá (...) como profissional. É como eu falei antes, o meu bacharelado foi um pouco forjado, né? A minha sorte de ter feito disciplinas do bacharelado como optativas, me auxilio bastante nisso, né? Mas eu acredito que sim. Deu conta, o que eu tive que fazer foi estuda, eu acho que em todas, se tu analisa todas universidades, todas as áreas que tu vai atuar tu vai ter que estudar um pouquinho mais até tu se especializa naquilo que tu vai atuar, né? (E26)

Observou-se que, em relação ao bacharelado, existe uma perspectiva que individualiza os problemas relativos à formação, isto é, responsabiliza o(a) indivíduo(a) egresso(a) por sua formação dividindo (com a) ou tirando essa função da universidade.

[...] na nossa época foi muito complicado. Tinha alguns anos de curso. Poucas experiências, né? Mas eu, partindo do pressuposto que vai muito da questão do aluno, né? O aluno tem aprender a aprender, saber onde ir buscar, né? Então, assim oh, lógico o curso deveria oferecer, né? No sentido, assim, nós tivemos [...] o bacharel e licenciatura. Mas foi muito complicado. Mas hoje eu aprendi a aprender. Isso é fundamental, eu sei as lacunas e a hora que precisa trabalhar em algum ponto eu vou buscar. (E25)

No que se refere à área de licenciatura encontra-se uma situação diferente da encontrada no bacharelado, nas representações dos(as) egressos(as) entrevistados da UNIJUÍ. A maior parte deles(as) considerou a formação recebida suficiente para o exercício da profissão de professor.

Não tem o que falar, deu o suporte necessário. Eu trabalho tanto com uma [...] é na escola não deixa de ser lá na escola a licenciatura e no outro o ambiente que era saúde pública também não deixa de ser licenciatura porque tem que estar educando o sujeito, né?, já adultos. (E22)

...

Muito bom. Ele te possibilita uma visão bastante clara do que é a educação física, e ele te prepara pra maioria das situações. Ele foi suficiente pra mim justamente pela licenciatura que é a área que eu tô trabalhando agora. Ele me possibilitou vivência, muita coisa tanto nos estágios como nas atividades que precisava pra cumprir as horas, né? Possibilitava, vivenciou muita coisa na escola; a gente passa quase o curso todo dentro da escola fazendo pesquisa ou alguma coisa. Então tu já sai dali muito bem preparado pra escola, né? (E24)

...

Um curso rico, que conseguiu mostrar pra gente um outro, uma outra realidade de Educação Física na forma de pensar e trabalhar, conceber a ideia do sujeito, do corpo, porque a gente vem com as nossas histórias de estudante pra dentro da universidade e chegar e discutir o que é o lúdico, o que é a singularidade do sujeito, o que é trabalhar com crianças carentes, crianças com poder aquisitivo, foi muito rico, eu de fato não conhecia uma Educação Física nesse olhar, pra mim foi fabuloso. (E29)

...

Eu acho que foi muito bom porque hoje eu vejo, depois de muitos anos depois dentro de escola, que não é a experiência teórica que vai formar o profissional. Eu acho que é a prática mesmo do dia a dia do cotidiano da escola, do planejamento, do conviver com os alunos, né? [...]. Uma

experiência é um tipo de conhecimento diferente que a universidade talvez poderia oportunizar um pouco mais, de mais contatos, né? [...]. Quanto à fundamentação teórica eu saí bastante satisfeita. Inclusive quando eu tive a oportunidade de fazer o curso de pós-graduação pela UFRGS, em Porto Alegre, eu percebi assim que o nível de discussão teórica que apresentaram lá eu já tinha grande parte, eu já tinha tido contato dentro da própria graduação. Então foi bem bom. (E30)

...

Acho que uma fundamentação teórica muito forte de destaque a nível nacional, digamos assim, dando toda a sustentação todo o suporte ao acadêmico. Eu hoje não atuo na escola, mas, enfim, acredito que a formação foi perfeita, autores, enfim, professores também bem preparados para fazer essa formação em caráter da escola. (E31)

Entretanto, encontram-se opiniões divergentes da maioria dos Egressos da UNIJUÍ. Em alguns casos, possíveis falhas na formação na área da licenciatura são creditadas ao(a) próprio(a) graduando(a), individualizando o problema.

[...] pra tu trabalhar tem que correr atrás daquilo que tu quer também... o profissional hoje tem que tá habilitado independente de tu ter uma formação fraca ou forte acho que tu tem que correr atrás. Tu vê hoje, tu pega professores que já tem um tempo de trabalho né?, tu já vê que tão desanimado já não querem mais saber de estudar de buscar crescer, e eu já penso diferente se tu escolheu esta área agora, ou troca ou vai fazer outro curso ou vai trabalhar de outra coisa ou corre atrás daquilo que tu quer. Então eu volto a frisar, o meu suporte pra trabalhar na área da escola também busco sempre que vejo que falta alguma coisa, que eu vejo que... tenho sempre uma abertura com os próprios professores que trabalham com essa área da licenciatura tenho bastante amizade com os professores que eu tive, e sempre na medida do possível a gente vai... Através de um curso através de uma fala através de uma indicação buscar crescer e tentar o conhecimento né? (E14)

...

Olha eu acho que foi suficiente, pra tu começar é suficiente. Pelo menos quando eu tava na graduação, eu acho que foi suficiente. Ai, após quando tu entra na escola e começa a trabalhar, começa a surgir novas barreiras. Você tem que procurar a sua formação, te direcionar o caminho a seguir, mas, tu tem que tá sempre lendo e buscando pra tomar um rumo pra tu se satisfazer, né? Mas se tu sai assim tu sai cru, eu sai cru da universidade [...]. (E25)

Da mesma forma que se observou críticas à formação no curso de bacharelado, também foram detectadas em relação à formação no curso de licenciatura.

No momento que tu vai pra prática, tu sente as dificuldades. Só depois que

tu te forma, tu vai prá prática, tu vai ver. Enquanto tu não tá formada, tu não vê. Hoje, assim, eu trabalho educação infantil e anos iniciais. Quando eu me formei não vi isso. O que eu sei é do magistério, né? Caso contrário eu busco. Se não, muito pouco. Isso 12, 13 anos atrás, hoje talvez tenha mudado. (E07)

Ao analisarmos as respostas dos(as) egressos(as) sobre a suficiência (ou não) da formação recebida no curso de graduação em educação física referente ao exercício da profissão, verificamos que os(as) egressos(as) da UNIJUÍ responderam salientando a dicotomia do curso, ou seja, as respostas foram vinculadas a suficiência ou não com enfoque para a área escolar e também para a área não escolar.

Já os(as) egressos(as) da ESEF/UFPel, de modo geral, responderam não enfocando a dicotomia do curso propriamente. Algumas egressas se referiram à insuficiência da área não escolar, ora da insuficiência da área escolar (licenciatura). Averiguamos que a grande maioria dos(as) egressos(as) (das duas universidades) considerou que o curso ofereceu formação suficiente para atuar no mercado de trabalho. Porém, as justificativas foram diversas, entre elas: a suficiência da formação para o exercício da formação está vinculada à vivência e experiência da teoria oferecida pela universidade aliada (posta) à prática de trabalho dos(as) egressos(as), ou seja, as relações entre teoria e prática.

Percebemos nas argumentações dos(as) egressos(as) esta perspectiva está mais voltada para iniciativa do(a) aluno(a) do que da universidade em cumprir uma das suas funções; para outros(as) egressos(as) a formação foi suficiente por e sentirem preparados(as) para ensinar seus alunos, e a encarar e lidar com as adversidades que são encontradas tanto na área escolar quanto não escolar; outras justificativas foram no sentido de que a universidade discutiu com os(as) alunos(as) as necessidades que o mercado de trabalho exigia naquele momento.

Aqui nos vale realizar uma ressalva, corroborando com Taffarel 1993 (p.20), na qual acreditamos que as universidades “devem oferecer uma sólida base teórica que nos permite intervir com as necessidades da realidade, seja, formar um profissional que atenda a uma perspectiva sócio histórica de intervenção social, e não exclusivamente a uma perspectiva de mercado de trabalho”; para alguns(mas)

egressos(as) a suficiência da formação está atrelada a méritos próprios dos(as) alunos(as) no sentido de dispor suas energias ao adquirir livros, realizar leituras vinculadas e relacionadas às suas inserções no mercado de trabalho. Portanto para estes(as) egressos(as) a formação foi suficiente muito mais pelos seus esforços de buscar informações específicas às suas práticas, quando houveram faltas, ou insuficiências das disciplinas ao não contemplarem a sua formação.

Ainda, averiguamos que tanto para os(as) egressos(as) da ESEF/UFPel quanto para os(as) egressos(as) da UNIJUÍ, que há uma idéia que concebem a cerca do deste tema, que individualiza os problemas relativos à formação, ou seja, na visão dos(as) egressos(as) a suficiência (ou não) da formação recebida no curso de graduação “depende muito da questão dos(as) alunos(as)”, neste viés tirando essa função da universidade. Atrelado a este fato também está à perspectiva individualista dos(as) egressos(as) no sentido de que depende do(a) egresso(a) para “correr atrás daquilo que quer e tem que estar sempre lendo e buscando” formação para ter espaço no mercado de trabalho. Esta visão ingênua, fantasiosa e acrítica é inerente ao modo de produção social capitalista e necessária para que este modo se mantenha hegemônico.

Competição entre os(as) profissionais(as), polivalência, concorrência e atualização são justificativas que estão atreladas ao discurso do mercado de trabalho, as quais foram citadas por alguns(mas) egressos(as) sobre a suficiência da formação recebida no curso de graduação em educação física no que se refere ao exercício da profissão, tanto da ESEF/UFPel quanto da UNIJUÍ. Estas afirmativas vêm ao encontro (a favor) do que discutimos no decorrer desta Dissertação e como já denunciava Catani 2001, que no atual contexto da reestruturação das empresas e das mudanças dos paradigmas capitalistas duas habilidades são fundamentais e exigidas do novo trabalhador: “polivalência e flexibilidade profissionais”.

Ao analisarmos a visão dos(as) egressos(as) tanto da ESEF/UFPel quanto da UNIJUÍ sobre a suficiência da formação recebida no curso de graduação em educação física no que se refere ao exercício da profissão, em específico para a área escolar e da área não escolar, os(as) egressos(as) entrevistados(as) apontaram muitas limitações do curso na área não escolar, que naquele momento histórico não se tinha como tradição ser abordado, informando que esta área deixou

muito a desejar em todas as possibilidades, poucos (ou nenhum) conhecimento quanto às disciplinas tanto práticas quanto teóricas, pouca (ou nenhuma) infraestrutura, entre outras. Muitos(as) egressos(as) relataram impossibilidade de domínio quanto a essa possibilidade de intervenção profissional, isto é, pouca ou nenhuma capacidade para desempenhar esta função profissional.

Algumas egressas da ESEF/UFPel relataram que foi necessário buscar formação em cursos específicos fora da graduação para poder exercer a profissão, por falta de conhecimentos, os quais deveriam ser oportunizados pela universidade. Algumas justificativas para a área não escolar tais como o curso de bacharelado deixar a desejar na formação dos(as) egressos(as) da UNIJUÍ se deu porque o curso de educação física da universidade era mais voltado para a área escolar, ou seja, a licenciatura. Entretanto, as manifestações por parte dos(as) egressos(as) no que se refere à área escolar – licenciatura considerou a formação recebida suficiente para o exercício da profissão de professor com “uma fundamentação teórica muito forte” e que “deu o suporte necessário” possibilitando “uma visão bastante clara do que é a educação física, e [o curso] prepara pra [enfrentar] maioria das situações”.

Entretanto as afirmações acima, muitos(as) egressos(as)⁷⁵ de ambas as universidades apontaram possíveis falhas (insuficiência) na formação na área da licenciatura as quais são creditadas ao(a) próprio(a) graduando(a), individualizando o problema como já mencionada pelos egressos(as) na área não escolar-bacharelado. Ainda alguns protestos são referentes a pouca experiência prática, no sentido de relação com o espaço de trabalho, ou seja, falta de vínculo com a realidade de trabalho.

Tanto as egressas da ESEF/UFPel quanto às da UNIJUÍ relataram insuficiência na área escolar durante a formação no curso de licenciatura. Apesar das duas universidades terem suas “raízes” voltadas para a área da licenciatura, muitas afirmações tem ênfase na insuficiência no que se refere à educação infantil,

⁷⁵ Detectamos que a grande maioria que atua na área escolar – licenciatura é do sexo feminino, entretanto algumas dessas egressas também atuam na área não escolar – bacharelado, principalmente em academias. Porém, em menor número encontramos egressos (do sexo masculino) atuando em escola, mas a grande maioria atua somente na área não escolar. Pretendemos abordar esta questão de gênero no mercado de trabalho e aprofundar estes dados em estudos posteriores.

mais propriamente às séries iniciais. Percebemos nas falas das egressas que estas, quando chegaram ao mercado de trabalho, depois de muito esforço, sentiram vontade de desistir do trabalho, pois não sabiam como lidar com educação infantil, pois tiveram aulas totalmente tecnicistas e mecanizadas. As egressas relataram que se sentiram enganadas durante sua formação, e que conseguiram aprender a lidar com esta situação com a prática e com muito estudo buscado após a graduação.

Em que pese à suficiência ou insuficiência percebida pelos egressos da ESEF/UFPel acerca da formação recebida durante o curso de graduação de educação física para o exercício da profissão, alguns(mas) egressos(as) sugeriram propostas no intuito de que o Currículo de Educação Física possua maior vínculo com a realidade de trabalho destes. Treze (13) egressos formados tanto na Licenciatura Plena e Técnico em desporto e Licenciatura Plena e Técnica Desportiva e também os(as) egressos(as) que se formaram em Licenciatura Plena, (não participaram desta pesquisa egressos que obtiveram a formação apenas em uma das áreas da educação física, seja licenciatura ou bacharelado), sugeriram que na composição do Currículo poderia haver mais estágios extracurriculares, tanto no campo formal de ensino – área escolar, quanto no não formal área não escolar desde os primeiros semestres do curso. Segundo alguns(mas) egressos(as) estes estágios são poucos e oferecidos por algumas disciplinas somente no final do curso.

A sugestão de mais estágio [...] eu acredito que essa parte prática, esse acompanhamento de profissionais, dentro daqueles locais que existem dentro do trabalho, seja acompanhar um professor dentro da escola seja só observando ele, seja auxiliando ele nas aulas ou numa escolinha ou dentro da própria escola ou dentro de um clube dentro de uma academia desses alunos para adquirirem experiência. (P24)

...
É, como eu fiz licenciatura plena e... quando a gente entra aqui [na ESEF] a gente teria que fazer o ... como é o nome? o estágio! Em escola, a gente teve muito pouco contato com escola antes de realizar o estágio... eu acho que... têm que ter contato mais no início da faculdade para que o estágio não seja... tão ruim, tão estressante... tanto para quem faz... tanto pros alunos da escola (risos). (P07)

...
No meu tempo eu acho que mais opção de estágio. Não só no último semestre pra fazer estágio. Nos diferentes tipos... [tanto licenciatura quanto bacharelado], e como a gente fazia Licenciatura Plena né? (P09)

...
[...] eu sei que assim ó a associação à prática conseguindo de repente alguns estágios fora... vinculado diretamente à disciplina. Isso aí o aluno veria a realidade e traria pra parte teórica a realidade prática com a

realidade teórica. Eu acho que isso aí... [...] eu acho que isso aí é o melhor caminho... Relacionar a prática real com a teoria real. (P04)

...

[...] eu acho que deveria ter diretamente... mais programas sendo desenvolvidos dentro da escola. Junto com os professores da escola. Pra que os alunos estejam mais de encontro com a realidade porque quanto o máximo que se aproxima de uma realidade é uma realidade de uma escola que tem uma infraestrutura... nunca é de uma escola que não tem infraestrutura onde que a educação física é muito... muito discriminada pelos demais professores e pelos... porque sempre acham que educação física é só a gente dar uma bola. Então basta a escola ter duas bolas ou uma bola que a educação física já da pra funcionar [...]. (P01)

...

Eu acho que... pro nosso dia-a-dia como profissional só poderia ter um pouco mais de direcionamento pra área de... estágios pra questão do bacharel. Na verdade o curso abrange bastante a área da licenciatura, mas o bacharel deixava um pouco a desejar. Então era esta a questão que deveria buscar coisas mais práticas pra vivência do bacharelado, estágios mesmo. (P20)

...

[...] se a gente aprende tanta coisa fazendo estágio... e fazendo cursos, porque isso não pode estar dentro da graduação? Ou se eles dão os cursos porque eles não dão dentro da graduação? Fazer a gente fazer curso extra, pra gente... é só colocar dentro da graduação. (P16)

Ainda, referente às sugestões/propostas apontadas pelos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel, associadas à prática do estágio curricular, a maioria reconhece que estes estágios obrigatoriamente devem estar vinculados à área de atuação profissional, ou seja, os estágios devem estar focados para área de aprofundamento (de estudos) dos egressos. Alguns egressos relataram que realizaram a prática do estágio fora de seu interesse no que se refere à atuação profissional, citamos como exemplo, o egresso ser obrigado a estagiar em escolas (posição defendida no Currículo da Licenciatura Plena), mas a atuação do egresso estava direcionada para a área da academia, fato este que acabou ocasionando muitos transtornos e frustrações para o egresso (também para outros egressos) e conseqüentemente para os alunos das escolas.

Acho que a área mais atingida como a academia... na realidade mesmo é pouco trabalhada, fiz estágio na escola, sendo que atuo em musculação na academia. (P22)

...

[...] na minha época era voltado só pra escola, toda graduação bem dizer era... 80%, mesmo com bacharel junto, 80% era voltado pra escola então, tanto em matérias, assim quanto na parte prática... Então o meu estágio mesmo, foi em escola, eu tive que dar aula com uma escola [...] a gente substituía o professor e dava aquela carga horária. Então eu acho que pra quem queria atuar com escola é perfeito, porque tu tá vivenciando aquilo aquela prática! Agora pra quem quer a outra área a área de treinamento tu fica acho que defasado a não ser que tu busque fora da universidade.

(P03)

...

Eu acho que tem que ter a parte teórica mas teria que ter a parte prática ou mais, ou talvez uma coisa mais parecida com o pessoal da medicina que tem... a... residência. [...] Eu tive de conclusão do curso que dar aula numa escola... o curso era mais voltado... repara... eu não ia dar aula e eu acabei não dando aula na escola... eu fui pro outro lado totalmente diferente... sou proprietário de academia, mas talvez fosse mais interessante [...] ter vários estágios varias disciplinas práticas... com foco para a área de atuação do aluno. (P15)

Ensinar a ensinar é outra proposta que foi sugerida por uma das primeiras egressas que se graduou na ESEF/UFPel, no Curso de Licenciatura Plena e Técnico Desportivo. Segundo a visão desta egressa, ensinar a ensinar deveria ser um dos objetivos do curso de educação física. Esta concepção é facilmente depreendida dado o momento histórico em que a egressa graduou-se. Portanto, compreendemos perfeitamente suas ansiedades, pois naquele momento a posição da educação física era o enfoque militarista (militar) e por consequência exigia-se o alto rendimento, por este motivo as disciplinas eram focadas no fazer, ou seja, apenas aprender a realizar a atividade e não focadas também no saber fazer e saber ensinar.

[...] na minha licenciatura plena e técnico em desporto, foi ruim... o currículo, pois ele tem que te ensinar a ensinar. Este é o objetivo do curso, te ensinar a ensinar. O que passaram para mim foi me ensinaram e não me ensinaram a ensinar! Então eu aprendi a jogar vôlei, eu aprendi a jogar bola eu aprendi a jogar basquete! Eu não aprendi a ensinar os outros a como fazer. Isso foi todo meu currículo, toda minha prática na ESEF nesta questão. O que tinha que fazer? Era pegar os conteúdos que eu tinha aprendido e ai começar a aplicar nos alunos e aprender com o tempo, né?. O tempo foi que me deu condições de dar aula, né?. (P06).

Ainda sob este prisma, uma egressa entrevistada que faz parte do corpo docente da ESEF/UFPel, apresentou sua visão acerca do currículo de educação física vigente. Imbuída a isso apresentou sugestões para que currículo possua maior vínculo com a realidade de trabalho do egresso. A egressa menciona duas posições, sendo que uma ela corrobora, e a outra e a egressa se põe contrária. Na primeira, os apontamentos notórios estão relacionados ao maior tempo que o aluno do curso de educação física tem para se dedicar e realizar os estágios extracurriculares que são de aproximadamente três (03) semestres, também a possibilidade do aluno se inserir nos projetos de pesquisa e ou extensão que são oferecidos tanto para o currículo de licenciatura, quanto do bacharelado. Desse modo para a egressa

entrevistada é possível vislumbrar um aluno/professor melhor formado.

Na realidade a nossa proposta aqui, eu acho ela “uma boa proposta” entre aspas [...] e depois vou dizer por que não acho... Boa proposta é por que... Exemplo na licenciatura eles tem em tese três semestres dentro da escola... Até 4ª série, agora vai mudar até 5ª, o ensino fundamental até a 8ª série e depois o ensino médio. Então o aluno por três semestres ele assume uma turma. Dentro da escola. Isso é incomparável. Antes disso temos os TCCs antigos pré-estágios que tínhamos aqui. Aí, pros dois lados tanto bacharelado quanto licenciatura, ele já vai atuando em projeto de extensão ou projetos de pesquisa, já lidando com aluno... Ou com a própria pesquisa, já vai lidando antes, isso aí eu Também acho uma coisa fantástica... Em relação do bacharelado da mesma forma que os alunos tem que estar três semestres na escola eles também tem os estágios durante alguns semestres, que agora não me lembro, mais os tccs e mais o estágio formal nos locais de “extra-escola”. Então isso eu acho fantástico... A gente consegue vislumbrar o professor melhor formado [...]. (P18)

A segunda posição na qual a egressa entrevistada se opõe está relacionada à mudança que ocasionou a dicotomia do curso de educação física em bacharelado e licenciatura. Segundo a egressa foi “reduzido” o número de esportes oferecidos pelos dois currículos, na verdade é obrigatório o aluno cursar apenas um (01) esporte. Estes são os pontos culminantes de discordância e indignação por parte da egressa entrevistada. Na concepção da egressa, não poderia ter havido a dicotomia do curso e deveria ser obrigatório ao aluno cursar todos os esportes que estão dentro da cultura do movimento, ou seja, segundo a egressa, os esportes tradicionais. Para a egressa entrevistada, dentro deste contexto de dicotomia/fragmentação do curso e diminuição do número de disciplinas ofertadas relacionadas aos esportes, as consequências são de que a universidade poderá formar um professor menos preparado para seu exercício profissional.

Bom o que eu não acho bom nessa historia toda da formação? Exemplo: não tem como negar que o esporte é o carro chefe da educação física, não tem como negar o esporte! É isso que atrai muito nas questões da educação física. Então mesmo o aluno que tá dentro da escola, o aluno escolar. Ele gosta de esporte. Pelo simples motivo de que fazer esporte é bom. É bom. É gostoso. [...] Tem as mazelas, [mas] a nossa atuação pedagógica tem que usar o esporte pra discutir e não negar o esporte! No entanto qual é o aspecto negativo?! Que com a mudança curricular que eu não estava aqui eu estava no doutorado, tanto o currículo do bacharelado quanto da licenciatura só tem um esporte obrigatório, um vôlei um basquete e não faz mais. Então eu tive pensando... ele chega pra trabalhar na escola ou qualquer outro espaço, [o aluno egresso] ele não tem este conhecimento técnico suficiente. E aí entra o seguinte: o direito que teu aluno tem da escola ou fora da escola de ter acesso ao conhecimento. Aí

ele [o aluno da escola] chega pra ti e pergunta: pois é no vôlei professora eu tava vendo o cara cortou em tal quadrante... e ah eu não sei por que eu não estudei esta parte [o professor aluno da ESEF]... Ele tem que sair daqui com o máximo... Ah como eu vou escolher os esportes? [...] Os esportes que dentro da cultura do movimento [que] são tradicionais, que com certeza: futebol, futsal, atletismo, basquete, vôlei, handebol, esses, agora para, além disso, com certeza se pudesse dar [outras] oportunidades... Eu oferto basquete dois pra licenciatura, que é... ah a licenciatura pode fazer até o dois. Agora bacharelado, pro currículo antigo que formava o licenciado geral, poderia fazer vôlei quatro, basquete quatro. Na transformação, proibiram, na licenciatura não existe... basquete três, e quatro vôlei três e quatro. Não existe, eu quero aprender mais basquete, mais vôlei, só pode até o dois, até o dois. Agora o bacharelado sim, geralmente eu ofereço até o três no mínimo pro bacharelado. [...] Então isso eu acho uma coisa gravíssima, somente um esporte obrigatório. [...] Claro que eles tem a gama de eletivas pra fazer e muitos acabam fazendo dois etc... Mas é pra quem quer... Quem não quer não faz! [...] Desculpa, mas sai um professor menos preparado, porque o conhecimento técnico ele é importante. (P18)

No entanto, apenas uma egressa entrevistada (P23) que atua como professora em duas escolas públicas informou ter participado de reuniões acerca da reformulação do currículo tanto nas escolas em que atua quanto na ESEF/UFPel. No tocante das reuniões das escolas (públicas) a pauta era a possibilidade que as mesmas tinham para reformular seus Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) e como consequência a “autonomia” de incluir (ou não) em seus currículos a quantidade de horas destinadas para a área da educação física e a possibilidade de adquirirem mais horas para os professores se dedicarem aos projetos extraclasse.

Inclusive eu participei, quando houve aquela reformulação do currículo, a gente teve uma grande discussão em Pelotas dentro das escolas, que as escolas reformulassem seu Projeto Político Pedagógico e através do regimento poderiam aumentar o número de aulas e disciplinas, diminuir pra outras, fazer algo mais linear. E nós tivemos essa discussão dentro da escola, inclusive na educação física em uma das escolas que eu trabalho ela tem garantido pelo PPP três aulas semanais e mais projeto extraclasse!. A outra escola ficou com duas aulas semanais de pré em diante mais projeto extraclasse pros alunos com turno inverso. Então a gente teve um processo de muitas conquistas né,? [...]. (P23)

Em sequência, para a egressa (P23) faz apontamentos no que tange às reuniões em que participou na ESEF/UFPel, que se pautaram á reformulação do currículo da educação física, momento este que se discutia a dicotomia do curso de educação física, em bacharel e licenciatura. Na visão desta egressa, os professores de educação física da ESEF/UFPel não se sentiram à vontade e/ou não estavam

“prontos” para uma discussão sobre currículo. Para a egressa faltou uma compreensão dos docentes: sobre o que é o currículo na realidade fora da universidade, sobre qual a demanda que este novo profissional vai atuar tanto na área escolar quanto fora dela. Enfaticamente a egressa afirma que os docentes da ESEF/UFPel moldaram o “novo currículo” a partir de suas características pessoais/próprias.

[...] na Federal houve esta discussão e nós fomos convidados e eu fui, participei de duas discussões e dentro da ESEF eu percebi isso: que os professores moldaram o novo currículo de acordo com as características pessoais deles. Então foi [assim] eu sou o professor aqui, bom... tem que ter ginástica tal, porque só isso que eu vou dar!... Não houve este pensamento... eu participei de dois ou três reuniões e o pessoal não tava apropriado pra uma discussão sobre currículo, o que é currículo, qual é a demanda do novo profissional, qual é as coisas que ele tem que dar conta na escola... Eu não acredito sinceramente nessa mudança curricular!... Principalmente a formação do bacharel e do licenciado [...] eu acredito que na ESEF isso não funcionou! [a discussão sobre a composição do novo currículo]. (P23)

Por fim, a egressa comenta algumas sugestões/propostas, no sentido dos docentes da ESEF/UFPel procurar conhecer a realidade das escolas, dos professores; conhecer qual o contexto que os egressos do curso de educação física vão atuar, para a partir dessas informações, da realidade - do concreto, (re) formular um currículo voltado para este foco. Pensar um currículo que esteja articulado com a escola e esta com a universidade, ou seja, um trabalho, uma formação de mão dupla, entre escola e universidade.

[...] então eu acho que uma proposta de currículo primeiro tinha que pensar,... lá dentro da ESEF tinha que pensar, bom... qual é o profissional hoje da educação física que a gente quer? Qual é esse objeto da educação física na licenciatura, o que é que a gente quer que o professor esteja preparado pra trabalhar na escola? Nós temos que trabalhar articulado na escola ou a gente tem que trabalhar em gavetas? Na faculdade a gente tem que trabalhar articulado ou a gente tem que trabalhar em gavetas? Como está esta questão da pesquisa, quem são as pessoas que tem direito a bolsa? Quem são as pessoas que?... qual é a relação que a gente tá tendo com as escolas? Essa relação que é de mão dupla porque a gente percebe assim que a faculdade muito vai na escola e o retorno não é recíproco assim ... tiram muito da escola e muitas vezes criticam: ah aquela escola não tem nada, aquele professor não trabalha... O pessoal usam muito a bola, criticam facilmente a realidade da escola, mas poucos professores conhecem... Acho que isso faz falta na ESEF: conhecer o contexto das escolas, dos professores, da realidade pra poder fazer um currículo voltado a isso, na minha forma de pensar, não foi

pensado assim, foi pelo menos o que eu vi nas reuniões da reformulação do currículo, mudou muito pouco... as disciplinas e a forma principalmente a forma de atuar... de conviver com esse currículo. (P23)

Outra sugestão que é defendida por duas egressas da ESEF/UFPel, mas muito limitada no sentido de “conhecimento de causa”, ou seja, de posição firme e pouquíssimo conhecimento aprofundado, diz respeito à dicotomia/separação do curso de educação física entre licenciatura e bacharelado. As duas egressas sugeriram e acreditam que a separação dos cursos já “solucionou” o problema da área da educação física.

Eu acho que já... com a visão de... com a divisão de licenciatura e bacharelado, já solucionou, acredito eu... não tenho certeza... Não tenho eu muito conhecimento de como funciona o bacharelado, eu acredito que tem um olhar diferenciado assim... Que até então, eu tava no mercado de trabalho que é academia e clube, fiquei 10 anos nisso. Só nisso. Que é mais pra quem... pro curso de bacharelado. Acredito eu,... eu não tenho conhecimento... [suficiente para esta resposta] (P05)

...
Eu não sei se minha sugestão... Não é da realidade assim, eu acho que a educação física ela está englobando muitas áreas... Agora já melhorou, já separou o bacharelado da licenciatura, na minha época era tudo... Eu podia me formar e trabalhar em qualquer lado. Mas eu acho que tem que ter algumas coisas mais específicas como tá sendo agora. Já tinha que ser cursos separados. Eu acho que quem quer a dança, esportes eu acho que teria que ser mais... Por exemplo, eu escolhi a dança então eu acho que tinha que ter mais matérias, eu na época tive três matérias e ainda eram optativas entende... Eu fazia se eu quisesse. Então eu acho que precisava uma residência em Educação física (risos). (P12)

Entretanto, a sugestão de um egresso (P11) vai de encontro àquela sugerida pelas egressas acima mencionadas. Para este egresso é equivocada a separação dos cursos acaba por restringir a área de atuação dos egressos e, contudo acaba que a universidade forma um profissional menos qualificado para enfrentar o mercado de trabalho. A sugestão do egresso, portanto, é de que seja novamente unificado os cursos para que os egressos tenham uma sólida formação.

Eu questiono muito a questão do bacharelado e da licenciatura. Eu não só questiono como acho que não deveria ter separado. Eu acho que restringe muito o mercado de trabalho ao profissional né, acho que limita... E só cria confusão. Porque fatalmente vai ter o momento em que alguns que tiraram licenciatura vão trabalhar em clubes e vice-versa... Tanto é que o pessoal já tá procurando, é a notícia que se tem é de completar aqueles conteúdos que se faltam... pra poder atuar em licenciatura plena e com atividades em desporto. Eu achei lamentavelmente muito equivocada essa separação. [...]

[sugestão] Juntar os dois currículos, que o indivíduo tivesse uma preparação básica de fisiologia e educação nos dois primeiros anos, que ele pudesse né... e que o camarada pudesse fazer uma espécie de especialização dentro do próprio curso com... disciplinas eletivas ou optativas não sei como se chama hoje. Mas acho equivocado e reforço isso, a separação entre licenciatura e bacharelado. [...] (P11)

Alguns(mas) egressos(as) da UNIJUÍ sugeriram propostas no intuito de que o Currículo de Educação Física possuía maior vínculo com a realidade de trabalho, tais como; mais estágios supervisionados com o professor responsável assessorando (prestando assistência) e observando o aluno estagiário. E, como troca deste processo, o próprio professor (docente) que está “dentro” da universidade tem a experiência de voltar para a escola e vivenciar o dia a dia da escola, compreendendo “melhor” a realidade escolar. O professor formador (docente) precisa conhecer e vivenciar mais o concreto da escola, sair “das quatro paredes da sala de aula” da universidade e procurar acompanhar o que acontecer fora da universidade. Alertamos que nesta posição há uma reciprocidade tanto da escola com a universidade quanto da universidade com a escola.

É eu acho assim ó... que... acompanhei conheci pessoas de outros cursos e uma coisa que me chamou bastante atenção foi os estágios supervisionados, quer dizer, nós temos né?, o curso tem a prática de ensino, só! que... você não tem acompanhamento sistêmico entende! O professor, a universidade tá lá junto observando e tal e... isso da margem pra... aquela coisa assim, não eu vou... tenho que dar aula, aí depois eu tenho que fazer um relato de experiência né? e aí tudo sempre nos relatos a maioria tudo foi muito bom, foi tudo perfeito as aulas conseguiram ser efetivadas, e a gente sabe que não é assim. Que cada grupo é um grupo e cada dia na sala de aula é uma... Avalanche de novidades. Tu nunca sabe como teus alunos vão estar, o que eles passaram de um dia pro outro, como eles vão estar o seu humor, a sua disposição pra sentar e conversar. Então uma coisa importante seria redimensionar a assistência com os estágios supervisionados né?. e acho que a proposta do curso com essa última modificação que teve foi... foi muito significativa sabe pra tentar entender este universo da Educação física diferente, de ampliar esta visão de que... que existe... no caso da escola é lugar do esporte né?. e que não é só isso. Que a gente tem possibilidade de trabalhar muito mais mesmo com todas as dificuldades do material que é o que a maioria justifica como impeditivo pra fazer coisa diferente né? Então eu acho que isso assim, sabe. Talvez os próprios professores que estão dentro da universidade também terem essa experiência de voltar a escola, o dia a dia da escola que muitos eu já sei que já trabalharam, participaram da docência hoje estão exclusivos né?, no trabalho de formação, mas às vezes algumas considerações assim, não são condizentes com a realidade então talvez trabalhar com... oferecer desafios aos alunos pra planejar ou tendo como referência elementos da realidade mesmo, ah você não tem uma bola pra cada aluno pra trabalhar digamos o voleibol, você tem dois bolas para dois turmas e daí, como fazer uma aula dinâmica, e a gente sabe que é isso

que a gente tem que acabar fazendo e criatividade também só se consegue com estudo né?, (E05)

...

Então tem que ver a realidade mesmo, então às vezes tu tem uma bola só e tu tem que tentar ensinar alguma coisa daquele jeito. Né? Então na faculdade tem que ver bem a realidade, participar de muita coisa né?. Ver como funciona mesmo a escola né?. Ver de tudo! Acho que na faculdade até fazer um caderno de chamada, que a gente não sabia. Aquilo era uma coisa, errava tudo! Então era uma coisa, eu acho assim que a universidade tem que ta de acordo com a realidade do que acontece na escola de verdade! Não aquela coisa ilusória. Assim tão bonita tão fácil, que na verdade era né? [...] Então eu acho que tem que... Tem que sair da universidade. Tem que ver... e a universidade tem que ver o que acontece fora da universidade. Eu acho que a universidade peca muito, eu acho que ela participa muito pouco das escolas né?, eu acho que ela deveria abrir mais espaços, já que a gente não tem o material né?, já que a gente não tem aula aqui, a gente não tem colchão, então no município acaba sendo só os esportes de quadra né?, Porque tu não tem outro material porque tu não tem outras coisas. A gente solicita a UNIJUÍ, e a UNIJUÍ acaba ajudando as escolas particulares às escolas que já tem uma infraestrutura. E não da uma ajuda pras escolas mais carentes que é essas que precisam realmente e que às vezes tem muito aluno bom... muito aluno que teria progresso se fosse visto, se fosse levado a sério. Eu acho que falta isso da UNIJUÍ né?. (E13)

Outra proposta sugerida pelos(as) egressos(as) da UNIJUÍ, para que o currículo possua maior vínculo com a realidade de trabalho foi no sentido de que poderia haver mais qualificação e atualização por parte dos docentes, ou então, de trazer professores novos de fora com novas ideias – novas temáticas, ainda de concretizar um sonho de muito levado por anos, de (re)construir uma academia mais estruturada para dar conta do mínimo que a universidade se propõe na área na escolar-bacharelado.

Na UNIJUÍ!? É que assim ó quando eu entrei ali, muita coisa foram mudando, então eu acho que a cada dia eles tentam mudar, [...] mudar para professores mais atualizados e mais qualificados para o espaço de trabalho, uma academia mais estruturada, até a questão de professores às vezes eu acho que é bom trazer de fora. Não sempre os mesmos professores né? Então porque cria, cria aquela visão ali de que... sempre naquela mesma... temática ali deles, então acho que seria interessante às vezes. (E11)

Houve momentos em foi sugerido mais prática de ensino para o aluno-professor obter mais vivência do futuro local de trabalho. Outra sugestão é na elaboração de projetos do profissional da educação do bacharelado. Muitas reclamações no sentido de que a formação era voltada pra escola, que faltou formação para a área não formal de ensino, como exemplo: na área da academia o treinamento era muito pouco os alunos buscaram formação/conhecimento fora do

curso de graduação. Para alguns(mas) egressos(as) outro grande problema era voltado para o corpo docente, no qual muitos(as) eram demasiados teóricos e muitos docentes retrógrados. Ficam como sugestão ênfase para a área não escolar-licenciatura, e professores mais atualizados, ou seja, uma educação universitária de melhor qualidade.

Eu a sugestão que eu tenho, que eu vejo quando eu saí da faculdade e que eu vejo os professores que nos temos é a dificuldade de elaboração de projetos, projetos de educadores do profissional da educação do bacharelado tanto faz, que prá você faz um trabalho você tem que projetar ele né? e não coloca no papel o projeto às vezes faltam dados subsídios. Eu acho que poderia eu vejo ainda que a graduação a gente tem contato com os acadêmicos ainda falta um pouco disso sabe, prá defende uma ideia pode elabora um projeto que seja suficiente prá convence o outro a compra o projeto ou aceita ele dependendo da dimensão que ele tem né? Organização as metas a atingidas nesse viés assim né? No projeto. (E15)

...

Hoje eu já sei que o currículo da minha época mudou... [...] mas puxando pra minha época era um currículo assim muito... muito pedagógico... Tinha toda aquela atenção voltada pra escola, pra academia o treinamento era muito pouco tivemos que ir buscar fora... faltou prática de ensino mesmo... E tem um problema que eu acho muito grande, mais um problema mais com o corpo docente que eu acho que... Têm muitos, tem muitas pessoas que são só teóricos. Isso eu vi bastante. Agora que tu tá fora assim tu vê. Não adianta tu ser teórico sempre... [...] vai ter uma teoria que tu te embasou, mas quem vai pegar lá fora vai ter outra... se seguir tua ideia vai quebrar a cara, vai batalhar um pouco mais, não vai te facilitar... Tu pode ate tomar outro rumo depois [...] tem que ter essa jogada de [...] ter... uma outra visão. Tem alguns professores que buscam mudar aqui dentro do curso, não da pra negar... E tem uns que tão parados no tempo. Quem teve aula na minha época e quem teve aula agora tão escutando a mesma coisa, e isso já são 10 anos a mais de intervalo. Já se devia estar mais adiante, e tem gente que tá parado no tempo. Na minha época o currículo precisava mais um pouco de gás. Mais de análise do que o aluno quer... Tinha gente que não queria ir trabalhar em escola. Tinha gente que queria ir pra academia. É questão dos que tão dando o curso e ir se atualizar. Coisa que assim hoje em dia os cursos estão evoluindo um monte e a Educação Física, o cara é bom, só que tem que dar um aprendizado maior entende!. Mudar um pouco a roupagem, ele tá ainda... Tá com uma roupagem querendo ser nova, mas tem ainda muita coisa velha por baixo. Então tinha que dar uma sentada e dar uma renovada assim. (E31)

Ao analisarmos as propostas sugeridas pelos(as) egressos(as) ESEF/UFPel e da UNIJUÍ no intento de que o Currículo de Educação Física possua maior vínculo com a realidade de trabalho, verificamos que algumas destas sugestões estão na composição do Currículo. O qual poderia haver mais estágios extracurriculares e práticas de ensino com o docente observando e prestando assistência aos(as) aluno(as), tanto no campo formal de ensino quanto no não formal, desde os primeiros semestres do curso e permanecer vinculados à área de atuação

profissional focados para área de aprofundamento do interesse do(a) aluno(a). Segundo alguns(mas) egressos(as) os estágios são poucos e oferecidos por algumas disciplinas somente no final do curso ocasionado que o(a) egresso(a) saia do curso de graduação menos preparado para atuar profissionalmente.

Encontramos sugestões dos(as) egressos(as) tanto da ESEF/UFPel quanto da UNIJUÍ enfatizando melhoria da infraestrutura das universidades e sugestões para melhoria da área do bacharelado, pois para muitos(as) egressos(as) a formação estava demasiadamente direcionada à área escolar, ocasionando lacunas na formação para a área não escolar, na qual o egresso procurou formação/conhecimento fora do curso de graduação.

Outras sugestões dos(as) egressos(as) tanto da ESEF/UFPel quanto da UNIJUÍ foram concebidas na percepção de que o docente tenha a experiência de voltar para a escola, conhecer e vivenciar mais o concreto da escola, neste interinato (intermédio) ter reciprocidade tanto da escola com a universidade quanto da universidade com a escola. Outra proposta sugerida pelos(as) egressos(as) pautase pela formação de alguns(mas) professores(as) em estar mais atualizados e não dicotomizar as aulas em teórica e prática, pensar um currículo que esteja articulado com a escola e esta com a universidade visualizando uma formação de mão dupla, entre escola e universidade. Oportunizando ao egresso uma formação mais qualificada para enfrentar o ambicioso mercado de trabalho.

Entretanto ao analisarmos a proposta sugerida por uma (1) das egressas da ESEF/UFPel na intenção de que o currículo de educação física possua maior vínculo com a realidade de trabalho dos egressos, verificamos que apenas esta egressa salienta sua participação na construção do Currículo tanto das escolas em que atua quanto em participações em reuniões para a reformulação do currículo da educação física da ESEF/UFPel. Salientamos da importância da participação de toda a comunidade escolar em geral, seja ela na escola ou na universidade, de professores, gestores, alunos, pesquisadores, funcionários, e também a importância da participação da comunidade externa da escola para a construção do currículo Projeto Político Pedagógico (ou PPP).

Segundo a egressa entrevistada ao se referir da participação das reuniões que objetivava a reformulação do currículo da educação física da ESEF/UFPel,

neste “momento se discutia a dicotomia do curso de educação física, em bacharel e licenciatura”. O que “remanesceu” na compreensão da egressa foi de que: em primeiro lugar, “os(as)” docentes não se sentiram à vontade e/ou não estavam “prontos” para uma discussão sobre o que realmente pauta um currículo; e segundo, “os(as)” docentes da ESEF/UFPel moldaram o “novo currículo” exclusivamente a partir de suas características pessoais, de seus próprios conhecimentos e não a partir de um contexto geral de formação superior.

Inferimos que os pontos acima levantados mostram o papel que algumas universidades vêm assumindo, formando os(as) egressos(as) para dar conta das necessidades que o capitalismo impõe; outro papel importante diz respeito aos(as) gestores/docentes em manterem a ideologia dominante do sistema capitalista e, portanto do mercado de trabalho, tal como no taylorismo/fordismo em suas fábricas onde “os(as)” gestores/docentes pensam e os trabalhadores (alunos) executam. Uma divisão do trabalho onde se separa os pensadores (docentes) e os executores (alunos). Todas estas argumentações conciliam também com o processo de reestruturação produtiva como já denunciavam Catani, 2001 e Dias-Da-Silva, 2005, que tem sido apontada como um dos fatores que influenciaram as mudanças nos currículos como já demonstrado no decorrer desta Dissertação.

Corroboramos com Diniz (2002)⁷⁶ que o currículo ou PPP nos termos autoritarismo que acontece mais propriamente na área escolar, de moldar o currículo a partir das características pessoais/próprias, “é uma estratégia política geralmente utilizada pelos gestores, como diretores e coordenadores com o intuito de manter o poder de forma autoritária, e/ou cumprindo apenas a legislação que é mutante e ver a servir apenas ao sistema dominante. É uma forma de abolir a participação de alunos, pais e comunidades. É um ato contra a democracia, porque contraria o fundamento principal do objetivo do processo político pedagógico que é a construção de uma proposta coletiva de trabalho, de responsabilização e de autonomia”. Ressaltamos que esta prática acontece tanto nas escolas quanto em outros espaços, como nas universidades estudadas por exemplo.

⁷⁶Regina Aparecida Freitas da Costa Diniz. Disponível em: http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_9977/artigo_sobre_projeto_politico_pedagogico. Revista: PRESENÇA PEDAGÓGICA. Ano 43, jan. fev. 2002. Acesso em 03/05 de 2011.

Outras sugestões totalmente opostas defendidas por alguns(mas) egressos(as) da ESEF/UFPeI, diz respeito à dicotomia do curso de educação física entre licenciatura e bacharelado. Duas egressas acreditam que a separação dos cursos já “solucionou” o problema da área da educação física. Entretanto, opostamente um egresso sugere a unificação dos cursos para que os(as) egressos(as) tenham uma sólida formação. Para este egresso é equivocada a separação dos cursos, pois reduzir a limites mais estritos a formação e a área de atuação dos egressos e leva a cabo a universidade a formar um profissional “pouco” qualificado para enfrentar o desolador mercado de trabalho.

Em que pese às sugestões dos(as) egressos(as) da ESEF/UFPeI e da UNIJUÍ no intento de que o currículo de educação física possua maior vínculo com a realidade de trabalho alguns(mas) egressos(as) tomaram como referência a dicotomia do curso de educação física, ou seja, a segregação entre licenciatura e bacharelado. Portanto, dos vinte e cinco (25) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPeI, dez (10) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPeI se colocaram contra a questão da dicotomia do Curso de Educação Física.

Na visão de alguns(mas) egressos(as) com a dicotomia do curso de educação física as duas áreas, tanto o bacharel quanto o licenciado saíram perdendo, para que o profissional de educação física tenha uma sólida formação não há como dissociá-las; outros(as) afirmam que sem a dicotomia ou fragmentação do curso, para os egressos a formação seria muito mais completa associando as duas áreas. Com a dicotomia do curso – a fragmentação do conhecimento, os(as) egressos(as) acreditam que a formação do profissional fica muito limitada tanto o bacharel quanto o licenciado, acarretando ao licenciado poucos conhecimentos sobre as áreas de fisiologia/fisiológicos e a área do bacharel fica debilitado na parte da educação.

Portanto na visão dos(as) egressos(as) o profissional é que acaba saindo perdendo com a separação dos cursos. Para os egressos entrevistados a dicotomia do curso não deveria ter existido, pois são completamente contrários a esta decisão. Acreditam que foi uma separação lamentavelmente equivocada, pois restringe muito o mercado de trabalho para o profissional de educação física, a sugestão dos(as)

egressos(as) é de que volte a ter um currículo unificado para o Curso de Educação Física.

Eu acho que não deveria ter acontecido, eu acho que as duas áreas perdem na verdade, em termos de... eu não sei, eu vivenciei a licenciatura plena e eu me senti capaz, com uma base legal nas duas áreas, hoje eu fico pensando assim, será que tem como dissociar uma coisa da outra? Separar uma coisa da outra? Eu fico imaginando assim que pra ti exercer a formação de bacharel tu tem que ter uma formação de bacharel, tu tem que ter uma formação na área da educação, e assim como pra exercer lá, pra ser um simples professor de escola tem que conhecer a parte fisiológica, conhecer inúmeras coisas que fazem parte do bacharel. Então não vejo assim essa dissociação, esta separação tanto das duas coisas, eu acho que a pessoa se formaria muito mais completo associando as duas coisas. Nem que pra isso acrescentasse mais um ano, ao invés de um curso de quatro anos seria de cinco anos, mas eu acho que o profissional sairia muito mais completo do que sai hoje. Eu acho que sai muito limitado tanto o bacharel quanto o licenciado. Sabendo que o licenciado atua nas duas áreas né, em academias, escolas... [...] O currículo de educação física tem uma formação da licenciatura de academia, de fisiologia? Eu acho que nenhuma das áreas vai ganhar nada com isso!. Ficou um profissional na verdade medíocre pelo que eu vi. Pelo que li da estrutura do currículo, tu vai precisar das duas áreas pra atuar. O licenciado sai muito ruim nas áreas de fisiologia parte de conhecimento fisiológicos das pessoas assim como o outro não tem área nenhuma na parte da educação. Eu só vejo que o profissional sai perdendo com a separação (P08)

...

Eu questiono muito a questão do bacharel e da licenciatura. Eu não só questiono como acho que não deveria ter separado. Eu acho que restringe muito o mercado de trabalho ao profissional [...] acho equivocado e reforço isso, a separação entre licenciatura e bacharelado (P11)

...

Eu acho que não é válido porque no final das contas eu fico bem aliviada que eu me formei nas duas áreas, na licenciatura plena porque, então se tu perceber a minha atuação é bem direcionada na licenciatura plena, porque eu dou aula numa escola eu porque eu posso atuar tanto num espaço de uma academia quanto aqui com Pilates, então eu abranjo todas as áreas que eu me formei se eu fosse direcionar... Não sei! ...e não sei se pudesse atuar em uma ou outra. ... Eu acho que... pelo que as pessoas comentam que tão se formado ou que se formaram ou que tão fazendo o curso ainda ou licenciatura ou bacharel, é que não tá sendo definido bastante e não tá agradando o pessoal, porque era pra direcionar e tal, pra ter maior abrangência dos conteúdos e tal, a respeito daquela modalidade, mas é... acabou pelo que eu sei... pela informação que eu tenho que não tem sido isso. (P20)

...

Olha, é a coisa mais absurda que eu já vi na minha vida!. Quando foi feita... Quando foi feita a dicotomia do curso, eu tava presente nas discussões eu avalio que foi um... (roubo) muito grande das privadas, avalio que foi assim, avalio que as federais, digamos às federais que são as grandes forças né... existem Também as estaduais, Também que sejam né... as federais eram contra a maioria, mas Tb houve uma certa omissão na coisa Também. Ouve. Então eu começo por aí, não deveria ter existido a dicotomia do curso. Não deveria, isso é um absurdo. [...] eu sou completamente contra isso aí. Gostaria que voltasse a ter um curso só [...]. (P18)

Adentrando ainda mais nesta questão da dicotomia do Curso de Educação Física uma egressa (P18) já mencionada acima que se põe contra a fragmentação, aprofunda esta questão tratando da responsabilidade que a universidade tem ao formar um profissional/egresso que não tem mercado/espço de trabalho para atuar. Em caso específico do bacharel que para poder sobreviver e dar sobrevivência à sua família neste famigerado mundo capitalista vai ter que complementar com a parte da escola (licenciatura), mas com a fragmentação do curso de educação física o egresso fica deficiente dessa condição. Então, a egressa traz essa preocupação de que a universidade deveria ter que é questão de responsabilidade pedagógica de fundo muito importante, ao invés de ser perversa. A egressa cita ainda a maior perversidade da universidade que está implantando o REUNI, aumentando o número de alunos nas universidades sem contratação de novos professores e sem aumento ou melhoria da infraestrutura das universidades, precarizando o trabalho docente, ainda com pouco aporte tecnológico e sem o aumento/melhorias nas bibliotecas. Portanto, a com esta “formação em massa” de professores saindo das universidades (como se fosse carros saindo das fábricas), onde todos vão trabalhar? O que vai acontecer é o que o sistema capitalista necessita, é ter um contingente de pessoas a espera de um emprego, o seja um imensurável exército de reserva.

[...] O que tem que pensar Também quando tiver formando, se vai ter licenciatura, se vai ter bacharelado, se não é uma espécie de perversidade ter um curso de bacharelado que não vai ter onde trabalhar, em pelotas. O bacharelado vai trabalhar onde em Pelotas? Na academia, ele vai ganhar quanto? Nada! Então ele vai complementar com o que? Vai ter que conseguir um colégio, uma escola [...] Então a universidade... temos que começar... temos que abrir mais vagas, temos que botar mais gente, mas sim... vai trabalhar onde? As pessoas vão se formar e se tocar tudo aqui de Pelotas? Isso é uma das questões da universidade. Porque o governo federal quer implantar o nº de vagas, o Reuni, etc., etc., e tal até parece que a gente é retrógrado que a gente não quer aumentar o n.º de vagas, e tal, mas não é isso!. Tem uma questão de responsabilidade pedagógica de fundo muito importante que é isso. O mercado vai absorver? Vai absorver? Agora com o noturno aqui, tem 24 frequentando. A aula no noturno aqui a licenciatura entra 44 todo ano, o bacharelado entra 44 tb. Já da 88, mais 30... dá cento e não sei o que... Entrando no mercado por ano. E queriam que aumentasse... Todo mundo se forma e vai trabalhar onde? Não tem [...] (P18)

Outra egressa (P23) que se opõe a dicotomia do curso de educação física em bacharel e licenciado, acredita que é uma visão mercadista, portanto capitalista que só colabora com a precarização e parcialização do trabalho, tal como

gerenciada pelo modelo fordista. Confere esta posição do próprio CREF-CONFEEF, além de ser uma forma de o Conselho ter mais gerência e associados. Esta egressa põe-se contra a regulamentação da educação física e acredita que o curso de educação física deve ter um currículo único, básico até determinado ponto para depois o aluno decida o seu aprofundamento, vinculado ao seu exercício profissional.

Eu não sou a favor da dicotomia, e acho que a educação física é extremamente ampla tem diferentes dimensões pra trabalhar, eu acho que a divisão só colabora com a parcialização do trabalho que é um processo que a gente vive. Então talvez seja boa pro conselho, pro CREF e – CONFEEF pra ter mais pessoas pra colocar, sei lá se associar. Eu acho que a educação física deveria ter um currículo único, básico, até um determinado ponto e depois dá essa opção de escolha, ou se a pessoa não quiser optar por não fazer, que não faça um deles. Mas eu acho que... eu trabalhei pouco com a área mais da saúde, eu me encontrei mais na escola. Não me arrependo de ter estudado. Acho que é importante pra minha formação... se o aluno quebrar o braço... é isso acontece direto... até pra discutir com eles, pega um ensino médio as questões de estética, questões de violência, de qualidade de vida, saúde, eu acho que toda essa discussão é da educação física, não tem como separar esta discussão. Eu não entendi até hoje porque fizeram isso. Eu pra mim tem que ter... eu sou do movimento que acaba com isso, acho que tem que ter uma organização e isso passa pela universidade... Santa Maria já tá fazendo esse processo, a FURG já tem o curso dela que há pouco foi criado e não faz essa separação, tem outras universidades que não fazem essa separação. (P23)

A egressa acima mencionada (P23) informou que faz parte do Movimento Nacional Contra a Regulamentação do Profissional da Educação Física (MNCR), e acredita que os profissionais/egressos e alunos do curso de educação física devem fazer parte deste movimento para lutar e assim defenderem seus direitos. A egressa é professora além da rede pública de ensino também de uma faculdade de educação física particular, que nesta última forma profissionais apenas licenciados.

A egressa informou que está consciente da contradição referente aos seus alunos, e, que os alunos também estão cientes desta contradição, sendo que os mesmos adquirem habilitação apenas em licenciatura, mas atuam muitas vezes na área não formal de ensino. A egressa acredita que a formação que os alunos estão tendo na faculdade (também) com disciplinas de anatomia, cinesiologia e fisiologia entre outras, os alunos se sentem à vontade para se formar e atuar na área não formal de ensino. A mesma acredita que o currículo da faculdade é extremamente “enxuto” de apenas três (03) anos que em sua visão neste período não dá para dar

conta das discussões referentes à área escolar, falta à parte da discussão da educação física como um todo (licenciatura mais bacharelado).

[...] eu sou do movimento contra a regulamentação e digo assim, vale dos alunos participarem (também) do movimento contra a regulamentação e defenderem seus direitos. [...] Eu sempre deixo claro pros meus alunos e evidencio que eles podem ser o que eles querem. As licenciaturas hoje em dia o pessoal faz muito curso, os da licenciatura fazem curso e direto eles atuam, na verdade, nas academias, na ginástica laboral, no Pilates, eles tem atuado, os alunos tem saído de lá com essa contradição de que estão no curso de licenciatura, tudo isso é dito pra eles, que o foco básico de atuação é o ensino básico e escolas especiais e etc., mas a formação que eles tem lá, dentro da parte da recreação, dentro da parte de ginástica geral, dentro da parte da saúde que eles tem cinesiologia, eles tem anatomia um e dois, eles em uma bagagem, eles se sentem a vontade pra se formar e atuar em áreas que não sejam a escola. Então acho que até, eu me sinto a vontade, eu não sou uma pessoa radical de dizer olha pessoal quem tá aqui na vai poder atuar em outro lugar, eu não faço isso... eu digo, vocês estão se formando em professores de educação física e o foco das disciplinas que eu dou é a escola, é onde eu mantenho o foco, bom mas se em algum momento, porque a gente tem muito ali na faculdade atletas de futebol, atletas das lutas, a gente tem uma quantidade enorme de alunos que são atletas, da capoeira, e eles estão procurando uma formação de ensino superior, estão procurando a licenciatura. Alunos trabalhadores, então não sou eu que vou dizer pra eles o que que eles vão ser... eu digo qual é o limite que tem hoje o currículo da faculdade que é extremamente enxuto... é em três anos e na minha opinião não dá conta nem se quer da discussão da escola, muito mais da educação física como um todo. (P23)

Por fim, a egressa (P23) levanta/desenreda a questão da Resolução n.º 03/87 informando que os(as) egressos(as) do curso de licenciatura podem atuar na área escolar e não escolar. Aponta que fica a restrição se refere apenas para a área do bacharel. Por isso (também) sua indignação contra a regulamentação da educação física. Aponta ainda, que a posição defendida pelo CREF é de que os licenciados não podem atuar na área não escolar, sendo enfáticos e intimidadores, por conta desta contradição, foram chamados muitas vezes os agentes que defendem o CREF e os agentes que defendem o Movimento Nacional Contra a Regulamentação do Profissional da Educação Física (MNCR) para um debate aberto, porém o CREF compareceu apenas quando era apenas um debate com a sua posição, o CREF nunca compareceu para um embate, nunca “marcou presença”, portanto se omitiram quando os agentes do MNCR confirmavam presença.

Eu vejo que na 03/87 [os egressos] o curso de licenciatura podem atuar em escola e academia, o que fica restrito é pro bacharel. É isso é uma discussão, o CREF não tem essa posição, o CREF já fez duas palestras lá dentro da faculdade e disse que quem faz licenciatura não pode [atuar na área não escolar]! E nós levamos o pessoal do Movimento Contra a Regulamentação e contra o CREF e o pessoal colocou isso pra eles. Só que o que acontece é o seguinte: nas academias e quando eles são fiscalizados se eles não tem a legalização do CREF eles são multados. O CREF faz isso e intimida, mas a maioria dos alunos tem saído e alguns tem montado academia com alguém que já é que tem as duas, a plena [Licenciatura Plena] né, e aí eles estão trabalhando. Isso eu te digo eles estão trabalhando, mas eles têm esse medo, porque o discurso do CREF é esse né, [...] é a gente todo ano conversa com os alunos e a gente traz essa conversa, e alguns pedem essa mesa com os dois, o CREF nunca vai quando tá o pessoal do Movimento, a gente têm uma relação muito boa com [o pessoal Contra a Regulamentação da Educação Física] [...] eles foram diversas vezes lá na faculdade e conversaram bastante com os alunos e existe sim esta disputa né. E a gente não nega ela. E eu digo sempre pros meus alunos olha vocês vão ser o que vocês quiserem, agora eu não posso deixar de ver que o currículo da faculdade em que eu trabalho ele não dá conta em muitas questões do bacharelado.... e que eu acho que eles deveriam ter como básico pra atuar em áreas mais específicas como eles gostam ou não sei se tá na moda, mas tem muito alunos que procuram e tem interesse em recuperação de lesão e trabalhar com pessoas que operaram, ou que tá com lesão aqui e ali. (P23)

Outro egresso (P24) da ESEF/UFPel informou que se põe contra a dicotomia do curso, mas em sua visão o motivo é que a divisão apenas ocasionou a desvalorização da área do bacharelado. Acredita que o licenciado deveria ser direcionado para atuar em escolas e universidades. Portanto, para o egresso nos transparece que apesar de se dizer contra a dicotomia, em determinados momentos parece ser a favor da dicotomia, sua revolta contra a dicotomia fica entorno apenas da desvalorização da área do bacharel que fica com a área mais restrita de trabalho não podendo atuar na área escolar.

Eu acho que do jeito que tá eu sou contra, porque a diferença são apenas algumas disciplinas. Eu não acho que tem que haver esta valorização maior pras disciplinas do licenciado, mas a licenciatura pode praticamente atuar em todo mercado. Que é o caso da licenciatura plena, e o bacharelado mais restrito. Então por eu achar que as disciplinas que são vistas na licenciatura são mais importantes que as vistas no bacharelado, eu acho que a diferença tinha que ser maior... por exemplo, do meu ponto de vista, a licenciatura somente trabalhar como professor de escolas de universidade, nessa linha. E o bacharelado trabalhar em academia. O de licenciatura trabalhando em duas áreas ou de toda a área enquanto o do bacharelado limitado. Do jeito que tá ela só é ruim pro bacharel. (P24)

Quanto aos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel que são a favor da dicotomia do curso e educação física, oito (08) foram enfáticos(as) a favor da separação dos

cursos em bacharelado e licenciatura. Os motivos também são diversos, entre eles está à (falsa) impressão de que com a separação dos cursos o egresso vai (se graduar) se direcionar para uma área específica e sair mais especializado e ou preparado para área de atuação, tanto no bacharelado quanto na licenciatura.

No começo eu meio que criticava, mas aí eu comecei a analisar e olhei o próprio currículo deles, dei uma olhada, o bacharel sai muito mais preparado pro bacharel e o licenciado sai muito mais preparado pra licenciatura. (P10)

...

Eu acho bastante válido esta separação... apesar de não tá acontecendo na prática esta separação né? Mas eu acho válido como eu já tinha te dito, eu acho que a profissão de educação física engloba muitas áreas, né? Então dessa forma, é uma forma da gente conseguir um pouco separar e especializar um pouco o que quer na educação física. Porque a gente se forma e pode trabalhar onde bem entende... onde bem entende... não. Dentro da educação física tem diversos campos pra ir, tem a dança, tem esportes, tem academia... tem clube... então eu acho que com essa separação a gente consegue limitar e se especializar mais na área que a gente quer seguir. (P12)

...

Eu acho que assim que com essa divisão tu caminha pra um lado só. Escolheu uma área e seguir tu te especializa naquilo ali. Eu não tenho noção do que tá acontecendo por não viver mais disso. Eu fiz licenciatura plena e podia trabalhar nas duas áreas. Que é a licenciatura agora, pra ti ver como eu nem sabia que licenciado pode atuar em academia. Eu acho que... é interessante... que nem eu tava te falando... tu estuda pra aquilo ali [...]. (P21)

...

Sou formado na licenciatura plena. Bom pelo que eu entendo... eu acho que... o curso da ESEF já tá assim... eu acho importante... por ex. licenciatura... certas disciplinas que são direcionadas da licenciatura... porque na minha época foi licenciatura plena então, foi um mix de matérias tanto que eu tava fazendo não tinha uma definição, eu achava o currículo meio complicado... não tinha uma definição de essa é licenciatura, essa é bacharelado... eles usavam tudo pra tudo... Então eu acho que se conseguir direcionar a licenciatura e bacharelado sendo licenciatura só licenciatura e bacharelado só bacharelado todo profissional ia ganhar... eu acho que dá pra fazer as duas pelo que eu vi, dá pra iniciar uma e fazer a outra... aí eu já acho complicado... uma coisa é tu fazer quatro anos de licenciatura e mais dois de bacharel... outra coisa é fazer quatro anos de licenciatura e mais meio ano de bacharel... não sei como tá funcionando agora, se é quatro anos de licenciatura mais meio de bacharel ainda faz meio vinculado a bacharel ou bacharel com pouco de licenciatura. Se for direcionado licenciatura e tiver 1, 2 anos de bacharel seria perfeito. Ao contrário! Mas se for licenciatura e uma complementação de bacharel eu acho que cai naquela mesmice de tá tudo em tudo. Tu sabe muito de pouco!. Não sabe pouco de muito! Não consegue direcionar [...]. (P04)

Entretanto, sete (07) egressos(as) entrevistados(as) não souberam opinar ou então, não tiveram certeza sobre a resposta a ser dada sobre a fragmentação dos cursos em bacharelado e licenciatura. Alguns(as) egressos(as) até tentaram

opinar, mas não conseguiram tomar uma posição segura e firme. Na visão de alguns(as) a separação foi “boa” por um lado, pois “qualifica melhor o profissional” por outro lado alguns(as) argumentaram que a separação “inibe o campo de trabalho” para os profissionais que querem atuar nas duas áreas. Para outros(as) egressos(as) a união dos currículos dá um embasamento geral tanto da área escolar quanto não escolar de ensino.

[...] por um lado acho bom, por outro não. Não tenho muito aprofundamento sobre isso. O lado bom é que eu vou ter uma visão tanto do bacharelado quanto do licenciado. E o ruim acredito eu que a gente não vá se aprofundar tanto num quanto no outro. (P14)

...

[...] porque daí tu vai te direcionar para alguma coisa ou pra outra... A recepcionista faz educação física, mas aqui ela é só recepcionista, ela parece que não gostou muito assim porque o licenciado pode atuar em academia sim... Eu achei que a licenciatura era só pra escola... Então pra que a divisão? (P16)

...

A minha visão sobre isso... vem cá o licenciado pode atuar em academia Também? [...] Eu não sei até que ponto é interessante fazer... separar... porque eu não... (P21)

...

Eu acho que se é bem aproveitado é válido pra qualificar o profissional. Ao mesmo tempo ele inibe este profissional em trabalho. Porque assim o que é que acontece... Como muitos profissionais da área trabalham em um período como personal e outro período em escola. Isso, com a divisão tu não pode fazer... esta aposta pro bacharel e pra licenciatura. A não ser que tu faça o complemento depois. Então é um período maior estudando. Tipo seis anos estudando... De faculdade pra tu seres... Um profissional que possas atuar em qualquer área!. Do jeito que tava o currículo não pode estar porque pra nós não foi... suficiente! (P17)

Ao aludir sobre a questão da dicotomia do curso de educação física os(as) egressos(as) entrevistados(as) da UNIJUÍ que advém de uma universidade privada, apontaram (poucas) opiniões divergentes. Fato que nos provoca é que dos trinta e um (31) egressos(as) entrevistados(as), somente dois(uas) (2) egressos(as) se colocaram contra a questão da dicotomia do Curso de Educação Física. Para o egresso (E19) uma área complementa a outra, por este motivo é interessante ter as duas áreas num currículo único. A egressa (E09) afirma ser contra a dicotomia do curso de educação física, pois acredita que tanto a licenciatura quanto o bacharelado vai limitar a formação do professor de educação física.

[...] eu acredito ser, que a licenciatura complementa o bacharelado e o bacharelado complementa a licenciatura. Por isso é interessante ter os dois

mesmo. Não somente um. (E19)

...

Eu achei muito interessante [tocar nesta questão], porque ninguém pensa muito sobre isso... Com a separação que teve ainda mais [ruim]... porque o bacharelado deixa muito a desejar, [...] tu não tem embasamento nenhum geral [...] tu saí dali depois tu não tem nada a não ser depois a escola, e nem todo mundo quer a escola. E mesmo assim prá escola tá muito mal preparado. (E09)

Um aspecto altamente relevante é que os demais vinte e nove (29) egressos(as) entrevistados(as) da UNIJUÍ, nove (09) são a favor da dicotomia do curso. A (falsa) impressão para estes egressos é que o mercado de trabalho está se “abrindo” crescendo e por isso a separação dos cursos para qualificar cada vez mais os profissionais/alunos. Ainda a dicotomia é vista e defendida como uma direção a ser tomada pelo professor de educação física ou enquanto aluno da graduação, para atuar na área do bacharel ou na área da licenciatura.

[...] na questão da licenciatura né? e hoje no bacharelado a educação física tá se abrindo novos mercados a questão de clubes, hotéis, clubes esportivos que estão necessitando de profissionais da área da educação física e qualificação a gente acredita que não tem totalmente a gente poderia ter mais...(E24)

...

Eu acho que tá crescendo muito tem bastante espaço dentro da educação física, diferentes espaços não só a parte de licenciatura, mas hoje o bacharelado eu percebo que cresceu muito né? Então têm desde a base de esportes, tem o trabalho personalizado, dentro das empresas tá crescendo bastante com relação a isso, clubes que tem um investimento grande também. Eu vejo que tá crescendo e tem uma perspectiva de cresce mais ainda. (E 17)

...

[...] essa historia de licenciatura e bacharelado... Ah têm mais clareza no que se quer né e onde atuar, isso só pros alunos já tem uma... [direção] tá mais claro pros acadêmicos. No meu tempo, por exemplo, eu via assim né? meio confuso [...]. (E23)

...

[...] muita coisa já mudo dentro do curso... a divisão do bacharelado e licenciatura e que infelizmente essa fragmentação precisa acontece para o pessoal se especializa mais no que gosta, ou bacharel ou licenciatura. (E03)

Outras duas (02) egressas entrevistadas da UNIJUÍ são a favor da dicotomia do curso de educação física. Para a egressa (E15) apesar da “separação” a licenciatura deixa um campo mais específico (limitado) para atuar na área escolar, entretanto o bacharelado na visão da egressa possibilita mais possibilidades de atuação no mercado de trabalho. Mas a egressa (E15) expressa muito bem e com

muita naturalidade o pensamento hegemônico e o objetivo do capital, quando afirma que para se manter no mercado de trabalho no espaço do bacharelado, ou seja, no espaço não escolar é necessário ser um profissional muito qualificado e competente porque tem muita concorrência nesta área.

[...] no caso da licenciatura e no bacharelado... a separação... a licenciatura é... deixa um campo mais específico porque tu acaba trabalhando em escola, o bacharelado não ele te dá um leque de possibilidades que vai muito da tua qualificação aí tu se garante no mercado de trabalho na medida que se é competente né porque a concorrência vai ser maior e acho que temos muitas vagas por aí ainda relacionadas a questão da qualidade de vida a questão dos cuidados com o próprio corpo. Então acho que talvez essas conquistas são as que mais tem possibilidades, vai da qualificação da relação que o profissional vai fazer com a profissão que ele escolheu. (E15)

Por fim a outra egressa entrevistada da UNIJUÍ (E08) que também é favor da dicotomia do curso de educação física acredita que depois que houve a fragmentação do curso, ele ficou mais ampliado, dando uma formação mais focada “restrita” para os objetivos do(a) aluno(a). Todavia, no decorrer da fala da egressa (E08) percebemos que em sua concepção faria os dois cursos – a licenciatura e o bacharelado, ou seja, em “determinado ponto” da fala a egressa, ela se dá conta da necessidade de ter a dupla formação, mas não abre mão da dicotomia do curso. Esta egressa não constata nem percebe assim como tantos(as) outros(as) profissionais que está colocando totalmente em prática a ideologia do sistema capitalista.

é eu acho... que agora o curso ele ampliou mais. [...] Com isso ele [o aluno] pode se preocupar mais com aquilo que ele quer, ah eu quero fazer uma formação bem restrita pra aquilo. Acho que no início era muito geral assim... [o pouco que tinha] era muito voltado pro lado do pessoal. E tinha gente que queria outra coisa e ficava com receio né?. [...] o pessoal hoje opta ou por um ou por outro né? É eu se fosse hoje... faria os dois também. Mas claro que tem gente que... não quer né? opta pelo bacharel, por exemplo, e vai trabalhar... isso eu acho legal, pois dá uma consistência maior pro aluno. Ele precisa sair dela [da universidade] com esta base né?. o curso e os alunos só tem a ganhar com isso né? (E8)

Outro fato que se sobressai “aos olhos” é que vinte (20) egressos não souberam se manifestar frente esta questão. Transparece-nos que na visão destes(as) egressos(as) dois fenômenos são sobressalentes: primeiro que a hegemonia da ideologia neoliberal que é transmitida tanto em todo o período escolar

quanto na universidade (entre outros lugares também como televisão, família, entre outros) com seu contexto da reestruturação produtiva, que “naturaliza” todas as ações na atual fase do desenvolvimento do capitalismo, foi concretizada, isso é evidente; o segundo ponto que este fato nos revela é que os(as) egressos(as) não estão “preocupados” ou não se deixaram impressionar com a fragmentação da formação que a área da educação física vem enfrentando, como se essa ação não os afetasse.

Essa “ingenuidade” dos(as) egressos(as) da UNIJUÍ nos inquieta e nos aflige. Impossível não se dar conta que a dicotomia da área da educação física só explora o trabalho professor, precarizando o trabalho objetivamente e subjetivamente, aumento do trabalho, no caso do instrutor de academia ter que atender três ou quatro alunos ao mesmo tempo, sem contar com o aumento dos alunos em sala de aula que chega a quarenta e cinco (45) ou cinquenta (50) alunos; ainda, tirando direitos trabalhistas tais como férias remuneradas, 13% salário, entre outros; concede pouca remuneração, ou seja, mão de obra barata, como já defendemos no decorrer deste trabalho e como salienta Ferraz (2008, p. 10) este sistema subjuga o trabalho ao capital.

Em que pese às sugestões dos(as) vinte e cinco (25) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel e dos trinta e um (31) egressos(as) entrevistados(as) da UNIJUÍ quanto à dicotomia da formação⁷⁷ do curso de educação física, ou seja, quanto à separação dos currículos entre licenciatura e bacharelado, apreendemos das respostas dos(as) cinquenta e seis (56) egressos(as) entrevistados(as), somente doze (12) se opuseram à dicotomia da formação do curso de educação física. Este é um fato de extrema relevância, o qual nos chama a atenção, pois se trata da divisão da formação área de educação física e, portanto da fragmentação dos conhecimentos oferecidos para o(a) professor(a).

Acreditamos que para haver uma sólida formação não há como dissociar as duas áreas do conhecimento (bacharel x licenciatura) e lutamos junto com outros movimentos que defendem esta concepção na qual também defendem os direitos dos trabalhadores, no caso o Movimento Nacional Contra a Regulamentação do

⁷⁷ Sobre a visão dos egressos referente à dicotomia dos cursos de educação física na formação do professor de educação física, já estamos escrevendo um artigo com outros(as) professores(as), o qual cumprirá seu objetivo, em breve será disponibilizado para conhecimento público.

Profissional da Educação Física (MNCR) e a ExNEEF (entre outros pequenos grupos). Não consentimos com o fato, por outras palavras, não aceitamos que a formação do professor de educação física deva ser fragmentada e nem ficar aos mandos do mercado, ou seja, do capital.

Opomo-nos a este mercado de trabalho capitalista e manipulador que precariza as condições de trabalho do professor de educação física, que cada vez mais aumenta seu exército de reserva de trabalhadores, que vivem em condições sub-humanas, muitas vezes passam fome ou para que isso não aconteça, vendem sua única fonte que é sua força de trabalho por “resto de barato” sem direitos trabalhistas para ficar com a disputadíssima vaga de emprego. E ainda neste contexto os trabalhadores para sobreviver, adentram no trabalho informal muitas vezes precário e com poucos direitos ao trabalho e, além disso, terceirizam sua força de trabalho diante da reestruturação produtiva.

Assim como nossa pesquisa empírica demonstra, alguns(mas) egressos(as) acreditam que a dicotomia foi lamentavelmente equivocada, pois além dos dados já citados acima, mais uma posição é que restringe muito o mercado de trabalho para o professor de educação física e ainda que a educação física deva voltar a ter um currículo unificado. Sugerimos e defendemos a proposta da Licenciatura Ampliada em Educação Física⁷⁸ construída pelo grupo LEPEL/FACED/UFBA em conjunto com a ExNEEF. Pretendemos demonstrar aqui que há grupos que se opõe e revolucionariamente propõe alternativas contra os interesses do mercado capitalista, como afirma Both 2009 (p.99), há “setores revolucionários da educação física [que] vêm propondo alternativas que atendam os interesses históricos da classe trabalhadora, em contraposição (...) aos setores reacionários da Educação Física”.

Por fim, diante deste contexto acreditamos que os vinte e sete (27) egressos(as) entrevistados(as) das duas universidades que participaram desta pesquisa que não souberam opinar sobre a dicotomia do curso de educação física (e dos demais profissionais também), inevitavelmente devem “tomar consciência” dos problemas que ocorrem na nossa própria área, ou seja, os problemas que a dicotomia ocasiona para os próprios professores de educação física. Reiteramos a premência dos(as) egressos(as) ficarem a par e se politizar na luta no interior da

Educação Física, ou seja, no atual momento “urge a necessidade da classe trabalhadora se organizar, por meio de sindicatos e movimentos sociais – caracterizados como espaços contra-hegemônicos -, para resistir e enfrentar os ataques que a classe dominante (donos dos meios de produção) têm realizado contra os direitos conquistados historicamente pelos trabalhadores organizados”. (Boletim 1º de Maio de 2010 do MNCR). Estamos cientes de que embora haja resistências, tudo vai ao encontro do mercantil privado, por isso, lutamos e acreditamos na superação desta etapa.

3.2.2 Dados referentes à participação em programas de formação continuada

Nesta categoria apresentamos os dados relativos à formação profissional dos(as) participantes da pesquisa, referentes participação em programas de formação continuada – pós-graduação (especialização, mestrado e ou doutorado), participação em cursos de extensão e eventos científicos e participação em projetos de pesquisa e de extensão durante a graduação.

No que diz respeito à participação em programas de formação continuada – pós-graduação (especialização, mestrado e ou doutorado), grande número dos(as) egressos(as) do curso de educação física da ESEF/UFPel procurou cursá-los. Dos(as) vinte e cinco (25) egressos(as) que participaram da pesquisa, vinte e dois (22) realizaram cursos de pós-graduação. Todas as egressas entrevistadas (14) estiveram integradas em curso de pós-graduação. Já, dos onze (11) egressos entrevistados apenas oito (8) realizaram curso de pós-graduação.

O curso de pós-graduação (especialização) mais citado pelos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel foi de atividade física adaptada e saúde, sendo que sete (7) egressos(as) o cursaram; dois (2) realizaram especialização na área de futebol; um (1) realizou especialização em ginástica escolar especial; um (1) realizou especialização em avaliação e prescrição de exercício físico; um (1) realizou especialização em educação postural; um (1) realizou especialização na área de

⁷⁸ Não temos neste momento, a pretensão de discutir esta proposta. Entretanto, para melhor

currículo escolar; um (1) realizou especialização em jogos cooperativos; um (1) realizou duas (2) especializações, sendo uma na área de treinamento esportivo e a outra na metodologia de ensino na área de educação física; um (1) realizou duas (2) especializações, sendo uma na área da educação física escolar e a outra na área da atividade física; um (1) realizou especialização na área psicomotora; um (1) realizou especialização em personal trainer com grupos especiais; um (1) realizou especialização na área de desporto coletivo; dois (2) realizaram especialização na área da educação física, corpo e qualidade de vida; um (1) realizou especialização na área da pesquisa em educação física.

Outro aspecto relevante na formação continuada - pós-graduação - relacionado ao curso de mestrado é o de que, entre todos(as) os(as) informantes, apenas o público feminino teve a oportunidade de ingressar neste curso. Três (3) egressas entrevistadas da ESEF/UFPel concluíram o curso de mestrado. Destas, uma (1) realizou o curso de mestrado na área das humanas; 01 na área de dança na escola; e uma (1) realizou o curso de mestrado fora da área da educação física, ou seja, na área de educação ambiental. Apenas uma (1) egressa entrevistada doutorou-se na área de sociologia e filosofia.

A maioria dos(as) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel acredita ser importante realizar o curso de formação continuada - pós-graduação, tanto especialização, mestrado quanto doutorado. Os motivos são muitos diversificados, grande parcela acredita que realizar um curso de pós-graduação vai possibilitar ter um currículo melhor, ou seja, terem melhores chances de concorrer (e vencer) a uma vaga de emprego. Ainda, para outros, é a possibilidade para adquirirem mais conhecimento, e também porque almejam a carreira universitária.

Mais conhecimento,... pro currículo, e também porque eu vi o mestrado. (P09)

...

[...] pra melhorar o currículo, mas visando assim abrir a cabeça um pouco. Mudar um pouco. Buscar novos horizontes... (P01)

...

[...] no caso de concurso né... é pro currículo. (P07)

Outros, além disso, apontam para a necessidade de aperfeiçoamento e de se aprofundarem na área que gostam de trabalhar.

De especialização... porque eu queria me especializar na área que eu gosto de trabalhar que é com dança! (P07)

...

De mestrado porque eu quero trabalhar na universidade! Ai é um dos critérios que tem que ter né! (P07)

...

Buscar me especializar pra saber um pouco mais da minha área. (P17)

Também, foi exposto pelos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel que procuraram o curso de pós-graduação com a intenção de adquirir conhecimento que não obtiveram na graduação. E ainda, creditam esta procura por conta do mercado de trabalho, ou seja, para se manterem ativos no mesmo.

Aprender o que eu não vi na faculdade né. Porque com relação da atividade física com a saúde eu não vi... o que eu to vendo lá... (na pós-graduação) não vi em nenhuma matéria da faculdade. (P16)

...

Porque a realidade tá muito além da graduação. 80% do que eu sei foi depois da faculdade. (P22)

...

[...] Tá eu tava trabalhando nas escolas quando eu me formei, ai eu queria continuar, e pretendo também continuar. (P12)

...

Pela necessidade do mercado de trabalho mesmo... (P19)

Outros motivos relevantes ainda pela busca da pós-graduação foram expressos por alguns(as) egressos(as), na forma de sentir o gosto de aprender cada vez mais também pela própria exigência dos órgãos que regem a educação e ainda por melhores condições de salário.

[...] a especialização foi a vontade de aprender misturado com um certo revanchismo,[...] mas era sempre com o intuito de aprender. Depois que tu ta aqui dentro tem duas coisas que impulsionam a seguir estudando, a vontade que tu tem de aprender, porque não tem sentido alguém que é professor universitário se não tem vontade de aprender. Não existe sentido se não tem vontade de aprender. Ou existe o sentido que eu acho que não é o que deveria ser. O mestrado e o doutorado [...] a vontade de aprender e a própria exigência que a própria universidade tem em cima de ti de ter um professor mais qualificado. E a própria pressão que existe do próprio governo federal pra que o professor se qualifique. Então foi o que me levou pra todos os níveis. (P18)

...

Mais pra aprimorar o salário. (P20)

Quando questionados os motivos que levou os entrevistados do sexo masculino a não realizar curso de pós-graduação, dois (2) informaram que por falta de tempo e um (1) informou ser por motivos financeiros.

Quando eu me formei eu abri uma academia, e uma academia te toma todo o tempo, daí não tem jeito né, agora, até queria, mas agora como não tenho tempo. Sessenta horas aula, (60hs) aula aí não dá. (P02)

...

Uma que eu não sou daqui, aí tem que juntar um pouco mais de dinheiro né, pra fazer. E um pouco de tempo. Que não adianta fazer uma pós-graduação sem tempo. (P14)

...

Porque o curso que quero tem que ser pago e até agora não tive condições de fazer. (P10)

Ainda, dentro desta questão, foram questionados(as) os(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel sobre a relevância para o exercício da profissão na área da educação física, a realização do curso de pós-graduação. A grande maioria dos(as) egressos(as) vinte (20) considera importante realizar curso de pós-graduação para o exercício da profissão, como justificativa os(as) egressos(as) informaram: intenção de progressão na carreira; maior preparação na questão do trabalho; olhar mais aprofundado e mais crítico da prática docente e também como forma de conseguir uma maior titulação para chegar a lecionar no ensino superior.

Além disso, Outro motivo de buscar o curso de pós-graduação foi pela dificuldade quando enfrentaram o mercado de trabalho, ocasionado pelas lacunas que a graduação deixou.

Olha, eu acho relevante realizar o curso de pós porque, olha só... um dos principais motivos foi à primeira escola em que fui trabalhar. Era uma escola de extremamente de vanguarda preocupada com aquela visão de que a educação pode sim contribuir pra transformação de muitas coisas e contribuir pra emancipação. Então nós tínhamos um grupo na escola muito atuante... preocupado com seu fazer pedagógico. Então a gente fez diferentes reuniões com a comunidade pra saber o que eles gostavam o que eles não gostavam... que tema gostariam de ver abordados na escola, como é que eles gostariam que fossem as aulas, e a partir disso depois que eu tava trabalhando com a dança com projeto extraclasse eu senti muito a necessidade de fazer uma especialização na educação. **Eu senti muita falta disso, eu sai da ESEF com uma formação muito biológica e científica**

por mais que a gente fosse pro embate querendo algo diferente disso... então na (pós-graduação) eu me encontrei, porque lá a gente podia discutir as coisas cotidianas da escola como violência, como democracia, como gestão, então eu me encantei muito... e como eu trabalhei direto desde que me formei com **criança e muito pouco tinha ouvido falar em criança na ESEF, eu queria ter essa formação mais pedagógica assim.** Achei que era na (pós-graduação) que eu ia me encontrar. (P23) (**grifos nossos**).

Quanto aos(as) entrevistados(as) ESEF/UFPel que não consideram a relevância da realização do curso de pós-graduação para o exercício da profissão, cinco (05) informou que existe muita informação disponível de todas as formas, a internet é uma delas, e que também, no caso das escolas, não adianta ter curso de pós-graduação se não tem o apoio dos gestores e toda a comunidade escolar.

Assim ó... hoje tu tens muitos meios... de te virar por si só. então assim, tem internet, livros... é muito fácil é só tu querer e saber procurar [...] a especialização... por si só... depende dos professores que tu pega... depende muito do aluno... ex: trabalho em computação com muitas pessoas, muitas trabalham bem... porque aprenderam sozinhas, não sei te dizer em quantas proporções... não sei se consigo te passar minha idéia. Assim o curso específico de especialização... é mais um discurso... deixa eu te contar... é só pra te dar o título. Não sei se to sendo radical, mas as próprias aulas da ESEF teve muito professores que eu passei por passar... por que tiveram as aulas... se tivesse ou não, não teria nada a acrescentar em nada do jeito que deram. Então é tudo meio relativo. (P15)

...

Veja só a maioria da Educação Física trabalha na licenciatura dentro das escolas e eu acho assim, ó tem um mundo muito distante entre uma coisa e outra. E dentro da escola tu pode até... não adianta o professor ser capacitado pra fazer muitas coisas se a escola não der apoio. Se não funcionar a administração da escola na questão da gestão, não adianta nada... fica nadando no mesmo lugar eternamente. Não vai pra frente. (P01)

No que diz respeito à participação em programas de formação continuada – pós-graduação (especialização, mestrado e ou doutorado), observa-se que um número grande dos(as) egressos(as) do curso de educação física da UNIJUÍ procurou cursá-los. Destes, um (1) realizou curso de atualização; um (1) realizou especialização em administração escolar; um (1) realizou especialização em exercício e promoção da saúde; nove (9) realizaram especialização em educação física escolar; um (1) realizou especialização em pedagogia do corpo e da saúde; dois (2) realizaram especialização em gestão escolar; dois (2) realizaram especialização em atividade física adaptada e saúde; um (1) realizou em treinamento de categorias de formação; um (1) realizou especialização em dança e

expressão corporal; um (1) realizou especialização em educação física para o trabalhador. Entre estes, três (3) egressos(as) já haviam concluído o curso de mestrado. Assim observou-se que vinte (20) dos(as) trinta e um (31) egressos(as) entrevistados(as) realizaram, ou estiveram integrados e concluíram cursos de pós-graduação.

A maioria dos(as) egressos(as) considera importante realizar curso de pós-graduação. Os motivos não são diversificados, sendo que grande parcela destes(as) egressos(as) expressam a necessidade de adquirir conhecimentos e se especializar em uma determinada área.

A questão do conhecimento, porque tu tá se especializando numa área. (E03)

...

Eu busquei pra poder aperfeiçoar meu trabalho aqui [...]. Em especial é isso mesmo, pelo trabalho, pela necessidade do trabalho. (E05)

...

A formação continuada, a qualificação. Principalmente a qualificação. (E09)

...

A necessidade de aperfeiçoamento na área e principalmente porque como a área que eu atuo é uma área mais administrativa eu senti a necessidade de conhecer um pouco mais sobre os conceitos na questão da gestão. Por isso eu fiz uma pós na área da gestão universitária no âmbito de administração. (E12)

...

Ah! A vontade de aprender mesmo, pra melhorar meu trabalho só isso. (E14)

...

Por acreditar na formação continuada, pela curiosidade que a gente tem porque sabe que quando a gente tá com as pessoas a gente tá movida pelo estímulo de um grupo ou de profissionais e pelas lacunas que a gente vai vendo na escola, no trabalho, no decorrer da vida da gente profissional, que fazem a gente desejar buscar mais, sanar, ter mais dúvidas enfim, continuar nesse processo de investir. (E17)

...

Pra ter mais conhecimento na área, principalmente, a gente que queria trabalhar na área do bacharelado, né? Porque a UNIJUI ela leva mais a escola e se tu não fizer um curso fora. Se eu não tivesse feito uns cursos fora eu não teria o conhecimento que eu teria hoje. (E20)

Outros, além disso, apontam para a possibilidade de progressão na carreira, para obter condições para conseguir um emprego melhor e como forma de valorização profissional.

Prá avançar no conhecimento [...] nas matemáticas que eu tinha desde a graduação da atividade física, do exercício, como era a educação física na saúde pública [...] E eu também pretendo seguir a linha de pesquisa, fazer um mestrado e chegar aqui na UNIJUI como professora. (10)

...

Eu acho que a qualificação a busca pelo conhecimento. A questão [...] profissional, de valorização profissional também, né? E a questão de percebê que é necessário avançar o desejo de continuar estudando, né?(E15)

Ao analisarmos a participação em programas de formação continuada (pós-graduação), dos(as) egressos(as) da ESEF/UFPEL e da UNIJUÍ, averiguamos que a grande maioria procurou cursá-los. Dos cinquenta e seis (56) egressos(as) entrevistados(as), cinquenta e dois (52) realizaram curso de pós-graduação. Este é um fato este que nos chama muito a atenção e que demonstra a veracidade dos fatos, de que há uma busca desenfreada imposta pelo sistema capitalista pela “qualificação”, ou seja, há uma busca pelo produtivismo acadêmico imposto pela mercantilização acadêmica⁷⁹ e que está cada vez mais intensa. Há enorme preocupação por parte dos(as) egressos(as) entrevistados(as) tanto da instituição pública quanto da instituição particular, á busca pela especialização, mestrado, doutorado ou por outras publicações e participações em eventos (como veremos na sequência deste trabalho), para se manter no mercado de trabalho e prover o que é necessário à sua subsistência e de sua família.

A partir dos nossos dados empíricos detectamos que nossos(as) egressos(as) buscam em primeiro lugar como pós-graduação a especialização (41), em segundo o mestrado (10) e em terceiro doutorado (01). Outro aspecto relevante é que a busca da formação continuada se dá pela grande maioria das egressas de ambas as universidades. Acreditamos que esta busca “desenfreada” da qualificação também pode ser pelo fato de que a quantidade de homens empregados é superior ao das mulheres, contraditoriamente, os dados nos demonstram que há um número maior de mulheres do que de homens no Brasil⁸⁰. É sabido da aparente igualdade entre os sexos, mas os salários entre homens e mulheres continuam sendo tratados de maneira diferente. Possivelmente, a mulher busque maior formação que os homens na tentativa de diminuir a exploração e sua subsunção do(s) seu(s) trabalho(s) que nos dias atuais continuam a existir. Mesmo com muitas conquistas da mulher no mercado de trabalho, ela ainda não está numa condição de vantagem

⁷⁹ Segundo Araújo do em artigo escrito para a revista do ANDES-SN, “O modelo de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, por exemplo, tem consolidado o produtivismo nas universidades públicas ao exigir dos docentes da pós-graduação a intensa produção de artigos em curtos prazos”. Para saber mais acesse o site do ANDES-SN: no endereço <http://antigo.andes.org.br>, acesso dia 20 de maio de 2011.

⁸⁰ Pretendemos aprofundar este assunto em estudos posteriores.

em relação aos homens, pois continua existindo muito preconceito e discriminação, mas principalmente desigualdade salarial entre homens e mulheres. Neste sentido, segundo Probst (sd) em uma análise sobre “a evolução da mulher no mercado de trabalho”⁸¹ do Instituto Catarinense de Pós-Graduação (ICPG), as mulheres:

[...] ganham cerca de 30% a menos que os homens exercendo a mesma função. Conforme o salário cresce, cai a participação feminina. Entre aqueles que recebem mais de vinte salários, apenas 19,3% são mulheres. Embora exista uma certa discriminação em relação ao trabalho feminino, elas estão conseguindo um espaço muito grande em áreas que antes era reduto masculino, e ganhou o respeito mostrando um profissionalismo muito grande, [entretanto] apesar de ser de forma ainda pequena, está sendo cada vez maior o número de mulheres que ganham mais que o marido”.

A maioria dos(as) egressos(as) entrevistados(as) tanto da ESEF/UFPel quanto da UNIJUÍ acredita ser importante realizar o curso de formação continuada - pós-graduação, tanto especialização, mestrado quanto doutorado, pois vai possibilitar ter um currículo melhor, entre outras palavras, terem melhores chances de concorrer e possivelmente vencer uma vaga de emprego, também por almejarem a carreira universitária e por isso também apontaram para a necessidade de aperfeiçoamento constante. É sabido que para ter a chance de concorrer à carreira universitária é exigido um extenso currículo Lattes e ainda o “tipo de publicação”, ou seja, qual é a “Qualis” com intento de obter mais pontuação e assegurar a vaga. Um artigo muito interessante sobre o assunto é tratado por Silva (2009)⁸² no qual o autor faz uma crítica ostensiva, ou seja, não esconde e nem mascara a realidade do produtivismo acadêmico, e ainda ressalta que “estamos vivenciando uma cultura produtivista e sentindo profundamente 'produção taylorista-fordista no campus” (SILVA 2009).

Embora o autor defenda que não podemos fechar os olhos e nos considerarmos “totalmente isentos dos “pecados” inerentes à cultura produtivista” à vista disto, muitas vezes de depende a carreira a acadêmica, a aprovação em determinados estágios. É o futuro que está em jogo, assim como defenderam mais

⁸¹ ICPG- Instituto Catarinense de Pós-Graduação, artigo escrito por Elisiana Renata Probst, disponível no site: <http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf>. Acesso dia 15 de maio de 2011 às 16h37minhs.

propriamente nossas egressas entrevistadas. Para o autor, “os “improdutivos” são criticados pelos próprios colegas e excluídos de programas de mestrados e atividades afins. E os envolvidos que não conseguem cumprir as metas de “produtividade” exigidas são pressionados e convidados a saírem. A quantidade da produção é o cartão de visitas do profissional que é visto, e ver a si mesmo, como um intelectual” (SILVA, 2009).

Ainda o referido artigo de Silva (2009) denuncia que interessa ao poder burocrático dar e manter a ordem das coisas e que sua força advém da aceitação do que nos foi imposto e “seus alicerces estão bem fincados no ethos do profissional acadêmico e na aceitação acrítica das ordens de cima. Infelizmente, esta servidão voluntária predomina até mesmo em setores da universidade dos quais se espera a atitude da reflexão crítica” (SILVA 2009). Entretanto nos validamos com o autor quando defendemos a necessidade de “diferenciar entre a atitude motivada pela necessidade imperiosa de publicar, mas que se mantém dentro dos limites do razoável e ético, e aquele que beira as raias da delinquência acadêmica”. Nem todos devem aceitar sem questionar os números. “Eles dizem tudo e nada; eles expressam parcela da realidade criada por nós, mas também escondem muito” (SILVA 2009).

Também, foi exposto pelos(as) entrevistados(as) tanto da ESEF/UFPel quanto da UNIJUÍ, que procuraram o curso de pós-graduação com a intenção de adquirir os conhecimentos que não obtiveram na graduação, entretanto, também creditam esta procura por conta de se manterem ativos no mercado de trabalho e por melhores condições de salário ou para obter condições com o objetivo de conseguir um emprego melhor e ainda como forma de valorização profissional.

Grande parte dos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel considera importante realizar curso de pós-graduação para o exercício da profissão, como justificativa informaram: (1) intenção de progressão na carreira; (2) maior preparação na questão do trabalho; (3) olhar mais aprofundado e mais crítico da prática docente; (4) também como forma de conseguir uma maior titulação para chegar a lecionar no ensino superior. Além dos motivos já citados pelos egressos ao considerarem importante realizar curso de pós-graduação para o exercício da profissão, outras

⁸²Para saber mais: Título do artigo: **Produtivismo no campo acadêmico: o engodo dos números.**

justificativas foram no sentido de “suprir as lacunas” que a graduação deixou quando enfrentaram o mercado de trabalho; e igualmente de se especializar em uma determinada área para aprofundar seus conhecimentos aliados à prática de trabalho.

Outro aspecto relevante quanto à formação continuada dos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel, é a participação em cursos de extensão e eventos científicos. A grande maioria dos(as) entrevistados(as) (dezoito) revelou ter participado deste tipo de formação nos últimos três (03) anos.

A maioria dos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel informou que realizam cursos de extensão e participam de eventos científicos oferecidos pela própria ESEF (12), os eventos internos mais citados são o Simpósio, Semana Acadêmica e Ciência e Cultura. Também foi citada a participação em eventos externos a ESEF em diferentes cidades, como: Santa Maria – Mercomovimento, Capão da Canoa - PEC, Porto Alegre - Sogipa e Gama Filho, Santa Catarina - JOPEF, Florianópolis, Rio Grande – Fundação Universidade do Rio Grande - FURG, Erechim – Congresso Internacional, Pelotas – Faculdade de Educação – Poder Escolar, Faculdade Atlântico Sul e Anhanguera e Rio de Janeiro na NBA-Camp.

Quanto ao tipo de participação, a grande maioria informou que participaram de cursos de extensão como ouvintes. Oito (08) entrevistados(as) informaram que participaram como apresentadores de trabalhos científicos orais e pôsteres na ESEF, na Fundação Universidade do Rio Grande e no COMBRACE; uma (01) entrevistada informou que participou do Congresso de Iniciação Científica da Universidade Católica como avaliadora das comunicações orais; um (01) entrevistado informou que participou da Semana Acadêmica da Universidade de Santa Catarina; duas (02) entrevistadas informaram que participaram de orientações aos alunos nas disciplinas de estágio supervisionado, orientações de trabalho de conclusão de curso, orientações de disciplina de recreação, orientação de disciplina de basquetebol e orientação das disciplinas de ginástica e ginástica artística; uma (01) entrevistada informou que faz parte do Grupo de Trabalho Temático de Epistemologia do (CBCE); dois (02) entrevistados informaram que ministraram cursos, um na Faculdade Anhanguera e outro na FURG; e um (01) informou que realizou palestra na Semana Acadêmica na Faculdade Anhanguera.

Seis (06) egressos(as) da ESEF/UFPel informaram que participam de cursos de extensão e/ou eventos científicos para atualização por conta do mercado de trabalho; cinco (05) informaram que participam destes eventos para qualificar o currículo acadêmico, pois pretendem alcançar a carreira universitária.

É uma atualização porque o campo da educação física está sempre mudando... eu considero ela uma profissão itinerante, ela está sempre caminhando, às vezes ela estaciona um pouquinho... como algumas áreas, outras caminham mais rápido, mas eu acho que ela tá sempre mudando, e que a gente tem que tá sempre... tem que fazer estes cursos para melhorar se atualizar, pra saber um pouquinho mais de alguma área que a gente não domina tanto, eu acho muito importante.

...

Pela forma que tu tem que te manter sempre atualizado. Eu sei alguns anos da ESEF as coisas já não são mais as mesmas, da mesma forma, muita coisa modifica né principalmente na área da saúde. A cada dia descobrem coisas novas se atualizam em determinadas coisas e se tu não fizer cursos tu vai ficar por fora. Têm que estar atualizado pro mercado de trabalho! (P08)

...

Porque assim ainda eu almejo seguir na minha área, almejo a parte acadêmica. Por isso eu comecei na parte pratica e também pra currículo acadêmico e final de ano provavelmente tentarei mestrado né. (P25)

...

Pro currículo mesmo, pra melhorar o currículo. (P19)

...

Apenas apresento trabalho pra currículo mesmo. (P09)

Um (01) egresso informou que considera importante participar de cursos e eventos científicos da ESEF/UFPel, pois é uma forma de complementar e suprir deficiências em sua formação, porém, chama atenção para que seja bem selecionado este tipo de evento, pois em sua visão isso se tornou um caça-níquel e acredita que os melhores cursos estão muito distantes da cidade de Pelotas.

Eu sentia muita falta muita carência foi de coisas mais afins da minha área na formação. Hoje em dia a gente tem que selecionar bem o curso. Existe bastante cursos bons só que as vezes são muito longe... os cursos bons são pra São Paulo o Rio, ou fora do Brasil, ou muito fraco... hoje em dia a seleção dos cursos tá... um caça níquel... tô achando muito caça níquel... sempre paga uma grana alta pra ouvir umas coisas que tu já escutou há muito tempo...virou um pouco caça níquel e os cursos preparatórios são longe e caros, pra mim no meu ponto de vista. (P04)

Sete (07) entrevistados(as) da ESEF/UFPel informaram que não participaram de cursos e/ou eventos científicos nos últimos três (03) anos. As

principais dificuldades apontadas pelos egressos dizem respeito a fatores financeiros (quatro) e à falta de tempo (cinco).

Uma é falta de dinheiro e outra é a questão do tempo Tb. Muito apertado o tempo. (P21)

...

falta de dinheiro e de tempo (P14)

...

[...] muita dificuldade... a gente não tem muito tempo pra isso, pra escrever trabalhos tanto orais quanto pôsteres, mas é algo que gosto muito de fazer. (P23)

...

as disciplinas específicas por ex: basquetebol que é o que eu trabalho aqui dentro né... sempre que eu julgo que vale a pena eu participo. (P18)

...

[...] agora mesmo começa um seminário [...] eu gostaria de estar lá pra participar porque tu aprende muito na conversa nesses lugares [...] gostaria muito, mas não vai dar pra mim ir. Mas seria evento que eu iria. Se não tivesse nessa época do semestre [com falta de tempo]. (P18)

Quando questionados(as) sobre a importância de realizar cursos e/ou participar de eventos científicos em sua área de atuação profissional, todos os(as) egressos(as) da ESEF/UFPel informaram que é muito importante participar destes eventos. Os motivos são os mais diversos, sendo que grande parcela expressam a necessidade de adquirir novos conhecimentos, repensar sua prática de trabalho, aumentar as produções científicas de seus currículos e conhecer pessoas influentes da área.

Muito importante sim. Pois, a gente tá inovando, buscando coisas novas, materiais novos, exercícios novos, como... também conviver com outros professores que atuam nesta área. Essa troca de idéia. (P 21)

...

pra rever nosso processo de trabalho e isso acaba dando uma certa segurança a mais e um pouco mais de estímulo pro trabalho. (P20)

...

Cursos e eventos científicos pra melhorar a qualificação profissional, pelo fato de melhorar o currículo, pras... novidades que estão surgindo pra ter sempre conhecimentos novos. (P19)

...

Porque além de ter currículo aumentar o currículo, eu acho que sempre tem uma coisa a mais que a gente vai aprender que não estudou na graduação. Ou que os professores não te passaram, sempre tem algo que tu podes aproveitar. (P09)

...

Porque muitos desses cursos que eu fiz, [...] me trouxeram subsídios pra eu trabalhar em minha área. Trabalhar melhor no sentido da metodologia, a aula de dança... metodologia... troca de experiência, pra conhecer gente

nova também... tu acaba conhecendo pessoas influentes na área e acaba sempre trocando um e-mail. É legal também fazer esta troca assim. (P07)

...

Porque a gente... esses encontros possibilitam né, a troca né e agente se qualifica né, tenta dar uma sustentação praquilo que a gente tá fazendo. (P05)

...

Olha é interessante tu participar enquanto tu tem coisas que podem te auxiliar, contribuir no teu trabalho ou onde tu atua, e se tu tiver desenvolvendo alguma pesquisa ou alguma coisa assim, algum estudo científico a tendência é contribuir mais ainda, pra que tu venha, a utilizar algum conhecimento. Agora se tu tiveres apresentando já o teu trabalho, acho mais interessante ainda. (P01)

Outros(as) informaram que é importante realizar cursos e participar de eventos científicos, e que na medida do possível estão neste meio, porém creditam o excesso da carga horária, ou seja, a falta de tempo e o fato dos gestores da educação não contribuírem para que possam participar de cursos e de eventos científicos.

Acho muito bom. Eu acho assim que o mestrado ele é meio que assim uma iniciação a pesquisa, ele estimula muito isso né?. Eu acho que todos os professores deveriam ter esta oportunidade de fazer no cotidiano de seu trabalho. só que a gente tem muita hora com aluno, a gente não tem pra poder... então toda vez que tu faz um pôster ou uma publicação ou que tu manda um texto pra ser publicado ou que tu faz uma comunicação oral é um trabalho que tu fez enlouquecidamente ou de madrugada ou fim de semana, não é algo que tu dentro do teu horário tu consiga fazer. Então eu gosto, eu tenho feito, mas, muito no meu limite. Gostaria de ter feito com mais capricho com mais cuidado, há mais de um ano que eu tenho muita vontade de escrever sobre esta experiência que eu to tendo na faculdade com formação dos professores e também ser uma professora atuando na escola na rede. Isso é algo que eu gostaria de seguir estudando, discutindo, mas não tenho encontrado tempo né. Mas acho importantíssimo, assim como a formação permanente que é algo que a gente não tem. A formação toda a gente tem que buscar, cursos a gente tem que buscar inclusive....pra poder pagar tudo... tem que correr atrás. (P23)

...

Olha eu acho importante participar sim, gostaria de poder ir mais, mas sempre que posso vou (risos), quando tenho tempo e dinheiro vou [...]. (P06)

Quando questionados(as) sobre as facilidades ou dificuldades para participar de cursos e/ou eventos científicos, os(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel, apontaram as dificuldades relacionadas à falta de tempo, custo financeiro, distância e a liberação de seus locais de trabalho. Quanto às (poucas) facilidades apontaram algumas, relacionadas à dispensa do seu local de trabalho,

neste caso específico de algumas escolas, também a oportunidade de conhecer outras pessoas e também de aprofundamento dos conhecimentos.

As facilidades eu não saberia te dizer, acho que seria tu estar no meio. As dificuldades seria tempo que eu acho que nossa carga horária é muito corrida, e... os cursos serem normalmente fora da cidade assim. Dificilmente pega cursos bons na tua cidade, então tu entra de novo o custo financeiro, sai muito caro fazer um curso fora. (P03)

...

Geralmente à distância e o tempo. E não vou dizer que... dinheiro também é... o pior é à distância e o tempo porque como eu trabalho com futebol no fim de semana os cursos são de fim de semana ou de semana inteira. Ai tem que abdicar do teu trabalho. ai é a grande dificuldade (P04)

...

As dificuldades tempo... falta de tempo pra viajar. E dinheiro também. Disponibilidade. (P10)

...

As dificuldades em relação ao deslocamento, um problema em relação a... a custo, de chegar no destino, de fazer as coisas certinho lá e... as coisa boas que são as principais que são aquelas que a gente aprofunda cada vez mais nosso conhecimento conhece pessoas. (P13)

...

A maior dificuldade é o financeiro. São eventos às vezes longe, e a gente tem despesa com transporte, alimentação, estadia. E muitas vezes o local que tu trabalha não enxerga isso. Como um investimento e tu acaba que fazendo estas despesas do teu bolso e muitas vezes a necessidade é de se fazer uma troca porque o local onde tu trabalha muitas vezes nem pra ti liberar daquelas horas de trabalho. e muitas vezes tu é obrigado a pagar alguém pra te substituir eu fazer troca com algum colega ou antecipar ou recuperar algumas aulas pra poder te afastar naquele período do curso. (P24)

...

Como eu trabalho em três escolas atualmente e às vezes é dia de semana e ai tem que se ausentar de uma escola. Exemplo. tem algumas escolas que te ajudam né?. Te incentivam, outras não. Então eu acho que essa é a grande dificuldade a questão de horários assim né?. E também liberação das escolas. (P12)

Ainda quanto às facilidades em participar de cursos e/ou eventos científicos, dois (02) entrevistados(as) (um do sexo masculino e a outra do sexo feminino) da ESEF/UFPel que trabalham no serviço público, apontam que as facilidades estão em torno do apoio financeiro para realizar viagens, ainda algumas (poucas) vezes recebem passagens e diárias. A entrevistada do sexo feminino cita outra facilidade, a remuneração que recebe a possibilita a participar destes tipos de eventos.

No meu caso [...] é o apoio financeiro pra poder viajar né?. Nem sempre tem diárias e passagens. E 90% das vezes eu fui pelo meu bolso. (P11)

...

A facilidade é que [...] pelo menos aqui nós [...] temos verba... pode

pedir diárias pra ir a um. Existe a possibilidade de conseguir passagens, mas não é tão fácil. E com o nosso salário por mais que não seja fantástico como as pessoas pensam eu não posso dizer que eu não poderia pagar a mim mesmo para ir. Então é uma facilidade. (P18)

Quanto às dificuldades está relacionado à falta de tempo tanto para poder participar deste tipo de eventos quanto para a elaboração de trabalhos para apresentação/publicação.

Agora a dificuldade... apresentar trabalho, por incrível que pareça, dependendo que tu fazes dentro da universidade não consegue produzir tanto texto como se pensa. Ainda mais depende da área que tu estuda. Que a elaboração, a maturação é mais lenta, algumas áreas, não é que tenha menos ou mais valor, mas algumas áreas já existem instrumentos, tu vai lá e aplica e discute os dados a maturação é muito mais rápida, do que tu produzir numa área mais mole. A área das humanas, a maturação é outra... é outro processo. [...] a dificuldade por ex: eu não consigo ir [...] porque as tarefas aqui estão tão prementes que eu tenho que fazer uma escolha né?. Outra dificuldade é de um evento que tu possa participar, mas que tu não tenha trabalho pra apresentar, porque não conseguisse fazer. [...] então tu acaba trabalhando, não é choro, final de semana, normal, chega de noite, tu vira... eu to aqui em Pelotas eu vivo muito é trabalho e a minha casa eu deixo pra viver quando eu saio de Pelotas. (P18)

Outra egressa entrevistada da ESEF/UFPel relaciona a dificuldade de participar de cursos e/ou eventos científicos à falta de incentivo tanto financeiro quanto em horas de estudo por parte dos órgãos públicos, tanto das escolas publicas quanto da faculdade privada. A entrevistada informou os mesmos motivos para as dificuldades de não poder participar deste tipo de eventos em seu outro local de trabalho, a faculdade particular.

Olha a dificuldade é essa do cotidiano da gente... se tu vai participar de uma atividade, tu tem que conseguir dispensa em tal lugar, ou tu tem que transferir a tua aula pra outro momento. A gente não tem este estímulo. Na prefeitura a gente não tem estímulo nenhum pra fazer uma formação a mais, muito menos pra produzir. E, como eu trabalho na faculdade particular Também. Eles não te liberam pra fazer um curso fora do estado. Se tu quiser fazer ninguém te apoia nem financeiramente e nem com o custo da formação permanente!. Então este foi um ano que nós não fizemos nenhum curso de formação permanente na área da educação física em Pelotas no Município pros professores. Então nós não tivemos nenhum curso de formação [...]. (P23)

Outro aspecto relevante quanto à formação continuada é a participação

dos(as) egressos(as) da UNIJUÍ em cursos de extensão e eventos científicos. A grande maioria dos entrevistados revelou ter participado deste tipo de formação nos últimos três anos.

Quando questionados(as) sobre a participação nesse tipo de evento durante o curso de graduação, significativo número de egressos(as) informou que tinham o costume de frequentar, especialmente, aqueles eventos promovidos pela UNIJUÍ. Os(as) egressos(as) também informaram considerar importante a participação nesse tipo de evento como forma de complementar e suprir deficiências em sua formação e para se atualizarem.

Atualização mesmo e estar sempre se motivando, se desafiando. (E05)

...

[...] a questão assim que você sempre tá precisando de algumas novidades na área. (E07)

...

[...] quando eu estava na graduação [...] fiz poucos cursos. [...] agora tô vindo do curso de capão da canoa [...], foi último que eu fiz agora, e eu mal consegui continuar. Até eu conseguir fazer a pós eu quero o que eu conseguir fazer de cursos, eu quero continuar a fazer. Pra não perder o pique. (E12)

...

É eu acho que toda a educação de qualquer área ela é continuada. Sempre tá acontecendo coisas novas, a gente sempre tá buscando espaço. [...], mas, que prá mim que aprendi bastante aqui na graduação eu sei que sempre aparece coisas novas e que o conhecimento muda, né? Até da própria tecnologia e vai avançando e se a gente ficar parado. Como diz o ditado, a fila anda! (E14)

...

[...] à medida que tu escolhe uma área pra se trabalhar, tem que correr atrás também, (...) se especializar naquilo que tu quer. (E20)

...

Sempre faço para enriquecer meu trabalho porque e também assim depois que a gente conclui a graduação e a pós enfim. Se tu não tá constantemente envolvido na pretensão de estudá, fazê mestrado ou doutorado, enfim, às vezes a gente acaba se acomodando um pouco na questão da busca de material e de estudá, né? Então eu acho que os cursos de formação sejam eles mais curtos ou não, te possibilita isso enriquece um pouco o teu trabalho, tua parte teórica um pouco mais, né? (E22)

...

Busca uma atualização. Ah! Quanto aos conteúdos e tudo mais relativo à área de educação física, ficá parado a partir do momento que eu não entrei na pós-graduação e tu não te atualiza de alguma forma tu vai ficar obsoleto. (E23)

Observa-se que o discurso “senso-comum” empregado na perspectiva do ideário do mercado aparece como um dado importante. Polivalência, atendimento do cliente, competitividade, são exemplos de categorias conceituais utilizadas neste tipo de discurso. O objetivo explicitado é o de competir, adaptar-se ou estar preparado para adaptar-se às exigências do mercado.

[...] Eu acho que eu bato bastante na tecla que a gente não pode participar de cursos só da nossa área. A gente tem que ser bastante polivalente. Exemplo: além de participar de cursos da minha área de educação física, eu acho interessante a gente participar de cursos na área de vendas, na área de qualidade, marketing, então todas essas áreas estão englobadas junto com a educação física, psicologia. São cursos que se aproximam, a qualquer disciplina científica que se aproxima da área da educação física tem que procurar fazer. Por exemplo, eu acho muito importante a psicologia do esporte pra educação física. Então, é uma outra área que a agente tem que procurar saber bastante, né? É importante participar desses cursos pra exatamente a gente ser bastante polivalente. Muitas vezes as pessoas não têm percepção do que teu aluno que na verdade vou chamar ele de cliente, o que teu cliente quer na verdade. Muitas vezes oferecem serviços, mas muitas vezes não tá sabendo o que ele quer de você realmente. Principalmente quem trabalha com a área de academia, não digo personal, mas na área, é uma área que tu abrange mais clientes, um foco maior, então é nessa área que a gente ter outra visão outras dinâmicas. Na verdade sempre tem que ter, né? **Além da visão do conhecimento técnico do profissional tem que ter um conhecimento técnico profissional de outras áreas.** Tu tá convivendo com médicos, convivendo com psicólogos, tá lidando com todos os tipos de características, então é **muito importante à gente ser polivalente.** (E18) (grifos nossos)

...

Eu acho que as pessoas estariam mais preparadas se fossem mais polivalentes. Fizessem cursos ligados a nossa área e ao nosso mercado, né?. A gente vai utilizar isso sempre. Então a pessoa, às vezes, não tem que fechar o foco somente em alguma coisa, tem que procurar fazer outros cursos além do nosso digamos alguma coisa na área próxima a educação física, prá ser mais polivalente pra atuar no mercado. (E18)

...

Sim, com certeza. Eu acho que o 1º ponto a qualificação profissional, pra se inseri melhor no mercado de trabalho, seria o principal ponto e busca o conhecimento. Acho que se a gente qualifica o nosso trabalho, não só pras busca um espaço melhor, mas, prá gente te certeza daquilo que ta fazendo, prá gente qualificá o que a gente ta fazendo também. (E24)

...

Assim, que é importante se enriquece cada vez mais, né? Dentro da área de educação física também porque o [...] exige que a gente esteja se aperfeiçoando cada vez mais e também se a gente bobear o mercado está muito competitivo na nossa área. Então tem que estar sempre por dentro das mudanças que ocorrem na educação física e das novidades também. (E29)

...

[...] eu acho que o mercado de trabalho exige (né?) que tu esteja qualificado cada vez mais. Acho que por eu trabalhar com criança na escola eu me senti na obrigação de me qualificá melhor pra enfrenta o mercado de trabalho até a concorrência que existe dentro de uma escola, né?(E18)

Outro dado importante sobre essa questão é a forma de participação desses eventos em cursos de extensão e eventos científicos. Uma parcela significativa de egressos(as) informou que costumava e costuma participar como ouvinte. Entretanto, muitos já participaram e participam como apresentadores de trabalho, socializando dados de pesquisa e/ou relatos de experiências por eles realizadas, demonstrando preocupações em continuar estudando por meio de trabalhos científicos. Apenas um egresso do sexo masculino revelou ter participa desse tipo de evento como palestrante.

As principais dificuldades apontadas pelos(as) entrevistados(as) no que se refere a sua participação em programas de formação continuada tais como participação em cursos de extensão e eventos científicos dizem respeito a fatores financeiros e à falta de tempo. Em menor escala, foi apontado o fator distância.

Principalmente a questão de tempo na escola, e o financeiro também. (E02)

...
[...] por meu trabalho que exige bastante, eu trabalho em vários setores. [...] tenho um negócio particular que eu desenvolvo dentro da área da educação física. Então a corrida é grande. Eu tô sempre envolvido com jogos da escolinha das crianças, noites tô com [...] monitoro a academia, e junto com isso mais as escolas. Então eu fiquei meio atropelado, mas, a minha intenção já era de quando eu terminei a minha graduação começar a pós-graduação. (E07)

...
[...] também é caro, e o lugar também, às vezes, tem uma distância mais longa. Onde eu consegui conciliar o setor financeiro com a distância que eu posso fazer, continuar trabalhando e fazer uma pós, eu com certeza quero continuar os estudos. (E09)

...
Tem, acho que tanto de tempo prá sai assim do trabalho normalmente os cursos demandam de três ou quatro dias, né? E quando não é aqui, fora mais ainda. E também dificuldades financeiras sempre a gente encontra no próprio trabalho sempre a dificuldade de investi em cursos de formação, né? Por mais que venha beneficiá o trabalho, acho que a dificuldade financeira também tem. (E11)

...
Distâncias, os melhores são sempre mais longe – CONBRACE –, ah enfim eventos fora, né? Dificulto o econômico, deslocamentos. Ah principalmente é o econômico e, às vezes, com o tempo a gente pode dialoga com a chefia e pode articular [...]. (E21)

...
Principalmente, numa outra escola onde eu trabalho da rede pública que dificilmente me dão liberação pra sair, não me liberam em período de aula. Os cursos que tem durante a semana não tem como. (E22)

...
Os aqui de Ijuí eu participo agora de longe fica mais complicado. (E24)

...
[...] sim, existe uma dificuldade grande hoje em dia os cursos são bastante

caros. O tempo ele também influi na medida em que é liberado do serviço, né? E nem sempre isso é possível, mas quando é aqui perto a gente se organiza prá participa. A questão é quando os cursos ficam mais longe, eu acho que mais influencia questão financeira e a questão do tempo se tu deseja participá. (E26)

Ao analisarmos a participação em programas de formação continuada tais como participação em cursos de extensão e eventos científicos dos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ nos certificamos que a grande maioria revelou ter participado deste tipo de formação nos últimos três (03) anos. Todos(as) estes(as) egressos(as) informaram que procuraram em primeiro lugar realizar cursos de extensão e participar de eventos científicos oferecidos pelas próprias universidades.

Quanto ao tipo de participação em primeiro lugar a grande maioria dos(as) egressos(as) informou que participaram de cursos de extensão como ouvintes; em segundo lugar informaram que participaram como apresentadores de trabalhos científicos orais e pôsteres nas duas universidades, socializando dados de pesquisa e/ou relatos de experiências. Os demais tipos de participações foram na forma de avaliadores de trabalho em comunicações orais; orientações aos alunos nas disciplinas de: estágio supervisionado, recreação, basquetebol, ginástica, ginástica artística e orientação a TCC e ainda em participação do GTT de Epistemologia. Poucos(as) dos(as) egressos(as) ministraram cursos ou palestras.

As razões para que os(as) egressos(as) da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ participassem de cursos de extensão e/ou eventos científicos são empregadas na perspectiva do ideário do mercado capitalista no viés de competir, adaptar-se ou de estar preparado para adaptar-se às exigências que pode surgir no mercado de trabalho; outros(as) para qualificar o currículo acadêmico no sentido também de se atualizarem, pois pretendem alcançar a carreira universitária; ou como forma de complementar e suprir deficiências em sua formação. Entretanto, em contrapartida houve atenção quanto à “seleção” destes tipos de eventos, pois em visão mais crítica da realidade, participar de (alguns) cursos de extensão e/ou evento científico se tornou um caça-níquel, no sentido de apenas pagar para conseguir um certificado para “aumentar” sua pontuação no currículo Lattes (cursos sem conteúdos).

As principais dificuldades apontadas pelos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ por não participaram de cursos e/ou eventos científicos nos últimos três

(03) anos, dizem respeito a três fatores: o primeiro fator é o financeiro; o segundo fator é a falta de tempo no caso de liberar mais horas de estudo por parte dos órgãos públicos/prefeitura e das universidades particulares, para a elaboração de trabalhos para apresentação/publicação. O terceiro fator em menor escala, foi apontado o fator distância, de que os “melhores” cursos são ofertados em locais distantes das cidades estudadas.

Todos(as) os(as) egressos(as) entrevistados(as) informaram que é muito importante participar de eventos científicos e realizar cursos em sua área de atuação profissional. No que diz respeito às facilidades ou dificuldades para participar de cursos e/ou eventos científicos, os apontamentos foram principalmente quanto às dificuldades relacionadas à falta de tempo, custo financeiro, distância e a liberação de seus locais de trabalho. Quanto às (poucas) facilidades em específico o caso de algumas escolas, à dispensa do seu local de trabalho, a oportunidade de conhecer outras pessoas e de aprofundar os conhecimentos.

Ainda sobre essa categoria que conjuga os processos de formação dos(as) egressos(as) do Curso de Educação Física da ESEF/UFPel, arguiu-se em relação à participação em programas de formação continuada relacionado a projetos de pesquisa e de extensão durante a graduação. Observa-se que um grande número de egressos(as) teve oportunidade e procurou participar destes projetos. Dos vinte e cinco (25) entrevistados(as), dezenove (19) participaram de projetos de pesquisa e/ou de extensão, porém, seis (06) entrevistados informaram que não participaram deste tipo de projeto durante a sua graduação. Quanto aos motivos para não participarem deste tipo de projetos, em alguns casos, os(as) egressos(as) alegaram que em seu tempo de formação a universidade não lhes ofereceu a oportunidade de participar, isso no caso dos egressos formados nos anos de 1982, 1986, 1989, ou seja, os egressos formados no Currículo Pleno do Curso de Educação Física - Licenciatura Plena em Educação Física e Licenciatura Plena em Educação Física e Técnica Desportiva.

Naquela época isso era uma coisa muito deixado de lado e nunca tive oportunidade. (P24)

...

No meu tempo de graduação a universidade não dava oportunidade para gente participar de projeto de pesquisa nem de projeto de extensão. (P01)

Outros dois (as) (02) egressos(as) da ESEF/UFPel informaram que não participaram de projeto de pesquisa ou extensão, um (01) do sexo masculino porque não se interessou e não sabia da importância, a outra egressa pelo motivo de não ter interesse de seguir carreira acadêmica.

Falta de interesse e de saber da importância na época. Talvez hoje iria fazer diferente. (P22)

...

Eu sempre tive muito focada desde que entrei na faculdade. Eu sempre soube que não queria seguir carreira acadêmica [...]. (P17)

Uma (01) entrevistada informou que em seu tempo de formação a universidade não lhe ofereceu a oportunidade de participar de projetos de pesquisa e/ou extensão, mas justifica que a universidade oferecia estes projetos timidamente, porém quem participava eram apenas os escolhidos pelos professores que coordenavam estes projetos.

Naquela época era os escolhidos. Não tive oportunidade não!. Existia extensão e pesquisa pouquíssimo quando eu era aluna. Mas tu não sabia direito como fazer aquilo ali. Mas era pouco muito menos do que agora, pesquisa quase nada, o professor trabalhava sozinho [...]. (P18)

Outra entrevistada que informou que em seu tempo de formação a universidade ofereceu oportunidade de participar de projetos de pesquisa e/ou extensão, entretanto não participou porque não pode fazer parte de dois projetos de pesquisa em andamento, afirma que não havia entendimento entre os(as) professores(as) que coordenavam os projetos.

Acabou que um professor não queria que eu participasse do outro e o outro não queria que eu participasse de um. E aí eu fiquei muito triste com a situação e não quis mais participar [...] isso fez com que eu desistisse disso lá na faculdade. Toda esta questão de não trabalharem unidos vamos dizer assim. Os professores não trabalharem juntos assim, tipo se eu participasse de um projeto eu não podia participar do outro, isso me deixou assim apavorada e eu não quis mais participar. Aí, eu me virei sozinha. (P21)

Embora os(as) seis (06) entrevistados(as) da ESEF/UFPel informaram não

terem participado de projetos de pesquisa ou extensão, todos(as) dizem considerarem estas atividades importantes para a formação profissional. Os motivos são diversificados, para alguns(as) este tipo de projeto pode auxiliar a desenvolver projeto acadêmico para uma pós – graduação, para outros é uma maneira do aluno estar conhecendo e se preparando para o campo de trabalho, ainda, estes(as) projetos são uma forma dos alunos e conhecer e saber como funcionam estes dois universos (pesquisa e extensão) e ser um profissional mais preparado para atuar.

Porque eu mesmo agora, como eu não tive isso eu entrando agora no mestrado eu sinto dificuldades pra desenvolver um projeto. Pra saber pra procurar alguma bibliografia ou pra ver alguém pra alguma orientação pra saber como se faz. Até então tudo o que eu fiz, eu fiz muito... pelo que eu busquei, nunca chegou alguém e disse isso ta bom e me deu uma dica ou não. Então eu acho que dá alguma experiência pra futuramente né?. (P01)

...

Eu acho que é uma maneira do aluno ir trabalhando ir realizando interesses. Eu acho muito importante. (P24)

...

No mínimo pra ele conhecer estes universos, pra ele saber que na pesquisa funciona assim, na extensão funciona assim. Por que na verdade as coisas são juntas, mas são separadas, mas são separadas, mas são juntas né?. No mínimo pra ele conhecer, pra ele saber como funciona e pra ser uma pessoa mais versátil mesmo. Mesmo que depois ele só vai trabalhar em escola, que ele não quer pesquisar, porque ele poderia trabalhar com pesquisa na escola, mas mesmo que ele diga, só vou dar aula, não tenho condições, porque dar aula em escola não ta fácil, não ta fácil trabalhar em escola, mesmo assim isso prepara com certeza melhor o profissional. (P18)

Quatro (4) entrevistados(as) da ESEF/UFPel informaram que participaram de projetos de pesquisa e/ou extensão em seu tempo de formação, esses egressos(as) formaram-se no Currículo Pleno do Curso de Educação Física. Quando questionados(as) que tipo de projetos, um (01) egresso informou na área da ginástica escolar, na educação física escolar, uma (01) egressa informou na área de lazer e ainda informou que realizou uma pesquisa no final do curso de educação física que era chamada monografia, uma (01) informou que era projeto de extensão com recreação e atletismo, por fim uma (01) entrevistada informou que participou de projeto de pesquisa com um grupo de estudo. Compreendemos que estes projetos de pesquisa não são propriamente projetos de pesquisa, se trata na verdade de algumas disciplinas que realizavam trabalho extraclasse.

Era projeto de pesquisa na área de ginástica escolar. Na área de Educação Física escolar. Trabalho realmente com escola. (P11)

...

Um projeto de extensão eu lembro que era com o professor Flores, mas parece que era uma disciplina, não sei, nós fomos lá no campus, num projeto de extensão de... lazer. Que eu lembro porque faz muito tempo. [...] também nós tínhamos na época era uma monografia. Era no final, então pro final de curso eu fiz. (P19)

...

Naquela época nós fizemos projeto de extensão. Fizemos em recreação e fizemos em atletismo. Mas era algo meio que... como vou te dizer... era diferente do que é hoje assim. Não tinha toda essa cobrança da Capes, tudo fiscalizado, a gente não ganhava nada por isso. Era por dentro da disciplina, não era em horário. Este tipo de pesquisa e extensão de hoje no meu tempo não existia. Não funcionava pelo menos. (P23)

...

Participei, acho que era projeto de pesquisa, nós tínhamos um grupo de estudo. (P06)

Destes(as) citados acima, três (03) entrevistados(as) informaram que produziram e publicaram artigos sobre o trabalho desenvolvido ou apresentaram os resultados em eventos científicos. Apenas uma (01) egressa informou que não realizou nenhum tipo de publicação deste projeto.

Publicação em anais de evento científico. Fui duas vezes a Córdoba e a Possas de Calda apresentar trabalho. (P06)

...

Publiquei em anais de evento científico e em um livro. (P19)

...

Publiquei este trabalho de ginástica escolar em anais de evento científico. (P11)

Quando questionados(as) sobre o papel que o projeto de pesquisa ou extensão teve na vida acadêmica, profissional e pessoal, entre outras, os(as) egressos(as) da ESEF/UFPel, alegaram oportunidades de viajar para o exterior para apresentar o projeto, estrutura para desenvolver outros projetos de pesquisa, conhecer uma realidade com profundidade e por fim, aprender a ser um pesquisador crítico.

Na vida acadêmica, foi os primeiros projetos que eu fiz né?. Eles me deram base para fazer outros né?. Tinha um professor que era excelente que nos ajudava. Era um grupo pequeno de pessoas que participava. Profissional ele me auxiliou porque eu pesquisava uma área que eu dava aula que era atividade física para asmáticos. Então a gente pesquisava este assunto. E a gente dava aula Tb. E, pessoal sim, conhecimento, aprendizado, a gente

ia a congresso. Até fora do País né? Me deu oportunidades assim de... ter coragem de falar em publico de expor minhas ideias. (P06)

...

Na vida acadêmica,... começa a enxergar de forma diferente aquilo que é trazido a ti... tu começa a ter mais porquês, como assim? de que forma?... tu fica mais crítico, mais conservador. A pesquisa, na minha opinião, ela te reporta pra isso... Profissional a diferença básica é que a pesquisa te faz ir a fundo numa realidade né. Uma realidade que a gente acha que conhece. Porque a gente parte de teses, parte de inferências e às vezes a gente vai lá na investigação e não é bem assim né?. Essa é a grande vantagem da pesquisa ela te joga para um mundo que tu pensa que tu conhece e a gente tem grandes surpresas nisso. E fora isso é a... quando tu é vinculado à pesquisa tu é inquieto e quando tu é inquieto é positivo né?. Por que isso é assim, porque isso continua assim. Pessoal à pesquisa te torna mais crítico, te torna mais avaliador, mais seletivo, te torna menos precipitado... Tu espera mais os resultados pra tomar determinadas atitudes. E isso reporta pra vida pessoal sim. Vamos esperar o resultado... não, vamos fotografar o que tá aparecendo... pode não ser... (P11)

Em que pese à importância e/ou relevância para a formação profissional participar de projetos de pesquisa e/ou extensão durante o curso de graduação, os(as) quatro (04) egressos(as) da ESEF/UFPel, afirmaram ser muito importante. Entre os motivos está o aprendizado que estes projetos proporcionam aos alunos envolvidos e pelas oportunidades de adquirir novos conhecimentos.

Pelas oportunidades que tu tens de crescimento, de adquirir conhecimento com estes projetos. De fazer trabalho pesquisando né?... (P06)

...

O aluno que tá envolvido com projetos nessa área e ele cresce muito por causa disso. Não é só importante como fundamental. Todas as universidades teriam que oferecer projetos de iniciação pesquisa, aos projetos de extensão consistente... com grande acompanhamento... (P11)

Por fim, os demais entrevistados(as) total de quinze (15) formados(as) a partir dos anos 1990, momento em que houve novas mudanças no Currículo da ESEF/UFPel, ou seja, os(as) egressos(as) formados(as) em Licenciatura Plena em Educação Física informaram terem participado de projetos de pesquisa e/ou extensão. A grande maioria dos(as) entrevistados(as) publicou artigos sobre o trabalho desenvolvido ou apresentaram os resultados em eventos científicos. Apenas uma entrevistada informou que realizou publicação sobre o trabalho em livro.

Observa-se que em menor parte os(as) entrevistados(as) realizam a dissociação entre ensino, pesquisa e extensão. Ato esse que vai contra as funções

das universidades que é realizar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Houve momentos nas falas dos entrevistados onde relataram que participaram mais de projetos de extensão e outros participaram mais de projetos de pesquisa.

Não tive muita... pesquisa. A extensão e a pesquisa andaram meio separadas, também da vida acadêmica! Eu fazia pesquisa em uma área e a extensão na outra! O ideal não seria isso! (P07)

...

Eu fiquei quase três anos, no projeto de pesquisa depois passei pro de extensão [...] (P12).

...

Trabalhei como bolsista do projeto... como vou te dizer... pra trabalhar mesmo, não pesquisa. [...] Era de extensão. (P02)

...

Era mais extensão. Eu pude vivenciar na prática o que eu aprendi na faculdade. (P14)

Poucos(as) egressos(as) entrevistados(as) informaram que participaram em projetos de pesquisa e projetos de extensão realizando a indissociação entre ambos.

Realizei a extensão com a pesquisa. A extensão... porque a gente já vem vendo com vai ser esta profissão, aí a gente tem mais possibilidade depois que tu te forma. E pra pesquisa mais esta área acadêmica pra tu continuar. (P09)

...

[...] era participar em pontos práticos, a gente fazia justamente trabalho com pessoas que tinham problema [...] então a gente participava tanto o lado prático quanto estudava como ajudar eles naquele círculo que eles estavam convivendo com a gente. (P13)

Quando questionados (as) sobre o papel que o projeto de pesquisa e/ou extensão teve na vida acadêmica, profissional e pessoal, os(as) egressos(as) ESEF/UFPel, informaram diversos motivos, alegaram motivações para aprender a pesquisar, incentivo para realizar publicações, visão de área de trabalho a seguir, compreender e vivenciar com pessoas carentes, e por fim, a executar na prática o que aprendeu nos projetos e na graduação.

Na área acadêmica, eu acho que foi legal de vivenciar esta parte, porque eu nunca tive esta parte de projetos assim na graduação, na área profissional de realizar esse tipo de projeto, de ver como funcionava, eu acho que nesse sentido, em currículo também e na área pessoal em saber

que eu não queria ir pra área escolar... me deixou mais claro ainda.. (P03)

...

eu acho que me acrescentou muito pra essa área de como saber escrever de como entender de que forma se faz uma pesquisa acho que me acrescentou dessa forma, porque as disciplinas, na verdade o currículo na base do currículo não tem nenhuma base voltada pra isso, tem aquela metodologia da pesquisa, mas que fica muito distante da realidade, acaba pegando só o básico. Eu acho que me acrescentou nisso, hoje eu escrevo um artigo melhor, ou percebo determinadas coisas melhor, por isso que eu vivi isso. (P08)

...

Aprender a lidar com as pessoas e a valorizar mais as pessoas. Porque lá na faculdade a gente vê pessoas mais selecionadas, ali eram pessoas carentes que... tinha que aprender a lidar né. (P10)

...

Na parte profissional, as aulas que eu acabei dando no meu projeto de extensão hoje em dia reflete muito no meu trabalho! com dança! (P07)

...

(...) naquela época me ajudou com a desenvoltura com minha didática de aula, com lidar com idosos e idosos acho que isso melhorou como lidar com essas pessoas.

Todos(as) os(as) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel informaram que é muito importante e relevante para a formação profissional participar de projetos de pesquisa e/ou extensão durante o curso de graduação. Os motivos são as oportunidades de crescimento tanto pessoal quanto profissional e de adquirir novos conhecimentos.

Ainda sobre essa categoria que conjuga os processos de formação dos(as) egressos(as) do Curso de Educação Física da UNIJUÍ, arguiu-se em relação à participação em programas de formação continuada relacionado a projetos de pesquisa e de extensão durante a graduação. Quanto aos motivos para não participarem deste tipo de projetos, em alguns casos, os egressos alegaram que o curso de graduação oferecia poucas oportunidades. Esta situação parece estar mais associada àqueles que se formaram no âmbito do currículo original.

Não. Por quê? Acho que como tava começando o curso, projeto de pesquisa eu não lembro de ter nenhum em andamento na época do curso de Educação Física. A 1ª turma acho que não, foi assim não tinha, tinha uma colega que na verdade desenvolvia um projeto acho que foi só ela que trabalho nesse projeto e também não tive oportunidade para [...] trabalhar e não tinha assim nenhum em andamento que pudesse abrir mais oportunidades. (E02)

...

Não participei. Nós tínhamos alguns grupos de estudo, é a parte das apresentações científicas, a parte das extensões elas estavam todas engatinhando, então eram poucas as oportunidades pra se inserir nisso e eu não tive oportunidade de fazer parte de um grupo assim. Por quê? Ah porque haviam poucas vagas né, muitas vezes as ofertas eram em turnos

que eu, por exemplo, não poderia me inserir porque já estava no mercado de trabalho. Então não fechava e não havia tantas possibilidades [...]. (E07)

Não participei, mas tinha, mas eram poucos na época. Eu lembro assim que colegas acho que tinham uns três ou quatro pessoas, o curso tava começando então não tinha muitas possibilidades ainda às oportunidades, né? Foram aumentando à medida que o curso foi se fortalecendo. Então eram poucas as pessoas que tinham essa realização e daí eu já trabalhava na época não tinha disponibilidade de tempo, mas também não busquei a inserção. (E15)

Embora a maior parte dos(as) egressos(as) da UNIJUÍ tenha informado que não participaram de projetos de pesquisa e de extensão, dizem considerarem estas atividades importantes para a formação profissional. Aparece aqui, novamente, o discurso embasado no ideário do mercado devendo a formação estar a ele submetida.

[...] muito importante, só que na verdade nunca abrange todo mundo né? Na verdade a gente tem foco. Não adianta eu fazer uma coisa que eu não vá utilizar ou ocupar depois. Então, na verdade a gente procura a especialização que o mercado vai te oferecer depois, um mercado de trabalho bom. Então, às vezes, a gente procura atender o mercado, né? Por isso é interessante à instituição ficar ligada ao mercado, ver qual é a tendência do mercado, futuramente o que vai estar em alta. Então, eu acho que seria interessante isso. (E30)

...
Porque ela te dá mais reflexão sobre o que tu tá fazendo, né? Consegue trabalhar mais a questão [...] da tua prática com o teórico. Acho que ela é importantíssima. (E26)

Em menor número, entre os(as) egressos(as) da UNIJUÍ que participaram de projetos de pesquisa, alguns(as) alegaram motivações para aprender a pesquisar e preparar-se para realizar cursos de pós-graduação. Transparece-nos a partir dos nossos conhecimentos e vivências práticas da UNIJUÍ que estes projetos eram mais voltados para a extensão, dissociabilizando a pesquisa com a extensão, ou seja, a teoria é “uma coisa” e a prática é outra. Argumento tão defendido nos currículos da UNIJUÍ como vimos no segundo capítulo deste trabalho.

Eu participava do projeto de ginástica laboral ali na UNIJUÍ [...] Não chego a ser bem científico assim [...]. Assim na verdade me fez aprender a pesquisar, né? Porque na universidade em si tem coisas que a gente não aprende, né? Então, ali que eu comecei a desenvolver que eu pensei em ir adiante, fazer uma pós, um mestrado e doutorado. Mas, agora estou estacionada até a pequena crescer um pouco então assim, eu acho que pra mim foi muito bom, mas ele foi mais a título de extensão do que

pesquisa mesmo. [...] só que eu acho assim que tem que se pensa na forma de ah escolhe esses acadêmicos, por exemplo, na minha época a forma de seleção era um pouco complicada, no sentido de que se além de fazer uma prova e tal teria que agradar a uns ou a outros né? (E 12)

...

Eu iniciei o projeto de ginástica de academia aqui na UNIJUÍ né?, como bolsista. Eu sempre estive envolvida não diretamente com pesquisa, mas nos projetos. Seria extensão? É da pra se dizer, naquele momento nós não tínhamos extensão especificamente eram projetos e eu não saberia te dizer onde estava enquadrado esse projeto, mas eu sempre estive envolvida com todas as atividades do curso, estive envolvida enquanto acadêmica [...] eu sou da 3ª turma né?, então eu vejo que hoje os nossos alunos estão muito mais aquêns né? do que nós, eu tava muito crua ainda né?. (E17)

Entretanto apenas um egresso (E31) da UNIJUÍ informou que participou de projeto de pesquisa, mas no decorrer de sua fala percebemos que poderia ser também de extensão, pois segundo a fala do egresso era “montar um projeto de dança e dar aulas na Universidade”. Percebemos que tanto o egresso quanto a universidade não tinham clareza na compreensão do que é projeto de pesquisa e de extensão. E, acreditamos que na verdade um deve (ter por obrigação) complementar o outro.

Não obstante, o egresso alegou dificuldades do próprio curso de graduação em manter ativos os projetos oferecidos. Compreendemos que naquele momento transluziu uma possível indisposição por parte da reitoria em dar seguimento ao projeto, juntamente com alguns (supostos) motivos financeiros da própria universidade. Fato este evidente em muitos momentos e, em muitas universidades, que se não for do “agrado” do Reitor, tanto projetos de pesquisa quanto projetos de extensão ou bolsas de estudo são “cortados” por contensão de despesas (entre outros motivos).

Sim, pesquisa. A perspectiva hoje do Cadagy nasceu do projeto que a gente fez. Que é Só que a gente bateu de frente assim com um momento não muito bom da Universidade isso na parte financeira. Que abre os projetos num semestre no outro já fechava. Então nosso projeto conseguiu durar dois semestres. E aí depois não vingou mais, mas que... que eu posso tirar assim de produtivo foi que esse projeto assim me ajudou muito hoje, se hoje eu consigo ter alguma coisa na dança, eu dou graças ao projeto. O que faltou na época do projeto, mas eu lembrar bem, não tinha nenhuma noção... era eu ter caído mais de cabeça coisa que eu não fiz. Poderia ter sido em nível maior, só que a UNIJUÍ bem dizer broxou com nós. A gente tinha montado pro outro ano um baita projeto e foi barrado na UNIJUÍ e a gente viu que o Reitor não tinha lido o projeto... isso nos broxou e a gente nem teve mais forças pra correr atrás. Mas assim foi uma experiência muito boa. foi um suporte muito bom. O que eu me arrependo não ter me “fincado” na parte teórica. Sempre tinha a prática, a gente sabe que a prática não é tudo... tem que ter um embasamento teórico. (E31)

Entre os(as) egressos(as) da UNIJUÍ que participaram deste tipo de projetos, muito poucos(as) informaram que produziram e publicaram artigos sobre o trabalho desenvolvido ou apresentaram os resultados em eventos científicos.

[...] a gente foi apresenta alguns trabalhos, mas nada que fosse publicado, além dos congressos apresentados assim, nada que fosse... um trabalho assim mais elaborado, que fosse feito um daqueles caderninhos, [azuis] aquelas coisas não. (E12)

...

Publicamos em Anais de eventos Científicos. (E31)

Quando questionados(as) sobre o papel que o projeto de pesquisa ou extensão teve na vida acadêmica, profissional e pessoal, entre outras, os(as) egressos(as) da UNIJUÍ, alegaram oportunidades de conhecimento e de experiência com tais realidades; de conseguir estruturar e desenvolver projetos de pesquisa em outros momentos; de questionar ou criticar a atuação enquanto profissional. Já para um egresso (E31) o projeto significou a sua vida pessoal, pois, deu seguimento a este projeto que lhe ofereceu grande base e estrutura para hoje ser um profissional atuante da área (da dança).

A diferença sempre é importante né? porque é um conhecimento que a gente adquire experiência... né? é interessante eu me formei e continuei mais um tempo então tu tá junto assim com aquele contato acadêmico que às vezes tu leva um tempo pra mim foi muito bom... e além, do lado financeiro que a gente consegui então o valor ajudou muito. Só formado logo depois de formada a gente tem que ter trabalho né?. e tava aliado... que eu tinha recém concluído. Pra mim foi bem interessante.

...

Enquanto acadêmico assim ele não... na época ele não... foi uma experiência boa porque eu sai daquela... tu vai pra prática, tu vai pra uma pesquisa... tu começa a escrever um pouco mais, começa a ter uma outra vivência que tu não tava adequado, aquela rotina de aula.... no projeto tem elaborar uma coisa mais organizada. Profissionalmente hoje é uma coisa que eu ergo as mãos para o céu de conseguir ter participado por que... foi isso que me deu uma base muito grande. Hoje eu não sei se teria tanta facilidade como eu tive... no trabalho de coordenador e coreógrafo de dança se não tivesse tido essa experiência. Ela deu pra mim aquele ganho que eu não tinha como base. Ganho assim exemplo: não de sala de aula, mas de... academia [...] uma escola de dança, me deu assim... de eu conseguir ter uma coisa que eu não tinha. [...] montar figura, o que fazer, como fazer, tempo musical... coordenação, corpo, pesquisar o que significa. Então hoje digo assim ó... esse projeto científico foi assim minha vida pessoal. Se tem uma coisa assim que me ajudou de suma importância foi o projeto, o que me deu uma estrutura o que me deu uma base forte. (E31)

...

Fez diferença, eu já sempre fui praticante de academias então assim ó cada vez tentando melhora mais em relação ao quanto antes eu era aluna em academia e como professora tu começa a analisa eu sempre fui muito questionadora em relação as aulas de ginástica eu sempre tive uma visão de quando eu era aluna o que realmente eu estava fazendo e porque né?. Então eu tentava colocar isso em pratica e ter uma argumentação pros meus alunos o que... que era que eles estavam fazendo e por que. Assim ó me levou a melhorar cada vez mais dentro da ginástica né, que eu trabalhava ginástica localizada e step e aeróbica, e também acho que cria uma relação com os teus alunos que as pessoas conhecem você enquanto acadêmica e hoje eu tenho uma relação ainda com várias pessoas que foram meus alunos nesse período então eu acredito que isso teve uma importância pra depois que eu tô formada a pessoa te reconhece como profissional que é uma pessoa dedicada, que busca sempre estudando mais. (E17)

Entrementes, outros(as) egressos(as) entrevistados(as) da UNIJUI informaram que é muito importante e relevante para a formação profissional participar de projetos de pesquisa e/ou extensão durante o curso de graduação. Os motivos alegados são: maior envolvimento com a universidade em geral e através disso o aluno passa a ter outras concepções acerca da própria formação. No entanto, houve reclamações que partem da falha da universidade em oferecer a oportunidade e incentivar o aluno a fazer parte deste tipo de projeto, caso o aluno quera futuramente seguir carreira acadêmica não surja estas lacunas.

Eu acho que sim, porque também é uma forma assim de tu te envolve mais na universidade, de tu até se decidi por alguma área que nosso curso é muito grande, muito amplo né?. Então ali tu começa a te outras visões [...]. (E12)

...

De extrema importância. Acho que a UNIJUI peca por que... se tu ver, a maioria das Universidades Federal com varias áreas de conhecimento, tem vários projetos científicos. E faz com que o aluno busque depois que se forma uma pós ou mestrado, já com base. Tem um professor da pós que no 2º ou 3º semestre ele já tava com acadêmico [...] o projeto não é só por uma coisa diferenciada, por ganhar uma bolsa ou coisa, o que importa claro o que vai te botar dinheiro no bolso, o que vai te motivar também, não tem! [...]. o curso tem 30% de culpa os outros 70% é da instituição, da Universidade. Falta de oferecer oportunidade, de incentivar o aluno procurar projeto científico. Tem universidades que só trabalham com isso. Tem que botar os acadêmicos trabalhar que depois faz falta, ele vai fazer uma pós lá no mestrado ele vai sentir falta. (E31)

Em que pese à importância e relevância para a formação profissional participar de projetos de pesquisa e/ou extensão durante o curso de graduação, os(as) egressos(as) da UNIJUI opinaram sobre importância das universidades oferecerem aos seus alunos projetos de pesquisa e extensão. Os motivos foram de

que nestes projetos, os alunos estão mais envolvidos com a universidade e ainda auxilia ao aluno buscar conhecimentos mais específicos e com profundidade que pode vir a ser um campo de atuação profissional do (futuro) professor.

Acho importante porque é um espaço que leva pro acadêmico a busca, conhece, e tá estudando e mais envolvido com a universidade e acho importante isso. Faz diferença com certeza, eu sei pelo tempo que eu fiquei na instituição o que me ajudou. (E 17)

...

Acho fundamental, acho que ah qualifica o trabalho e o acadêmico tem a noção: 1º ele fica em contato com a pesquisa que é fundamental na graduação depois eu acho que o contato com a prática o que possibilita a intenção, ele não vai se no curso que ele não caia, o curso não vai da condições prá ele faze assim disciplinas que tratam disso, então acho que é fundamental. (E15)

...

Com certeza, acho que projetos de pesquisa ou algum projeto sim que a universidade enfim proporciona é um caminho também do acadêmico ter talvez um futuro profissional. (E 02)

...

Com certeza. À medida que tu te envolve com isso, tu te envolve na idéia deter mais argumentos para aquilo que tu faz, ter o contato com a realidade, trazer aquilo que tu ta estudando pro universo da tua vida profissional dos teus 1º investimentos, vai constituindo a tua historia, o teu currículo, a sua forma de posicionar de aprender é extremamente importante. (E07)

Ao analisarmos a participação dos(as) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ em programas de formação continuada tais como projetos de pesquisa e de extensão durante a graduação, averiguamos que e modo geral a maioria dos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel procurou participar destes projetos, porém os(as) egressos(as) da UNIJUÍ também participaram, mas em menor número.

Portanto, estes projetos são mais oferecidos pela universidade pública. Já a universidade privada por conta de contenção dos gastos com estes projetos, se alia com as empresas, vindo a satisfazer as “necessidades” das mesmas (no caso mais específico da pesquisa), ainda busca uma forma de fomentar alguns destes projetos com o público/governo, no entanto o publico investe/aposta no privado. Segundo os(as) egressos(as) que participaram de projetos de pesquisa ou extensão, as motivações foram no sentido de aprender a pesquisar e preparar-se para realizar cursos de pós-graduação.

Depreendemos que os(as) entrevistados(as) realizaram a dissociação entre

ensino, pesquisa e extensão. Poucos(as) egressos(as) souberam discernir a participação em projeto de pesquisa ou projeto de extensão, ou os dois aliados como forma de complementar um ao outro. É sabido que as universidades devem articular ensino, pesquisa e extensão, fato que já foi discutido no segundo capítulo deste trabalho. Poucos(as) egressos informaram que participaram em projetos de pesquisa e projetos de extensão realizando a indissociação entre ambos.

Transparece-nos segundo a fala dos(as) egressos(as) que as universidades trabalham dissossibilizando projetos de pesquisa com projetos de extensão, fragmentando teoria e prática. Muitas vezes optando apenas por projetos de pesquisa que gera “mais valia” (relativa e absoluta), por outras palavras, gera mais publicações e mais pontuações. Tudo isso por conta da concorrência, para obter um Currículo Lattes com maior pontuação. Com a produção em massa de artigos, a tentativa é de submeter os “artigos/trabalhos” para publicação na melhor revista Qualis⁸³. Isso ressaltamos que “vale” tanto para os professores quanto para os alunos e gestores (reitores, diretores entre outros) das universidades. Os projetos de extensão ficam em “segundo ou terceiro” plano, sendo assim menos valorizados, pois são mais demorados para “colher seus frutos”⁸⁴.

E ainda, é percebido tanto pela fala dos(as) egressos(as) quanto por nossas experiências próprias, que fica na opção dos(as) professores(as) ou de um(a) professor(a) oferecer projeto de pesquisa e/ou extensão. Denunciamos que esta é uma política que não parte da universidade, isso a pesar de estar contido nos currículos ou PPP das duas universidades estudadas que o ensino, a pesquisa e a extensão são indissociáveis. Parece ao nosso juízo e nas falas dos(as) nossos(as) egressos(as) entrevistados(as) que os documentos não refletem o concreto, ou seja, não “dizem” como funcionam a universidade na realidade.

No entanto, encontramos situações parecidas entre as duas universidades estudadas, em relação aos programas de formação continuada como projetos de

⁸³ Sobre este assunto ver Silva 2009, que examina criticamente o sistema de avaliação Qualis, e questiona: O que está em jogo deste sistema Qualis? Será mesmo possível avaliar a qualidade do que é publicado no campo acadêmico? Ou trata-se apenas de um meio de controle? E, em linhas gerais sem querer expor todo o artigo e não querendo cair no erro de desvirtuá-lo, o autor adverte que os docentes pressionados pela exigência de mais produtividade perdem o senso crítico e reproduzem o “servilismo e mutilam-se para atender às normas e regras burocráticas decididas por um grupo seletivo de indivíduos” (idem).

⁸⁴ Por conta da demanda do tempo e da profundidade do assunto, trataremos -o posteriormente.

pesquisa e de extensão. Segundo os(as) egressos(as) há dificuldades da própria universidade ou do curso de graduação em manter ativos estes projetos. Muitas vezes depende do “interesse” e da “boa vontade” dos Reitores e/ou Diretores das universidades darem continuidade aos referidos projetos. E, em algumas vezes estes projetos são impedidos de continuar por motivos financeiros em que passa a universidade.

A grande maioria dos(as) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel informou que publicou artigos sobre o trabalho desenvolvido ou apresentaram os resultados em eventos científicos, poucos(as) informaram que publicaram os trabalhos em livros. Informaram que produziram e publicaram artigos sobre o trabalho desenvolvido ou apresentaram os resultados em eventos científicos. Entre os(as) egressos(as) da UNIJUÍ que participaram deste tipo de projetos, muito poucos(as) informaram que produziram e publicaram artigos sobre o trabalho desenvolvido ou apresentaram os resultados em eventos científicos.

Nós observamos grande diferença tanto por conhecimento vivido em ambas as universidades quanto pelas respostas informadas dos(as) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ no que se refere à participação em projetos sejam eles de pesquisa, de extensão ou de publicação em eventos científicos dos trabalhos. Uma é a questão de que a universidade pública (por ser pública e por obter recursos públicos pra tal) oferece mais condições aos(as) seus(as) alunos(as), já comparada à universidade privada que obtém “pouca mais valia”, pois precisa “gastar” com bolsas de estudo para os(as) alunos(as) participarem de projetos tanto de pesquisa ou de extensão, muitas vezes omitindo esta possibilidade ou deixando ao critério e a “vontade” dos(as) alunos(as) em buscarem e questionarem o porquê de não ser oferecidos estes programas e ações.

Quanto às publicações em eventos científicos na UNIJUÍ quanto em outras instituições, verificamos nas falas dos egressos e por vivência própria⁸⁵ que as universidades mais enfaticamente a privada (UNIJUÍ) não auxilia/financia com

⁸⁵ Realizo estas afirmações, pois fui bolsista PIBIC/UNIJUÍ por um dois anos e na “metade” da pesquisa a UNIJUÍ por conta de cortar gastos, cortou a bolsa. Sou grata aos meus orientadores que por vontade própria tiravam do seu próprio bolso o valor da bolsa de pesquisa e me pagavam para dar continuidade à mesma. A UNIJUÍ também não me auxiliou em nenhum momento com ajuda de custo para publicar os dados da pesquisa em eventos tanto internos quanto em eventos externos à universidade.

nenhum custeio para tal, tanto em deslocamento, alimentação, hospedagem, inscrição no evento (etc.). Ainda quanto aos motivos para não participarem deste tipo de projetos os egressos alegaram que o curso de graduação oferece poucas oportunidades.

Já os(as) egressos(as) aos(as) que não participaram deste tipo de projetos tanto da ESEF/UFPeI e quanto da UNIJUÍ, alegaram poucas oportunidades oferecidas pelas universidades; ainda de não saberem e não terem a informação da importância por isso porque não se interessaram; e outros por não terem interesse de seguir carreira acadêmica. E outra informação importante de uma egressa que não pode participar de projetos de pesquisa ou extensão, segundo ela “quem participava eram apenas os escolhidos pelos professores que coordenavam estes projetos”. Fato sabido e concreto que ainda perdura em nossas universidades.

Embora os(as) egressos(as) entrevistados(as) informaram não terem participado de projetos de pesquisa ou extensão, todos(as) acreditam que estas atividades são importantes para a formação profissional. Entre os motivos: os projetos podem auxiliar a desenvolver projeto acadêmico para uma pós – graduação e projetos é uma forma dos alunos e conhecer e saber como funcionam estes dois universos (pesquisa e extensão) e ser um profissional mais preparado para atuar; ser uma maneira de o aluno estar conhecendo e se preparando para o campo de trabalho. Entre algumas respostas dos(as) egressos(as) ao considerarem estas atividades importantes para a formação profissional, novamente percebemos o discurso embasado no ideário do mercado, onde a formação deve estar submetida a ele, ao capital.

Os outros impactos que o projeto de pesquisa ou extensão teve na vida acadêmica, profissional e pessoal dos(as) egressos(as) entrevistados(as) da ESSE/UFPeI e da UNIJUÍ foram de: transpor a timidez de falar em público; oportunidades de viajar para o exterior para apresentar o projeto; ter estrutura para desenvolver outros projetos de pesquisa; conhecer uma realidade com profundidade aprendendo a ser um pesquisador crítico; alegaram oportunidades de conhecimento e de experiência com tais realidades; de questionar e/ou criticar a atuação enquanto profissional. E algo muito importante também, sem desmerecer os motivos já elencados, ter participado do projeto de pesquisa e extensão, significou acréscimos

à vida pessoal vindo a ser hoje ser um (bom) profissional que atua na área.

Todos(as) os(as) egressos(as) entrevistados(as) informaram que é muito importante e relevante para a formação profissional participar de projetos de pesquisa e/ou extensão durante o curso de graduação. Os principais motivos são as oportunidades de crescimento tanto pessoal quanto profissional; de adquirir novos conhecimentos e aprofundamentos na área estudada; maior envolvimento com a universidade em geral; outras concepções acerca da própria formação. No entanto houveram reclamações por parte da universidade em oferecer a oportunidade e incentivar o aluno a fazer parte deste tipo de projeto para o aluno seguir carreira acadêmica.

Os impactos que o projeto de pesquisa e/ou extensão teve na vida acadêmica, profissional e pessoal, os egressos(as) ESEF/UFPel e da UNIJUÍ foram motivações para aprender a pesquisar; incentivo para realizar publicações; visão de área de trabalho a seguir como profissional; compreender e vivenciar a realidade concreta da escola ou outros espaços e por fim, de executar na prática o que aprendeu tanto nos projetos quanto na graduação.

Em que pese à importância e relevância para a formação profissional participar de projetos de pesquisa e/ou extensão durante o curso de graduação, todos os(as) egressos(as) ressaltaram a importância das universidades proporcionem aos(as) seus(as) alunos(as) projetos de pesquisa e extensão. As justificativas foram de que nestes projetos os alunos estão mais envolvidos com a universidade; estes projetos são coadjuvantes para que o aluno buscar conhecimentos mais específicos e com profundidade que pode vir a ser um campo de atuação profissional.

3.3 Dados sobre a Intervenção/atuação Profissional

Nesta categoria apresentamos dados relativos à intervenção/atuação profissional dos participantes da pesquisa, isto é, os dados relativos à quantidade de locais de trabalho dos(as) egressos(as) e dados relativos aos diferentes locais de Intervenção/atuação profissional dos(as) egressos(as).

Dos(as) vinte e cinco (25) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel, nove (09) informaram que trabalham em três (03) diferentes locais; sete (07) informaram que trabalham em dois (02) diferentes locais; oito (08) informaram que trabalham em apenas um local, sendo que três (03) egressos são funcionários Federais com Dedicação Exclusiva, e uma (01) é proprietária de academia; um (01) informou que trabalha em quatro (04) diferentes locais. Portanto, observou-se que os egressos entrevistados exercem sua intervenção/atuação profissional em cinquenta e três (53) diferentes locais.

Dos(as) trinta e um egressos entrevistados (31) da UNIJUÍ, onze (11) informaram que trabalham em apenas um (1) local; onze (11) informaram que trabalham em dois (2) diferentes locais; sete (7) informaram que trabalham em três (3) diferentes locais; dois (2) informaram que trabalham em quatro (4) diferentes locais. Portanto, observou-se que os egressos entrevistados exercem sua intervenção profissional em sessenta e dois (62) diferentes locais de trabalhos.

Entre os entrevistados do sexo masculino da ESEF/UFPel, quatro (04) trabalham em escolas públicas; um (01) trabalha num Campus Federal, nove (09) trabalham em academias ou Studio de Pilates como instrutores de musculação ou personal treinner; 01 um informou ser proprietário de Studio de Pilates e de empresa de palmilhas posturais; seis (06) trabalham em clubes como coordenador técnico, treinador, professor de futebol, professor de tênis, instrutor de musculação; 02 são instrutores de ginástica laboral do Banco do Brasil; 01 é coordenador, instrutor, proprietário de academia e dono de loja de artigos esportivos; 01 organizador e divulgador de cursos e eventos científicos.

Entre os egressos do sexo masculino da UNIJUÍ, cinco (5) trabalham em escolas públicas; três (3) em escolas particulares; um (1) em escolinha de futebol; dois (2) são monitores de musculação; um (1) coordenador de esporte no Sistema S; um (1) no setor do CMDL-Ijuí; um (1) é treinador de voleibol; dois (2) são coreógrafos de danças folclóricas. Ainda encontramos egressos deste sexo exercendo funções de coordenação de setor de esporte de prefeitura de outro município, coordenação de projetos de esporte e cultura.

Entre as egressas entrevistadas da ESEF/UFPel, sete (07) trabalham em escolas públicas; uma (01) em trabalha num Campus Federal; quatro (04) em

escolas particulares; cinco (05) trabalham em academia como professora de ginástica artística, personal treinner, professora de dança ou gerente; duas (02) trabalham com ONGs, uma com projeto de dança e a outra como coordenadora de projeto; duas (02) trabalham em clubes com aulas de hidroginástica; uma (01) trabalha no hospital espírita como professora de ginástica; uma (01) trabalha na Universidade Federal; uma (01) trabalha em faculdade privada; uma (01) trabalha em uma clínica médica com aulas de Pilates. Ainda, encontramos entrevistadas exercendo funções de coordenação do setor de esportes de prefeitura de outro município e ainda professora de escolinha- de educação infantil.

Entre as egressas entrevistadas da UNIJUÍ, onze (11) trabalham em escolas públicas; seis (6) trabalham como personal treinner; quatro (4) trabalham em escolas particulares e duas (2) são professoras universitárias.

Entre aqueles(as) egressos(as) da ESEF/UFPel que exercem sua intervenção profissional, em apenas um (01) local de trabalho, a maioria atua na área escolar; aqueles que atuam em dois (02) e três (03) locais de trabalho exercem sua intervenção profissional tanto na área escolar quanto não escolar. Por fim o egresso que atua em quatro (04) locais diferentes de trabalho atua somente na área não escolar.

Entre aqueles(as) egressos(as) da UNIJUÍ que exercem sua intervenção profissional em dois (2) ou mais locais, a maioria atuavam nas duas áreas de formação – área escolar e não escolar. Aqueles(as) que atuavam em apenas um lugar, a maior parcela atuava na área não escolar. Poucos(as) atuam como professores em espaço formal de ensino, ou seja, na área escolar.

Ao analisarmos os dados relativos à intervenção/atuação profissional dos(as) participantes da pesquisa, isto é, os dados relativos à quantidade de locais de trabalho dos(as) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ, verificamos que os(as) cinquenta e seis (56) egressos(as) entrevistados(as) exercem sua intervenção/atuação profissional em cento e quinze (115) diferentes locais. Grande maioria destes(as) entrevistados(as) atuam em dois (02), três (03) e até quatro (04) lugares diferentes, tanto na área escolar quanto não escolar; ainda em outros locais de trabalho para poder sobreviver e manter sua família neste avassalador, dominante, manipulador mercado de trabalho do dissimulador modo de

formação social capitalista. Portanto, os(as) professores(as) de educação física para sua subsistência e de sua família vendem sua (mercadoria) força de trabalho em diferentes locais de trabalho.

Ao analisarmos os dados relativos aos diferentes locais de Intervenção/atuação profissional dos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ, verificamos que a grande maioria dos(as) egressos(as) entrevistados(as) atuam na área não escolar tais como: em academias como personal treinner, instrutores de musculação, proprietários, coordenadores; com aulas de ginástica artística, de dança ou cargo de gerente; em Studio de Pilates como proprietário ou instrutor; instrutores de ginástica laboral; organizador e divulgador de cursos e eventos científicos; proprietário de empresa de palmilhas posturais; dono de loja de artigos esportivos; treinador de clubes; coordenador técnico de clubes ou com aulas de hidroginástica; professor de futebol de tênis; treinador de voleibol; escolinha de futebol; coordenador; coreógrafos de danças folclóricas; coordenadores de setor de esporte e cultura de prefeitura, do Sistema S, do CMDL-IJUÍ/RS e de dança; coordenadora de projetos de ONGs; professoras de ginástica no HEP e clínica médica com aulas de Pilates.

Enfaticamente, sem a intenção de causar nenhum desgaste ao leitor, a área não escolar é um espaço de poucas condições de trabalho, comumente sem direitos trabalhistas, baixos salários, terceirizados, prestadores de serviços, ou seja, um espaço de total exploração dos(as) capitalistas aos trabalhadores(as).

Neste sentido, é sabido que com as políticas neoliberais no atual contexto capitalista como ressaltamos no primeiro capítulo desta Dissertação, ocorreram muitos impactos na vida de todos(as) os(as) trabalhadores(as), inclusive na área da Educação Física, como também vimos no decorrer das falas dos(as) egressos(as) entrevistados(as). Houve uma maior precarização do trabalho especialmente aos direitos trabalhistas, mais intensificação do trabalho, aumento da exploração extração da mais-valia absoluta e mais-valia relativa, e segundo Frigotto et. al. (1998) também houve “aumento crescente do número de desempregados, catalisado pela inserção de novas tecnologias no processo produtivo, especialmente, pela associação da microeletrônica à informática” que acabou por diminuir os postos de trabalho.

Ao analisarmos os(as) egressos(as) que atuam também na área escolar encontramos atuantes em escolas públicas de 1º e 2º graus, tanto municipal quanto estadual e um campus federal; escolas particulares; faculdades privadas, universidades privadas e universidade pública. Em contrapartida, no espaço formal de ensino possui em análise mais superficial boa regulamentação do trabalho. O professor possui vínculo empregatício, carteira assinada, direitos trabalhistas. Mas realizando uma análise mais profundamente percebemos que nestes espaços formais de ensino também há precarização do trabalho do professor e que está submetido segundo Both (2009, p. 80) aos “organismos como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BM) que estão a serviço das políticas neoliberais”.

Seguindo este pensamento, neste sentido, ocorrem as enturmações onde o professor é obrigado a dar aula para quarenta (40) ou cinquenta (50) alunos por série com salas superlotadas; ocorrem multisseriações, os materiais e infraestrutura são precárias como nossos(as) egressos(as) ressaltaram, com poucas capacidades do professor de Educação Física realizar seu trabalho. E ainda, levantamos outro problema conhecido por todos(as) os(as) professores(as) da área, e muito ressaltados pelos(as) egressos(as) entrevistados(as), os baixíssimos salários dos trabalhadores da área da educação tanto escolar quanto não escolar.

Na formação social capitalista o trabalho do professor (principalmente da escola pública) é visto como improdutivo, segundo Marx (1975), pois “diretamente” não produz a mais valia, ou seja, o lucro para o capital, por isso toda essa desvalorização. Corroboramos com Ferraz (2008, p. 12) ao qual nos remetemos no decorrer deste trabalho, salientando que o fenômeno da precarização ocorre também com o trabalhador não vinculado diretamente à geração da mais-valia “e que realizam o que, no âmbito da teoria econômica marxista, é denominado por trabalho improdutivo”, que são também os que dão conta da área escolar em específico do nosso estudo, os(as) professores(as) formados nos cursos de Educação Física.

3.4 Dados sobre as relações/condições de trabalho

Nesta Categoria tratamos sobre as relações/condições de trabalho dos participantes da pesquisa. Os dados são referentes à jornada de trabalho; tipo de vínculo empregatício (concursado regido por plano de carreira, concursado regido pela CLT, terceirizada, empresa própria, autônomo, sem vínculo, trabalhador informal), salário recebido, acesso aos direitos sociais e trabalhistas – proteção e seguridade social (férias, 13º salário, licenças, insalubridade, etc.), condições de trabalho referentes ao local que exerce a atividade profissional.

A jornada de trabalho informada pelos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel variou entre doze (12) e setenta (70) horas semanais. Sete (07) egressos(as) informaram que trabalham quarenta horas semanais, sendo que quatro (04) são do sexo feminino e três (03) do sexo masculino. Treze (13) egressos informaram que trabalham mais de quarenta (40) horas semanais, variando de cinquenta e duas (52) a setenta (70) horas semanais; sete (07) são egressos do sexo masculino, sendo que três (03) trabalham setenta (70) horas semanais; um (01) trabalha sessenta (60) horas semanais; um (01) trabalha cinquenta e cinco (55) horas semanais; um (01) trabalha cinquenta (50) horas semanais e um (01) trabalha quarenta e cinco (45) horas semanais.

Ainda, entre os(as) treze (13) egressos(as) que informaram trabalhar mais de quarenta (40) horas semanais, seis (06) são do sexo feminino, sendo que uma (01) trabalha sessenta (60) horas semanais; duas (02) trabalham cinquenta (50) horas semanais; uma (01) trabalha cinquenta e cinco (55) horas semanais; uma (01) trabalha cinquenta e duas (52) horas semanais e por fim uma (01) trabalha quarenta e cinco (45) horas semanais. Apenas cinco (05) egressos(as) informaram trabalhar menos de quarenta (40) horas semanais. A maioria dos(as) egressos(as) que possuem jornadas de trabalho acima de quarenta (40) horas semanais exerce sua profissão nos turnos manhã, tarde e noite e alguns também exercem sua profissão nos finais de semana.

A jornada de trabalho informada pelos(as) egressos(as) da UNIJUÍ variou entre vinte (20) e setenta e duas (72) horas por semana, sendo que onze (11) informaram que trabalhavam mais de quarenta (40) horas por semana. Entre estes(as) últimos(as), seis (6) informaram que trabalhavam cinquenta (50) ou mais

horas por semana. Neste extrato, três (3) informaram que trabalhavam sessenta (60) ou mais horas por semana e um (1) informou que trabalhava setenta e duas (72) horas por semana. De um modo geral, aqueles(as) egressos(as) que possuem jornadas de trabalho acima de quarenta (40) horas semanais, exercem sua profissão aos finais de semana. Contudo, foi observado que alguns(mas) egressos(as) com jornada menor do que quarenta (40) horas também atuam aos finais de semana devido à característica de sua função.

Ao analisarmos os dados relativos à jornada de trabalho informada pelos(as) egressos(as), um dado assustador chama nossa atenção. Dos(as) cinquenta e seis (56) egressos(as) entrevistados(as) apenas doze (12) possuem a jornada de trabalho de quarenta (40) horas semanais. Isso quer dizer que quarenta e quatro (44) egressos(as) trabalham mais de quarenta (40) horas semanais, alguns chegando a trabalhar ao máximo de setenta e duas (72) horas semanais.

A grande maioria dos(as) egressos(as) que informaram possuir jornadas de trabalho acima de quarenta (40) horas semanais exercem suas profissões nos turnos manhã, tarde, noite e alguns chegam a trabalhar também nos finais de semana. Todavia, foi observado que alguns(mas) egressos(as) com jornada menor do que quarenta (40) horas também atuam aos finais de semana devido à característica de sua função.

Ressaltamos novamente que o neoliberalismo e a reestruturação produtiva vêm provocando impactos na vida de todos nós trabalhadores, em específico no nosso objeto de estudo, que são o(as) professores(as) de Educação Física. Entre os fatores está a precarização do trabalho tanto no espaço escolar quanto no espaço não escolar. Os professores por serem mal remunerados necessitam de trabalhar mais, mais e cada vez mais. Como os dados empíricos nos mostraram quase metade dos(as) egressos(as) exercem sua profissão com mais de quarenta (40) horas semanais, chegando quase ao cúmulo de não ter vida própria, apenas a trabalhar, trabalhar e a trabalhar setenta e duas (72) horas semanais para ter uma sobre vida e dar uma sobre vida a sua família.

Quanto às condições/relações de trabalho relacionado ao vínculo empregatício dos(as) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel, encontram-se em situações bastante diversificadas. Em quatorze (14) locais de trabalho os(as)

egressos(as) são concursados, exercendo suas funções em instituições públicas e protegidos pela legislação correspondente; em quatorze (14) locais de trabalho os(as) egressos(as) exercem suas atividades profissionais como prestadores de serviço informal sem registro trabalhista; em nove (09) locais de trabalho os(as) egressos(as) informaram que trabalham como prestadores de serviço por meio de empresa própria; em nove (09) locais de trabalho os(as) egressos(as) informaram que trabalham como prestadores de serviço contratados formalmente; em cinco (05) locais de trabalho os(as) egressos(as) exercem suas funções como contratados temporários; em dois (02) locais de trabalho os(as) egressos(as) informaram que são terceirizados.

Quanto às condições/relações de trabalho relacionado ao vínculo empregatício dos(as) egressos(as) UNIJUÍ, também se encontram situações bastante diversificadas. Em vinte e um (21) locais de trabalho, os(as) egressos(as) estão protegidos pela lei trabalhista (CLT); em dezesseis (16) locais de trabalho os(as) egressos(as) exercem suas funções em instituições públicas e estão protegidos pela legislação correspondente; em três (3) locais de trabalho os(as) egressos(as) informaram que trabalham como prestadores de serviço contratados formalmente por empresas próprias; em dezessete (17) locais de trabalho os(as) egressos(as) exercem suas atividades profissionais de modo informal; em quatro (4) locais de trabalho os(as) egressos(as) informaram que são terceirizados; um (1) egresso não informou sua situação.

Ao analisarmos os dados relativos às condições/relações de trabalho relacionado ao vínculo empregatício dos(as) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ, dos cento e quinze (115) diferentes locais de atuação/intervenção profissional, cinquenta e cinco (55) egressos(as) informaram que exercem suas atividades profissionais como prestadores de serviço informal, terceirizados, por meio de empresa própria sem registro trabalhista, ou seja, sem seus devidos direitos trabalhistas. Apesar, de este dado ser quase metade (dos 115) ainda é dado bastante caótico, pois todos os trabalhadores deveriam estar assegurados por seus direitos trabalhistas, pelo patrão ou instituição.

Novamente nos referimos a precarização do trabalho como mostram nossos dados empíricos, a atual fase de desenvolvimento do capitalismo sob o contexto da

reestruturação produtiva, as formas de exploração do trabalho diversificam-se e surgem novas formas, tais como ocorre em outros espaços de trabalho da sociedade civil, entre eles: a instabilidade empregatícia, serviços terceirizados, precarizados, espaços subcontratados, serviços informais, ressaltamos que há um aumento destes espaços não regulamentados da educação física. Acreditamos que os(as) trabalhadores(as) de educação física precisam se unir com os demais explorados e lutar contra este poder hegemônico do capitalismo. Reivindicar os direitos já conquistados no decorrer da história e lutar contra a qualquer tipo de exploração do(a) trabalhador(a).

No que diz respeito ao salário ou remuneração que os(as) egressos(as) da ESEF/UFPel recebem, varia de um (01) a mais de quinze (15) salários mínimos (SM). Quinze egressos(as) informaram que ganham em torno de um (01) a três (03) (SM); destes nove (09) são do sexo feminino e seis (06) do sexo masculino; cinco (05) egressos(as) informaram que ganham entre três (03) a seis (06) (SM), dois (02) do sexo feminino e três (03) do sexo masculino; três (03) egressos(as) informaram que ganham até um (01) (SM), um (01) do sexo feminino e dois do sexo masculino; apenas uma (01) egressa informou ganhar em torno de seis (06) a dez (10) (SM); e por fim, apenas uma egressa informou ganhar mais de quinze (15) (SM).

Os salários percebidos pelos(as) egressos(as) da UNIJUÍ variaram entre um (1) e nove (9) (SM). Destes(as), dez (10) informaram que ganham até três (3) SM; catorze (14) informaram que ganham até seis (6) SM; Os(as) demais(as) ganham até nove (9) (SM). Destacam-se entre os egressos (do sexo masculino) duas situações extremas. Um egresso informou receber um (1) (SM) para trabalhar vinte e quatro (24) horas por semana; um egresso informou receber até cinco (5) (SM) atuando em quatro (4) diferentes locais e trabalhando setenta e duas (72) horas por semana.

Ao averiguarmos a questão salarial, ou seja, a remuneração que os(as) egressos(as) da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ recebem, encontramos variações imensas. Os salários percebidos pelos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel varia de um (01) a mais de quinze (15) (SM), enquanto dos(as) egressos(as) da UNIJUÍ varia de um (1) a nove (9) (SM). A maioria dos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel informaram que ganhar em torno de um (01) a três (03) (SM), quanto aos egressos(as) da

UNIJUÍ a maioria informou ganhar até seis (6) (SM).

Quanto aos direitos sociais e trabalhistas, tais como férias, décimo terceiro (13º) salário, descanso semanal remunerado, entre outros, foram relatados apenas por aqueles(as) egressos(as) da ESEF/UFPel que têm a sua intervenção profissional vinculados ao serviço público ou pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Estes direitos foram relatados na grande maioria pelos(as) egressos(as) que estão vinculados à área escolar (escolas públicas, particulares, universidades). Na área não escolar onde os(as) egressos(as) atuam de modo informal, terceirizados ou como prestadores de serviço, informaram não terem acesso a esses direitos.

Agora tenho direitos apenas na escola que sou concursada. Na academia não tenho nenhum direito. (P23)

...

Não no clube onde trabalho... tenho direitos apenas na escola que sou concursada. (P20)

...

Não tive direito a 13º salário nas academias. (P12)

...

Só nas escolas, quando tive academia não, eu pagava pros meus funcionários, mas pra mim não. (P02)

Quanto aos(as) egressos(as) da UNIJUÍ relacionado aos direitos sociais e trabalhistas, tais como descanso semanal remunerado, (13º) salário, férias, entre outros, foram relatados apenas por aqueles(as) egressos(as) que têm sua intervenção profissional regulamentada pela CLT ou que estão vinculados ao serviço público. Nos locais onde os(as) egressos(as) atuam de modo informal, terceirizados ou como prestadores de serviço, relataram não ter acesso a esses direitos.

Ao analisarmos os dados relativos aos direitos sociais e trabalhistas, tais como férias, décimo terceiro (13º) salário, descanso semanal remunerado, entre outros, dos(as) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ, foram relatados apenas por aqueles(as) egressos(as) que têm a sua intervenção profissional vinculados ao serviço público ou pela CLT. A maior parte dos(as) egressos(as) que relatou ter acesso a estes direitos são da área escolar, ou seja, estão vinculados às escolas públicas, algumas escolas particulares e apenas nas universidades Federais.

Pouquíssimos(as) dos(as) egressos(as) que estão atuando na área não

escolar informaram estar assegurados por direitos trabalhistas, ou seja, muitos(as) dos(as) egressos(as) que atuam de modo informal, terceirizados ou como prestadores de serviços informaram não terem acesso aos direitos trabalhistas como já demonstrado tanto pelos autores estudados quanto pela realidade concreta que são as informações que obtivemos dos(as) egressos(as) nos no decorrer desta Dissertação especificamente deste capítulo.

3.4.1 Condições/relações do trabalho do(a) professor(a) de Educação Física da área escolar e não escolar.

Nesta Categoria tratamos sobre as condições/relações de trabalho dos participantes da pesquisa. Os dados são referentes condições de trabalho dos diferentes locais em que exerce o professor de educação física exerce sua atividade profissional.

Dos(as) vinte e cinco (25) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel, apenas uma egressa informou ganhar adicional de insalubridade por trabalhar em ambiente insalubre, ainda, apontou condições precárias quanto ao material de trabalho.

Lá no hospital eu recebo insalubridade. Aqui não [na academia]. Isso é uma parte bem importante por que... semana passada mesmo fui dar aula debaixo do sol, e de noite na academia ta frio, já tem troca de mudança de temperatura... Lá [no hospital] eu tenho mesmo que improvisar... como o hospital sobrevive de doações, então se eu não improvisar... a gente não vai ter aula de educação física né. (P09)

Ainda, em escala menor e situações particulares, foi relatado pelos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel as condições de trabalho adequadas à intervenção profissional. A entrevistada citada acima, afirma que as condições do local de trabalho são boas apesar de desenvolver algumas atividades em locais abertos sem

nenhum tipo de proteção.

Os dois lugares são bem bons, tem bastante... lá mesmo (no hospital) eu tenho opções de trabalhar no pátio, de baixo de árvore, da rua, tem um salão... tem uma sala de ginástica... quando não estão ocupados, eu posso usar, só que às vezes não [...]. (P09)

A maioria dos(as) egressos(as) relatou a presença de condições precárias de trabalho em diferentes espaços de atuação. Porém as reclamações mais intensas provêm da área escolar, especialmente dos(as) egressos(as) que atuam na área escolar, ou seja, nos espaços de trabalho das escolas públicas. Tais reclamações advêm da pouca segurança que a escola oferece aos seus professores, alunos e funcionários, das precárias condições de trabalho quanto à infraestrutura, praticamente sem espaço físico para o professor de educação física desenvolver suas aulas, o material de trabalho das escolas é muito escasso e ruim. Ainda sabemos que o professor de educação física da área escolar trabalha no sol, no frio e muitas vezes na neblina e não recebe insalubridade por conta disso.

Pouca segurança. Não temos muita segurança... nós professoras mesmos que somos,... deixamos o portão fechado... Policiamento não tem diário na escola. Nós fechamos as portas, o portão da educação física é sempre fechado. E entra alunos de fora, pessoas que não poderiam entrar. Então não tem muita segurança. Quanto à salubridade, eu trabalho no sol, mas eu me protejo né?... eu me cuido com protetor solar, uso boné. Ah não temos muita estrutura assim, o telhado do pavilhão não é muito seguro, então... não é muito salubre. As condições do material de trabalho são precárias, a gente pede material e custa chegar na escola. E ao local de trabalho... como eu trabalho com a educação física eu uso muito a parte externa né, da escola, mas também as salas, as salas de aula, falta iluminação, falta cortinas, tem salas com vidros quebrados, lâmpadas estragadas e portas muitas vezes. Mas como eu trabalho mais na quadra... Também não tem a rede... não tem rede... Falta... A pintura das quadras, a parte do basquete eu não tenho sextas, eu tenho que pedir pra consertar... Então falta muito a estrutura... tem muito... é muito precário. (P19)

Os(as) egressos(as) que atuam em mais de um local de trabalho, também relatam algumas reclamações das condições precárias de trabalho tanto da área escolar quanto na área não escolar em caso específicos dos clubes sociais. As reclamações são as mesmas da área escolar, entre elas, a mínima segurança que a escola oferece aos seus(as) professores(as) e alunos(as). Por ser um espaço aberto circula muitas pessoas que não são da comunidade escolar; das precárias

condições de trabalho quanto à infraestrutura, falta quadras abertas e fechadas, ginásio, o material de trabalho das escolas é muito escasso e ruim.

Observamos que quando se trata das escolas públicas municipais as condições de trabalho para o professor de educação física são mais escassas ainda. Houve reclamações por parte da atuação dos(as) professores(as) que trabalham nos clubes, quanto às condições do material de trabalho, muito ruins, e muito “brigadas” para conseguir novos materiais. Muitas vezes os materiais estão se deteriorando e o clube não quer realizar novos investimentos.

Em questão de salubridade também houve reclamações por parte dos(as) egressos(as) que atuam nos clubes, diariamente os(as) egressos(as) estão trabalhando com som alto e isso afeta os ouvidos, ou então relacionado ao engraxar e limpar as máquinas/esteiras com produtos químicos. Todos(as) os(as) egressos(as) relataram a dificuldade de conseguir o tal direito – a insalubridade; outras afirmações por parte dos(as) egressos(as) é quanto ao pequeno espaço para exercer as suas atividades, ou então por conta das vezes o local se tornar pequeno por excesso de gente. Entretanto, foi relatado por parte dos(as) egressos(as) entrevistados(as) boas condições de trabalho nos clubes no sentido da segurança do local de trabalho, todos(as) afirmaram ser muito boa.

Todos(as) os(as) professores(as) que atuam na área escolar e não escolar afirmaram trabalhar em ambiente insalubre, cada um de acordo com seu ofício de trabalho. Todavia, noventa e nove (99%) informaram não receber insalubridade em nenhum dos dois espaços de atuação.

Quanto à segurança eu acho que tem uma diferença, aqui na escola por ser um local muito aberto por circular muita gente às vezes é inseguro. Apesar da gente ter um guarda aqui durante todo o dia, muitas vezes é inseguro, porque muitas vezes entra lá ... tá aberto entra um carro. No clube eu já acho que é bem mais seguro. O pessoal que entra já é praticamente só o que vai fazer a atividade. [...] E em salubridade, ah... me exponho ao sol, frio, chuva.... não recebo nada de insalubridade nem aqui na escola nem lá [no Clube], onde eu trabalhei muito tempo com... Engraxava as máquinas eu que limpava, eu que lubrificava as esteiras, cheguei a fazer isso uns cinco anos sem receber um centavo a mais e hoje assim, não recebo insalubridade de nenhum dos dois locais, às vezes está trabalhando com som alto e nada. As Condições do material de trabalho, tanto num local quanto noutro as coisas são muito brigadas, muito batalhadas. As coisas realmente não vem no primeiro pedido, às vezes

chegam há levar um ano, tanto aqui [na escola] como lá [no clube], às vezes tem que fazer levantamento de empresa, haver uma liberação da verba às vezes, o cheque já tem que sair preenchido então, muitas vezes leva muito tempo. Já aprendi a ter paciência nisso daí, se não tu te desgasta muito. Aqui na escola geralmente eu trabalho na rua né, então eu acho que o espaço aqui é ótimo só que infelizmente nós não temos uma quadra, ali a erosão da chuva atrapalha bastante a prefeitura não investe nisso aí porque é um local alugado, então eles dizem que isso aqui é locado não dá pra investir que uma hora mais cedo ou mais tarde e eu acredito que nós temos mais no máximo dois anos aqui, eles estão fazendo uma construção e já nos avisaram que vão nos tirar daqui, e eu acredito que desta vez é verdade porque há 19 anos eu ouço esta história, mas eu acho que agora realmente vai acontecer. E lá no clube o local às vezes fica pequeno por excesso de gente, mas também já ta sendo comentado que é da gente passar pra uma outra área que é muito grande pra aquilo que ta sendo utilizado, mas se isso acontecer ainda vai levar um tempinho. Tem que ser adaptado, melhorado abrir alguns espaços, algumas janelas, fazer algum sistema de arejamento de repente até climatizar, então levaria um tempo pra gente se adaptar a este espaço. (P24)

...
Aqui na clínica médica e no clube é ótimo [...] Só na escola. Como é uma escola de... muito... precária... tanto de infraestrutura quanto... os alunos são muito rebeldes a grande parte deles... tem aqueles ali da... volta... da região ali da escola... também é um pouco pesado... então ali eu não me sinto 100% segura assim. Ali eu me sinto um pouco... insegura [...]. a salubridade, na escola me exponho ao sol, frio... é uma coisa que eu queria ter visto já, mas não ganho. Mas eu quero recolher. Como eu dou aula na terça e na sexta começo às 8 da manhã e vai até às 5 da tarde, então estou exposta ao sol, frio o dia inteiro. Quando chove a gente vai pra sala de aula porque não tem área coberta. Condições do material de trabalho, aqui na clínica são ótimas, no clube falta... aparelhos de ginástica, as caneleiras são bem antigas já e gastas, deveria ser mudado, mas não né. Lá na escola a diretora exerce um movimento bem grande para que tenham material. [...] não tem infraestrutura. ah recém semana passada colocaram traves no pátio porque antes a gente até emgembrava com a cerca da escola e mais dois postes. Era assim que era. Até com chão batido e tal. Agora que botaram duas traves, juntas com as de basquete que ficam em cima da trave, mas só. Nada de cobertura, nada. Aqui na clínica é tudo bom. No clube como é no segundo piso a ginástica, então é muito calor, o sol bate direto na janela então seis horas da tarde é quente ainda no verão. Então a gente passa muito calor e os ventiladores não dão conta. Na escola se é calor, tá muito calor, se tá frio, tá muito frio. É ruim porque é pequeno tanto o espaço da sala de aula ou do espaço dos professores. (P20)

Outros(as) três (03) egressos(as) entrevistados da ESEF/UFPel que trabalham em serviço público Federal também reclamam das condições precárias de trabalho. Tais reclamações são referente ao não recebimento de insalubridade por trabalharem expostos ao sol, a chuva, ao frio entre outros. Ainda as reclamações advêm da falta de segurança no trabalho, materiais em péssimas condições por conta de serem comprados em licitações por menor preço, e por fim, o local de trabalho muitas vezes é inadequado para desenvolver as atividades.

Aqui na escola [...] não tem muito problema, porque o ambiente é fechado, mas quanto à insalubridade, a gente se expõe ao sol, chuva, é na rua. Não ganho adicional, até pedimos, mas negaram. As condições do local de trabalho é complicado, muito complicado! Difícil, o local de trabalho é ruim. (P06)

...

Até que me sinto seguro na escola [...], trabalho em ambiente insalubre, sol, neblina, frio, etc. as condições do material de trabalho, assim como é órgão público, os pregões e licitações elas são de menor preço, então geralmente os materiais vêm de pior qualidade. As bolas duram assim... uma semana, duas semanas, aí é sereno, quadra com cimento, tudo comedor de bola. O local de trabalho... falta de lugares... até dá pra desenvolver as atividades, mas falta locais fechado, não tem ginásio, não. (P11)

...

Quanto à segurança, os guardas que tem aqui não são suficientes, de noite principalmente. [...] Na realidade a quantidade física de guardas aqui é pequena. [...] Já aconteceu de ter roubo de bicicleta aqui na frente porque o guarda tava conversando lá diante não viu, entraram aqui e roubaram. Mas porque eu me sinto segura? Como a escola faz muito projeto pra comunidade, eles estão muito aqui dentro e não... digamos assim, o pessoal respeita muito. Então é um lugar que eles podem entrar, é um lugar que serve eles. A comunidade acaba fazendo parte. [...] Na minha sala não tem ar condicionado! Nem cortinas! . Tudo por conta das opções políticas... a gente percebe que tem... algumas pessoas que recebem mais favores que outros... [...] Professor pra ganhar insalubridade é a coisa mais difícil da face da terra em colégio ou qualquer coisa, porque todo mundo teria que receber insalubridade... Lâmpada fluorescente é passível de pedir insalubridade, mas hoje em dia ninguém consegue porque todo mundo trabalha com lâmpada fluorescente, então não vão dar, não vão dar, é um terror. O problema é que do lado da minha sala tem criação de ratos, então o cheiro da urina deles, é terrível, mas eu não sei se é insalubre ou não. Né, mas incomoda o cheiro. Agora, a quadra tinha que ser mais limpa, ser mais varrida. [...]. Quanto às condições do material de trabalho, bolas eu tenho quantas eu quiser e de couro! Temos tabela hidráulica muito mal cuidada, em seguida já rasgou. Já fazem meses que eu pedi por escrito, protocolada pro diretor manutenção das tabelas que estão enferrujando e que estão rasgadas, não veio nada até agora [...] É um absurdo um patrimônio público Federal que é pra ser usado pela comunidade também, tá enferrujando e rasgado. Já, as condições do local de trabalho, a iluminação é péssima do ginásio... é uma vergonha, quando colocam lâmpadas eles colocam sempre que é mais barata e que não ilumina bem... é um horror, é uma vergonha [...] então iluminação péssima, o lugar que trabalho, a sala não tem ar condicionado, tem um ventilador, tem uma estufinha que é minha de casa. (P18)

Uma egressa entrevistada da ESEF/UFPel que atua em duas (02) escolas particulares e em uma (01) escola pública municipal realiza uma comparação entre as escolas em que atua. Relatou a presença de condições precárias de trabalho em maior proporção na esfera pública. Tais condições precárias de trabalho são referentes a pouca segurança apesar de ter guarda municipal vigiando a escola; estar exposta a ambiente insalubre e não ganhar adicional, em todas as escolas, inclusive na escola particular. Quanto às condições de trabalho informou que na escola pública trabalha em local inadequado para desenvolver as atividades.

Entretanto, informou condições adequadas de trabalho à intervenção profissional na esfera das escolas particulares.

A segurança, ah, eu acho que é bem tranqüilo assim, nas escolas particulares sempre tem segurança né, tem que ser sempre identificado pra ficar dentro da escola né. Agora no município apesar de ter a guarda né, eu trabalho numa escola de bairro, então às vezes é complicado, tem um muro baixo de vez em quando tem pessoas estranhas, é meio complicado. Assim, alguns professores são assaltados na saída da escola ou na parada [...] nas duas escolas eu me exponho e não ganho adicional de insalubridade... As condições do material de trabalho, nas particulares os locais onde dou aula é coberto... tranqüilo... na municipal eu trabalho... não tem teto né... não é coberto o local onde eu trabalho. As condições do local de trabalho, nas escolas particulares é tranqüilo. Na escola do município como eu tinha te falado, não temos ginásio, temos uma quadra de cimento, às vezes temos que ir pro campo e não tem grama cortada, onde tem aranha, cobras. Quando chove é na sala de aula apertada com as classes. (P12)

Outra egressa da ESEF/UFPel que atua em três (03) locais de trabalho, sendo uma (01) escola pública estadual, uma (01) escola particular e uma (01) academia, também relatou condições precárias de trabalho na academia e na escola estadual. Informou que não recebe insalubridade em nenhum local de trabalho. Ainda, informou que apenas a escola particular tem condições adequadas de trabalho à intervenção profissional.

Na escola particular tranqüilo a segurança, na academia também. Agora no estado, [...] não tanto. Um pouco “tranqüilo”... E aí entra gente, entra marginal nos espaços, a gente tem que tá negociando [...] O material de trabalho na academia tem problemas de salubridade, às vezes sujeira, às vezes tem goteira... tem cupim. Falta material. Na escola particular é tudo limpinho material adequado pra escolinha. Já no estado falta material, espaço, falta absolutamente tudo. As condições do local de trabalho... É que eu trabalho na rua. A luz do dia. Na escola particular tudo bem. Tudo perfeito. Do estado é a aquela coisa, falta tudo. Na academia não muda muito como já te disse. (P01)

Por fim, uma egressa entrevistada da ESEF/UFPel expõe em sua fala uma comparação entre seus dois locais de trabalho, uma (01) academia e uma (01) escola municipal. A egressa informou que na escola municipal vivencia em maior

proporção precárias condições de trabalho, falta espaço adequado para desenvolver as atividades e poucos materiais são disponíveis. Entretanto, informou condições adequadas de trabalho à intervenção profissional na parte da academia.

A academia em termos de segurança, fora esta condição... do desgaste que a área da educação física de uma forma geral já proporciona [...] nós temos um segurança a partir das 6 horas da noite que controla toda a área da frente, carros que fica no portão, então se é uma coisa que eu não me preocupo é em relação à segurança. Ah na escola [...] muitos traficantes na volta, a escola não tem ginásio. A única coisa que tem é um pátio e material ruim. E no pátio nos dias de chuva não tem o que fazer, não tem condições. Aquele pátio fica alagado durante uma semana, esta é a estrutura que eles fornecem. E material é aquilo que todo mundo já sabe, chega no início do semestre, uns vem de órgãos federais de péssima qualidade, aquilo vai te durar dois meses ou três meses e depois aquela briga ferrenha com diretor e vice-diretor pra que compre material. Sempre a mesma historia. Infraestrutura então nenhuma e material mais ou menos. Na academia totalmente o contrario, é uma realidade totalmente diferente, uma infraestrutura de ponta, material de ponta e alunos que vem pra fazer aula, eles tão te pagando pra receber a aula, diferente da escola né. Que a disciplina é obrigatória pra todos os alunos. é um contraste... todo dia, eu vivo este contraste todo dia na verdade. De uma... tanto da questão social de sair de uma classe muito pobre pra uma classe totalmente diferente à tarde, tanto das residências, quanto esta parte da segurança... As condições do material de trabalho, na academia é excelente e na escola aquele material precário que a gente já sabe. Já as condições do local de trabalho, na academia, bom! Tem ar condicionado, tem a gente já colocou a academia com bastante ventilação, tem uma janela enorme na frente, então os dias que a gente não precisa do ar a gente abre as janelas no caso de ventilação. Nós temos os ergômetros aqui dentro, no caso de dias com chuva ou com muito sol, no caso pra não precisar ir pra rua, a gente pode trabalhar aqui dentro... na escola não tem nada disso, não tem área coberta, não tem nada, faça chuva e faça sol eu to a mercê do tempo... [...] Normalmente dou aula de educação física dentro da sala de aula. A escola disponibilizava de um salão onde a gente usava, só que este salão foi transformado também em sala de aula. Então é a sala de aula... e haja criatividade! (P08)

Foi relatada a presença de condições precárias de trabalho em diferentes espaços de atuação dos(as) egressos(as) da UNIJUÍ. As reclamações mais intensas provêm da área escolar, especialmente, dos(as) egressos(as) que atuam nas escolas públicas.

[...] eu trabalho num bairro que é de risco, carente, tem envolvimento com drogas, a escola não é cercada, vivem roubando os materiais, os materiais de Educação Física. A quadra é aberta, então entra quem quê, quem quisé assisti, a gurizada que vem atrás das gurias prá namora, tem dias que é o contrario. Já teve vezes que eu me senti realmente ameaçada na quadra por essas pessoas por que tu não tinha como tu pedi prá eles saírem de lá sem causa um atrito, é bem complicado. (E03)

...
[...] na verdade todas as escolas da rede municipal e estadual, sempre trabalha com pouca coisa, improviso, nunca tenho o suficiente. (E05)

...
[...] eu consideraria médio escalão. A gente tem, tá melhorando essa área de iluminação, de arejado também tem que melhorar bastante. Como eu te disse a gente tem que atender não só nosso cliente, e sim a gente sofre as variações do mercado e a gente tem que oferecer o que tem de melhor pra ele. (E08)

...
[...] não é assim o ideal. Como eu trabalho com grupo grande, falta espaço. Se todos vem ficá um espaço restrito e tem coisas que não dá para fazer, né? Eu trabalho com oficinas com eles, com jogos ou a gente faz na quadra, ou dinâmica em grupo, né? Dependendo do que for fazer, não da para fazer onde está. Sala pequena. (E10)

...
[...] em duas escolas tem local prá só fica exposto ao sol, ao tempo na outra nós temos que deslocar fora da escola, né?. Então também em lugares públicos, né, então a gente tem as interferências das pessoas que a gente não tem nada a ver com a aula te tiram atenção da aula. (E13)

...
A gente tem uma quadra só pra todo Ensino Fundamental, Médio e Currículo. Então é insuficiente. (E15)

...
[...] Nas escolas sim tem dificuldades de espaço físico, tem escolas que não tem quadra ainda de se desloca pra um local próximo no bairro ou algum local que a comunidade ofereça também, tem escolas que não tem quadra coberta outras que tem. E mas assim então, acho que as escolas na sua grande maioria estão com melhores condições de espaço físico e tem até um projeto de se organizar e atender todas as escolas até 2011 com quadra, acho que nós temos 2com espaço mais precário. (E21)

Entretanto, em escala menor e situações particulares, foi relatado pelos(as) egressos(as) da UNIJUÍ as condições de trabalho adequadas à intervenção profissional.

Todas as questões são bem interessantes, né? [...] tá muito bem equipada também em termos de estrutura, em termos de material a equipe diretiva esta sempre a disposição de pensar isso de buscar alternativas, de renovar material. E aqui dentro da instituição também acredito que naquilo que temos ela tem qualidade também. (E07)

...
Então aqui em Ijuí a gente é privilegiada porque a gente tem duas quadras, tem um campo de futebol, tem duas quadras de tênis, um campo de areia. Então nosso espaço externo é muito bom perto dos outros [...], né? No material a gente não tem dificuldade em nada, tem tudo o que a gente precisa aqui tem bolas, redes, raquetes a gente tem disponível. (E18)

Ao analisarmos os dados relativos relações/condições de trabalho dos(as) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ, procuramos saber se recebem adicional de insalubridade. Dos(as) cinquenta e seis (56) egressos(as)

entrevistados(as) apenas um (01) egressa entrevistada da ESEF/UFPel informou ganhar adicional de insalubridade por trabalhar no HEP de Pelotas/RS com pessoas portadoras de inúmeros transtornos psíquicos, desenvolvendo aulas de educação física.

A maioria dos(as) egressos(as) entrevistados tanto da ESEF/UFPel quanto da UNIJUÍ relatou presença de condições precárias de trabalho em diferentes espaços de atuação. As reclamações mais intensas provêm especialmente dos(as) egressos(as) que atuam a área da área escolar, especialmente nos espaços de trabalho das escolas públicas, municipais ainda dos(as) egressos(as) entrevistados(as) que trabalham em serviço público federal. As justificativas referem a pouca ou falta de segurança no trabalho, ou seja, pouca segurança que a escola oferece aos seus alunos e professores(as); outras são quanto às precárias condições do local e inadequadas para desenvolver o trabalho (infraestrutura); pouco e malfazejo material de trabalho oferecido pelas escolas, ou seja, materiais em péssimas condições por conta de serem comprados em licitações por menor preço.

Outro fator importante é uma ressalva que devemos lutar para ter acesso ao direito de insalubridade, pois sabemos que os(as) professora(as) de Educação Física tanto da área escolar, trabalham no sol, no frio e muitas vezes na neblina e não recebem insalubridade, quanto os(as) que atuam em espaço não escolar também estão expostos à insalubridade e não recebem o que lhe é de devido direito.

Entretanto os(as) egressos(as) que atuam em mais de um local de trabalho, também relatam condições precárias de trabalho tanto da área escolar quanto na área não escolar em caso específicos dos clubes sociais. As condições da área escolar são as mesmas referidas por todos(as) os(as) egressos(as) entrevistados(as): mínima segurança que a escola oferece por ser um espaço aberto circula muitas pessoas que não são da comunidade escolar; das precárias condições de trabalho quanto à infraestrutura, falta quadras abertas e fechadas, ginásio, o material de trabalho das escolas é muito escasso e defasado.

Em relação aos clubes outra atuação do professor de educação física os(as) egressos(as) relataram condições de trabalho adequadas à intervenção profissional no que quesito segurança, no qual todos têm requisitos necessários para que os(as)

egressos(as) se sintam à vontade/seguros, isso em menor escala e em situações particulares. Entretanto as condições do material de trabalho por vezes não se diferem muito das escolas, muitas vezes os materiais estão se deteriorando com o passar dos anos, mas o clube para manter sua margem de mais valia, ou seja, o lucro, não realiza a troca dos aparelhos.

A questão de insalubridade no clube às vezes os(as) egressos(as) estão trabalhando com equipamentos pesados e com ruído ou vibração muito alto e afeta os ouvidos, ainda para piorar a situação o(a) egresso(a) além de ser professor de educação física têm o encargo de engraxar e limpar as máquinas/esteiras. Ainda, verificamos nas falas dos egressos que nos clubes o local às vezes se torna pequeno por excesso de gente e noventa e nove (99%) dos(as) egressas informaram atuam na área escolar (inclusive os que atuam em escolas particulares) e extraescolar trabalham com insalubridade e não recebem nenhuma gratificação.

Entretanto, em escala menor e situações particulares, foi relatado pelos(as) egressos(as) entrevistados(as) condições de trabalho adequadas à intervenção profissional, em academias, clubes e escolas particulares tem condições adequadas de trabalho à intervenção profissional.

3.4.2 Nível de satisfação dos(as) egressos(as) entrevistados(as) dos Cursos de Educação Física, o que diz a realidade concreta?

Nesta categoria tratamos sobre o(s) nível(eis) de satisfação dos(as) egressos(as) dos cursos de Educação Física no que se refere ao exercício da sua profissão.

Dos(as) vinte e cinco (25) entrevistados(as) da ESEF/UFPel, dezenove (19) afirmaram estar satisfeitos(as) ou muito satisfeito(as) com sua profissão e seis (06) afirmaram estar insatisfeitos(as) ou pouco satisfeitos(as) com sua profissão. Quatorze (14) egressos(as) afirmaram estar satisfeitos sendo que cinco (05) são do sexo masculino e nove (09) do sexo feminino; cinco (05) acreditam estar muito satisfeito(a) com sua profissão, sendo que quatro (04) são do sexo masculino e

apenas uma (01) do sexo feminino. Seis (06) egressos(as) afirmaram pouco satisfeitos ou insatisfeitos com sua profissão. Destes, quatro (04) são do sexo feminino e apenas dois do sexo masculino.

Portanto, grande parte dos entrevistados da ESEF/UFPel afirmou estar satisfeito ou muito satisfeito com sua profissão. A satisfação com a profissão está associada ao gostar do que faz, ser valorizado como profissional e obter o reconhecimento pelo trabalho realizado.

Estou satisfeita porque eu gosto do que eu faço. (P07)

...

Satisfeito porque eu gosto do que eu faço né. Por dinheiro não. (P02)

...

Satisfeito porque eu me sinto feliz de estar trabalhando, atuando, de ser valorizado. Acho que é isso. (P03)

...

Satisfeito porque eu consegui, já tive muitos... muito insatisfeito. Então hoje eu consegui reverter... Ganhei reconhecimento do trabalho. O reconhecimento de 10 anos de profissão, de 10 anos de experiência. Então hoje eu me sinto satisfeito na relação... de conseguir fazer as coisas que eu não conseguia antes em função da pouca experiência... Reconhecimento! Então eu hoje eu me sinto bem satisfeito profissionalmente me função do reconhecimento das pessoas do meu trabalho. (P04)

O fator salário foi citado pela maioria dos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel e está associada tanto à valorização quanto a desvalorização com a profissão. Grande parte dos(as) entrevistados(as) se diz satisfeitos, mas apontam o salário na maior parte das vezes como justificativa de insatisfação profissional.

Satisfeito, só que em alguns lugares quanto o salário, insatisfeito. Em outros, satisfeito... salários. (P14)

...

Estou satisfeita na academia, mas na parte de professora no ensino básico eu estou insatisfeita com a questão financeira e falta de infraestrutura da escola. (P08)

...

Satisfeito, no início eu achei,... a parte financeira pecava um pouco e eu acho que ainda peca agora tá um pouco melhor, mas eu até acho que to conseguindo receber um bom salário pra horas que eu to trabalhando, e é uma coisa que me deixa feliz, eu gosto de dar aulas, e é uma coisa que é prazerosa pra mim. (P25)

...

Satisfeita, financeiramente falando é uma área que deixa a desejar, se tu não é professor universitário tu... tipo pra ganhar dinheiro com educação física tem que ser professor universitário... ganhar muito mesmo. Agora eu adoro o que eu faço, me realizo. Com meu trabalho eu to satisfeita claro se pudesse ganhar mais. Satisfeita por gostar do que faço, mas quanto à

remuneração, é muito ruim. (P21)

Outra questão, também citada pelos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel que dizem satisfeitos profissionalmente, entretanto no decorrer de suas falas, manifestam grande insatisfação com excesso da carga horária de trabalho.

Eu to satisfeita. Porque eu gosto do que faço, me identifico só o que eu não to muito... muito satisfeita pelo grande número de horas que tem que trabalhar né. (P12)

...

Satisfeita, mas a questão é assim... eu gosto muito do que faço, só que eu trabalho muito, a semana é muito carregada pra mim, em questão de horas de trabalho e também em questão do trabalho em si. Mas eu que eu... na verdade eu gostaria e acho que poderia ser melhor remunerada, sabe. Essa é a questão toda. Na verdade eu vejo profissionais ai dessa área [...] eu acho que a remuneração poderia ser melhor, mas a questão da satisfação profissional eu tô super satisfeita. Só esta questão. Como eu quero melhorar esta questão do financeiro e tal. (P20)

Outras duas (02) entrevistadas que se dizem satisfeitas com sua profissão, mas alegaram insatisfação quanto: à falta de valorização profissional; a falta de interesse parte dos órgãos públicos de investirem na formação continuada dos professores e por fim, insatisfação quanto a questões de fundo de sua prática de trabalho relacionadas muitas vezes às posturas políticas e de poder.

Sou satisfeita, eu sou professora eu gosto do que faço. Não me sinto satisfeita com a estrutura... éh com a valorização profissional, com a falta da formação permanente, não me sinto satisfeita. Esperava mais. Esperava que no momento que eu tivesse o mestrado tivesse mais oportunidade que eu tenho. (P23)

...

Satisfeita, se em questão da minha profissão, nas disciplinas que eu trabalho nos projetos de extensão que eu faço, nas que eu estudo. [...] Então nesse aspecto, eu me sinto bem. Onde eu não me sinto bem? Com as questões de fundo com a universidade. [...] Existem posturas aqui dentro da universidade, dos departamentos que são absurdas!. Então assim ó... é surreal algumas coisas que acontece dentro da universidade. A gente se desgasta muito... [...] algumas coisas são... muito complicadas de se viver aqui dentro, muito complicadas!. Então essas coisas que não... não to nenhum pouco satisfeita. (P18)

Por outro lado, aqueles(as) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel que manifestaram insatisfação, apontam o problema da desvalorização do profissional de educação física, baixo salário, por estar numa área que não é afim,

falta de colaboração, apoio e de recursos para as aulas de educação física e ainda o excesso de alunos por turma, problema esse que as escolas públicas “resolveram” com a enturmação.

Insatisfeita porque a gente não tem apoio... Salário muito baixo. [...] É muito desgaste pra ganhar muito pouco dinheiro. (P01)

...

Insatisfeita porque depois do meu mestrado eu descobri que eu gosto de trabalhar com educação ambiental. Isso é uma coisa que eu gosto de fazer. Mas só que da educação física eu não gosto. (P06)

...

Insatisfeita porque a área de educação física... com meus outros colegas... por exemplo, não sabem o que fazer e não conseguem trabalhar, ou ganham pouco, eu me considero... eu acho que eu to bem assim, mas não é o que eu quero pro resto da minha vida. Eu quero mais!. Quero ter férias (risos baixinho) quero ter 13º salário, ter meus direitos... Daí quando eu comparo com outras profissões daí que eu vejo como é desvalorizada. Comparada com meus colegas eu tô bem. Tô melhor que eles (risos). Mas comparada com outras profissões que são muito mais valorizadas... eu vejo a educação física muito desvalorizada. (P16)

...

Pouco satisfeita por que... falta recursos; falta colaboração; a gente não tem muito tempo pra desenvolver as atividades; a gente dá aula pra duas ou três turmas juntas, as dificuldades todas de escola pública eu tenho. (P19)

A maior parte dos(as) entrevistados(as) da UNIJUÍ afirmou estar muito satisfeito(a) ou satisfeito(a) com o exercício da profissão sua profissão. O “gostar” de trabalhar e do bom ambiente de trabalho aliada à boa (infra) estrutura estão entre os motivos alegados pela egressa (E08). Entretanto a referida egressa também diz que seu trabalho é bastante desgastante e cansativo. Entre outras justificativas de outros(as) egressos(as) encontramos: a identificação com a área; a realização, a satisfação e o retorno profissional e pessoal; a colaboração na aprendizagem dos alunos no sentido de formar uma futura geração.

O motivo da satisfação foi de poder trabalhar e se manter durante um mês e assim se repetindo, demonstrando muita insegurança. O fato de o trabalho ser gratificante é o motivo mais salientado pelos(as) egressos(as) da UNIJUÍ para justificarem sua satisfação com o exercício profissional.

Satisfeita dentro daquilo que eu faço. Bom, porque é uma coisa que eu gosto de fazer. Porque aqui no SESC a gente tem uma estrutura boa... a gente tem um ambiente de trabalho bom... as pessoas com quem eu trabalho a faixa etária também é maravilhoso trabalhar, é muito bom à

gente tem um retorno bom, é bom, é gostoso... e eu gosto dessa área de coordenação, de planejamento, eu gosto. [...] só que é muito mais cansativo, exige muito mais. (E08)

...

O retorno profissional eu amo o que eu faço isso eu digo pra todo o mundo nessa área eu trabalho eu não faço nada que eu não gosto. Mais algum motivo? As opções que eu tive a UNIJUÍ é minha vida aqui dentro, minha história tá aqui dentro em Ijuí/RS, as disciplinas que eu atuo são as disciplinas que eu me identifico né?, então isso me ajuda muito. Ah a Medianeira foi um grande desafio e eu tô fazendo agora em abril cinco anos que tô lá também é uma relação diferente um trabalho diferente do que eu faço aqui na UNIJUÍ, mas um trabalho muito gratificante. E pessoal eu acho assim é minha cara porque cada aluno tu tem uma história tu tem uma relação e isso não tem o que pague. (E17)

...

Olha eu como eu disse eu gosto daqui pra mim tá financeiramente claro que não é o melhor, mas da pra se virar. Eu tô muito satisfeito, porque eu gosto. 1º: uma porque não tem uma cobrança né?, é uma cobrança dos pais, mas é mínima. 2ª porque eu gosto de lidar com criança, a turma que a gente tem aqui é muito boa. 3º a remuneração eu não posso dizer que é tão ruim né? 4º o companheirismo que a gente tem com os pais é muito grande, conhece muita gente. E por 5º então é uma coisa que se torna que tende a crescer eu acho, devagarinho.

...

Eu tô satisfeito porque gosto. A nível financeiro aí, não penso para este lado... [seria insatisfeito] (E27)

...

Tô satisfeito... assim ó... tu colabora com a aprendizagem... tu é responsável por formar uma geração futura. Tu participa desse processo. (E28)

...

Satisfeita porque eu me realizo profissionalmente. Adoro o que faço. (E10)

...

Eu me acho satisfeito profissionalmente. Porque eu gosto do que eu faço. Faço com amor o que eu faço. Eu tenho vontade. Eu continuo meus estudos aqui, visando meus objetivos com meus clientes, com os projetos que a gente tem. Então por isso me considero satisfeito. (E19)

...

Eu tô satisfeita, porque tá dando pra mim trabalhar e me manter né, dá pra ir levando, por enquanto dá até o final do mês. (E09)

Outra questão relevante quanto à satisfação com o exercício da profissão é salientado por um (01) egresso (E31) que se diz muito satisfeito por ter vivenciado no decorrer da graduação um projeto como bolsista. Após sua formação foi convidado para trabalhar em um local que oferecia uma vaga, e decorrente de suas experiências o egresso aceitou o convite e atualmente trabalha/atua como profissional e se sente muito satisfeito com o trabalho que desenvolve.

Com o trabalho que eu tô desenvolvendo eu tô satisfeito porque foi a melhor coisa que... Anos atrás eu nunca imaginei, foi uma coisa que eu me formei, deu um ano de formado aí me convidaram, no caso uma experiência nova por que... antes eu trabalhava, mas como questão de

bolsista. Fui mais pra experimentar pra ver o que ia dar. Ai acabei entrando, gostando e caindo de cabeça... e quando tu cai de cabeça não tem... não escapa mais e nessa área assim eu to... to bem satisfeito, to muito satisfeito. Porque me achei gostei, e tudo que tu gosta sempre rende bem mais. (E31)

Um (01) egresso (E22) se diz satisfeito com o exercício da profissão sua profissão porque na área que em que atua não há muita concorrência. É uma área que está em expansão e tem muitas demandas, ainda por ser uma área que poucos profissionais de educação física “gostem”, por isso há carência no mercado. Seguindo este pensamento linear, outro egresso (E24) se diz estar satisfeito com o exercício da sua profissão porque acredita que a “nossa clientela pode melhorar”, e ainda acredita estar “a contento” da chefia. Entretanto, percebe que o mercado de trabalho está bastante disputado e que muitos dos colegas de curso ainda estão “batalhando” por um emprego. Aborda a questão dos raros concursos públicos como forma de abrir novas vagas de emprego.

Porque eu atuo na área, tenho tido oportunidades de fazer bons cursos, de aprofundar, fiz pós-graduação. Tem espaço é uma área que tem crescido e tem demandas né, e diria que tem poucos concorrentes são poucos profissionais da EDF que tem esses interesses na área da gestão, há uma carência no mercado. (E22)

...

Eu to satisfeito porque eu acredito que o processo pode melhorar, eu posso melhorar e a clientela que a gente atende pode melhorar. Então quem sabe no futuro a gente possa ser muito satisfeito. Tem bastante coisa pra gente trabalha. Motivo da satisfação? Porque eu tô fazendo o que eu gosto, acredito que estou a contento da minha chefia, porque eu olho o nosso mercado tá muito disputado tem colegas que se formaram comigo e ainda estão batalhando pra busca um emprego na área de educação física e também a questão da licenciatura, hoje não há mais concursos públicos como a gente via antigamente tanto no estado quanto no município né? [...] nem o estado e nem o município abrem novas vagas. (E24)

A egressa (E06) se diz satisfeita com o exercício da profissão em seu trabalho de professora de educação física. Mas afirma imensa insatisfação com a área da educação em específico, porque atualmente na escola aparecem outras funções para serem resolvidas, como a questão de alunos(as) de periferia que trazem os problemas de casa para dentro da escola. Problemas como violência familiar, alcoolismo, crianças abandonadas pelos pais ou por estarem em presídios ou por terem que “trabalhar” catando latinhas nas ruas, entre outros problemas estruturais.

Para a referida egressa (E06) “tem todas essas pressões” e que muitas vezes acaba por trabalhar o trabalho específico a ser desenvolvido pela área, não conseguindo dar conta de trabalhar a área de educação física especificamente. Aliado a isso outro problema que “quase” todas as escolas públicas enfrentam quanto à infraestrutura. Problemas estes, entre outros inerentes ao próprio sistema capitalista.

Ai pergunta difícil essa. Olha eu já estive mais satisfeita do que estou hoje, ainda estou satisfeita, mas estou satisfeita com o meu trabalho. , acho que está melhorando a cada dia e deve sempre melhora, tem muita coisa prá melhora ainda na escola. Mas com a área da educação em específico eu estou muito insatisfeita. Porque? Pela condições que nos colocam hoje em dia na escola né? pelas funções que nos colocam que na verdade, é mais que o simples não né? é a produção do conhecimento científico que hoje não é mais isso, muito tempo a sociedade nos impõe outras funções. Ah nós trabalhamos na escola de periferia então as condições são mais complicadas ainda pela questão de alcoolismo na familiar, de violência familiar, de crianças serem abandonadas pelos pais por estarem presos ou “trabalhando” entre aspas catando latinhas e outras coisas, ou crianças sendo criadas por vós, tios, criadas sozinhas né? Então a gente tem todas essas pressões e tem então [...] às vezes tu trabalha tudo menos a tua área. Isso claro é importante claro não tem como tu trabalha com uma criança que tem problema e tu tem que dá conta disso, mas eu acho que sem falar na infraestrutura às coisas que estão careca de saber. (E06)

Outros(as) egressos(as) da UNIJUÍ afirmaram pouco satisfeitos ou insatisfeitos com o seu exercício profissional. Levantaram a questão salarial como principal motivo para a insatisfação. Entre outros motivos para a pouca satisfação e a insatisfação, também foi relacionada ao trabalho de não conseguir realizar o que foi planejado por conta do comportamento (indisciplina) dos alunos, ainda insatisfação com o pouco espaço físico da escola e com a (in)disposição dos gestores das escolas em colaborar com a área da educação física. Ainda pela a falta de opções de emprego na região que residem.

Se eu pensa em salário é insatisfeita. Se eu pensa em aluno é pouco satisfeita. Porque assim na verdade tem que convence a faze alguma coisa, sempre na má vontade, porque eles não querem aprende sabe então é pouco. (E12)

...
eu assim até porque às vezes tu tem um... quer dizer pouco satisfeita numa escola e insatisfeita na outra! Pouco satisfeita porque a gente sempre procura melhorar né? E aqui às vezes tu planeja alguma coisa e não consegue... realizar o que tu planejou, dificuldade de... espaço físico, e até comportamento dos alunos, não... não é o meu... sei lá, hoje em dia ta

difícil... tá difícil aí tu quer realizar uma coisa e não consegue aí sai frustrada nas aulas... às vezes dá certo o que tu planeja às vezes não, a coordenação não tá nem aí para a educação física. E na minha outra escola, lá não, lá é mais... Também não é a perfeição, mas a gente já consegue... por ser uma escola do interior então é mais fácil. Eu digo insatisfação quando vai trabalhar com os alunos e o retorno financeiro, eu nem... nem claro... que eu tinha que me preocupar né? (E14)

...

Porque infelizmente a nossa região, Ijuí, ela limita muito a atuação, a possibilidade de trabalho. Então ou é escola ou é academia. [...] então o meu objetivo de trabalho, o meu sonho é trabalhar com formação de professores, não sei se nessa universidade ou outra coisa. Só que infelizmente a realidade aqui não tá propícia pra isso né? e como eu passei muitos anos trabalhando informalmente né? não tendo uma renda fixa, até 2006 isso, desde 2001 quando me formei até 2006 eu ganhava em torno de 240,00 reais por mês. Então quando eu tive essa oportunidade de entrar pro estado e ter uma renda fixa, eu acabei, quase que... bom, vou ficar por aqui né? pra poder também arcar com minhas despesas básicas, mas sempre naquela expectativa de encontrar um emprego melhor. Eu gosto da escola, mas eu acho que eu ainda posso conseguir mais, na área de formação de professores, entende! Acho que me satisfaz mais este trabalho. (E05)

...

Porque falta a questão assim principalmente na escola de você ter mais suportes né? Pedagógico e tal. E mais tempo para estudo.

Para dois egressos da UNIJUÍ, estar satisfeito ou pouco satisfeito com o exercício da profissão o principal motivo é o de “ter onde trabalhar”. O egresso (E18) é consciente sabendo que muitos(as) egressos(as) não tem trabalho, “não tem onde trabalhar”. O entrevistado reclama do tempo de trabalho que exerce “é bem cansativo”, trabalhando de segunda a sábado, por conta da pouca valorização em termos financeiros para os professores de educação física. Para o egresso (E21) a satisfação advém da mesma intenção do egresso (E18) que é estar inserido no espaço de trabalho. Aliado a isso para o egresso (E21) a satisfação tem a ver com a valorização dos alunos, de seus pares e da comunidade escolar com a educação física.

Satisfeito por motivo de [ter trabalho] muita gente não ter onde trabalhar, eu tenho de sobra, só que financeiramente não dá suporte pra ti. Com certeza, se financeiramente te desse um suporte maior com certeza faria menos horas né?. Trabalharia menos, né? por mais que tenha... [que trabalhar tanto e em diversos lugares]... Posso dizer que eu to bem empregado. O tempo de trabalho é bem cansativo né? tu pega trabalho de segunda a sábado praticamente. Fica só domingo “livre”. Então é bem pesado. (E18)

...

Bom primeiro já por estar empregado. Bom eu não estou muito satisfeito como eu já te disse eu gosto bastante de treinamento gosto bastante de escola também e se eu pude ter uma escola e uma área de treinamento ou que tivesse também área de treinamento taria bem melhor. Estou satisfeito porque [...] Eu fico emocionado com o carinho dos alunos para com a

gente, principalmente os pequenos, com os colegas assim são muito bons. O grupo onde eu trabalho um grupo muito bom de trabalhar, colegas tanto da área de educação física quanto das outras áreas são muito unidos não tem inimizades no meio, é difícil a gente dizer por que gosta e porque não gosta, gosta não é? Complicado!.. (E21)

Por outro lado dos(as) entrevistados(as) da UNIJUÍ que manifestaram sua insatisfação, reforçaram o problema da baixa remuneração recebida pelo seu trabalho e ressaltam o descaso com a parte infraestrutural das escolas: falta de laboratórios de informática, pouco material, ginásios, salas preparadas para realizar todo o trabalho de Educação Física é capaz de oferecer. Outro caso que gera grande insatisfação com o exercício da profissão para os(as) egressos(as) é a dificuldade dos alunos aceitarem que a educação física não é só “jogar bola, ou o futsal”, para a egressa (E13) a grande dificuldade esta em “ensinar outros esportes, outras coisas novas [...] gostaria de trabalhar mais os outros esportes e a gente acaba sofrendo a pressão deles de só ficar no futsal”.

Eu to insatisfeito um pouco é com a educação em geral, porque assim ó... Em termos de salário que o pessoal se queixa um pouco, desvalorização quanto à remuneração. Com o próprio descaso na questão de laboratórios, na questão da infraestrutura como um todo das escolas. (E28)

...

Acho que falta um pouco mais de material né?. em clima e material e também a grande dificuldade de quanto ao professor de educação física, é quanto a educação física eles só querem jogar bola né?, a questão do futsal e... a gente sente dificuldade em ensinar outros esportes, outras coisas novas. Aquilo que a gente gostaria de trabalhar mais os outros esportes e a gente acaba sofrendo a pressão deles de só ficar no futsal né?.(13)

Outra questão que merece tratamento no que se refere à insatisfação com o exercício da profissão é ressaltada por uma egressa (E11) da UNIJUÍ, que ilusoriamente assim como a grande maioria dos(as) alunos(as)/egressos(as), depois de formados(as) acreditam piamente que vão conseguir um espaço no mercado de trabalho. Fato que na verdade não se concretiza para todos(as) os(as) egressos(as) que precisam ficar “de reserva” no acirrado o mercado capitalista. A referida egressa toca em mais dois pontos cruciais no que diz respeito a sua insatisfação: o primeiro é a questão de muitos municípios ao invés de realizarem concursos abrem vagas para estagiários do Centro de Integração Empresa Escola (CIEE), que claro é muito menos custo para o poder público, que em contrapartida tem uma enorme multidão

de professores de educação física, formados há espera de um concurso público. O segundo ponto que a referida egressa questiona é referente às escolas particulares, que também preferem estagiários do CIIE, ou então para ser aceita pela escola, é preciso de indicação de outra pessoa conhecida e não por mérito próprio do(a) professora. Vejamos quanta insatisfação, indignação e também humilhação por parte desta egressa e de tantos(as) outros(as) que se encontram na mesma situação, que não conseguem vender a sua única mercadoria, a sua força de trabalho de professores de educação física, e quando conseguem vender é sem direitos assegurados e por “resto de barato”. Ressaltamos que essa é uma das táticas da lógica mercantil, ou seja, do capitalismo para conseguir se manter hegemônico.

Tá cada vez mais difícil, mesmo assim, é uma coisa que tu faz, espera que tu vai se formar, vai se formar aí...tu vai ver se tu vai conseguir um trabalho! Então tu se forma... aí você vai tentar no mercado de trabalho. aí... você vê que não é tão fácil assim se formar e sair. Outra questão que vai muito assim ó... é por indicação de outras pessoas, isso acontece muito em escola particular, porque tipo município e estado a gente espera concurso, pra quem tá formado né?. Só que eles fazem também eles pegam por estagiário do CIIE. Claro pra pagar é mais barato, claro pra escola particular tem que entrar, inclusive eu já deixei currículo, você tem que entrar com empurrão de outra pessoa que esteja lá dentro, que você seja influenciada por essa pessoa. Então é isso, essas coisas que... Sabe às vezes não vai pelo profissional que tu é. É isso que eu fico indignada! Aqui né? Acho que às vezes em outras cidades pode ser diferentes, mas acho que em cidade pequena acho que na muda muito! Isso aí. Porque não conta o profissional que tu é. Só que tem que ser indicada por outra pessoa. (E11)

Ao analisarmos os dados relativos dos(as) egressos(as) entrevistados(as) do curso de educação física da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ sobre o nível de satisfação com o exercício da profissão, verificamos que grande parte dos(as) entrevistados(as) afirmou estar satisfeito(a) ou muito satisfeito(a) com o exercício da sua profissão de professor de educação física. A satisfação com o exercício da profissão informado pelos(as) egressos(as) está associada ao gostar do que faz aliada à boa infraestrutura; ser valorizado(a) como profissional; obter o reconhecimento pelo trabalho realizado; a identificação com a área; a realização e a satisfação juntamente com o retorno profissional e pessoal; a colaboração na aprendizagem dos alunos no sentido de formar uma futura geração. Apesar de o trabalho ser bastante cansativo e desgastante os(as) egressos(as) informaram

grande satisfação com o exercício profissional.

A questão salarial foi um quesito citado tanto para satisfação quanto insatisfação com o exercício da profissão. Para a grande maioria esta questão (salarial) foi associada à desvalorização com a profissão, ou seja, como justificativa de insatisfação profissional.

Outra relevância quanto à satisfação com o exercício da profissão é salientado por poucos egressos por ter tido a vivência de bolsista em projeto de pesquisa no decorrer da graduação. Fato muito importante na vida academia que continuará a fazer a diferença após a formação inicial.

Outro motivo para a satisfação com o exercício da profissão é salientado por poucos egressos, quando afirmam que não há demasiada concorrência na área em que atuam por ser um campo novo de atuação e ainda por muitos(as) egressos(as) não gostarem deste tipo de atuação. Entretanto a satisfação com o exercício da profissão está atrelada a pensamentos e ações individualistas compostos no sistema capitalista, como por exemplo, um egresso se diz estar satisfeito com o exercício da sua profissão porque muitos dos seus colegas de curso ainda estão “batalhando” por um emprego, no entanto, ele já conseguiu. Ainda acredita estar “a contento” da sua chefia, com esta fala percebemos que este egresso se sente ameaçado de a qualquer hora perder seu emprego, caso sua chefia não se contente com ele. Entretanto o referido egresso percebe que o mercado de trabalho está bastante disputado questiona os raros concursos públicos, que é uma das formas de abrir novas vagas e maior segurança no emprego.

Pouco espaço físico disposto pela escola juntamente com a indisposição dos gestores escolares no sentido de “pouca colaboração”, de suportes pedagógicos, tanto com os professores, quanto com a área de Educação Física são pontos cruciais relacionados a pouca satisfação ou insatisfação com o exercício profissional. A questão salarial, poucas horas de estudo, excesso da carga horária de trabalho, excesso de alunos por turma, pouca infraestrutura, falta de laboratórios de informática, pouco material para desenvolver as aulas de educação física, a falta de interesse parte dos órgãos públicos de darem condições e investirem na formação continuada dos professores e a falta de opções de emprego na região também foram outras justificativas relacionadas à insatisfação com o exercício da

profissão dos egressos(as) que atuam tanto na área escolar quanto não escolar.

Outro fato que merece ser ressaltado é a questão de tanto dos órgãos públicos quanto dos particulares preferirem contratar estagiários de Educação Física ao invés dos(as) professores(as) formados. Como (uma das) consequências, encontramos na realidade concreta: uma multidão de professores(as) de Educação Física formados a “beira do abismo”, sem emprego ou submetendo-se a trabalhar em precárias condições, com baixos salários, informalmente entre outros pontos já salientados no decorrer desta Dissertação.

3.4.3 Mercado de trabalho para o(a) professor(a) de Educação Física nos dias atuais? Ainda existe este espaço?

Nesta Categoria tratamos sobre o mercado de trabalho para os(as) professores(as) de educação física nos dias atuais. Dentro da conjuntura em que vivemos da formação em massa, como se fosse aos tempos das fábricas – do toyotismo-fordismo, ou fordismo, por parte das universidades (entre outras instituições), será que existe realmente espaço para o(a) professor(a) de Educação Física atuar, ou o que está acontecendo é uma investida do capital formando um exército de reserva? Formando trabalhadores para o desemprego? O que dizem os egressos entrevistados?

A visão dos(as) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel sobre o espaço de atuação profissional do professor de educação física nos dias atuais na cidade de Pelotas/RS, ou seja, sobre o mercado de trabalho, são por vezes divergentes e contraditórias. Em algumas manifestações encontramos afirmações de que houve uma ampliação do mercado de trabalho, entretanto, outros egressos manifestam-se ao contrário afirmando que o mercado de trabalho está saturado sem espaço para o profissional de educação física atuar.

Seis (06) egressos(as) da ESEF/UFPel que atuam tanto na área escolar quanto não escolar, ressaltam muito bem a precarização do trabalho do(a) professor(a) sem ao menos se darem conta. Acreditam que o mercado de trabalho

ampliou e ainda está se ampliando por conta da mídia e dos novos métodos ginásticos franqueados que surgiram e ainda estão surgindo. Ainda o mercado de trabalho está ampliando por conta da busca pela saúde e a estética, também por conta da subdivisão que está ocorrendo com as áreas (a fragmentação das áreas e do conhecimento, da Educação Física, Fisioterapia, Medicina etc.).

Acho que o mercado de trabalho tá melhor agora né? Mais amplo. Esta coisa do personal treinner foi que surgiu deu mais possibilidade para as pessoas trabalharem. A educação física e saúde, isso aumentou muito o mercado de trabalho [...]. (P06)

...

Tem bastante espaço pra professores de educação física... só que é pouco valorizado e pouco remunerado. (P07)

...

O espaço de trabalho eu acho que tá bem amplo né? Tem vários espaços pra tu trabalhar, mas o problema é o número excessivos de profissionais que estão se formado atualmente [...]. (P09)

...

Eu acho bom. Que tá crescendo. Acho que a mídia tem ajudado muito a nossa área porque antigamente exercício era só... a ginástica tradicional, hoje não, tem spinnig, body system... hoje tá se batendo muito em cima disso e hoje tem... tem engrandecido muito a nossa área, as pessoas tem procurado bastante pra... em busca de saúde assim, não só pra parte estética que antes era o foco. (P03)

...

Eu acho que este mercado esta cada vez maior, porque surge cada vez mais um numero de áreas né? com a subdivisão que vai sendo criado. A gente vai hoje, consegue atuar em tantas áreas de emprego, mais que atuava em relação há alguns anos atrás, que eu acho que o espaço é bem grande ainda, só que eu acho que tá formando muita gente já, não sei se daqui um tempo vai ser que nem advocacia, vai tá num inchaço que as pessoas vão procurar outras áreas de emprego né?. Vão tá virando bancário, ou sei lá o que!. Eu acho que ainda comporta, mas daqui um pouco eu acho que o mercado vai tá muito inchado. (P24)

...

É um mercado que eu acho que tá crescendo, mas ainda é muito pouco valorizado. Eu acho que vai ser muito mais valorizado daqui alguns anos porque ainda vai... direcionando pra nossa área de personal que é uma área que ainda vai despontar bem ... bem mais, em função do crescimento de doenças, de distúrbios, e etc... (P25)

Três (03) egressos(as) acreditam que o mercado de trabalho não é amplo, entretanto, apenas um (01) egresso expressou opinião crítica ou de desconfiança quanto à expansão do mercado de trabalho. Questionou algumas contradições desse mercado de trabalho e a capacidade das pessoas se inserirem nesta esfera e salienta que a fragmentação do curso de educação física entre bacharel e licenciado “apenas restringe” a atuação do profissional.

Olha, não tá... o mercado de trabalho não é amplo... se tu não tiver um conhecimento... é muito professor... entendes! (P02)

...

[...] acho que todo dia nasce aí, academias com diferentes... é aquela coisa do consumo né?... agora é o sei lá o Jump daqui a pouco é não sei o que... A toda hora se inventa uma coisa que faz com que as pessoas procurem a academia né? Essa questão do consumo, do corpo perfeito da "saúde" entre aspas né?... Então acho que mexe com esse mercado. Eu não sei até que ponto ele consegue se manter é uma área que eu não atuo muito, mas eu vejo que tem ainda muito... Têm personal também. Pelotas é uma cidade muito resistente a personal. O pessoal que se formava aqui ia a POA e trabalhava direto... Agora parece que tá melhorando um pouco... a laboral também. [...] (P23)

...

Olha, eu não sei se o mercado de trabalho se configura com todo esse barulho que faz, que aparece o novo modelo, o Jump não sei o que... tá agora a moda! É isso, agora a moda é com Box, a moda é com não sei o que... eu não sei se isso se configura... Olha se tu olhar pelo lado da sensação tu acha que é um mercado enorme de trabalho né?... Personal treinner cada vez mais o pessoal procurando, preocupação com obesidade, preocupação com saúde... Tem uma clientela muito boa aí com o pessoal de mais idade que se deu conta né? que educação física pode ser pra todos desde que adequada... Essas coisas assim, então o mercado a gente tem a sensação que ele é amplo... eu não sei se na prática isso se configura, se um personal treinner ganha bem, não sei... Se as academias pagam bem não sei... não sei! Quando eu falo ganhar bem eu não tô falando só pela questão salarial né? o ganhar bem às vezes tem que se sentir bem, eu ganho bem, sou reconhecido, sou importante... eu não sei... eu tenho a sensação que sim, e as vezes que não, agora eu não tenho dados da realidade. Não vou chutar, melhor, não sei... [...] Tu olha pro mercado de trabalho será que tem lugar pra todos que estão se formando? Pois é! isso que eu digo, eu não tenho certeza, o que eu vejo na separação do bacharelado e da licenciatura tirou a possibilidade de muitas pessoas optarem pelo que têm... Exemplo um formado em educação física casou, vai pra outra cidade, chega lá o predomínio são academias e o cara só tem licenciaturas, ele vai ter que bater na porta das escolas aí é concurso público. Ou o contrário. Ou o contrário! Então eu acho que isso restringe o mercado de trabalho do profissional [...]. (P11)

Oito (08) egressos(as) informaram que o mercado de trabalho está “saturadíssimo” e superlotado não tendo campo de trabalho, as justificativas dão-se pelo grande número de profissionais que estão sendo formado pelas instituições superiores e ainda por conta dos estagiários estarem ocupando os espaços dos profissionais formados.

O mercado de trabalho está saturadíssimo! (P16)

...

Eu acho q é uma área bem restrita. Eu acho que o número de profissionais que tem saído, vejo muitos colegas, que se formaram comigo, hoje estão em outras áreas, não sei se é por eu ter tido sorte ou se por eu gostar de ficar com a área. Então não vejo assim os profissionais saindo e não tendo onde trabalhar. É uma área muito restrita... na área de treinamento é a mesma coisa, de academia... Pelotas hoje tá com tudo superlotado... é uma academia em cada esquina... não sei até quando vai suportar isso...

uma coisa vai ter que ser revista aí... mas eu acho que tá bem carente a área. Carente pelo emprego. Eu vejo que aconteceu com uns colegas meus, uns foram pra outras áreas, uns que gostaram muito da área da educação... estão indo pra outras áreas porque não tem campo de trabalho. (P08)

...
[...] Tá surgindo muitos profissionais na educação física, assim com qualquer outro curso, mas é difícil. Até a questão do estágio, acaba atrapalhando bastante, porque geralmente querem estagiários por questão de remuneração! E aí acaba se tornando o dobro de difícil o trabalho pra gente. (P20)

...
Os lugares estão saturados, muita procura... Eu avalio assim com dificuldades Né. Tem muita gente formada, muita gente atrás de emprego e muitas pessoas em academias mesmo... pelo que eu vejo em muitos estagiários, tirando o lugar das pessoas que tem formação... (P19)

...
Está sendo formado bastante profissionais... se for pegar aqui na região... tem a Federal, outra particular... (A), FURG, na região tem bastante profissionais sendo formados. (P14)

...
Aqui na região onde estou atuando eu acho que está bastante saturado. Tem muita gente que está se formando e... turmas muito grande né. Então acaba que... fica limitado o mercado de trabalho e Também a gente fica limitado, ... de abrir mais portas né?. [...] (P13)

...
Saturado demais... Clubes bons não tem muitos. Vai conseguir alguma coisa, mas num clube assim tu não consegue por muito tempo... troca de diretoria, não tem como... própria academia também aqui em Pelotas tem mais de 80. (P02)

...
Eu acho que tá saturado... Daqui principalmente são muitos professores de educação física e cada vez mais se formando, formando mais e mais professores. (P21)

Em contrapartida a questão do estágio foi defendida por uma (01) egressa da ESEF/UFPel quando esta se manifestou a favor dos locais de trabalho abrir espaços para os estagiários, pois esta seria uma forma do futuro profissional estar em contato tanto com o ambiente de trabalho quanto com os futuros alunos.

[...] se tu não tá já num campo de trabalho antes da tua formação... estagiando, e... e sendo conhecida, tipo... tendo contato é muito difícil... tenho vários colegas que abandonaram a educação física e estão noutro lugar totalmente diferente. (P21)

Quatro (04) egressos(as) da ESEF/UFPel acreditam que o mercado de trabalho está sendo um espaço de exploração do profissional de educação física, no qual o profissional trabalha com uma carga horária elevada e baixa remuneração. Ainda, o mercado de trabalho para o profissional de educação física está sob a “lei da oferta e procura” onde há muitos profissionais formados e se formando

aumentando a concorrência pelo emprego, ocasionando a baixa remuneração e valorização da área.

Nossa... Chega a dar pena né, por que... é um espaço de exploração, que eu vejo gente trabalhando muito e ganhando muito pouco. Na maioria dos lugares! Eu acho que é... dá pena de quem tá chegando aí assim... Porque não tem... emprego! É cada vez mais desqualificadas a remuneração, e é cada vez maior e a carga horária... o trabalho é cada vez maior pra se poder ter alguma coisa. (P05)

...
É a lei Da... da oferta e procura né. Eu acho que assim ó... [...] Eu vejo que hoje com a busca do emprego há uma baixa salarial, um colega vem e baixa seu salário, e o cara que vai pagar. Eles não pagam por qualidade mais. Infelizmente nós em Pelotas não pagamos por qualidade mais. A gente paga preços, é por preços! A gente não vê se a pessoa é formada se é pós-graduada, se a pessoa é bem instruída, não! É o preço! [...] Tem muita gente se formando, a concorrência é muito desleal em termos de valor. A gente não consegue cobrar pelo valor que a gente vale, a gente tem que cobrar pelo valor que tá o mercado. Eu acho muito complicado. (P04)

...
[...] tem muitas faculdades de educação física abrindo... com a graduação e é muitas pessoas se formando... Como professores de educação física é muita gente se formando no final de ano. Prá cá pra nossa cidade... e o que acaba... muita procura e o salário diminui né. Porque o desemprego... aqui é enorme... te sugam e o salário é lá embaixo. (P09)

...
No mercado tu és pouco valorizado e pouco remunerado! (P07)

Três (03) egressos(as) acreditam que “os grandes culpados” pela exploração do profissional de educação física é o próprio profissional que aceita trabalhar em situações desfavoráveis, por agir individualmente e pela forma desleal que alguns profissionais agem uns com os outros quanto às questões de preço para o trabalho. Muitos profissionais diminuem o valor da hora de trabalho para concorrer com o profissional que tem um valor de trabalho mais alto, acarretando o individualismo, a perda de direitos sociais e submissão ao trabalho precarizado. Novamente a visão “ingênua” dos(as) egressos(as) tentando individualizar os problemas para o profissional de educação física e não aferindo as dificuldades para o mercado de trabalho capitalista.

[...] eu acho que nós somos os grandes culpados [...] porque a gente também teria que ter uma cobrança maior por parte de nós profissionais. Então, eu acho que o grande problema... olha nesta quadra aqui, existem quatro academias, isso aí, pra mim é anti-profissionalismo. Pra mim, é anti-profissional! [concorrência] [...] Só que tem vários antiprofissionais... Eu acho que aqui tem uma concorrência muito desleal em termos de valor e

direitos sociais por conta da concorrência. (P04)

...

Eu acho que o lado da academia ele subestima muito o profissional de educação física, acho que não é só a academia. O culpado também é o... nós profissionais da educação física que aceitamos a trabalhar em situações que eu acho... não favoráveis. (P12)

...

Nas academias funciona muito assim, a maioria é tudo terceirizado e o pessoal que vai... tem muitos estagiários até ganham hora aula, mas muito pouco e não tem vínculo empregatício também. É bom? Tem as vagas, mas todo mundo se submete a tudo isso aí, eu acho que os professores de educação física e às vezes os próprios alunos se tornam estagiários. Quer dizer, fazem com que isso aconteça!. Né cada um tá pensando em si mesmo então eu vou conseguir minha vaga, vou conseguir minha experiência, vou conseguir ganhar uns troquinhos! Mas não tá pensando num conjunto. Jamais! É cada um por si! (P01)

Ainda sobre o lado precário do mercado de trabalho para o profissional de educação física, “genuinamente” (ou por conta da própria formação social capitalista), quatro (04) egressos(as) da ESEF/UFPel relataram que acreditam que o mercado de trabalho “está bom”, mas que depende do profissional em saber aproveitar as oportunidades, se o profissional se atualizar, buscar algo novo, correr atrás e souber trabalhar ele vai encontrar espaço de trabalho. Essas ideias assentadas no senso comum onde é responsabilizando e individualizando o problema para o egresso da falta de trabalho na competitiva sociedade capitalista.

Eu acho um mercado bom... se tu corre atrás, se tu se atualizar... se tu ficar parado... não sai do lugar. (P10)

...

Muita gente reclama né, mas eu acho que tem oportunidade de trabalho, eu acho que mais tá das pessoas não saberem aproveitar as oportunidades de trabalho. (P12)

...

Pro pessoal que sabe trabalhar tem espaço... na área da saúde sabendo trabalhar... tá abrindo bastante lugares. (P22)

...

[...] eu também acredito muito em função de te capacitar pelo que tu te forma, pelo que tu vai buscar, tu pode sempre buscar algo novo. (P08)

Outra questão relevante sobre o espaço de atuação profissional do professor de educação física relacionado para a área não escolar que também apresenta o concreto da realidade: Dois (02) egressos do sexo masculino da ESEF/UFPel alegaram que os profissionais estão dividindo e perdendo espaço da área de educação física por conta das infiltrações das áreas afins, como por exemplo, a área da Fisioterapia estar invadindo o espaço de trabalho do professor

de educação física.

Eu acho que está muito escasso... É muita gente pra pouco local. muito complicado [...] ainda a gente compete agora com as fisioterapias que não tinham antigamente... que são áreas meio similares, onde os dois profissionais dão aula ... Então eu acho muito complicado e muito mal remunerado. (P15)

...

Eu sou formado em educação física e trabalho aqui na academia com personal e, além disso, sou instrutor de Pilates. [...] Nesta quadra possuem mais quatro Studios de Pilates, onde todos os profissionais que atuam são fisioterapeutas, nenhum é da área da educação física [...] são áreas muito similares, mas nós da área da educação física estamos competindo com os fisioterapeutas [...] isso é desastroso! (P04)

Quatro (04) egressas que atuam na área escolar analisam o mercado de trabalho para o profissional de educação física e acreditam que o grande campo de trabalho são as escolas. Entretanto, questionam as poucas oportunidades de realizar concursos e o pequeno número de vagas que estes disponibilizam para o grande número de profissionais que são formados pelas universidades, faculdades, Institutos Federais, entre outros cursos.

Em Pelotas eu acho que a maioria deve estar dentro das escolas, mas não deve haver vagas pra concurso e às vezes vagas pequenas... Um pequeno número de vagas. Pro município não sei quando vai sair concurso de novo! Assim pro estado! [...] As escolas particulares surgem vagas a partir de um momento que um professor tá trabalhando há anos dentro da escola sai. O salário é um pouco mais alto, mas o professor tem que ser muito eficiente pra permanecer... porque senão... é muito fácil demiti-lo e contratar alguém novo ganhando um salário mais baixo. E isso acontece dentro das escolas. As escolas de educação infantil nem sei se estão todas regulamentadas direitinho, não sei se contratam professores, ou como é que é! Professores de educação física principalmente da educação infantil. Porque às vezes tem aula de capoeira, tem dança, não sei o que mais, futsal tudo terceirizado. ! (P01)

...

[...] só que eu vejo assim, por ex. concursos: pra quem é licenciado, pra trabalhar numa escola ou assim, os concursos saem de dois em dois anos ou de três em três anos, às vezes com 15, 20 vagas! Pro número de profissionais que sai a cada ano, é muito pouco.... muito pouco. Então não vejo assim os profissionais saindo e tendo onde trabalhar. (P08)

...

Eu acho que é bem difícil... assim os concursos [...] quando a gente se forma pra conseguir um trabalho, tanto é que quando eu me formei eu me vi um pouco desesperada assim... sem saber pra onde ir! [...] Mas é eu fui conseguir, conseguir o meu trabalho por questão de muito esforço assim... tipo... ir nos lugares e por indicação! se não fosse por indicação ou por... meu esforço... mais por indicação mesmo... insistência... eu acho que seria bem difícil né. A questão do concurso né, eu fiz uns quantos concursos [em várias cidades] na época em que eu não tava trabalhando, mas a questão

eu acho que é difícil. (P20)

...

Pelotas por ser uma cidade do interior, o grande campo de trabalho continua sendo a escola [...]. (P18)

Por fim, outra uma egressa ESEF/UFPel também analisa o mercado de trabalho para o(a) professor(a) de Educação Física, e assim como as demais acredita que o grande campo de trabalho na cidade de Pelotas, são as escolas, porém manifesta opinião contrária as demais quando se refere aos concursos e suas vagas. A análise parte da sua prática de trabalho, pois já atuou na Secretaria de Educação do Município de Pelotas/RS.

Para a egressa referida acima, os concursos e suas vagas são suficientes para os profissionais de educação física. Afirma ainda que a “área da educação é uma área que nunca se esgota” em termos de mercado de trabalho pelo fato de muitas pessoas se aposentarem, saírem da cidade ou por outras desistirem das vagas do concurso. Entretanto, acredita veementemente que falta uma Secretaria de Esporte e Lazer no município, falta políticas públicas para a área da Educação Física tanto por parte do Município quanto por parte do Estado.

[...] eu que trabalhei na Secretaria de Educação e te digo assim: todos os concursos que se fez, tem mais de 100 só municipais, tem educação física da pré- escola ao ensino médio. Teve um concurso que 180 professores passaram os 180 foram chamados. Em menos de dois anos se fez outro e mais 130 foram chamados. Tem muita gente que saí, que desiste, que vai pra outra área, que muda de cidade, gente que se aposenta... então eu não acho que a área da educação é uma área que não se esgota em termos de mercado pra quem tá se formando. E acho que na questão dá... dá... o que eu sinto falta, por exemplo: uma secretaria de esporte e lazer onde os profissionais da educação física tivessem mais acessos a trabalhos voltados a comunidade. Acho que isso falta! Porque não tem política pública pra isso. Nós não temos praça, não temos locais de orientação de caminhada de um trabalho... se não é dentro da ESEF em algum projeto de extensão, as pessoas não tem! Então falta uma política pra isso e o estado também. Na escola eu acho que tá bem assim [...]. (P23)

Sobre o mercado de trabalho, os(as) egressos(as) entrevistados(as) da UNIJUÍ expressaram opiniões divergentes, por vezes contraditórias e, na maior parte das vezes, assentadas em uma análise referenciada no senso-comum. Em algumas manifestações, encontramos relatos de que o mercado “está bom”, “aberto, amplo [e o] mercado está melhorando muito”, mas que depende do egresso se esforçar,

batalhar e ser competente. Em outras manifestações, encontramos inúmeras análises críticas sobre este mercado, suas contradições, sobre a capacidade de as pessoas se inserirem nesta esfera e sobre as condições para que isso ocorra.

Houve diversas manifestações dos(as) egressos(as) entrevistados(as) da UNIJUÍ ao informar que “tem mercado de trabalho”, entretanto está excessivamente competitivo, concorrido com baixos salários e muito difícil de conseguir um emprego mesmo com a realização da pós-graduação. Além destes “requisitos” já salientados, ainda há a necessidade estafante dos(as) egressos(as) “correr[em] atrás e batalhar” para conseguir um espaço no mercado de trabalho.

[...] eu acho que tem mercado de trabalho. [...] Só que a gente tem que procurar. Prá ti entrar no mercado de trabalho o salário tá pouco baixo, né? [...]. É competitivo, mas têm. (E18)

...

Eu acho que é muito concorrido o mercado de trabalho, o profissional que acha que é o melhor talvez ele não se dê muito bem. E ele tem mesmo que mostrar que é bom. Não adianta ele acha que é e na verdade não é!. Ele tem que se dedica e corre atrás e tem área de trabalho fazer pós-graduação é grande, então tem que correr atrás e batalhar. (E29)

Na visão de outros(as) egressos(as) ostensivamente, apresentamos os dados concretos, dando “voz e vez” à visão dos(as) egressos(as). Aqui, aparece novamente o discurso do mercado no modo de produção social capitalista. O mercado de trabalho de Ijuí/RS está demasiadamente concorrido além da área não escolar, no caso de um egresso (E30) que atua em uma escolinha de futebol, o mesmo acontece também na área escolar. Ressalta-se á falta de concursos públicos tanto municipais quanto estaduais para suprir esta demanda de desemprego. Ainda foi questionado pelos(as) egressos(as) que “o pessoal antigo com 40/60 horas” ainda está na ativa, ocupando a vaga que poderia ser de um professor recém-formado.

Depreendemos muito bem o porquê destes “quase” aposentados no qual o egresso acima se referiu, ao não exonerarem-se do cargo e pedirem e a aposentadoria. Esta é mais uma forma destes indivíduos receberem um “adicional”

em seus salários do que meramente no valor da aposentadoria⁸⁶.

Quanto à questão das escolas particulares, os(as) egressos(as) da UNIJUÍ afirmam que é exigido um “bom currículo”, mas que principalmente é necessário ter “quem indica” (QI), ou ter um apoio de “dentro” da escola particular para poder entrar. Ainda fica a insegurança por parte deste(a) professor(a) de educação física ficando a mercê de ser demitido a qualquer hora. Assim sendo não podendo se vender sua única força de trabalho para continuar a viver e dar sobrevivência a sua prole.

Olha tanto no futebol e quanto professor tá muito concorrido né? As questões de... de... ser nas escolas do estado eu fiz um concurso há uns 03 anos e não chamaram ninguém, no concurso então, a concorrência tá difícil, né? Então por isso que a gente precisa estar em constante evolução se aprimorando bastante, mas é muito difícil, área a nossa educação física temos um campo enorme né?, que a gente pode trabalhar em várias... em vários segmentos, mas em todos eles a... Questão tá muito difícil eu acho que aquele aluno que parar que saiu da faculdade e achar que tá pronto vai acabar trabalhando em outra área porque vai encontrar muita dificuldade de conseguir um emprego. (E30)

...
Eu vejo assim o principal... é complicado, não tem vaga, não tem vaga pra professores municipais dentro da área educação física em Ijuí né? Por exemplo, o estado nem se fala faz uns seis anos que abriu um concurso na área nem foram chamados e já zero. Na questão particular dos colégios pelo que a gente vê tem que ter um currículo bom eu acho que não tão bom, mas tem que ter um apoio dentro do particular pra te coloca. Eu vejo nesse lado sabe, a gente conhece muita gente boa e que não tá trabalhando, e gente que faz o básico em colégio particular, mas tá valendo. Então como é particular é uma questão de conhecimento do profissional, mas é bem, a área de atuação do profissional de educação física não é muito antiga acho que é essa a palavra, porque se a gente olha nos colégios aí são os nossos colegas que estão trabalhando sabe. É aquela coisa que não é certa pode sair qualquer hora e o pessoal antigo com 40/60 hora ainda tá trabalhando, então isso ainda é visível, não sei se Prefeitura o motivo dessa, é difícil de entra. (E25)

Ainda outro fator importante de ser ressaltado é a questão das empresas optarem por contratar estagiários(as) (acadêmicos-as) de Educação Física do que contratar um profissional formado. Para o egresso (E31) “questão de trabalho ela está muito ruim pra quem é formado, pro acadêmico tem espaço de monte”. Ou seja, na cidade de Ijuí/RS “um profissional formado perde espaço pra um estagiário” (E31). Encontramos estes fatos tanto na área escolar quanto na área não escolar. É

⁸⁶ Apesar de não ser o foco do nosso estudo, e por conhecimento através de pessoas próximas, tocamos neste assunto e estamos conscientes da sua relevância, que muitos(as) professores(as)

sabido que este fato é uma das “armadilhas” tanto dos(as) dono(as) das empresas ou academias para pagarem um salário inferior a este(a) estagiário(a), sem vínculo empregatício e sem direitos trabalhistas e salientamos ainda com muita insegurança por parte do estagiário, quanto do escrúpulo sistema capitalista que mantêm uma “tropa” de profissionais nas filas há espera de um emprego, chegando a se submeter a qualquer “emprego” a todo custo.

A questão de trabalho ela tá muito ruim pra quem é formado e pra quem é acadêmico... o acadêmico tem espaço de monte. O formado não tem espaço. Na cidade e região um profissional perde espaço pra um estagiário e que eu acho também que é ruim. Porque tu te formou, tu te habilitou tu tem que ir pra prática, tu tem que ir pro campo de trabalho e aqui tão fazendo as coisas por baixo dos panos pra aparecer Então eu considero que tá muito ruim porque... Escola pra ti entrar só com concurso. Academia tem um monte de estagiário trabalhando, um profissional que outro e olhe lá. E isso não acontece com os estagiários. A gente chega numa academia só têm estagiários. E te dizem ó... procura outra. Então mercado de trabalho tá ruim pra nós. Hoje o formado tá perdendo muito espaço e perde cada vez mais... pra quem é acadêmico. (E31)

...
Quando eu entrei ninguém dava personal treinner na faculdade eram dois ou três acadêmicos, agora a gente vê vários acadêmicos e formados juntos que estão atuando né?. (E21)

...
[...] as empresas preferem pegar os alunos que tão, os acadêmicos ainda como estagiários, né?, pagando menos e depois que tu se forma tu têm dificuldade no mercado de trabalho, mesmo pra quem é bom, a gente sabe, tem muita gente que sai bem da faculdade, mas também tem dificuldade e agente espera que [mude]. (E30)

Para outros(as) os(as) egressos(as) entrevistados(as) da UNIJUÍ, a visão sobre o mercado de trabalho, a grande parte mencionou erroneamente que a fragmentação do curso de educação física, a área escolar - licenciatura, versus a área e não escolar – bacharelado, como uma “possível solução” para os(as) egressos obterem mais chance de emprego. Na “voz” dos(as) egressos(as) “o licenciado têm bastante opções” e o “bacharel em Educação Física também”. Entrementes é ressaltada a questão do espaço não escolar, ser de maior concorrência para os(as) egressos(as) e de não ser um local de nenhum direito trabalhista assegurado, mas é uma a chance de atuar no espaço de intervenção. Para os referidos(as) egressos(as) novamente é ressaltada a questão da qualificação e da competência do(a) professor(a) para poder se garantir no mercado

dependem do “adicional ao salário base” para sobreviver e manter com mais dignidade sua família. Por isso, pretendemos tratá-lo com mais ênfase em estudos posteriores.

de trabalho.

[a área não escolar] é espaço, mas nem sempre... na terceirização tu ganha pouco. Sem direitos! Direitos trabalhistas não tem! (P01)

...

Eu acho que a educação física ela tem inúmeras oportunidades de trabalho, acho que tem muito espaço e a gente percebe que tem cada vez mais acadêmicos se formando em educação física, muita gente [...] muitas pessoas professores se aposentando em educação física e muitos professores maus [ruins] entrando e a diferença é grande a gente percebe a euforia a alegria de entrar né? e no caso da licenciatura, no bacharelado. A licenciatura é deixa um campo mais específico porque tu acaba trabalhando em escola, o bacharelado não ele te dá um leque de possibilidades que vai muito da tua qualificação aí tu se garante no mercado de trabalho na medida que se é competente né? porque a concorrência vai ser maior e acho que temos muitas vagas por aí ainda relacionadas à questão da qualidade de vida a questão dos cuidados com o próprio corpo. Então acho que talvez essas conquistas são as que mais tem possibilidades, vai da qualificação da relação que o profissional vai fazer com a profissão que ele escolheu. (15)

[...] a atuação tanto como professor quanto profissional na área de Educação Física, o licenciado, eu acho que tem opções, bastante! E o bacharel em Educação Física também. Sempre tem mercado de trabalho. Nas academias tem carência em todas as áreas, tipo dança, até acompanhamento na musculação, tem academias que são carentes eu acho. E nas escolas também, tanto é que eu tenho 10 horas de convocação aqui na escola, tem contrato emergencial, só falta à questão assim de concursos públicos, né? Em tudo eu acho que... tem demanda sim. (E01)

...

Eu acho que tá crescendo muito tem bastante espaço dentro da educação física diferentes espaços não só a parte de licenciatura, mas hoje o bacharelado eu percebo que cresceu muito né. Então tem desde a base de esportes, tem o trabalho personalizado, dentro das empresas tá crescendo bastante com relação á isso, clubes que tem um investimento grande também. Eu vejo que tá crescendo e tem uma perspectiva de cresce mais ainda. (E17)

Segundo as argumentações citadas acima, dos(as) egressos(as), não poderíamos deixar de dar seguimento a esta ideia dicotômica do bacharel e do licenciado. Referimo-nos sobre as justificativas de dois (02) egressos da UNIJUÍ que se contrapõe. Para o egresso (E27) que atua em espaço não escolar (escolinha de futsal) existe espaço no mercado de trabalho de Ijuí/RS, entretanto a área da academia esta saturada, pois “abre uma academia igual à outra” e “não se tem uma inovação”, em contrapartida para outro egresso (E04) a escola está defasada porque foi tirado a educação física da educação infantil no município, já na visão deste egresso se tratando do bacharel o mercado de trabalho está mais amplo, porque pode-se trabalhar de personal também mesmo que não seja proprietário de

academia.

Acho que tem espaço, só que, por exemplo, academia é uma coisa que tá saturada, se abre uma academia igual à outra. Então ali fica, fica voltada pra aquilo não se tem uma inovação, não se busca aperfeiçoar a profissão alguma coisa. O mercado de trabalho se torna simples, nessa parte de academia é coisa. E a escola nem pensar... treinamento aqui é pouco desenvolvido até ano passado aqui a equipe Junior era treinada por um ex-atleta, vim buscando esse espaço por um projeto apresentando, buscando coisa do zero tu tá estudando ou tu já é formado. Então eu acredito que é razoável. (E27)

...

Em termos de escola eu acho que tá muito fraco, até porque tiraram educação física do básico né? [...] é em termos do bacharel tá mais... amplo melhor, porque você pode trabalhar de personal também né? mesmo que você não tem academia, pode buscar através do personal. (E04)

Ainda, a visão de alguns(as) egressos(as) entrevistados(as) da UNIJUÍ sobre o mercado de trabalho, são direcionados e colocados à prova a competência dos(as) professores(as). Para a egressa (E21) para quem “trabalha de forma séria e coloca currículo na rua e corre atrás” consegue espaço e se inserir no mercado. Outro fator que nos chama à atenção é novamente frisado, que a pessoa/egresso(a) que é “competente cria o seu espaço de atuação e não fica no desemprego, ainda mais agora que educação física virou moda” (E21) com muitas pessoas buscando uma vida mais saudável e outras alternativas encontradas na educação física para extirpar o stress e mudando a “rotina” das suas vidas. Ficamos estarecidos com as argumentações destes(as) egressos(as).

Verifica-se que a ideologia das competências⁸⁷ e a ideologia do capital embasaram/fundamentaram a formação profissional destes(as) egressos(as). Não encontramos em nenhum momento uma análise mais profunda e crítica sobre este sistema mercadista, muito menos sobre as condições de inserção neste espaço de atuação do “infame” sistema capitalista. Para finalizar, foi ressaltado a questão da dedicação e da sorte para encontrar o espaço no mercado de trabalho, ou seja, “se tu se dedicar e ter sorte” neste sistema “célebre” sistema capitalista pode ser que consigamos a chance de exercer a profissão de professor de educação física. Mas estamos fadados a “sorte” para não passarmos necessidades”.

⁸⁷ Pretendemos em estudos posteriores tratar com mais profundidade este assunto. Pois, por conta da falta de tempo, onde as demandas da capital ao qual estamos subsumidos estão “nos engolindo”.

Bom, eu diria assim, que pra profissionais competentes sempre tem área de trabalho. Pode demorar um pouquinho, nem sempre o pessoal tem sorte, por exemplo, eu tive sorte. Seis meses após me formar eu consegui dois, três empregos. Mas se tu se dedica, tu é competente na faculdade, se tu corre atrás durante a sua formação com certeza tu vai encontra o teu espaço no mercado externo também, aqui fora. Pode demora mais pode demora menos, de repente vai ter que fazer uma coisa que tu não goste até tu chega naquilo que tu goste. Mas espaço têm. Aquela pessoa que é competente cria o seu espaço também ainda mais agora que educação física virou moda, todo mundo não, mas é grande o número de pessoas que tá buscando uma vida mais saudável, que tá buscando alternativas prá stress. Enfim, as rotinas né? Buscam alguma coisa fora e nós temos o caminho, não digo a solução, mas o caminho prá a gente encontra a solução dos problemas. [...] (E21)

...

Nos dias atuais em Ijuí tá muito complicado e competitivo, em Ijuí tem tá muito... muito preparado pra poder e se quiser brigar para uma vaga e tem que ter muita... muita sorte. Tem que contar com a sorte, que abre os concursos na época certa... na época, tu tem que estudando, te preparando como precisa e... conseguir entrar numa situação de nomeado e daí a conversa muda né?. te dá uma... uma estabilidade te dá uma... monte de benefícios [...]. (E28)

Ainda para outra egressa (E06) a dicotomia do curso de educação física está sendo a solução para a falta de emprego na cidade Ijuí/RS. Para a referida egressa o mercado de trabalho está “melhorando” mais na não escolar por conta de nos dias atuais se falar muito em ginástica laboral para empresas⁸⁸, fato que não existia antigamente. Ainda para finalizar para a egressa outro “ponto positivo” para a área do bacharelado foi à área do personal treinner ter aumentado por conta das pessoas estarem se preocupando um pouco “mais com a sua saúde”. A egressa não se “dá” conta ou não menciona a precariedade da área do bacharelado, que além da grande concorrência, atualização, o professor de educação física é submetido a trabalhar sem direitos trabalhistas em quase todos os casos sendo terceirizados, como já muito debatido no decorrer desta Dissertação.

Eu acho que tá melhorando [...] Ah olha melhor bastante no sentido do bacharelado, então o campo de trabalho aumentou bastante e os próprios hospitais e os locais assim em que as pessoas necessitam desse tipo de

Por isso a defesa da bandeira de irmos à luta rumo a uma sociedade onde a emancipação humana seja um fato, ao contrário desta subsunção desenfreada.

⁸⁸ No sistema capitalista por conta do “produtivismo” a ginástica laboral é implantada nas empresas para aumentar a produção. Com intuito dos empregados “renderem” mais para as empresas. Os donos do capital, não estão preocupados com a saúde do trabalhador. Esta é mais uma das formas ideológicas, ou estratégicas das empresas para reduzir as dispensas médicas. Este é outro assunto da área não escolar que nos interessa muito, e que, pretendemos tratar com maior profundidade posteriormente.

trabalho, se ampliou o bacharelado bastante, né não falando da escola agora o bacharelado o personal treinner também aumento muito a procura agora as pessoas também a própria questão da atividade física da pratica da atividade física aumento, as pessoas estão se preocupando mais com a sua saúde, espero eu que seja isso mesmo que não seja só estética é então esta se buscando mais o trabalho do profissional de educação física hoje em dia o médico já indica o trabalho de um profissional de educação física, coisa que antigamente ele mandava vai caminha né? Hoje em dia se o fulano tem uma diabetes, obesidade mórbida, uma pressão alta, ele vai dizer ó precisa de uma assistência profissional. A procura por um profissional de educação física tem alguns... que já fazem isso à intenção é tá melhorando nesse sentido. (E06)

Ainda nesta questão a cerca do mercado de trabalho, as justificativas dos(as) egressos(as) foram condizentes com as já ressaltadas anteriormente, no qual o mercado de trabalho na cidade de Ijuí/RS é limitado, carente de oportunidades para a atuação do(a) professor(a) de Educação Física, demasiadamente competitivo e que, por mais esforço que se faça, não há espaço para todos. Nosso propósito, nesta dissertação foi no sentido de dar “vez” e “voz” a quem realmente sofreu e ainda sofre com a crise do sistema capitalista, certamente os(as) egressos(as) trabalhadores(as) dos cursos de educação física. Porém, sabemos que a crise capitalista, a qual novamente estamos vivenciando afeta a todos(as) os(as) cidadãos(ãs), mais profundamente aos trabalhadores, independente da sua condição.

Neste intermédio, foi relatado por muitos(as) dos(as) egressos(as) entrevistados(as) que se graduaram na UNIJUÍ, mais uma questão ressaltada enfaticamente sem constrangimento, a grande dificuldade de conseguir emprego na cidade de Ijuí/RS. Os(as) egressos(as) estão resolvendo “encarar e disputa de novos horizontes”, pois, “tanto na questão do bacharelado ou da licenciatura” (E24) há falta de vagas no mercado de trabalho. Vejamos que os(as) egressos(as) estão procurando sair da cidade à “caça” de empregos em outras cidades distantes. Para o referido egresso (E24) ressentidamente, afirma que “tem vários colegas que estão se formando, pegando as malas e “subindo”, na condição de encontrar uma forma de conseguir vender sua força de trabalho, esperançosamente numa vaga de emprego, ou concurso para poderem atuar como professores de educação física. Para não mendigar ou esmolar na tentativa de sobreviver sem ter que partir para “outras alternativas”.

Eu acho que, como eu te falei, na nossa região eu acho que tá bem carente de oportunidade, como eu tenho conversado com muitos amigos meus tem muita gente indo embora da nossa região aqui, né? Em outras regiões o pessoal tá dizendo que tá muito bom, principalmente, na área do bacharelado ou de organização de eventos. Nessa área que eu também trabalho, organização de eventos, trabalha com projetos de pesquisa, trabalha com projetos de iniciação esportiva, musculação, academia, nessa área. Na nossa região tá pouco emprego. (E20)

...

Eu acho que aqui na nossa região tem pouca oportunidade, então eu tô sentindo falta, eu acho que falta emprego nessa área [educação física] aqui né? Nessa região... tem regiões que eu sei que tá melhor que a região de Ijuí. Não sei se por ter a universidade por, qual é o motivo eu não sei te dizer. (E03)

...

Tem vários colegas que estão se formando, pegando a mala e subindo “pra cima”, porque aqui tá difícil. A nível de Ijuí, pequena região né? porque já tem vários profissionais trabalhando em escolas e não estão surgindo novas vagas né?, a gente ouve fala que “pra cima” existem vagas então o pessoal tá resolvendo encarar e disputa novos horizontes aí. Porque a nível nosso aqui tanto na questão do bacharelado e da licenciatura a gente sente pouca vagas então o pessoal tá procurando quem que trabalha mesmo na área, se formou pra isso né, trabalhar na área de educação física [...]. (E24)

...

[...] então tem gente aí que tá abandonando a área né?, que não consegue um trabalho mais duradouro... abandonando a área porque não tem oportunidade de trabalho... então assim ó... tá muito complicado. Principalmente pra quem quer ter uma família né?. Meio complicado. (E28)

...

O pessoal tá procurando fazer um concurso em outra cidade né pra vê se consegue um trabalho na área de educação física. (E24)

Saturação, mercado de trabalho limitado com falta de espaço de trabalho são as justificativas que alguns (mas) egressos(as) da UNIJUÍ nos informaram. Para a egressa (E12) o mercado de trabalho vai “de mal a pior”, ou seja, já ultrapassou o limite o mercado de trabalho na cidade de Ijuí. Para a referida egressa os(as) professores(as) de educação física são “jogados na escola feitos ping pong”, e ainda, “lá [na escola] os alunos fazem de conta que aprendem”. A egressa mencionou que já tentou mudar “esta” realidade, mas afirma que quando leva os problemas para a direção ela é “consolada” e “alentada” que a coisa “é assim mesmo”. É perceptível a indignação, insatisfação e desilusão quanto à tentativa da impossibilidade de mudança por menor que seja por parte desta egressa. Vejamos que esta justificativa da direção é mais um dos mecanismos de defesa da hegemonia do sistema capitalista para se manter no poder ou deixar de deixar as coisas como estão que não se pode mudar (nada) ou muita coisa sozinho. Por isso realizamos um chamamento de que os(as) professores(as) de Educação Física unifiquem ao seu sindicato, para fortificá-lo e para lutar contra o atual capitalismo que nos foi imposto.

Aqui em Ijuí tá saturado né? A UNIJUÍ forma cada ano 20, 30 na área e 10 saem de Ijuí e 20 fica em Ijuí. Ficam por aqui, permanecem aqui! (E10)

...

Hoje tá bastante saturado aqui, tem bastante gente. Tá bem limitado. Pra ter um ideia há, oito anos quando eu tava ingressando eu tinha seis lugares pra escolher onde trabalha, e todos eles com o quadro deles com concurso e hoje no meu caso eu tô só com 20 horas e não consigo ou área falta lugar. [...] por falta de espaço [para atuar]. (E23)

...

De mal a pior, 1º porque assim tu é jogado, na escola é feito um ping pong, não só do professor de Educação Física, mas qualquer um. Então na verdade onde eles acham que falta eles colocam... e outra na verdade que tu acaba que tu chega lá os alunos fazem de conta que aprendem. Se tu quer muda essa realidade é complicado, tu chega pra direção, é assim mesmo, sabe então nesse ponto assim eu não sei não, acho que vai de mal a pior. É pouco espaço e tem muita gente! (E12)

Em contrapartida, e em menor número, houve a justificativa de que o mercado de trabalho para o professor de educação física é uma das áreas mais promissoras por “conta da mídia e dos novos métodos ginásticos como body system” entre outros, que surgiram e ainda estão surgindo segundo a egressa (E05). Ainda há a justificativa de que o mercado de trabalho está se ampliando por conta da “saúde” ser o tema em voga no momento. Entretanto, a referida egressa (E05) afirma que “poderia ampliar o mercado de trabalho” e principalmente a compreensão Dela de que a “educação física tá difícil” em Ijuí/RS”. Portanto, por mais que a Educação Física é uma área que está em crescimento por conta dos “modismos” do mercado, houve o reconhecimento de que o mercado de trabalho, ou espaço para o professor de Educação Física atuar está muito difícil/acirrado.

Eu acho que ainda é uma das áreas mais promissoras, né? Uma porque eu acho que nós, a televisão, os meios de comunicação, enfim, a saúde é o tema em voga, né? Todo mundo comenta, todo mundo quer saúde, né? Então eu acho que nós temos um campo aberto. E como eu te falei antes em centros maiores onde já existe é empresas e outras instituições que tão aproveitando essa, é varias possibilidades de oferecer coisas novas pras pessoas e, bodys sistem, também assim, de ampliar o mercado de trabalho de educação física tá difícil, nós temos muitas opções de trabalho sim. (E05)

Para outros dois egressos da UNIJUÍ o mercado de trabalho está melhorando muito. Para o egresso (E19) o motivo desta “melhora” no mercado de trabalho é referido por conta de “nós professores de educação física nós somos concorrentes um do outro” (E19). Sabemos que no sistema capitalista vigente é

“normal” ter este tipo de visão, é “normal” que haja uma “naturalidade” de que o indivíduo mais forte sobreviva ao mais fraco, visão positivista⁸⁹ impregnada ao Darwinismo social⁹⁰, E ainda é defendida pelos dois (02) egressos que “têm que haver uma formação capacitada, trabalhando e procurando se especializar” principalmente na não escolar específica da “área do bacharel” com “profissionais buscando nos grandes centros novos conhecimentos”. Este fato, para os referidos egressos é importante, pois se trata de “buscar” (lutar pelo) espaço no mercado de trabalho e para se manter nele.

eu acho que o mercado pra nós tá melhorando muito. Como eu disse nós professores de educação física nós somos concorrentes um do outro. Eu acho assim tá melhorando bastante... com formação tem muita gente capacitada trabalhando e procurando se especializar... eu acho que tá melhorando... Principalmente na área do bacharel que eu sou bastante ligado. [...] (E19)

...
Em uma academia que eu conheço se diferencia, pois os profissionais estão buscando nos grande centros novos conhecimentos, isso é importante porque a gente tá buscando espaço. (E31)

Para finalizar este item, outros dois egressos (E22 e E26) defendem a ideia de que têm mercado e espaço de trabalho para o professor de educação física na cidade de Ijuí/RS, se referem aos novos espaços do “meio empresarial com a responsabilidade fiscal e responsabilidade social, ligada á inclusão social e ao meio ambiente” que possivelmente esteja “pouco aproveitado”, ainda para os referidos egressos o profissional de educação física “poderia estar se relacionando com o meio empresarial propondo projetos” para estas empresas (E22 e E26).

⁸⁹ O pensamento positivista foi desenvolvido no século XIX por Augusto Comte (1798-1857). Para saber mais: Artigo científico escrito por Rosângela Célia Faustino e João Luiz Gasparin, título: A influência do positivismo e do historicismo na educação e no ensino de história. Disponível no site: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/2765/1896>. Acessado dia 03 de junho de 2011, às 12h30minhs.

⁹⁰ Segundo a teoria de Darwin diz que no mundo sobrevive o mais adaptado, por isso há a evolução, os seres vivos evoluem para continuarem vivos, exemplo disso seria o humano. Entretanto Herbert Spencer gestou e popularizou a ideia de que grupos e sociedades evoluem através do conflito e da competição “distorcendo” e trazendo para a sociedade a ideia da evolução das espécies. O Darwinismo Social foi empregado para tentar explicar a pobreza da pós-revolução industrial e ainda é muito usada neste momento do capitalismo. A sugestão é que os pobres eram e são os menos aptos para sobreviver neste sistema - capitalista e os mais ricos que evoluíram economicamente seriam os mais aptos a sobreviver por isso os mais evoluídos. Mais sobre o assunto: COSTA, Cristina. Sociologia: introdução à ciência da sociedade Capítulo 4. Positivismo: uma primeira reforma de pensamento social.

Vejamos que este é um discurso aderido do próprio sistema capitalista conservador e reacionário, pois (defende a legitimidade da exploração industrial, do dono dos meios de produção sobre o trabalhador). É sabido que este novo espaço no mercado de trabalho surgiu como resposta às crescentes demandas dos consumidores/empresas/indústrias de grande porte na atuação no setor mercadista com a missão de produzir mais riqueza⁹¹. É prudente afirmar que “por trás” deste discurso falacioso de responsabilidade social ligada está inculcada a inclusão social neste sistema capitalista. A intenção é a extração apenas da mais valia (mais valor) tanto dos(as) donos(as) das empresas, quanto da natureza (a era do “novo” mercado dos esportes de aventura, por exemplo) e dos próprios professores(as) de Educação Física.

Eu acho que espaço tem, o que talvez esta pouco aproveitado é os novos espaços nós temos um tema debatido, por exemplo, no meio empresarial como a responsabilidade fiscal né? e nós temos muito espaço nas empresas dentro dessa área à questão da responsabilidade social ligada à inclusão social ao meio ambiente. A legislação que avanço nesse âmbito né?, e isso tudo são espaços que o profissional de educação física poderia estar se relacionando com o meio empresarial propondo projetos. Porque é daí que vai surgir a forma de atuação, projetos é a forma pra tu atingi o profissional de educação física passa a se ocupa de novos espaços. (E22)

Eu acho que tem campo assim aberto é amplo tanto que eu atuo em três áreas distintas né, e assim ó vejo uma lacuna né, o próprio SPA, o próprio conceito aventura né tem um campo assim muito aberto. Quem quisé se inserir nesse trabalho com certeza vai consegui né, talvez vai não diretamente á um SPA , mas o trabalho que se faz num SPA né, que o trabalho de personal, tá aí. Trabalha de forma seria, coloca currículo na rua e corre atrás do que você que você consegue né? (E26)

Ao analisarmos os dados relativos dos(as) egressos(as) entrevistados(as) do curso de educação física da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ sobre a visão do mercado de trabalho, ou o espaço de atuação profissional do professor de educação física nos dias atuais são por vezes divergentes e contraditórias. Em algumas manifestações, encontramos afirmações de que houve uma ampliação do mercado de trabalho, de que o mercado “está bom”, “aberto, amplo e que o mercado está melhorando muito”. Parte das vezes estas posições são assentadas em uma análise referenciada no senso-comum com forte influência da ideologia dominante.

⁹¹ Acreditamos que este assunto é de extrema relevância, mas por conta do (pouco) tempo que temos para “finalizar” este trabalho, para dar continuidade, pretendemos redigir um artigo futuramente.

Neste íterim, para alguns(mas) egressos(as) depende do esforço, da batalha e da competência de cada um. Depende do(a) professor(a) em saber aproveitar as oportunidades, se o profissional se atualizar, buscar algo novo, correr atrás e souber trabalhar ele vai encontrar espaço de trabalho. Essas ideias, assentadas no senso comum, individualizando o problema e creditando a solução ao(a) próprio(a) egresso(a), não enxergando a totalidade do problema. Assim, admite, responsabiliza e individualiza o problema: ora da falta de trabalho na competitiva sociedade capitalista que é o problema todo a formação social capitalista.

Entretanto, em grande maioria, outros(as) egressos(as) tanto da área escolar quanto não escolar, manifestam-se contrariamente a inúmeras análises críticas sobre este mercado, suas contradições, sobre a capacidade de as pessoas se inserirem nesta esfera e sobre as condições para que isso ocorra. Muitos(as) egressos(as) afirmaram que o mercado de trabalho está saturado sem espaço para o profissional de educação física atuar, muito competitivo, concorrido com baixos salários e muito difícil de conseguir um emprego mesmo com a realização da pós-graduação.

Alguns(mas) egressos(as) entrevistados(as) opinaram sobre o mercado de trabalho enfatizando (erroneamente que) a fragmentação do curso de educação física, a área escolar - licenciatura, versus bacharelado a área e não escolar é uma “possível solução”, pois os(as) egressos(as) obtém mais opções de emprego. Entrementes foi ressaltada que no espaço não escolar há maior concorrência para o(a) egresso(a) ter a chance de atuar no espaço de intervenção.

Poucos egressos(as) que atuam tanto na área escolar quanto não escolar, acreditam que o mercado de trabalho ampliou e ainda está se ampliando por conta da mídia e dos novos métodos ginásticos franqueados que surgiram e ainda estão surgindo, e pela busca pela saúde e a estética, também por conta da subdivisão das áreas que está ocorrendo, a ginástica laboral para as empresas têm aumentado assim como o personal treinner, por conta das pessoas estarem se preocupando mais com a saúde. Apenas mais uma forma do atual capitalismo se gerir e burlar suas crises.

Saturação, superlotado, não tendo campo de trabalho, mercado de trabalho

limitado com falta de espaço, carente de oportunidades para a atuação do professor de educação física, demasiadamente competitivo e que, por mais esforço que se faça, não há espaço para todos foram algumas análises críticas dos(as) egressos(as) sobre o mercado de trabalho atual.

Outros(as) egressos(as) ressaltaram a possibilidade de sair de suas cidades, há busca de novos horizontes por conta da falta de vagas no mercado de trabalho, pois, o mercado de trabalho tanto na área escolar quanto não escolar está exaurido.

Inúmeros egressos(as) acreditam que o mercado de trabalho está sendo um espaço de exploração com uma carga horária elevada e baixa remuneração. E que ainda, o mercado de trabalho para o profissional de educação física está sob a “lei da oferta e procura” do mercado. É salientado por alguns (mas) egressos(as) que não aceitem a trabalhar em situações desfavoráveis, nem agem individualmente e de forma desleal quanto às questões de preço para o trabalho. Ainda não se submetam as leis deste sistema, perdendo seus direitos sociais e submetendo-se ao trabalho precarizado (e quase escavo). Ainda foi enfatizado que todos(as) os trabalhadores(as) devem lutar juntos contra este tipo de formação social capitalista.

Poucas oportunidades de realizar concursos e o pequeno número de vagas que estes disponibilizam para o grande número de profissionais que são formados pelas universidades, faculdades entre outros são outros questionamentos dos(as) egressos(as) ao analisarem o mercado de trabalho para o profissional de educação física e defendem que o grande campo de trabalho são as escolas.

Por fim ressalta-se a necessidade de uma Secretaria de Esporte e Lazer no Município de Pelotas/RS. E ainda faltam políticas públicas concretas para a área da educação física tanto por parte do Município quanto por parte do Estado nas duas regiões estudadas (Ijuí/RS e Pelotas/RS).

3.4.4 O que dizem os(as) egressos(as) sobre o Sistema CONFEF- CREFs?

Nesta Categoria buscamos descrever e analisar criticamente as respostas

dos(as) egressos(as) participantes da pesquisa sobre o Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Educação Física (Sistema CONFEF-CREFs).

É muito interessante a avaliação dos(as) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel sobre a atuação do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Educação Física (Sistema CONFEF-CREFs), órgão que se diz destinado a defender os direitos e promover o cumprimento dos deveres da categoria, ainda de orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício das atividades próprias dos profissionais de Educação Física. Entre os(as) vinte e cinco (25) entrevistados(as), vinte e três (23) informaram que a atuação do Sistema CONFEF-CREFs é pouco eficiente ou ineficiente. A grande maioria acredita que o Conselho é pouco eficiente ou ineficiente, porque o mesmo não cumpre com os objetivos propostos, não fiscalizam todos os espaços de atuação dos profissionais de Educação Física.

Eu acho que basicamente a fiscalização tinha que ser feita. Que eu acho que é pouco feita. [...] A fiscalização deveria ser pra função dos estagiários, estagiário atuando como profissional, então, querendo ou não tá roubando uma vaga do profissional que querendo ou não já tá... habilitado a trabalhar. Acho que é o que mais se vê assim. E... instituições que não tem que tá aberto e tá aberto e também de certa forma esta roubando uma clientela que poderia estar num lugar onde paga todos seus impostos todos direitinho. (P03)

...
Acho a atuação ineficiente. Olha, é a coisa mais absurda que eu já vi na minha vida! Quando foi feita [...] A atuação do CREF-CONFEF eu acho desastrosa, porque já que tá criado, então que pelo menos o que se propõe a fazer, que se fizesse bem feito! Ainda por cima não faz bem feito o que se propõe que seria fiscalizar... ver os locais né! [...] (P18)

...
Ineficiente, Porque eu acho que eles não fiscalizam eles não informam aos.... eles só informam cobrança... eles erram gravemente comigo no clube, eles foram fiscalização, uma única vez depois de 10 anos que eu tenho o CREF [...]. Eles foram uma vez e foram capaz de dizer que eu não tinha o CREF, que aí se criou uma encrenca feia, então eu acho que eles estão aí só pra ganhar dinheiro sem fazer nada. (P05)

...
Porque eu nunca vi eles atuarem nas academias aqui em Pelotas. Que eu acho que é o local que tá pior. (P07)

É questionada com muita indignação e por muitos(as) egressos(as) a permissão/autorização por parte do CREF/CONFEF aos(as) profissionais(as) “práticos desportivos”, ou seja, o “provisionado” – aqueles profissionais que tinham anos de experiência na área pudessem atuar sem formação superior.

Totalmente ineficiente. [...] eu dava aula em uma academia eu tinha poucos alunos, [...] eram alunos mais exigentes né. O outro professor nem primeiro grau tinha né, totalmente... e tava dando aula... e de mim o CREF me cobrava e dele não cobrava nada! então quer dizer... que eu tô pagando pros outros darem aula. Quer dizer então ineficiente no sentido do CREF não fazer a fiscalização! não fazer as visitas. Tinha um professor que assinava pra academia pro professor funcionar, mas o professor ia uma vez por mês pra dar uma olhada. Ai é brabo! (P01)

...

Olha assim ó... se não me engano foi lá por 98 que regularizaram profissão e eu era radicalmente a favor que a pessoa tivesse um curso de educação física trabalhar na área então eu defendia fervorosamente acho que eles abriram muito trabalhar na área pessoas que não são formadas... fizeram aqueles cursinhos de fim de semana... tem muita gente que tem CREF que não é formada... daí tá lá, eu desacreditei... quer saber de uma coisa... já que é assim tanto faz. Eu cansei de dar murro em ponta de faca. Tá eu acho que tinha que ser mais rigoroso. [...] tem gente que dá aula de tênis e não é formado. Eu sou radicalmente contra... pode... então tá... beleza eu não vou ficar me incomodando... se o próprio órgão que controla liberou... e os professores de Educação Física não se preocupam em fazer algo... os próprios profissionais, os próprios formadores não se preocupam muito... com isso... então não vou mais me estressar com isso. Mas se pensar não tem cabimento! [...] (P15)

....

A questão mais complicada que eu vejo nisso é a questão do provisionado, é aquele que antes da legalização da profissão, provou que já tinha atuado então ele pode atuar naquilo ali. Eu acho uma coisa bastante... eu acho que não poderia ter existido essa legalização... eu acho que não tinha essa necessidade né?! Mas já que ocorreu, como eu digo então, que se fizesse o que se propõe né?. Que realmente... Mas eu não vejo a coisa seria, porque me passa uma ideia assim: de pagando bem... que mal têm! Né? têm aquele curso que eu não sei bem como é que tá funcionando agora... que eles dão... cobram bem e... e também sai com o título ou qualquer coisa assim. Eles davam um curso com um professor deles, pra formar... pra dar a condição pra aquele supervisionado ou qualquer coisa assim.

...

Ineficiente, porque eles estão aí só pra ganhar [dinheiro]!. [...] como eu trabalho com ginástica artística, vejo que existem muitos ex-ginastas atuando. E também, dentro de um clube é permitido que pessoas que não são formadas ou vinculadas à educação física, é permitido dar aula. Entende! Sendo que tem alguém dentro deste clube que atue e responda [...]. (P01)

...

Na profissão de educação física acho que tem muitas pessoas infiltradas no meio que não deveriam estar né?, como por exemplo, o praticante de algum desporto que se acha apto a desenvolver a atividade, coisa que eu acho que não tem que desenvolver, acho que se a gente tem uma formação de quatro anos é porque tem alguma coisa a acrescentar então tem muitas pessoas aí que eu vejo que tão atuando, no mercado de trabalho que não tem formação nenhuma e eu acho que alguma coisa tem que ser feita. Não depende de mim nem de um outro profissional, depende de um órgão capacitado pra isso. Só que eu não vejo o CREF atuando (P08)

Outro ponto importante informado por um (01) egresso, diz respeito à credencial do CREF se dizer Nacional, mas que na verdade, a credencial do Rio Grande do Sul não é validada em alguns outros Estados. No caso específico deste

egresso, ele não pode atuar no Estado de Santa Catarina com a credencial do Rio Grande do Sul. Para o egresso CREF é apenas um caça níquel, nada mais que isso, com o objetivo apenas de arrecadar fundos através do pagamento da anuidade por parte dos(as) egressos(as).

Pouco eficiente. Pra te ser sincero quando eu fui pra futebol no Paraná, diziam que o CREF é Nacional e que tu pode atuar em Santa Catarina, se tem a carteira do Rio Grande do Sul, tu pode atuar em Santa Catarina. Não pude atuar lá em alguns eventos pela instituição que eram os jogos abertos, tinha seis postos em Santa Catarina que controlam os jogos abertos, só podia atuar quem tinha o CREF local, não pude trabalhar, não pude! ... quando tinha gente práticos com carteira de pratico... e atuavam, então tive muitas brigas lá em Santa Catarina em função disso. [...] Eu vejo que o CREF não, não existe uma... uma regra! Não existe, é assim, é assim... é uma coisa invariável. É a carteira Nacional, mas em Santa Catarina não pode usar! Aqui pode, ai vou pro Paraná e não pode, ai em São Paulo pode! Aí não vejo uma coisa homogênea que todos pensam... é uma coisa muito... achei muito caça níquel também! Ai todo mundo paga, paga... apenas! Então de pouco eficiente eu tô achando ineficiente. (P04)

Três (03) egressos do sexo masculino da ESEF/UFPel se demonstraram revoltos com o Sistema CREF-CONFED, ao informarem que quando o órgão realiza algumas visitas são sempre nos mesmos lugares, ou seja, visitam sempre as academias mais conhecidas e renomadas da cidade, sendo que nas academias “menores” nunca fiscalizam.

Eu não vou dizer que eu conheço a fundo assim, sou filiado desde que me formei. Eu passei por vários espaços, como eu tive academia, nós éramos considerados uma das três melhores da cidade e o Cref bateu lá comigo num ano no mínimo 10 vezes! Apenas na minha! E num raio de 1 km as “menores” entre aspas, eles nunca foram. O CREF nunca passou perto da porta! Ai então eu senti uma coisa de dinheiro, querem buscar dinheiro. [...] (04)

...

Até quando trabalhei na [...] eu presenciei um... um cara que chegou lá e tava preenchendo uma folha, na verdade queria incomodar o dono da academia, mas academias de garagem eles não vão fiscalizar e eles só fazem quando aperta, tipo quando alguém fala. É o que eu acho... (P10)

...

[...] estes tempos que eles vieram fazer vistoria na academia... falei pra eles que... vem cá tche... eu tô em dia... ai eu entro no site de vocês... vocês me obrigam a pagar e a grande maioria das academias de Pelotas, não tá nem registrado com vocês... o cara me diz ah eles pedem pra não botar no site... aí os horários estão todos expostos ali, ai não me lembro direito que eles vieram um dia que não era o horário da musculação aí eles me disseram ... não, mas tu tem que tá na academia... então é uma coisa assim ó... vieram me incomodar onde não tinha que incomodar... em horário que não tinha que incomodar... apenas pra pegar no meu pé né?! [...] (P15)

Outra queixa por parte dos(as) egressos(as) quanto à insatisfação da atuação do Sistema CREF-CONFED, está relacionada à falta de informações. Segundo os(as) egressos(as) o órgão não repassa aos seus associados nenhum tipo de informação tanto do que é Conselho quanto das suas atuações, tampouco informação referente ao vencimento e/ou renovação da credencial do CREF, assim sendo, este Sistema trás apenas ônus aos profissionais.

A começar por minha carteirinha. Desde que me formei tenho a mesma carteirinha provisória, até hoje eu não tive contato nenhum. Algum contato que eu tenho é receber as informações via e-mail que eles mandam os boletins informativo. Então contato com o CREF eu nunca tive, nunca soube quando eles iam vir a Pelotas, não sabia que tinha que renovar, a carteirinha por ex. então são formações que eu não tenho assim. [...] (P03)

...

Eu sou do CREF, mas até hoje eu não recebi nada, tipo nada de informações, coisas da área né?. A única coisa que eu recebi foi o boleto pra pagar. Até agora não vi nada de benefícios e retornos. Em nenhuma das academias que eu trabalhei eu vi eles irem lá e fazerem vistoria. (P09)

...

Porque eu nunca vi nada do CREF, muito pelo contrário! a gente entre em contato com eles e a gente... leva uma vida, se tu não liga pra Porto Alegre, ninguém te responde, nem e-mail, nada [...] é uma coisa tão distante... muito distante... na verdade a gente vê um monte de absurdo aí acontecendo na volta e nunca vi o Cref atuando [...] Ah, a gente recebeu uma carteirinha, por exemplo, quando a gente se forma, que é provisória, mandei um milhão de e-mails pra saber como se fazia, nunca me responderam nada [...]. (P08)

...

Não tenho nenhum outro tipo de informação do que é e quando vão vir para cá,... o meu contato com eles é mais por e-mail... e vejo aquelas programaçõezinhas deles ali... apenas! (P15)

...

Ineficiente porque tu paga uma anuidade e não vê mais nada! (P10)

...

Ineficiente. Desconheço [a atuação] porque eles não vieram até mim. Não vejo atuação. Não sei direito o que eles são. (P22)

...

Eu conheço pouco. Mas avalio como pouco eficiente porque não tem muito... não tem benefício pra mim, não ofertam nada mais pra mim. Pelo pouco que eu conheço eu não vejo benefícios. (P25)

Ainda, para duas egressas que se manifestaram muito indignadas/enfurecidas, a atuação do Sistema CREF-CONFED é ineficiente porque o Conselho quer gerenciar a área da licenciatura, coisa que não pertence à alçada deste órgão.

[...] eles querem ter gerência sobre alguns aspectos que eles não podem ter, sobre a escola mesmo, passam a ideia pras pessoas que quem trabalha em escola tem que ter o CREF e não é verdade, não é verdade!!! Só tens que ter CREF pra atuar fora da escola, não na escola! Ah se divulga por ai, que se promove um curso qualquer de atualização pedem teu CREF pra se inscrever, que se tu não tens não pode fazer a inscrição. Isso já aconteceu! E eu tô esperando que aconteça comigo! Que eu vou dizer aéh... chama a polícia agora, chama a polícia agora! Eu não preciso de CREF pra fazer curso! O CREF é pra exercer a profissão, ao fazer o curso eu não to exercendo a profissão! Eu tô indo fazer o curso. Eu tô me preparando. Então não podem! E as pessoas são muito... acreditam muito no que é dito. Né então acabam... não pode!. Não pode acontecer!. Já tentaram ter gerencia sobre a escola, sistematicamente tentam! (P18)

...

Quando eu trabalhei na Secretaria Municipal de Educação, nós recebemos e quando muda o governo o CREF manda pra todas as prefeituras a lei da regulamentação que impõe pras prefeituras né... tenta... que qualquer concurso que acontece são obrigadas a pedir pro professor de educação física o credenciamento. Nós naquele momento em 2001 entramos junto ao Conselho Estadual de Educação pra vir um parecer. E veio o parecer que o professor deveria estar formado, que o magistério é ligado às leis da educação da LDB que não tem que tá ligado a nenhum outro conselho. O CREF nem tem uma atenção e pra mim não é legitimo eles chegarem numa escola e darem regras [...]. (P23)

Para alguns(as) egressos(as) da ESEF/UFPeI, o Conselho não defende os direitos do profissional de educação física no sentido de evitar a exploração do trabalhador, não defende uma remuneração mais digna para o(a) professor(a) de Educação Física, não defende carga horária e direitos sociais aos trabalhadores da área.

[...] a questão salarial, não defendem, ah não é comigo, é com o sindicato, dizem. Claro até o grosso modo não é, mas poderiam reivindicar!. O conselho é outra coisa! Mas eu sinceramente não sei, até sei ao que eles vieram [...]. (P18)

...

[...] olha o CREF vem aqui [na academia] ele não quer saber o tipo de trabalho que eu tô fazendo com meus alunos ou quanto ganho ou quanto eu pago para meus funcionários. Ele quer saber se eu tenho a jurídica a física se tá pendurada ali, se eu tô em dia, ele vai embora. Então, não existe uma preocupação com o que tá acontecendo dentro das academias, não existe uma preocupação com a precariedade das escolas, dos espaços que a gente trabalha, sol, chuva, e em locais completamente inadequados, com o salário e eles não tem como legislar, porque o professor de educação física não vai receber diferente de qualquer outro professor dentro da escola. Então eu pra mim ele não tem que existir este conselho. (P23)

...

Então, eu acho que tá muito distante, tá devendo muito ainda ao profissional de Educação Física em questão defender os direitos do profissional de educação física, a forma que eles vêm atuando é mesma coisa que nada. (P08)

...

...acho que falta mais é atuação [...] do CREF estar mais em cima. Pra ver as reais situações que se encontra e... principalmente em questão de professor,... [o dono] contrata o cara... tinha que ser investigado, ver se ele tá recebendo a hora certa... qual a carga de horária que ele tá trabalhando...não, eles querem saber se tem a carteirinha o resto não... legislar a favor dos profissionais, ah isso não"! (P22)

Uma (01) egressa da ESEF/UFPel informou que desconhece totalmente o Sistema CREF/CONFED. A apenas uma (01) egressa informou que a atuação deste órgão é eficiente. Esta última informou que não acompanha o trabalho do Sistema, mas que recebe apenas uma revista mensalmente.

Pois é... Eu até avalio, como eu recebo a revista uma vez por mês, eu não acompanho todo o trabalho, mas é eficiente. (P19)

Ainda, outra egressa da ESEF/UFPel informou que em sua visão a atuação Sistema CREF-CONFED é ineficiente quando se trata de defender e valorizar a área e os profissionais de educação física. Ironicamente no decorrer da sua fala expôs que o CREF é “eficiente” quando os benefícios são ao seu fazer, como exemplo de realizar as cobranças financeiras aos seus credenciados. Ainda informou que o órgão é “eficiente” quando quer formar opinião e quando deseja impor sua posição nos fóruns e tenta influenciar as leis quando se trata do governo. Para esta egressa o CREF é “eficiente” apenas ideologicamente, quando afirma que protege a área da educação física, ideia essa, distorcida da realidade, que, quando na verdade – no concreto as ações são diferentes.

Para o que eles se propõem pra proteger e tala educação física, não são eficientes! Mas são eficientes dentro do que eles querem fazer... Que é cobrar aquele dinheiro, ter aquele dinheiro... Realmente eles cobram e cobram bem... não sei onde aquele dinheiro vai, passam uma ideia errada, aqui em pelotas tiveram a pouco tempo e disseram pra quem era licenciado que deveria ter o CREF pra atuar, não é verdade! que não vai poder atuar. Agora incrível eles aceitam que o licenciado, o novo, tenham o CREF, só que eles não dizem na hora que aquele licenciado vai ter o CREF, mas que não vai poder atuar fora da escola. [...] Eles são “eficientes” entre aspas ao que eles se propõem a fazer, que é o seguinte: eles participam dos fóruns de discussão, eles tentam influenciar, eles tentam formar opinião, eles tentam! ... não, nós protegemos vocês, são eficientes pra cobrar aquela mensalidade! são eficientes pra ter uma série de não sei o que não sei o que... pra isso eles são eficientes. Mas são ineficientes ao valorizar a educação física mesmo! (P18)

Dezoito (18) egressos(as) da ESEF/UFPel informaram que são filiados(as) ao Sistema CREF-CONFEEF. A maioria se diz filiado(a) ao Sistema apenas pelo único motivo: de se sentirem obrigados, para que possam exercer sua profissão. Percebe-se que a grande maioria destes(as) egressos(as) tem sua intervenção profissional na área escolar e na área não escolar simultaneamente.

Ineficiente porque não nos oferece nada... a gente paga um x por ano né? Só que na verdade eles não nos oferecem tantas coisas pelo pagamento, pelo custo que a gente paga... pago porque sou obrigado para poder dar aula na academia. (P13)

...
Pouco eficiente, porque... como eu tenho CREF é pra regularizar meu trabalho! né? Apenas pra regulamentação. Para eu poder atuar. Mas eu conheço e também já ouvi falar de muita gente que não possui e mesmo assim atua. Então eu acho muito incoerente. Então eu acho que o CREF não... não modificou nada desde que me formei até aqui. Ter o CREF ou não ter. Eu tenho só pra poder atuar. Se eu pudesse acho que não teria também. (P20)

Ineficiente, pois desconheço a atuação deles. A única coisa que eu vi aqui foi para credenciamento, para quem quisesse se filiar. Agora outras coisas não sei. (P14)

...
Ineficiente. Sou filiada só porque a lei obriga né. (P05)

...
Não participo em nada... voto porque sou obrigado, sou crefado porque sou obrigado! (P15).

Sete (07) egressos da ESEF/UFPel informaram que não são filiados ao Sistema CREF-CONFEEF. Cinco (05) egressos atuam exclusivamente na área escolar, dois (02) egressos atuam na área do bacharelado e da licenciatura simultaneamente. As justificativas dos não filiados são de que o CREF não tem autonomia na área escolar, já para os que atuam nas duas áreas, inclusive com atuação em academias as justificativas são de que nunca foram cobrados ou “pegos” pelo referido órgão.

É interessante a avaliação dos(as) egressos(as) da UNIJUI sobre a atuação do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Educação Física (Sistema CONFEEF-CREFs). Dos(as) trinta e um(a) (31) egressos(as) entrevistados(as) vinte (20) informaram que a atuação do Sistema CONFEEF-CREFs é pouco eficiente ou ineficiente. Portanto, praticamente foi unânime a percepção dos(as) egressos(as) que a atuação deste órgão pouco eficiente e como ineficiente. Entrementes dez (10) egressos(as) não souberam dar informações sobre este órgão, salientamos que

estes(as) egressos(as) atuam tanto na área escolar e extraescolar. Apenas uma (1) egressa (E08) informou que este órgão é bastante eficiente. Entretanto quando questionada a referida egressa para justificar sua resposta, a mesma informou que não tem muito contato com o CREF-CONFEEF, apenas leu algumas revistas sobre o referido órgão. A egressa se diz filiada ao Sistema e não saber mais informações.

Bom, eu não tenho muito contato com o conselho né?, até que quando eu me formei ele não existia ainda né?, ele surgiu depois, mas assim pelo que eu li em algumas revistas eu acho que é bastante eficiente. (E08)

Já os(as) demais(10) egressos(as) que não souberam dar informações sobre este órgão, informaram que: desconhecem este Sistema e que não são filiados a ele. No caso específico de uma (01) egressa (E12) que só atua em escola informou que o órgão maior é o MEC e não é obrigada a se filiar a este órgão. Outra egressa (E06) informou que no momento da sua formação foi exigido que todos(as) os(as) egressos(as) se filiassem ao Sistema CREF-CONFEEF, como a referida egressa não via outra “função específica a não ser dar desconto pra curso em congresso” fato este não deve ser a “função de um conselho de educação física dentro da nossa área”. Portanto acabou não se filiando. Ainda para esta egressa não existe “nada, por exemplo, de formação de profissionais” no sentido de melhorar do trabalho dos professores, falta ter um código que se concretize na prática e fazer reuniões para saber o que necessitam e desejam os professores de educação física.

Pra dizer a verdade este sistema eu nem conheço, não sou filiada. Como eu tenho só trabalho em escola o órgão maior é o MEC, então eu não sou obrigada a ter o CREF nem o CONFEEF. Dentro do que eu ganho, já me alivia ter uma coisa a menos para eu pagar. (risos) (E12)

...

Não sei opinar. Não sou filiado e nem tenho vontade! (E28)

...

Ai gente, olha eu vou ser bem sincera. Eu faz muito tempo que não sei ah quando me formei falaram prá me filiar eu não me filiei porque na época e hoje em dia ninguém até hoje me provou o contrário que a CREF é um conselho na verdade que tem uma função específica a não ser dar desconto pra curso em congresso eu acho que essa não é a função de um conselho de educação física dentro da nossa área. Nós não temos um código nada que nos defenda, que nos ampare, não sou filiada e não vou me filiar por enquanto que não me provem que valido me filiar a ele. [...] eu não vejo nada, por exemplo: de formação de profissionais, melhorar o trabalho de profissionais, ter esse código fazer reuniões isso eu não vejo sabe! pode se

que tenha, mas eu nunca vi. Então eu acho que, eu não sei até que ponto eles exercem sua função como deveria ser. (E06)

...

Eu to por fora disso aí [...] até eu nem tenho numero, não sou cadastrado, não sei nada, não saberia te responder. (E23)

A grande maioria dos(as) egressos(as) acredita que o Sistema é pouco eficiente ou ineficiente porque: o mesmo não cumpre com os (poucos) objetivos propostos; não fiscalizam todos os espaços de atuação dos profissionais de Educação Física. Para muitos(as) egressos(as) o órgão é apenas um caça níquel apenas com objetivo apenas de “ganhar” dinheiro. Este Sistema é tão “despropositado” que alguns(mas) egressos(as) nem se quer ouviram falar sobre ele.

Acho extremamente ineficiente eu acho um caça níquel porque eu não vejo ou tenho vantagem nenhuma e fiscalização (E31)

...

Ineficiente porque eles só querem roubar o dinheiro da gente, não tem nada, eles só querem saber de dinheiro, só e mais nada! (E09)

...

Pouco eficiente... Olha na verdade a gente como profissionais a gente... que tá na academia tem que tá credenciado ao CREF/CONFEEF, eu poderia chamar pouco eficiente. Porque a gente tem um retorno ainda, pequeno dele... os projetos dele são pequenos... espero que melhore né? (E19)

...

Ineficiente porque sinceramente eu não ouço falar dele (E05)

...

Ineficiente. Bom pra escola não faz diferença nenhuma né porque a questão do professor não é regulamentada por eles, mas pelo MEC. Pouco eficiente na verdade eu acompanho academias eu também não tenho muito, pouca fiscalização tem academias com pessoas não qualificadas trabalhando, professores não formados ou enfim sem responsável técnico e quando o CONFEEF faz a visita o pessoal acaba [...] o problema não é do CREF ou do CONFEEF, mas é mais da lei que regulamenta ele, porque fizeram a lei do CREF criando o CREF e o CONFEEF só que não tiraram as leis anteriores, chegou às leis que trabalham sobre o mesmo aspecto. Então tá sendo causa perdida toda a vez que o CREF atua fiscaliza tem a outra lei que tira o poder dele, então acaba se tornando pouco eficiente e uma ou outra situação que ele acaba sendo pouco eficiente mesmo. (E21)

Outra reclamação de extrema relevância por parte de um (01) egresso (E31) é o fato da falta de fiscalização por parte do Sistema CREF-CONFEEF na cidade de Ijuí/RS por ser interiorana e não uma cidade da capital. Por conta (também) deste problema da falta de fiscalização do referido órgão, está à falta de emprego para os egressos, ou seja, falta de emprego para os profissionais formados, pois os locais de possível atuação profissional preferem os estagiários de educação física por conta

de pagar menos a este profissional, aumentando a exploração do dono da empresa (o senhor do capital – burguês) sobre o trabalhador (proletário).

[...] nenhuma fiscalização porque a gente esta longe da capital. Ijuí é uma cidade boa pra quem é acadêmico e uma cidade ruim pra quem é formado porque tem estagiário trabalhando de monte e tem formado trabalhando de menos. No caso da recreativa [clube social] que abriu uma academia, tem três estagiários. Isso é ótimo, só não tem profissional formado fiscalizando ali junto. Eles tem um profissional do clube que ela assina, mas não ta sempre junto. Então eu acho que não são poucos estagiários, tem que ter, eu acho que eles tem que ir pra prática, mas ser acompanhado por mais alguém. Então às vezes cai naquela assim, a empresa ah... eu vou colocar estagiários que eu pago uma merreca ou não pago nada do que eu gastar com um profissional. Enquanto acadêmico tu esta no “céu” e depois de formado tu desceu no inferno né? (E31)

Transparece-nos segundo as justificativas de muitos(as) egressos(as) formados na UNIJUÍ, que em determinados anos havia uma “ordem” apologética tanto da universidade quanto do Sistema CREF-CONFEF de concluir a formação e filiar-se a este Sistema para poder exercer sua profissão, uma apologia de que os(as) egressos(as) sairiam da universidade e “encontrariam” emprego (ali na primeira esquina). Os(as) referidos(as) egressos(as) informaram que foram completamente iludidos (para não dizer enganados) pela universidade e pelo Sistema CREF-CONFEF, pois foram avisados que suas “carteirinhas” chegariam no dia da formatura. É evidente que se tratando deste órgão este fato não se concretizou no momento e chegou a levar anos depois. Segundo as justificativas dos(as) egressos(as) é “muito difícil” ter acesso ou contato com o Sistema, após incansáveis tentativas, são atendidos e repassados para outros “departamentos”, ou seja, o problema acaba por não ser resolvido. A tal “carteirinha” não chega às mãos dos(as) egressos(as). Outras indignações ao referido Sistema vai ao sentido de que novamente retorna a questão da não fiscalização e do não cumprimento dos objetivos propostos, pois, “não fiscalizam onde eles têm que fiscalizar, eles não participam, eles não veem a realidade do profissional”. Fato visível que o referido Sistema não defende os direitos nem orientam, disciplinam e tão pouco fiscalizam o exercício das atividades próprias dos profissionais de Educação Física. Então nos questionamos porque a existência de um Sistema que não cumpre com seus objetivos e só se propõe a “arrecadar” a anuidades?

De tantas reclamações, mais uma denúncia da egressa (E29) ainda haver

muitas pessoas não formadas atuando na área da Educação Física e o Sistema CREF-CONFEF, não toma partido, ou seja, não faz absolutamente nada. Acreditamos que por conta da não fiscalização nem saibam da existência destas pessoas sem formação superior ou então dos lugares não apropriados para desenvolver a educação física. Tanta é a insatisfação da referida egressa que deseja sua desfiliação do Sistema e também não consegue porque tem que pagar todos os meses atrasados, ainda mais essa!

Muito ruim. Eu justifico pelo seguinte quando eu terminei minha colação de grau nós fizemos uma inscrição no CREF e naquela época o professor responsável disse que nós recebíamos a carteira no dia da formatura [nada] no dia da colação de grau todo mundo praticamente nós éramos em 30 formandos todo mundo. Fizeram e até após dois anos eu parei de pagar porque eu não recebi eu entrava em contato com eles. Eles mandavam liga pro fulano, ligava pra essa pessoa tava em Porto Alegre, então eu acabei desistindo e até hoje lá me mandam aqueles boletos do CREF e eu não pago e acho que a atuação deles é muito ruim, eles não fiscalizam onde eles tem que fiscalizar, eles não participam, eles não vê a realidade do profissional, eles estão explorando ganhando um dinheiro lá que todo mundo que paga é uma renda muito alta e eles não estão sendo eficientes. Tem muitas pessoas que não são qualificadas na área trabalhando atuando e eles não tomam conta, não fazem nada. Então, eu acho que lêem tão pecando por esse lado, tô muito insatisfeito com eles eu entrei em contato com a presidenta eu acho que era, e ela me mandou um e-mail dizendo que era pra mim parcela a dívida eu disse não vou porque eu quero sair, é só isso que eu quero. (E29)

...
Completamente ineficiente é começar pelo encaminhamento da confecção da carteirinha, a gente fez isso na época da formatura a gente se formou em 03 de abril e recebeu a carteirinha em novembro ou em janeiro de 2005, levou muito mais que um ano depois. Chega à carteirinha vencida aí tu tem que mandar de volta e até hoje, eles não vem até Ijuí que é o pólo [...], viessem em Cruz Alta que é um pólo [...]. A maioria dos alunos sabe que existe, mas não sabe pra que o CREF pode contribuir na nossa área na nossa função, só que tem que pagar pra poder participar. Eu hoje já faz três anos que contribuo como CREF e porque eu trabalho na área de fitness também, trabalho fora né? como um profissional liberal. Então eu preciso pagar, senão precisasse eu não pagaria. Até porque não tem todo o aspecto legal quanto a isso na minha cidade tem gente que não tem formação nenhuma trabalhando com escolinha de futebol o CREF não aparece pra fiscalizar. (E03)

Ainda para tantos(as) outros(as) egressas a insatisfação do Sistema CREF-CONFEF, esbarra novamente na ineficiência e da pouca fiscalização. Ainda falta o referido Sistema manter contato com os(as) egressos(as). As queixas não terminam por aí, para outros(as) egressos(as) não é visto a atuação do Sistema, algumas poucas é visto apenas um “discurso”, mas atuação efetiva na região de Ijuí/RS não é percebida pelos(as) nossos(as) entrevistados(as).

Eu acho fraco pouca fiscalização. Pouco ineficiente. (E20)

...

Ineficiente. Ixe, (risos) eu sou credenciado, mas não em função de acreditar né? no que tá aí. [...] mas, tu não vê atuação do conselho né?, tu vê discurso do conselho né?, Atuação efetiva na nossa região pelo menos não. (E26)

...

Ineficiente, porque eu sou eu fui filiada ao CREF, acho ineficiente. Não existe um contato com as pessoas, [...] mas me parece que um órgão assim teria que ser mais fiscalizador eu acho, e não é. (E15)

Incansavelmente é salientado por parte dos(as) egressos(as) da UNIJUÍ, a não fiscalização Sistema CREF-CONFED. Há denúncias de inúmeras “escolinhas” de futebol/futsal atuando de forma regular que nunca foram “visitadas” pelo referido Sistema. Entre tantas outras indignações os(as) egressas(as) ressaltaram a falta de um piso salarial para os professores formados que atuam na área não escolar. Ainda é ressaltado por outro egresso (E22) que enquanto categoria os professores de educação física não possuem um sindicato dos profissionais de educação física, isso além de outras implicações pode levar aos professores que atuam na área não escolar, não terem piso salarial ajustado, subsumindo o empregado ao patrão, ou seja, a subsunção do trabalhador à exploração.

Ineficiente, porque nossa região, por exemplo, não há fiscalização. Nós temos muitas escolinhas atuando de forma regular inclusive entidades não estão sendo fiscalizadas né? E em termos de valores nós não avançamos enquanto conselho, a gente é uma área antiga, mas enquanto categoria nós não temos sindicato dos profissionais de EDF e isso leva a não termos piso salarial né?. Principalmente aqueles profissionais que estão na área do bacharelado que é a que eu to claro que a área da educação em escola tem uma outra discussão né?. Mas falta a constituição de um piso e o que eu vejo é que o CREF não tem esse sistema, não tem trabalhado em função dos profissionais. (E22)

...

Ineficiente, ah pra mim eu acho ineficiente porque eu... no futebol enfrentei muito disso, pra mim como professor de escolinha né?, a mim eles vêm tentar dizer o que eu posso o que eu não posso, que eu tenho que ser associado ao CREFE agora as outras escolinhas de jogador de futebol que não tem formação em nada eles não vão em cima então acho que em alguns aspectos eles podem melhorar né?, a ação deles, a atuação deles assim me parece uma questão de apenas arrecadar e... acho que eles fazem muito pouco pela nossa, pela nossa formação, principalmente porque o mercado de trabalho porque as empresas elas contratam um monte de estagiários que concorrem conosco diretamente no mercado de trabalho então aí que eles tinham que fiscalizar mais e exigir mais, nas empresas porque o mercado de trabalho tá muito restrito também porque... tá muito difícil pra trabalhar em EF(E30)

Pouco ineficiente. Porque tem muitas pessoas que não são formadas e estão atuando na área. E, nada é feito. E, tu só paga o CREF, apenas paga

a confederação... (E01)

...

Pouco eficiente, Eu sou filiado do CREF. É pouco eficiente. [...] E o CREF não faz nada pra muda isso, embora quem trabalha com futebol principalmente com criança isso tinha que ter um conhecimento científico pra não fazer exagero com as criança e lá vai qualquer um e faz. É uma crítica que eu tenho ate me expus com o pessoal, ficaram brabos comigo. Aqui em Ijuí muito pouco, acho que eles nunca, realizaram atuação do CREF do meu conhecimento nunca vi nenhuma autoridade do CREF vim fazer uma fiscalização. (E27)

Não muito dissemelhante das indignações supracitadas, outros(as) egressos(as) da UNIJUÍ, não percebem nenhuma utilidade quanto ao este Sistema CREF-CONFED. O único fato que alguns(mas) egressas ressaltaram foi de receberem revistas e os boletos para serem pagos para exercer a profissão na área não escolar, e nada a mais. Os(as) egressos(as) informaram que não visualizam o Sistema trabalhando, atuando em prol do professor de educação física como dizia ser os objetivos do CREF-CONFED.

Ineficiente. Eu tenho isso aí, mas eu vejo que pra mim não tem utilidade nenhuma sabe, eu tenho CREF e tudo recebo as revistas à gente lê e coisa. Mas pra ti e em nossa região é insuficiente eu não vejo eles trabalhando assim sabe, [...] Ijuí não se fiscaliza. Eu acho o CREF... de todos os professores aí é poucos que têm, que tão atuando aí com escolinha. (E25)

...

Eu acho que não nos oferece nada em troca. A gente só paga a mensalidade por mês, por ano e o que tu tem em troca? Eu não tenho nada. Só aquelas revistas ali por mês. Praticamente uma igual a outra... e... em congresso tu tem pouco desconto. Esse de capão da Canoa que vai ter 3% de desconto. E pra onde vai esse dinheiro, né? (E04)

...

Ineficiente. Porque eu vejo assim, muita avaliação pro profissional de educação física, é muito complicado, o CREF ... não tem planejamento não tem nada... fiscalização, se tu quiser ir tomar mate, no clube ou escolinha e deixar que as crianças se arrebetem lá... não sei se isso seria parte do CREF ou avaliadores né, [...] é muito complicado a gente sabe que tem lugares que os profissionais não são habilitados. (18)

...

Eu só vejo assim ó pela cobrança que tu precisa [pagar] ter o CREF fora isso eu não vejo de atuar. Ele não te proporciona nada é só cobrança que eu tenho, recebo a taxa que eu tenho que paga e porque as pessoas perguntam se tu é credenciada eu preciso. Muito raramente um desconto num congresso raramente até muito menos que outros descontos que são oferecidos. Até agora por uma casualidade assim tu perguntando isso eu recebi essa semana uma correspondência de alguns congresso que serão desenvolvidos no decorrer do ano terão desconto tipo assim 5% coisa assim, mas são bem específicos alguns congressos. Mas eu não vejo, eu é porque eu preciso mesmo porque é uma exigência né ah e uma segurança queira ou não hoje se coloca que é importante pra quem trabalha no bacharelado por isso que eu tenho. Porque é uma exigência e quem trabalha no bacharelado é associado ao CREF e aí vem à cobrança tipo aqui teve uma denuncia esse tempos atrás, alguns anos atrás os projetos

da UNIJUÍ direcionados ao bacharelado não tinham não eram credenciados no CREF. Então só não nos ferramos porque eu era credenciada no CREF né?, Então é uma exigência tipo instituições ligadas ao bacharelado tem que ter um profissional do CREF, isso é uma exigência agora até que ponto é valido se instituições específicas são cobradas, que nem academias que você sabe que não tem ninguém né, é relacionado credenciado ao CREF e funcionam normalmente e daí. É por isso que eu acho pouco eficiente. (E17)

Vinte (20) egressos(as) informaram que são filiados ao Sistema CREF-CONFEEF. A maioria se diz filiado(a) ao Sistema apenas “por obrigação” para que possam exercer sua profissão na área não escolar. Percebe-se que a grande maioria destes(as) egressos(as) tem sua intervenção profissional nas duas áreas de conhecimento da educação física, na área escolar e na área não escolar simultaneamente.

Ao analisarmos avaliação que os (as) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ realizaram sobre a atuação do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Educação Física (Sistema CONFEEF-CREFs) verificamos que dos(as) cinquenta e seis (56) egressos(as) entrevistados(as), quarenta e três (43) informaram que a atuação do Sistema CONFEEF-CREFs é pouco eficiente ou ineficiente. Portanto, praticamente foi unânime a percepção dos(as) egressos(as) que a atuação deste órgão é pouco eficiente ou ineficiente. Vejamos, além dos quarenta e três (43) egressos(as) que informaram que o Sistema é ineficiente mais dez (10) egressos(as) não souberam dar informações sobre este órgão. Salientamos que estes(as) egressos(as) atuam tanto na área escolar e não escolar.

Apenas uma (1) egressa informou que este órgão é bastante eficiente, mas informou não ter muito contato com o CREF-CONFEEF, apenas lê algumas revistas sobre o referido órgão e diz não saber mais informações. Ainda a egressa afirmou ser apenas filiada ao Sistema.

Houve momentos que alguns membros do Sistema CREF-CONFEEF entraram em contato com alguns(mas) professores(as) da UNIJUÍ, realizando “pressão para que os(as) egressos(as) se filiassem ao referido Sistema no momento da sua formatura, para assim, adquirirem mais “partidários”, ou seja, mais mensalidades a serem cobradas, ou seja, na voz de alguns(mas) egressos(as) entrevistados(as), “um caça níquel apenas com objetivo de ‘ganhar’ dinheiro”. A grande maioria dos(as) egressos(as) acredita que o Conselho é pouco eficiente ou

ineficiente porque o mesmo não cumpre com os objetivos propostos; não fiscalizam todos os espaços de atuação dos profissionais de educação física; não defendem os direitos dos professores quanto a não exploração do trabalho dos(as) professores(as), subsumindo o empregado ao patrão, ou seja, a subsunção do trabalhador à exploração; não defende uma remuneração mais digna para o profissional de educação física; não defende carga horária e nem assegura direitos sociais aos trabalhadores; há falta de informações por parte do CREF em todos os sentidos (prestações de contas, vencimento da carteirinha, propostas, objetivos, etc.); quanto à validação da credencial nacional do CREF em outras regiões não é aceita; e ainda, o órgão é apenas mais uma forma de manter “diferentes poderes” na área da educação física. Este Sistema é tão disparatado, ou seja, é contrário ao bom senso, um absurdo, que alguns(mas) egressos(as) não ouvem se quer ouvir falar sobre ele.

Entretanto, quanto à fiscalização, há uma que outra visita dos agentes do CREF. Os(as) egressos(as) se demonstraram revoltos com o Sistema CREF-CONFEEF, pois as visitas são sempre nas academias ou escolinhas de futebol mais conhecidas e renomadas da cidade, sendo que nas academias e ou escolinhas de futebol “menores” ou de “fundo de quintal nunca fiscalizam”.

Os(as) egressos(as) não veem nenhuma utilidade quanto ao Sistema CREF-CONFEEF. O único fato que alguns(mas) egressas ressaltaram foi de receberem poucas revistas e os boletos para serem pagos para exercer a profissão e nada a mais, nenhum benefício.

Ironicamente foi ressaltado que o CREF é “eficiente” quando os benefícios são ao seu favor, como por exemplo, de realizar as cobranças financeiras aos seus credenciados e tentar “formar opinião” e impor sua posição nos fóruns, e ainda o CREF tenta influenciar as leis a seu benefício, quando se trata do governo. Vejamos ideologicamente o CREF é “eficiente”, pois discursa que protege a área da educação física, mas a “voz” dos(as) egressos(as) que é o no concreto as ações são verídicas, fidedignas nem reais.

Houve manifestações da tentativa do Sistema CREF-CONFEEF querer gerenciar a área escolar, visto que o órgão competente maior para isso é o MEC, portanto a área escolar não pertence à alçada do Sistema CREF-CONFEEF, este fato

gerou imensurável indignação por parte dos(as) egressos da área escolar. A maioria dos(as) egressos(as) que atuam na área não escolar se disseram filiados(as) ao Sistema, apenas pelo motivo de se sentirem realmente obrigados, para poderem exercer sua profissão, não por vontade própria.

Nesta Dissertação demostramos os dados da realidade concreta na “voz” dos cinquenta e seis (56) egressos(as) entrevistados. Ainda encontramos informações que existe no Supremo Tribunal Federal - STF⁹² uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) nº. 3428 que declara nulidade do Sistema CONFEF – CREFs. Portanto para atuar como Professor de Educação Física, basta ter o Registro no MEC e caso haja necessidade o(a) egresso(a) poderá dirigir-se a uma Delegacia Regional do Trabalho (DRT) e registra-se como profissão regulamentada de acordo com a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT).

Com este registro os CREFs não poderão mais continuar a realizar este engodo e pressões que realiza para os(as) professores(as) de Educação Física. Portanto, nenhum CREF existe conforme a Ação no Supremo Tribunal Federal (STF), que até o momento Decretou Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI). Ainda não têm resultado liminar, ou seja, está aguardando julgamento⁹³. E informamos aos(as) nossos(as) egressos(as) desinformados(as) que não tem mais interesse em continuar filiados(as) neste Sistema “fajuto” e inconstitucional, que se atentem ao Art. 5º, Inciso XX, da Constituição Federal diz o seguinte: “[...] ninguém poderá ser compelido a associar-se ou a permanecer associado [caso não deseje]”.

Salientamos que a grande maioria dos(as) egressos(as) entrevistados(as), defendem que a atuação do Sistema CONFEF-CREFs é ineficiente. Delatamos que o objetivo do referido Sistema é de adaptar a Educação Física a lógica do mercado, com a preocupação da garantia do livre mercado de trabalho e não com a qualidade da formação do(a) trabalhador(a). Sabemos que a área escolar não está submetida aos ditames do referido Sistema, estes espaços formais de ensino têm regulamentação própria do MEC.

⁹² Para maiores informações entrar no site: www.stf.gov.br

⁹³ <http://listas.cev.org.br/cevcbce/2007-September/002239.html> acessado dia 13 de junho de 2011 às 02h e 55 mim.

Ademais, lutamos junto como o Movimento Nacional Contra a Regulamentação do Profissional de Educação Física (MNCR), pois nos opomos à atual realidade, a qual o capital nos deixa subsumido. Somos contra: a precarização do trabalho; a desqualificação dos(as) trabalhadores(as); a ampliação do setor de serviços nos trabalhos de caráter parciais, temporários, precários, subcontratados, estagiários e ainda, terceirizados. Segundo o Boletim do MNCR (maio de 2010)

[...] compreendemos que [...] se trata de uma proposta caracterizada, em sua essência, pela lógica capitalista do “salve-se quem puder”. Ela busca reservar uma parcela do precário “mercado de trabalho” para alguns trabalhadores, jogando, por isso, uns contra os outros. Isto, por consequência, tende a fragmentar os trabalhadores em um momento no qual deveriam se unir para lutar pela ampliação da oferta de postos de trabalho, pela redução da jornada de trabalho e ampliação do tempo livre e por melhores condições de trabalho, salário e vida - condições fundamentais, mas não suficientes, para a construção de projetos históricos de sociedade para além do capital.

Por acreditarmos e defendermos uma perspectiva de Educação Física crítica, nos posicionamos de forma contrária ao sistema CONFEF/CREF, compreendemos estes órgãos como os mais conservadores dentro da área da Educação Física. Não acreditamos que seja um Sistema de fortalecimento das classes trabalhadoras como se adjetivam, e sim como uma forma de servir mais uma vez aos interesses dominantes, do capital como já debatido. Portanto, salientamos que este sistema não defende e nem serve para a classe trabalhadora por conta dos motivos já mencionados.

3.5 Atividades fora do tempo de trabalho – Atividades de lazer

Nesta Categoria tratamos sobre as atividades fora do tempo de trabalho, ou seja, as atividades de lazer dos(as) participantes da pesquisa; Os dados são referentes ao tempo que os(as) egressos(as) dedicam para realizar atividade de lazer e quais os tipos de atividades de lazer desenvolvidas pelos(as) mesmos(as).

Quando questionados(as) os(as) egressos(as) da ESSE/UFPel sobre as

atividades de lazer, ou seja, o tempo que os(as) egressos(as) dispõem para realizar atividades fora do tempo de trabalho, grande número informou que se dedica a alguma atividade de lazer. Dos(as) vinte e cinco (25) entrevistados(as), dezoito (18) informaram que praticam atividades de duas (02) a cinco (05) vezes na semana. A maioria dos(as) egressos(as) citou as atividades de caminhada, musculação, ciclismo, corrida, box, futebol, skate surf e basquete. Sete (07) informaram que não praticam nenhuma atividade de lazer por falta de tempo, sendo que seis (06) são mulheres, casadas e algumas com filhos, todas com jornada de trabalho superior há quarenta e cinco (45) horas semanais. Um egresso do sexo masculino informou não praticar nenhum tipo de atividade de lazer por falta de tempo e por conta de trabalhar sessenta (60) horas semanais.

Por fim, procurou-se saber se os(as) egressos(as) da UNIJUÍ possuem tempo para se dedicar a atividades de lazer. Um número significativo dos(as) egressos(as) informou que se envolvem com este tipo de atividade. Foram citados jogos, caminhadas, teatro, caminhadas, corridas, entre outros. Porém, muitos também informaram que não têm tempo para isso. Neste caso, é significativo o fato de a informação ser fornecida basicamente pelas mulheres, casadas e com filhos.

Ao analisarmos os dados relativos sobre as atividades de lazer, ou seja, o tempo que os(as) egressos(as) entrevistados(as) da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ, dispõem para realizar atividades fora do tempo de trabalho, verificamos que grande número informou que se dedica a alguma atividade de lazer. Os(as) egressos(as) entrevistados(as) informaram que praticam atividades de duas (02) a cinco (05) vezes na semana. As atividades mais citadas pelos(as) egressos(as) foram: atividades de caminhada; musculação; ciclismo; corrida; box; futebol e outros jogos; skate surf; basquete; teatro, e corridas.

Porém, grande parte das egressas informou que não praticam nenhuma atividade de lazer, a grande maioria é casada e com filhos além de sua extenuante jornada de trabalho superior há quarenta e cinco (45) horas semanais. O motivo mais relatado foi relativo à falta de tempo para praticar atividades de lazer. Segundo Padilha (2000) em seu livro "Tempo Livre e Capitalismo: Um Par Imperfeito", a autora questiona justamente as justificativas das egressas entrevistadas. A falta de tempo para o lazer ou então, a falta de tempo para o "tempo livre" dentro do atual

contexto da sociedade capitalista. A autora questiona “será possível um tempo livre cheio de sentido numa sociedade fundada na busca do lucro privado em detrimento da “real” satisfação das necessidades humanas”? Para a autora o tempo livre se configura como desemprego, então como podemos desfrutar deste tempo livre? A autora sinaliza que é preciso realizar uma “ruptura com as estruturas: econômica, política e sociocultural do capitalismo”, ou seja, é o que viemos defendendo em todo decorrer do trabalho.

3.6 Atuações em movimentos sociais

Nesta Categoria, tratamos sobre atuação em movimentos sociais dos participantes da pesquisa referentes aos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel. Os dados são referentes à participação em: movimento sindical; partido político, participação em movimentos comunitários e ou eclesiais.

No que se refere aos(as) egressos(as) da UNIJUÍ, os(as) mesmos(as) não responderam esta parte da entrevista.

Por fim, procurou-se saber se os(as) egressos(as) da ESEF/UFPel têm atuação em algum movimento social, ou seja, se os(as) egressos(as) atuam em algum movimento sindical, comunitário, eclesial (religioso) ou partido político. A grande maioria informou não atuam em nenhum movimento social. Dos(as) vinte e cinco (25) entrevistados(as), dezesseis (16) informaram não ser atuantes em nenhum dos movimentos sociais citados acima. Apenas nove (09) informaram ter algum tipo de atuação nos movimentos sociais. Destes, apenas dois (02) egressos do sexo masculino atua em movimentos sociais com ações beneficentes com cunho religioso, (01) um faz parte do espiritismo e o outro católico, com intuito de arrecadar fundos para beneficiar comunidades mais carentes. Apenas um (01) atua também em movimento comunitário, sendo que uma (01) vez por mês realiza atividades para arrecadar recursos para entidade beneficente.

Por outro lado, a metade das egressas entrevistadas, ou seja, sete (07) delas são atuantes em algum tipo de movimento social. Cinco (05) atuam em movimento sindical, sendo: uma (01) é presidente do Sindicato da Associação dos

Docentes da Universidade Federal de Pelotas (ADUFPel-SSind), dirigindo toda parte política e administrativa da seção sindical, também realizam encontros e discussões sobre todo o entorno da Universidade Pública; uma (01) é associada ao Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul - Sindicato dos Trabalhadores em Educação (CPERS/Sindicato), esta informou esporadicamente ser atuante, às vezes participa de reuniões para realizar greves quando necessário, com vários intuitos, entre eles, a de que todos tenham educação pública, laica e de melhores salários; uma (01) informou que atua no Sindicato dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (SINPRO/RS) participando ativamente das assembleias; uma (01) informou participar da diretoria do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES/SN), no qual luta por uma educação de melhor qualidade e pelos direitos dos professores, servidores e alunos da Universidade; por fim, outra egressa informou apenas ser sócia não atuante do Hospital Espírita de Pelotas (HEP).

Das cinco (05) egressas que informaram ser atuantes em movimentos sindicais, duas (02) informaram não participar de algum movimento eclesialístico – religioso. Entretanto, três (03) informaram participar de algum tipo de religião, sendo duas se dizem espíritas e uma católica. Outra egressa informou participar de cultos aos domingos da igreja Luterana.

Quanto à participação em partido político, duas (02) egressas informaram ser filiadas. Uma delas informou ser filiada a um partido político porque ocupa Cargo de Confiança (CC) em prefeitura de outro município. A outra egressa informou ser filiada a um partido político e procura participar de debates para discutir temáticas que serão desenvolvidas no decorrer do ano e também para discutir e eleger diretoria do partido. Entretanto, atualmente não tem participado de reuniões, pois participa com mais intensidade durante as eleições com intenção de dar apoio a um candidato que o partido propõe eleger.

Apenas uma egressa informou participar de movimento comunitário. Esta desenvolve “voluntariamente” um projeto de atividade física e qualidade de vida em outro município. O público alvo são mulheres carentes com idades acima de cinquenta e cinco (55) anos. Este projeto é oferecido em duas associações de bairros, nele são desenvolvidas caminhadas e confraternizações em datas comemorativas.

Ao analisarmos a participação dos(as) egressos(as) da ESEF/UFPel em movimentos sociais sejam eles: movimento sindical; partido político, participação em movimentos comunitários e ou eclesiais, verificamos que pouquíssimos têm algum tipo de atuação nestes movimentos sociais. Mas o que nos deixa mais estarecidos ainda é que apenas cinco egressas (nenhum egresso) participam de alguma forma do movimento sindical.

Sabemos que o movimento político sindical é o responsável pelo avanço político social da sociedade. E ainda, se não fosse à atuação na luta ferrenha dos sindicatos estaríamos trabalhando dezoito (18) horas por dia em condições de escravidão. Um exemplo típico é dos anos oitenta (80) quando os sindicatos juntamente com os metalúrgicos se mobilizaram pra reivindicar por “melhores” direitos trabalhistas, onde se uniram e organizaram greves e lutaram contra a ditadura. Acreditamos que todos(as) os(as) trabalhadores(as) devem se filiar e participarem ativamente do sindicato da sua categoria, mais especificamente os de educação física⁹⁴.

Portanto, corroboramos com Frigotto et. al. (1998, p. 13) no sentido de desestabilizar e findar com a hegemonia dos princípios neoliberais da “nova era do mercado”. Principalmente, na luta da superação da atual sociedade.

⁹⁴ Sobre este assunto, pretendemos aprofundar mais este tema em estudos/artigos posteriores.

CONCLUSÃO

“Não se modifica aquilo que não se conhece”. Gramsci,
Antônio.
Ao defender a emancipação dos trabalhadores, Karl Marx
afirmava:
“A cabeça desta emancipação é a filosofia; seu coração é o
proletariado”.

A conclusão desta Dissertação deve ser depreendida como uma sinopse do tema que nos propusemos pesquisar, qual seja, “A formação profissional e a inserção/atuação dos(as) egressos(as) dos cursos de Educação Física da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ no mercado de trabalho no modo de produção social capitalista”, tendo como referência de análise, da realidade encontrada, o Materialismo Histórico e Dialético.

Tomado este referencial para a análise realizada, acreditamos que a sinopse não pode ser vista como uma conclusão no sentido do “encerramento do tema”, mas sim como um retorno ao ponto de partida, não à ideia que representa a metafísica dos fenômenos, mas ao processo que deve ser entendido como “progresso em espiral” (TRIVIÑOS, 1987, p. 72-73).

Nosso principal objetivo com a realização desta dissertação foi o de analisar em que medida as mudanças no mercado/mundo do trabalho influenciaram e impactaram os processos de formação e de intervenção profissional dos(as) egressos(as) do Curso de Educação Física da ESEF/UFPeI e da UNIJUÍ. Vai em sentido “inverso” no que tange a alguns estudos que partem da formação para entenderem o trabalho. As possibilidades de respostas para nosso problema de pesquisa foram encontradas no decorrer da revisão bibliográfica, documental, e confirmadas no concreto da realidade social, ou seja, nos dados empíricos coletados.

O trabalho entendido como elemento mediador das relações sociais é, portanto, também elemento determinante dos processos formativos. As mudanças que nele ocorrem determinam as transformações nos modos de formação dos trabalhadores. Este processo não é mecânico, pelo contrário, é dinâmico e dialético. As variações que ocorreram no mundo do trabalho impactaram todos os processos formativos e a Educação Física não esteve alheia a este fenômeno. Constatamos que existe uma relação de determinação (mediação) dialética, entre os dois focos de investigação – formação profissional e a inserção/atuação dos(as) egressos -, dentro do contexto da formação social capitalista, as quais são determinadas e determinantes reciprocamente.

Esta pesquisa também foi, sobretudo, uma tentativa da autora de apreender e aprofundar o entendimento sobre as relações que se estabelecem entre os processos de formação – ensino, pesquisa e extensão –, dos(as) egressos(as) dos Cursos de Educação Física da ESEF/UFPeI e da UNIJUÍ, sua intervenção profissional e as mudanças que vêm ocorrendo nas últimas décadas no mercado/mundo do trabalho. A intenção do estudo não foi a de apenas realizar uma revisão bibliográfica sobre o assunto, mas, também, captar a percepção que os(as) egressos(as) dos Cursos de Educação Física da ESEF/UFPeI e da UNIJUÍ possuem sobre sua formação e sua intervenção/atuação profissional. Com intuito de buscar estas informações, foram coletados os dados empíricos de cinquenta e seis (56) egressos(as) dos Cursos de Educação Física em questão.

Nossa hipótese de trabalho foi comprovada em todo decorrer desta a Dissertação, tanto pela revisão bibliográfica e documental referentes às duas

universidades, quanto pelos dados empíricos coletados. Foi possível observar na instância da formação profissional, tal como já haviam denunciado outros autores na área da sociologia e economia da educação (CATANNI et. al, 2001, FRIGOTTO 1995 e 1998), no processo de elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos Cursos de Graduação e, em especial, dos Cursos de Educação Física, a hegemonia do ideário e do discurso neoliberal, que advoga a necessidade de uma formação mais flexível, polivalente, voltada para os interesses do mercado, ou seja, do capital, e devendo ser capaz de melhor se adaptar às suas demandas.

Em outras palavras, a hegemonia dos interesses de classe daqueles que se apropriaram historicamente dos meios de produção e que acabaram por conferir às práticas da cultura corporal o *status* de mercadoria (valor-de-troca), agora com maior valor agregado, a partir daquelas mudanças curriculares trazidas no bojo das novas DCNs. Corroboramos com Frigotto (1995, p. 31-2) que a qualificação (educação) é um dos direitos “que não podem ser mercantilizados” e como vimos no decorrer de todo o processo desta Dissertação e no conjunto dos documentos legais (Leis, Diretrizes, PPP, Currículos, etc.) que isso sempre ocorreu, e, portanto, “agride-se elementarmente a própria condição Humana”. A partir das análises, verificamos que as DCNs, é um dos grandes elementos mediadores entre a formação do(a) professor(a) de Educação Física à lógica do capital, neste modelo de produção social capitalista.

Assim, as mudanças propostas nas DCNs dos cursos de Educação Física estão “associadas intimamente à reestruturação produtiva do capitalismo global” (CATANNI et. al, 2001, p. 77). Diz ainda o autor:

Está associado, também, à ideia de que só a formação de profissionais dinâmicos e adaptáveis às rápidas mudanças no mundo do trabalho e às demandas do mercado de trabalho poderá responder aos problemas de emprego e de ocupação profissional (CATANNI et. al, 2001, p. 77).

Concluimos, por conseguinte, que as mudanças no mundo do trabalho não apenas influenciaram, mas determinaram as políticas de formação elaboradas para os cursos de graduação, em especial, dos cursos de Educação Física. Os currículos se tornaram mais flexíveis submetendo a formação dos(as) egressos(as) à sujeição das leis do mercado, ocasionando o aligeiramento da formação e, por consequência,

a exigência de maior ‘qualificação’ em diversas áreas para atender o mercado de trabalho. Por conta disso tudo, o mais alto grau de intensificação da exploração dos(as) trabalhadores(as) em Educação Física.

Ainda observamos, no âmbito da intervenção profissional, dos(as) egressos(as) entrevistados(as) haver sido relatado precarização das relações de trabalho e de salário tanto na área escolar quanto não escolar; terceirização, subcontratação, empregos informais, maior número de trabalhadores autônomos ou informais, empregos temporários; mais estagiários nos espaços de intervenção ocupando vagas dos(as) egressos(as) formados(as). As consequências disso tudo já apreendemos na atual sociedade, imensuravelmente um crescente número de egressos(as) desempregados(as). Portanto, exploração do(a) trabalhador(a), tanto em termos objetivos (precarização da jornada de trabalho, intensificação do trabalho, na perda de direitos trabalhistas, entre outros), quanto em termos subjetivos (na angústia expressada por eles, relacionada à instabilidade do emprego, na perda do sono, no pouco contato com a família, no escasso espaço/tempo para lazer, entre outros). Este processo de precarização das relações de trabalho afeta todos os trabalhadores desta sociedade, nas mais diferentes dimensões, mas, em específico ao nosso estudo, aos(as) egressos(as) dos cursos de Educação Física.

O “novo e precário mundo do trabalho” mostrou sua face, no âmbito da Educação Física, por meio daqueles que hegemonizaram o processo de construção das diretrizes curriculares e determinaram sua reestruturação a partir das demandas e necessidades das elites sociais e do consequente mercado que emergia para ser explorado. Tendo isso como referência, propuseram a fragmentação do curso, derivando da antiga formação em Licenciatura Plena e Técnico em Desportos, os Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física.

A dicotomia, ou seja, a fragmentação do curso de Educação Física foi um fator que os(as) egressos(as), em sua grande maioria, acredita ser equivocada. A separação da formação entre licenciatura e bacharelado foi demasiadamente refutada. As consequências, segundo os(as) egressos(as) da dicotomia intensificou ainda mais a fragmentação do conhecimento da área, ocasionando a divisão entre teoria e prática, fato este que já vinha acontecendo no decorrer de todo o processo analisado dos Currículos de ambas as universidades. Outra forma de fragmentação

detectada foi à divisão das áreas do conhecimento. Portanto, a fragmentação do conhecimento leva os(as) egressos(as) à máxima exploração e precarização do trabalho docente, ou seja, subsumindo mais uma vez, das mais diversas formas, o trabalho ao capital.

Corroboramos com Taffarel (2001, p.43) quando defende que a formação pautada na fragmentação contribuiu para “anular as forças de construção da contra-hegemonia” e mais ainda para “confundir as visões de mundo, subtrair, eliminar a voz e as práticas dos dominados”, perdendo vistas de uma outra visão de futuro “em uma outra forma de organização da sociedade, a sociedade socialista”.

Realmente, não concordamos com a fragmentação que foi imposta aos(as) professores(as) de Educação Física, dificultando a compreensão da totalidade das relações, ou seja, assegurando a reprodução da lógica mais geral do modo de produção capitalista. Assim, o(a) egresso(a) de Educação Física está sendo adaptado, ele já está tendo sua subjetividade construída, para se adequar às condições, para se conformar, não reagir ao que ele vai encontrar, desde sua formação até para além da formação.

Entretanto, apontamos que há contraposições, no qual existem grupos que se colocam contrariamente a esta idéia. Existem defensores(as) de uma outra formação social que liberta os(as) trabalhadores(as) da sociedade capitalista avassaladora. Ainda encontramos nos nossos dados empíricos, alguns(mas) egressos(as) defendendo a tese de que seja novamente unificado o curso de Educação Física. Em conjunto com defesa da ruptura com a formação social capitalista, encontramos alguns grupos que defendem a proposta da Licenciatura Ampliada em Educação Física, LEPEL/FACED/UFBA a EXNEEF, o MNCR, visão esta com a qual também corroboramos.

Tal como ocorreu em outras áreas, propôs-se uma nova formação visando a “profissionalização” da Educação Física e a criação de um trabalhador “apto” para se submeter às condições que o “novo” mercado oferecia: super-exploração do trabalho, impossibilidade de acesso a direitos sociais e trabalhistas, baixa remuneração, FGTS, férias, 13º salário, Licença Maternidade. Além disso, este tipo de formação, nesta dada sociedade, expressa o(a) egresso/trabalhador(a) a realidade concreta, ou seja, o modelo de sociedade vigente; um(a) trabalhador(a)

com capacidade de reproduzir acriticamente o discurso acoplado neste contexto: da necessidade de polivalência, da necessidade de se estar preparado para competir no mercado, de ser o mais competente, de ser o mais qualificado para obter os melhores lugares no mercado, etc. Nesta Dissertação, o ideário assentado nesse discurso se faz presente em todo momento.

Como reflexo disso tudo, observamos por parte dos(as) egressos(as) uma busca quase que desesperada por adquirir conhecimentos para que possam manter-se atualizados e atender as demandas, sempre renovadas e crescentes, do famigerado mercado.

Para sobreviver com um mínimo de dignidade, o(a) professor(a) se vê forçado a trabalhar em dois, três e até quatro locais diferentes, cumprindo cargas de trabalho que alcançam até setenta e duas horas por semana (mais de dez horas por dia, sete vezes por semana). Diante disso, fica evidente a intensificação do trabalho tanto na área formal de ensino quanto na não formal, como informados pelos os(as) egressos(as) de Educação Física; há um acréscimo de alunos por turma; aumento da carga horária de trabalho; maior quantidade de aulas ministradas e atuação em vários locais de trabalho. Isso tudo, abrindo mão de direitos trabalhistas, de lazer, enfim, contraditoriamente, agindo contra a sua própria dignidade. Àqueles que não conseguem acompanhar o ritmo (alucinante) destas transformações restam à frustração com a carreira escolhida.

Além das considerações já abordadas, outro ponto importante a ser ressaltado diz respeito a outro elemento mediador das relações sociais determinadas pelas forças produtivas do atual sistema, imbuído na formação social capitalista, qual seja: o mercado de trabalho. Grande parte dos(as) egressos(as) de ambas as universidades afirmaram que o mercado de trabalho, tanto da área escolar quanto não escolar, é um mercado que está saturado, demasiadamente competitivo, com baixos salários, com elevada carga horária de trabalho. Portanto, um mercado de exploração a todos(as) os(as) trabalhadores(as).

Ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho é um elemento mediador e determinante dos processos formativos na área de Educação Física, que amplia a precarização de trabalho e de salário subjugando o trabalho ao capital, outro fator (mediador) determinante, que suplementa as mesmas regras do mercado é o

Sistema CONFEF/CREF. Grande maioria dos(as) egressos(as) informou ser ineficiente sua atuação porque o mesmo não cumpre com os objetivos propostos, não defende objetivamente os direitos sociais dos(as) egressos(as), no sentido de evitar a exploração deste(a) trabalhador(a) com uma remuneração mais digna e há falta de carga horária de trabalho definida.

Outras indignações se dão no sentido da ingerência deste Sistema sobre alguns aspectos que não lhes cabem, como exemplo, a área escolar, na qual o mesmo tenta de várias formas intervir na formação dos(as) professores(as). Ainda, delatamos que este Sistema, se encontra em litígio pois tramita uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) no STF declarando nulidade do mesmo. Entretanto, até o momento desta pesquisa o Sistema está aguardando julgamento.

Além disso, há outro aspecto de extrema relevância que se refere a mais um elemento mediador/determinante da precarização de trabalho e de salário na vida dos(as) egressos(as) dos cursos de Educação Física: a própria formação profissional a qual é determinada pelas forças produtivas na formação social capitalista, tendo o mercado de trabalho como mediador; neste, surgem ‘novos’ espaços de atuação/intervenção profissional. Assim, a formação é direcionada a ‘sanar’ este espaço, ou seja, sob este aspecto a formação profissional tenta ‘dar conta destas lacunas’, formando um ‘novo’ profissional para atuar nestes oscilantes espaços. Portanto, submetendo a formação aos interesses do capital.

Salientamos por vivência própria, ou seja, pelo concreto, que dar conta de realizar um trabalho de Dissertação em apenas dois (02) anos, incluindo neste tempo concluir os trinta e seis (36) créditos que o programa exige é massacrante, para não ser mais radical. Neste meio tempo, divididos entre as disciplinas (ou créditos obrigatórios), têm-se que desenvolver também o trabalho da Dissertação, que envolve, em alguns casos, pesquisa bibliográfica, documental, trabalho empírico, transcrições e análises das entrevistas, conclusão, verificação ortográfica, adequações estipuladas pelas normas da ABNT entre outros esforços que ficam invisíveis ao público leitor.

Em vista do exposto, que não é a “conclusão do trabalho” em si, mas sim um protesto no qual sugerimos, assim como já houve outros(as) mestrandos(as) defendendo esta posição, que seja ampliado o tempo de duração dos Programas de

Pós-Graduação. Afirmamos, com toda a convicção, que a existência de um tempo mais dilatado, qualificaria melhor o(a) professor(a) e, de modo geral, a Dissertação. Além dos argumentos acima expostos, asseguramos que compreendemos perfeitamente o “tipo de ciência” para a qual o curso de Pós-Graduação nos direciona, ou seja, levando em consideração apenas a produção em massa, dentro do contexto do sistema capitalista, ao qual nos opomos.

Acreditamos que este estudo tem grande relevância social, sendo, portanto, vital para a classe trabalhadora, pois verificamos a inexistência de estudos que tematizam a formação profissional e a inserção dos(as) egressos(as) dos Cursos de Educação Física da ESEF/UFPel e da UNIJUÍ. Por conseguinte, demonstramos a realidade concreta – o mercado de trabalho – em que vivem os(as) egressos(as) de ambas as universidades; também procuramos questionar este mercado de trabalho e relacionar a formação destes profissionais com sua atuação profissional. Outra relevância diz respeito às relações, entre capital e trabalho, porque dizem respeito à formação dos trabalhadores, ou seja, diz respeito aos interesses da classe trabalhadora.

Almejamos que esta Dissertação sirva de instrumento para que as classes trabalhadoras de todas as áreas, mas em específico a classe trabalhadora da área da Educação Física, se unifique e se organize para lutar contra o atual sistema vigente – o capitalismo. Lutar por condições dignas de trabalho, por novas relações sociais, com vistas a uma sociedade sem classes, pois só assim haverá superação das desigualdades. Destacamos a necessidade de todos(as) os(as) trabalhadores(as), independente do gênero, articularem-se politicamente com atividades coletivas, para demonstrar que há resistência contra todo o tipo de exploração do sistema capitalista.

Por conseguinte, aspiramos à transformação da sociedade capitalista para outra sociedade que liberta os(as) trabalhadores(as), na qual não exista injustiça e nem exploração do homem sobre o próprio homem. Entendemos ser através da luta de classe, que é o elemento central e o motor, qualquer possibilidade de transformação para uma sociedade socialista e, após, comunista.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. São Paulo, Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo, Boitempo, 1999.

ARAÚJO, Elizângela: **Produtivismo acadêmico intensifica precarização do trabalho docente**. ANDES-SN <http://antigo.andes.org.br>. Acessado dia 20 de maio de 2011 às 14:39hs.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.

Boletim do **Movimento Nacional Contra a Regulamentação Nacional do Profissional de Educação Física** de maio de 2010. Disponível no site: <www.mncrg3.net>. Acessado dia 07 de julho de 2011, às 02hs e 50 mim.

BOTH, Vilmar José. **Mudanças no mundo do trabalho e suas mediações na educação física**. 2009. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Universidade Federal de Pelotas.

BRASIL/CFE. **Parecer nº 215/87**, de 11/03/1987.

_____ CFE. **Parecer nº 894/69**, de 02/12/1969.

_____ CFE. **Resolução nº 03/87**, de 16/06/1987.

_____ CNE. **Parecer nº 058/2004**, de 18/02/2004.

_____ CNE. **Resolução nº 07/2004**, de 31/03/2004.

_____ CNE/CES. **Parecer nº. 138/2002**, de 03/04/2002.

_____ CNE/CES. **Parecer nº. 583/2001**, de 04/04/2001.

_____ CNE/CP. **Parecer nº. 21/2001**, de 06/08/2001.

_____ CNE/CP. **Resolução CNE/CP 2**, de 19/02/2002.

_____ CNE/CP. **Resolução nº. 01/2002**, de 18/02/2002.

_____ CNE/MEC. **Parecer nº. 776/97**, de 03/12/1997.

_____ CP/CNE **Resolução nº. 2/2002**, de 19/02/2002.

_____ CP/CNE. **Parecer nº. 009/2001**, de 08/05/2001.

_____ DOU A **Portaria nº. 1985**, de 21/07/2003.

_____ MEC. **Portaria nº 972/97**, de 22/08/1997.

_____. SESu/MEC. **Ofício n.º de 22/09** de 1998.

CATANI, Afrânio Mendes et. al. Política educacional, mudanças no mundo do trabalho e reforma curricular dos cursos de graduação do Brasil. In: **Educação e Sociedade**, ano XXII, nº 75, agosto/2001.

CBCE. **Fórum sobre formação profissional na educação física brasileira. Documento síntese**. Campinas, 02 de março de 2002. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/>>. Acesso em 09 de julho de 2009 às 23:28 hs.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo, Cortez, 2003.

COSTA, Cristina. **Sociologia: introdução a ciência da sociedade**. São Paulo: moderna, 2000.

DIAS-DA-SILVA, Maria Helena G. Frem. Política de formação de professores no Brasil: as ciladas da reestruturação das licenciaturas. In: **Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n. 02, p. 381-406, jul./dez. 2005, disponível em <<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>>.

DINIZ, R. A. da Costa. **Projeto Político Pedagógico**. Disponível em: http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_9977/artigo_sobre_projeto_politico_pedagogico. Revista: PRESENÇA PEDAGÓGICA. Ano 43, jan. fev. 2002. Acesso em 03 e maio de 2011, às 22:36 hs.

FAGNER, Raimundo. Música Guerreiro Menino (um homem também chora). In: **Raimundo Fagner ao vivo**, vol. 1. Faixa 05. Gravado ao vivo no centro cultural dragão do mar de arte e cultura. Em Fortaleza- Ceará, no dia 28 de janeiro de 2000.

FAUSTINO, Rosângela Célia e GASPARIN, João Luiz. **A influência do positivismo e do historicismo na educação e no ensino de história**. Acta Scientiarum, Maringá, 23(1):157-166, 2001. ISSN 1415-6814. Disponível no site: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/2765/1896>>. Acessado dia 03 de junho de 2011, às 12:30hs.

FELÍCIO, Breno Francesconi. Em busca dos fundamentos da proposta de bacharelado em educação física: das justificativas teóricas do curso à atividade profissional na área. In: **Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Recife/PE, CBCE, 2007.

FERRAZ, Cristiano Lima. Trabalho docente, precarização e a nova hegemonia do capital. In: **Universidade e Sociedade**. Brasília, ano et. al., n. 41, p. 9-19, jan. 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. 4 ed., São Paulo, Cortez, 1995.

_____. Gaudêncio (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. São Paulo, Vozes, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed., São Paulo, Atlas, 2007.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 5 ed., São Paulo, Ed. Loyola, 1992.

JORGE, Seu. Música: **Trabalhador**. Disponível em:

<<http://www.vagalume.com.br/seu-jorge/trabalhador.html>>. Acessado dia 15 de ago. 2010 às 23hs e 54 min.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. São Paulo, Paz e Terra, 1986.

KUNZ, Elenor et. al. Novas diretrizes curriculares para os cursos de graduação em educação física: justificativas – proposições – argumentações. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 20 (1), setembro/1998, pp. 37- 47.

LESSA, Sérgio. **Mundo dos homens: trabalho e ser social**. São Paulo, Boitempo, 2002.

MARX, Karl. **Capítulo XIII, TOMO I, Maquinaria e grande indústria**, 1980.

_____. Karl. **O Capital**. Vol. I, São Paulo, Bertrand Brasil, 1980.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org). **Pesquisa social: teoria , método e criatividades**. 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MIRANDA, J. Carlos. **Audiência Pública no Supremo Tribunal Federal sobre cotas raciais em 5 de março de 2010**. Disponível em:

<http://www.marxismo.org.br/index.php?pg=artigos_detalhar&artigo=507>. Acessado dia 20/04/2011 às 23:28 hs.

MAZZOTTI, ALDA JUDITH ALVES. **USOS E ABUSOS DOS ESTUDOS DE CASO**.

Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, set./dez. 2006. disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0736129.pdf>>. Acessado dia 24 de janeiro de 2011, às 16hs e 52 min.

NETO, Vicente Molina. A formação profissional em educação física e esportes. In; **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 19 (1), set./97, pp. 34-41.

NOZAKI, Hajime Takeuchi. Crise do capital e formação humana: a educação física e o mundo do trabalho. in: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**, XII, 2001, Caxambu, MG. **Anais**, Caxambu, MG: DN CBCE, Secretarias Estaduais de Minas Gerais e São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Antônio Carlos de. e DIAS, Edmundo Fernandes. **Textos DIDÁTICOS**. IFCH/UNICAMP, número 02- MAIO de 1995.

OLIZ, Manoela Maciel et.al, **INVENÇÕES E REINVENÇÕES DA ESEF/UFPEL: MEMÓRIAS DE UMA INSTITUIÇÃO**. XVIII CIC, XI ENPOS I AMOSTRA CIENTIFICA. 2009.

PADILHA, Valquíria. **Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito**/Valquíria Padilha. – Campinas , SP: Editora Alínea, 2000.112p.

PASSET, René. *A ilusão neoliberal*. Rio de Janeiro, Record, 2002.

PRIEB, Sérgio. *O trabalho à beira do abismo: uma crítica marxista à tese do fim da centralidade do trabalho*. Ijuí/RS, UNIJUÍ, 2005.

PROBST, Elisiana, Renata. (sd). **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Disponível em: <<http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acessado dia 15 de maio de 2011 às 16:37 hs.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo, Atlas, 1999.

RUSSO, Renato. *Música de trabalho*. In: Legião Urbana. **A Tempestade**. EMI, 1996, 1 CD, Faixa 03.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3 ed., Porto Alegre, Artmed, 2000.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 5ª ed. São Paulo: Nobel, 1998. p 126.

SILVA, Antônio Ozaí da. **Produtivismo no campo acadêmico: o engodo dos números**. Espaço acadêmico – 100- mensal – setembro de 2009. Especial-Centésima Edição- ANO IX- ISSN 15196186.

_____. Antônio Ozaí da. **Sua revista tem Qualis?** Dossiê: C&T- análises sobre aculturada avaliação na produção acadêmica. Revista Mediações, v. 14, n.1, p. 117-124, Jan/Jun. 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed., Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

SITE <<http://blogestefane.blogspot.com>>. **Discussão sobre Racismo, Racialismo, Cotas e Vagas Para Todos nas Universidades Públicas - 12º ENJR**. Acessado em: 25/04/2011, às 15: 45 hs.

STAKE. Robert. **Case studies**. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.) *Handbook of qualitative research*. London: Sage, 2000. p. 435-454.

TAFFAREL, Celi. **A formação do profissional da educação: o processo de trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento no curso de Educação Física**. 1993. 301f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Celi Nelza Zülke e LACKS, Solange. *Diretrizes Curriculares: proposições superadoras para a formação humana*. In: FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos (Organizadora). **Formação profissional em educação física e mundo do trabalho**. Vitória, Gráfica da Faculdade Salesiana, 2005.

_____. Celi Nelza Zülke. Currículo, formação profissional na educação física & esporte e campos de trabalho em expansão: antagonismos e contradições da prática social. In: **Movimento**, ano IV, n. 7, 1997/2, pp. 43-51.

_____. Celi Nelza Zülke. A carta de carpina. Educação Física – novos compromissos: pedagogia, movimento, miséria. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Vol. 23, n.1, p. 41-54, set. 2001.

TOJAL, João Batista A. G. **Diretrizes Curriculares, um pouco de história**. In: Educação Física, maio/2004, p.p. 16-18.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1992.

UNIJUÍ - CEPE/UNIJUÍ. **Parecer n. 06/91**, de 17 de janeiro de 1991.

_____. CEPE/UNIJUÍ. **Parecer n. 30/91**, de 18 de novembro de 1991.

_____. DEPE. **Projeto Curso de Educação Física**. Ijuí/RS, UNIJUÍ, dez/2000.

_____. VICE-REITORIA DE GRADUAÇÃO – UNIJUÍ (Org.). **Catálogo dos cursos de graduação**. Ijuí/RS, Editora da UNIJUÍ, 2000.

_____. VICE-REITORIA DE GRADUAÇÃO – UNIJUÍ. **Projeto Político-Pedagógico**, versão 2006/1, Ijuí/RS, UNIJUÍ, 2006.

_____. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Parecer nº 06/91** aprovado em 17/01/91.

_____. **GUIA DO ESTUDANTE DA UNIJUÍ**, 2008.

_____. **Histórico da UNIJUÍ**. Disponível em: <<http://www.unijui.edu.br/content/view/2/110/lang,iso-8859-1/>>. Acessado dia 24 de agosto. de 2010, às 22:30 hs.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA – ESEF. **Memorando Circular nº 02/09** da ESEF/UFPEL.

_____. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física**. Pelotas/RS, 2005.

_____. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física**. Pelotas/RS, 2009.

_____. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Educação Física**. Pelotas/RS, 2009.

_____. **ORIENTAÇÃO AOS ALUNOS**, 1981.

_____. Faculdade de Educação. **DOCUMENTA 109- CURRÍCULOS MÍNIMOS-**, de dezembro de 1969. In: CURRÍCULO MÍNIMO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, Parecer nº 894/69, aprovado em 2 de dezembro -1969.

_____. PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO. **Catálogo de Graduação. Universidade Federal de Pelotas.-** Pelotas: Editora Universitária, 1996. 7v.

VERONEZ, Luiz Fernando Camargo. **QUANDO O ESTADO JOGA A FAVOR DO PRIVADO: As políticas de esporte após a Constituição Federal de 1988** / Luiz Fernando Camargo Veronez. – Campinas, SP: [s.n] 2005.

APÊNDICE – A –

APÊNDICE – A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável: Lovane Maria Lemos

Instituição: ESEF/UFPeI- Escola Superior de Educação Física

Endereço: Rua Luís de Camões, 625- CEP: 96055-630 - Pelotas-RS.

Telefone: 53- 32732752

Concordo em participar do estudo que tem como título FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A INSERÇÃO DOS EGRESSOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO MERCADO E NO MUNDO DO TRABALHO: O CASO DOS CURSOS DA ESEF-UFPeI E DA UNIJUÍ. Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.

PROCEDIMENTOS: Fui informado de que o objetivo geral será de analisar em que medida as mudanças no mercado/mundo do trabalho influenciaram os processos de formação e de intervenção profissional dos egressos do Curso de Educação Física da Escola Superior de Educação Física (ESEF-UFPEL) e da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usadas para fins de pesquisa.

RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: Fui informado de que não existem riscos no estudo.

BENEFÍCIOS: o benefício de participar na pesquisa relaciona-se ao fato que os resultados serão incorporados ao conhecimento científico, ou seja, os resultados da pesquisa serão apresentados em publicações de periódicos científicos e eventos científicos, tornando-se de domínio público.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo. Fui assegurado de total sigilo não havendo minha identificação nem do local (ou locais) em que trabalho. E ainda, terei retorno da entrevista transcrita para fim de avaliação e posso retirar modificar ou acrescentar algo que se eu achar relevante sobre o assunto tratado.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome da participante/representante legal: Lovane Maria Lemos

Identidade: _____

ASSINATURA: _____ DATA: ____ / ____ / ____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPel – Rua Luís de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone:(53)3273-2752.

ASSINATURA DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Lovane Maria lemos

APÊNDICE – B – Roteiro de entrevista com os(as) egressos(as)

Dados de Identificação

- 1.1. Qual seu nome?
- 1.2. Idade? ou: Qual sua data de nascimento?
- 1.3. Sexo?
- 1.4. Estado Civil?
- 1.5. Como você considera sua etnia:
- 1.6. Possui Filhos? Caso sim, Quantos?
- 1.7. Qual seu e-mail para contato?
- 1.8. Endereço Residencial para contato (Rua, nº, compl. bairro, cidade, cep):
- 1.9 Telefone residencial para contato
- 1.10. Celular para contato:
- 1.11. Trabalho para contato:

II. Dados sobre Formação Profissional

- 2.1. Ano e semestre de início e de conclusão do Curso de EDF?
- 2.2. Qual o tipo de graduação?
- 2.3. Caso o curso não tenha sido realizado no período padrão, listar motivos (em ordem de importância):
- 2.4. . Antes de entrar na ESEF/UNIJUÍ, você possuía graduação em outra área?
- 2.5. E durante o curso de graduação na ESEF/UNIJUÍ, você graduou-se em outra área?
- 2.6. Caso a resposta anterior seja sim, qual o curso?
- 2.7. Depois de se formar na ESEF/UNIJUÍ, você começou graduação em outra área?
- 2.8. Caso a resposta anterior seja sim, qual o curso?
- 2.9. Você concluiu esse curso? Sim ou Não? Quando?
- 2.10. Se você pudesse retroceder no tempo, escolheria novamente fazer o curso de Educação Física?

2.11. Liste as razões para a resposta da pergunta anterior (por ordem de importância)

2.12. Caso tenha respondido que não Qual outro curso você faria?

2.13. Por que escolheria este outro curso?

Em seu tempo de formação, qual é a sua visão do curso de Educação Física da ESEF em termos de:

Infraestrutura;

material;

aulas;

professores;

como era a relação entre as disciplinas?

2.14. Você possui formação em nível de pós-graduação?

2.15. Caso sim, em que área realizou o(s) curso(s)?

2.16. O(s) curso(s) está(ao) em andamento ou concluído?

2.17 Quais os motivos que o levaram a realizar curso de pós-graduação (em ordem hierárquica)

2.18. Caso não tenha realizado pós-graduação, quais os motivos para não realizar curso de pós-graduação?

2.19. Você considera relevante para o exercício da profissão na área da Educação Física, a realização de curso de pós-graduação?

2.20. Podes Justificar a resposta da questão anterior?

2.21. Costuma fazer cursos e/ou participar de eventos científicos na área de atuação profissional (Educação Física)?

2.22. Quais os motivos que o levam a participar ou não participar deste tipo de evento? (em ordem hierárquica)

2.23. Caso a resposta seja sim, liste os três últimos eventos (e ano) que participou:

2.24. podes me dizer qual o tipo de participação nos eventos? (ouvinte, apresentador de trabalho, palestrante, etc)

- 2.25. Você acredita ser importante realizar cursos e/ou participar de eventos científicos em sua área de atuação profissional (educação física)?
- 2.26. Podes me justificar a resposta anterior?
- 2.27. Quais as principais dificuldades (ou facilidades) que você enfrenta para participar de cursos e/ou eventos científicos?
- 2.28. Em sua opinião a formação recebida no curso de graduação em Educação Física/Licenciatura na ESEF, no que se refere ao exercício da profissão foi suficiente ou insuficiente?
- 2.29. Podes me justificar porque?
- 2.30. Você teria algumas sugestões e/ou propostas para que o currículo possuisse um maior vínculo com a realidade que você trabalha?
- 2.31. Durante a realização do curso de graduação em educação física/Licenciatura, a universidade ofereceu para você a oportunidade de participar de projetos de pesquisa e/ou extensão?
- 2.32. Caso sim, em qual projeto?
- 2.33. Caso tenha participado de algum projeto, os resultados do(s) projeto(s) que você participou chegaram a ser publicados?
- 2.34. Caso a resposta sim, indique onde foi realizada a publicação:
- 2.35. Caso tenha respondido sim no item anterior, comente sobre o papel do projeto de pesquisa ou extensão teve na sua vida acadêmica, profissional e pessoal.
- 2.36. Você considera importante e/ou relevante para a formação profissional participar de projetos de pesquisa e/ou extensão durante o curso de graduação:
- 2.37. Justifique sua resposta para a questão anterior (em ordem de importância)

III. Dados sobre Área de Atuação Profissional

- 3.1. Desde que você se formou, em que lugares você trabalhou? De quando a quando você trabalhou em cada lugar? Tanto na área de EDF quanto fora da área.
- 3.2. Pensando agora nos 4 últimos lugares em que você trabalhou, tanto na educação física quanto fora dela, qual era o vínculo com a instituição?
- 3.3. Qual(is) função (ões) que exerce(u) na instituição?
- 3.4. Qual o salário/remuneração que recebe(ia)?
- 3.5. Quantos horas por semana você trabalha(ava) por semana?

- 3.6. Pensando agora apenas no seu local (ou em seus locais, caso esteja em mais de um lugar) ATUAL ou (atuais) trabalho: Existem estagiários de Educação Física no seu local de trabalho?
- 3.7. Caso a resposta da pergunta anterior seja sim, qual o número de estagiários?
- 3.8. No (s) lugar (res) atual (ais) de trabalho existem pessoas trabalhando sem direitos trabalhistas? Sim, Não ou Não sabe?
- 3.9. No que diz respeito a sua área de atuação profissional em educação física você está? Muito satisfeito? Satisfeito? Pouco satisfeito? Ou Insatisfeito?
- 3.10. Como você avalia a atuação do sistema CREF-CONFEF? Muito eficiente () Eficiente () Pouco eficiente () Ineficiente () Desconhece ()?
- 3.11. Podes justificar a resposta anterior?
- 3.12. Você é filiado ao sistema CREF-CONFEF? Por quê?
- 3.13. Como você avalia o mercado de trabalho/espço de atuação profissional do professor de educação física nos dias atuais? Cite aspectos mais relevantes.
- 3.15. Nos 04 últimos locais de trabalho (citando o “s” lugares atual “ais”) Você tem direito a férias (inclusive gratificação de 33%)?
- 3.16. Você tem direito a 13º. Salário?
- 3.17. Você costuma trabalhar nos finais de semana/feriados?
- 3.18. Podes justificar?

IV. Dados sobre condições de Trabalho atual (atuais)

- 4.1. Quanto à segurança como é?
- 4.2. Quanto à insalubridade?
- 4.3. Em caso de trabalho em ambiente insalubre, ganha adicional de insalubridade? Sim ou não?
- 4.4. Quais as Condições do material de trabalho?
- 4.5. Como são as Condições do local de trabalho (arejado, espaço adequado para desenvolvimento de atividades, iluminação adequada, etc).

V. Dados sobre atividades realizadas fora do tempo de trabalho

- 5.1. Pratica algum tipo de atividade física? Sim ou não?
- 5.2. Justifique
- 5.3. Caso sim, qual?

- 5.3. Quanto tempo de duração?
- 5.4. Quantas vezes por semana?
- 5.5. Descontando o horário em que estás dormindo ou trabalhando, quantas horas têm livre num dia de semana habitual?
- 5.6. Que costumas fazer nestas horas?

VI. Dados sobre atuação em movimentos sociais

- 6.1. Participas em movimentos sindicais? Sim ou não?
- 6.2. Se sim, que tipo de participação? (diretoria, militância, etc)?
- 6.3. Participas em algum partido político?
- 6.4. Participas de algum movimento comunitário? (associação de bairros, etc)
- 6.5. Participas de algum movimento eclesialístico? (religioso)
- 6.7. Fica este espaço livre para comentários, ou esclarecimentos sobre alguma questão que não foi abordada, ou que querias aprofundar. Fica ao seu critério.
- 7. Agradecimentos por participar da pesquisa.

**APÊNDICE – C – Carta de aprovação do Projeto de Pesquisa do Comitê
de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPeI**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
COMITE DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESEF/UFPEL



Pelotas, 18 de outubro de 2010.

À Sra.
Lovane Maria Lemos

Prezada Senhora,

Vimos, através deste, informar a aprovação do projeto intitulado "Formação Profissional e a inserção dos egressos do curso de Educação Física no mercado e no mundo do trabalho: o caso dos cursos da ESEF/UFPEL e da UNIJUÍ" no Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPEL, com protocolo nº 100/2009.

Sendo o que se apresenta, reitero votos de apreço e consideração.

Cordialmente


Profa. Dra. Suzete Chiviacowsky Clark
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da
ESEF-UFPEL

ANEXOS

Anexo – A – Proposta das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Licenciatura Ampliada – Graduação em Educação Física

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MINUTA DE RESOLUÇÃO

Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Licenciatura Ampliada - Graduação em Educação Física

O Presidente da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, tendo em vista o disposto no Art. 9º, do § 2º, alínea “C”, da Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, e com fundamento no Parecer CNE/CES ____/____, de ____ de ____ de 2004, peça indispensável do conjunto das presentes Diretrizes Curriculares Nacionais, homologado pelo Senhor Ministro da Educação em ____ de ____ de 2004.

RESOLVE:

Art. 1º – A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Licenciatura Ampliada - Graduação em Educação Física, a serem observadas na organização curricular das Instituições do Sistema de Educação Superior do País.

Art. 2º – As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Licenciatura Ampliada - Graduação em Educação Física - definem os princípios, fundamentos, condições e procedimentos da formação de profissionais de Educação Física, estabelecidas pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, para aplicação em âmbito nacional na organização, desenvolvimento e avaliação dos projetos pedagógicos dos Cursos de Licenciatura Ampliada - Graduação em Educação Física - das Instituições do Sistema de Ensino Superior.

Art. 3º – A Educação Física é um campo acadêmico-profissional que se fundamenta em conhecimentos das ciências humanas, sociais, da saúde, exatas e da terra, da

arte e da filosofia. Portanto, sua matriz científica é a história, do homem e da natureza.

Art. 4º – O Curso de Licenciatura Ampliada - Graduação em Educação Física deverá assegurar uma formação generalista, humanista e crítica, qualificadora da ação acadêmico-profissional, fundamentada no rigor científico e na reflexão filosófica tendo o trabalho como princípio educativo.

Parágrafo Único – O graduado em Educação Física deverá estar qualificado para conhecer, compreender e analisar criticamente a realidade social para nela agir por meio das diferentes manifestações e expressões da cultura corporal .

Art. 5º – A estrutura curricular do Curso de Licenciatura Ampliada - Graduação em Educação Física - deverá pautar-se em uma política global de formação humana omnilateral que observe os seguintes princípios:

- 1) trabalho pedagógico como base da identidade do profissional de Educação Física
- 2) compromisso social da formação na perspectiva da superação da sociedade de classes e do modo do capital organizar a vida
- 3) sólida e consistente formação teórica
- 4) articulação entre ensino, pesquisa e extensão;
- 5) indissociabilidade teoria-prática;
- 6) tratamento coletivo, interdisciplinar e solidário na produção do conhecimento científico;
- 7) articulação entre conhecimentos de formação ampliada, formação específica e aprofundamento temático, a partir de complexos temáticos que assegurem a compreensão radical, de totalidade e de conjunto da realidade, na perspectiva da superação.
- 8) Avaliação em todos os âmbitos e dimensões (estudante, professor, planos e projetos, instituição) permanentemente.
- 9) formação continuada
- 10) respeito à autonomia institucional;
- 11) gestão democrática
- 12) condições objetivas adequadas de trabalho

Art. 6º – A identidade profissional baseada no trabalho pedagógico e a formação humana no sentido amplo, omnilateral, de natureza político-social, ético-moral, científico-pedagógica e técnico-profissional, deverão constituir a concepção nuclear do currículo de formação do licenciado em Educação Física.

Art. 7º – O currículo para o Curso de Licenciatura Ampliada - Graduação em Educação Física - será constituído por Conhecimentos de Formação Ampliada, Conhecimentos Identificadores da área da Educação Física e Conhecimentos Identificadores do Aprofundamento dos Estudos. 50% destes conhecimentos serão organizados em disciplinas e atividades de caráter obrigatório e 50% de caráter opcional.

Parágrafo 1º – Os Conhecimentos de Formação Ampliada abrangem as seguintes dimensões:

- a) Relação ser humano – natureza
- b) Relação ser humano - sociedade
- c) Relação ser humano – trabalho
- d) Relação ser humano - educação

Parágrafo 2º – Os Conhecimentos Identificadores da Educação Física abrangem as seguintes dimensões:

- a) Cultura corporal e natureza humana
- b) Cultura corporal e territorialidade
- c) Cultura corporal e trabalho
- d) Cultura corporal e política cultural

Parágrafo 3º – Os Conhecimentos do Campo de Aprofundamento da Educação Física são compreendidos como o conjunto de fundamentos específicos que tratam de singularidades e particularidades na elaboração, implantação, implementação e avaliação das ações acadêmico-profissionais em complexos temáticos .

I – Cada Instituição de Ensino Superior deverá propor seus complexos temáticos, definindo a articulação de conhecimentos e experiências que os caracterizarão devendo para tanto desenvolverem-se condições para as ações investigativa e de pesquisa.

Art. 8º – O tempo de integralização do Curso de Licenciatura Ampliada - Graduação em Educação Física - será definido pelas Instituições de Ensino Superior, respeitando o mínimo de duração e de carga horária de 4 anos e de 2.800 horas, respectivamente.

Parágrafo Único – Da carga horária total, 30% (trinta por cento) será destinada ao Conhecimento de Formação Ampliada, 40% aos Conhecimentos Identificadores da Educação Física, e 30% aos Conhecimentos Identificadores de Aprofundamento da Educação Física, admitindo-se uma variação de até 5% para mais ou para menos. Do total 50% são créditos em disciplinas ou atividades de caráter obrigatórios e 50% créditos opcionais.

Art. 9º – A prática do ensino será desenvolvida desde o início do curso e deverá respeitar um mínimo de 400 horas e o Estágio Curricular ser obrigatório, a partir do cumprimento de 50% da carga horária total para integralizar o currículo, respeitando o mínimo de 400 horas, sendo, necessariamente, supervisionado pela instituição formadora e articulado a projetos de ensino-pesquisa-extensão.

Parágrafo 1º – Da carga horária total do Estágio Curricular, 60% deverá ser cumprida em diferentes campos de trabalho da Educação Física ao longo do curso – saúde, educação, lazer, alto rendimento, e 40% no campo de trabalho vinculado ao complexo temático de aprofundamento.

Parágrafo 2º – A carga horária do Estágio Curricular a ser cumprida ao longo do curso deverá ser computada no conjunto da carga horária destinada aos Conhecimentos Identificadores da Educação Física.

Parágrafo 3º – A carga horária do Estágio Curricular a ser cumprida no campo de trabalho vinculado ao complexo temático de aprofundamento deverá ser computada no conjunto da carga horária destinada aos Conhecimentos do Campo de Aprofundamento.

Art. 10 – Para os Cursos de Licenciatura Ampliada - Graduação em Educação Física - será exigida a iniciação científica orientada por professores pesquisadores articulados a grupos e linhas de pesquisa que culmine com a elaboração de um trabalho científico de conclusão, que caracterize uma monografia de base, articulados aos programas de iniciação científica, na forma definida pela própria

Instituição de Ensino Superior.

Art. 11 – As atividades complementares deverão perfazer 200 horas e serem incrementadas ao longo do curso, devendo ser entendidas como conhecimentos adquiridos de forma autônoma pelo graduando por meio de estudos e de práticas independentes, presenciais e/ou à distância, sob a forma de estágios extracurriculares, programas de extensão, congressos, seminários e cursos, atividades estas a serem avaliadas e reconhecidas pela Instituição de Ensino Superior.

Art. 12 – Na organização do Curso de Licenciatura Ampliada - Graduação em Educação Física - deverá ser indicada a modalidade: seriada anual, seriada semestral, sistema de créditos ou modular.

Art. 13 – O Curso de Licenciatura Ampliada - Graduação em Educação Física deverá obedecer a legislação específica emanada do Conselho Nacional de Educação para a Formação de Professores da Educação Básica.

Art. 14 – A implantação e o desenvolvimento do projeto pedagógico do Curso de Licenciatura Ampliada - Graduação em Educação Física - deverão ser acompanhados e permanentemente avaliados, a fim de permitir os ajustes que se fizerem necessários a sua contextualização e aperfeiçoamento.

Parágrafo 1º – A avaliação dos graduandos deverá basear-se nos princípios norteadores que assegurem uma consistente base teórica e as dimensões da formação omnilateral de natureza político-social, ético-moral, científico-pedagógica e técnico-profissional e estabelecer nexos com a avaliação docente, dos planos e programas e avaliação institucional.

Parágrafo 2º – As metodologias e critérios empregados para acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem e do próprio projeto pedagógico do curso deverão estar em consonância com o sistema de avaliação e o contexto curricular adotados pela Instituição de Ensino Superior.

Art. 15 – Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, DF, de ----- de 2004.

Presidente da CNE/CES